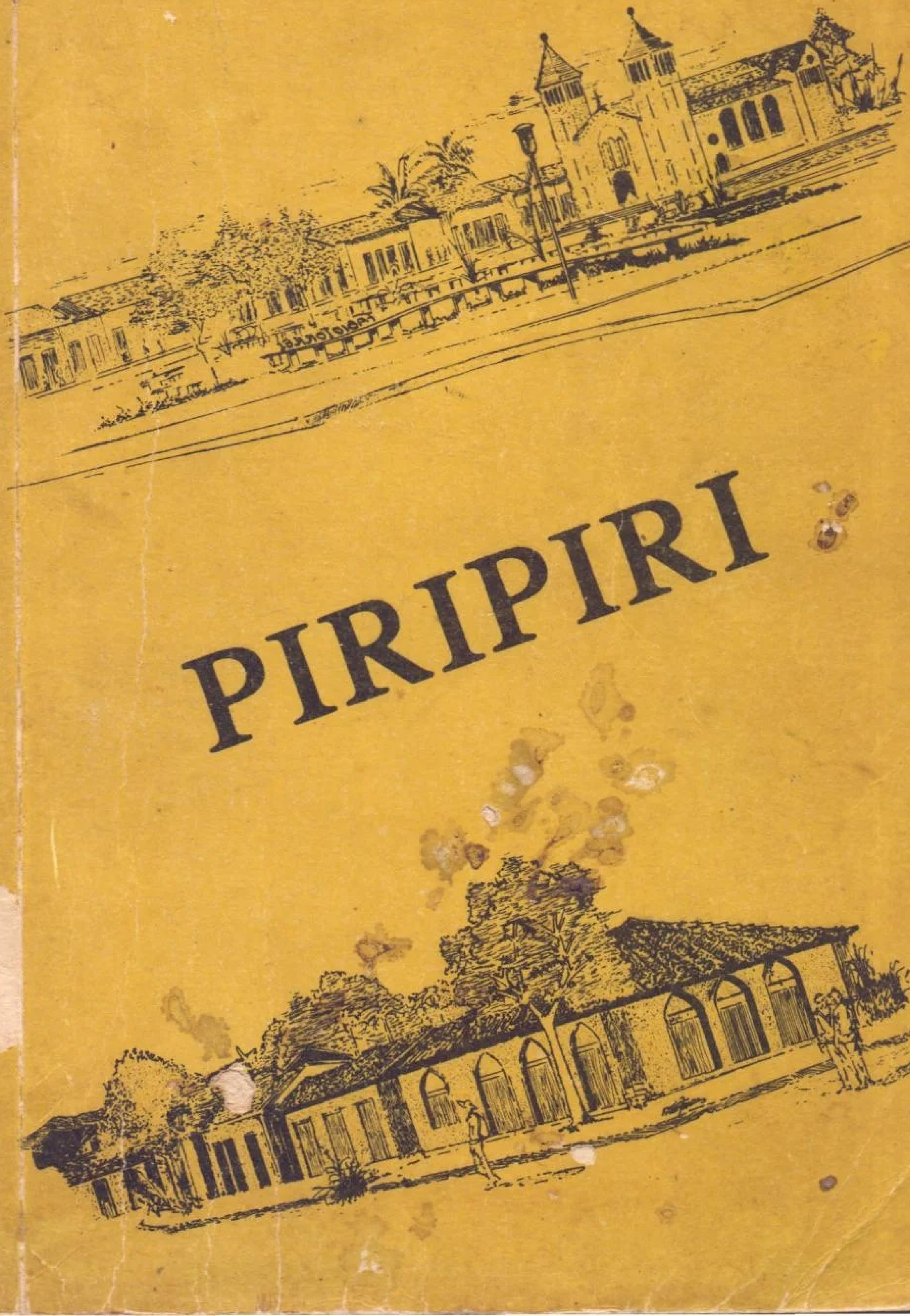

PIRIPIRI

Judith Santana

PIRIPIRI

Piauí — 1972

Aos Exmos. Srs.

Min. Espedito de Freitas Resende
Dr. Murilo Ferreira de Rezende
Dr. Adauto Coelho de Rezende
Prof. A. Tito Filho

À Prefeitura Municipal de Piripiri

À Memória de Meu Pai,

Luiz Santana de Oliveira

ESFORÇO E INTELIGÊNCIA

Em 1969, Judith Santana publicou SALMOS DE MEU DESTINO, poesias que a projetaram na vida literária nordestina. Batizei os poemas do livro como poesia-suavidade. E dela eu disse que tem pureza espiritual e meiguice estética, para produzir poemas dourados, como aqueles de Tagore, com o gosto dos jardins, da água limpa, da casa silenciosa, do sonho dos ninhos, dos tímidos sorrisos, dos segredos do coração. E acrescentei: "Não a preocupam os males e as dores dos humanos. Preocupam-na os quadros da infância, a infinita expressão de bondade, as cousas que enternecem a vida, as pessoas que purificam a convivência".

Agora Judith Santana se volta com entusiasmo, para a pesquisa dos episódios que se ligam à história de Piripiri — uma comunidade de mais de século, que cresceu populacionalmente e se desenvolve material e espiritualmente por virtude do trabalho de sua gente — da gente simples e amável, hospitaleira e dadivosa, — dos pobres como dos ricos, todos fraternos na luta para a afirmação de um ideal e de um objetivo: o nascimento de uma cidade próspera, enaltecida de solidariedade, voltada para o amor de Deus e dos Homens, exemplificadora de acolhimento e de tranquilidade.

Buscando a documentação dos arquivos e o testemunho de velhos e novos, a autora entrega aos leitores obra de esforço e de inteligência, para demonstrar que as **cidades mortas** de Monteiro Lobato são consequência do desfalecimento espiritual, de atraso intelectual que não pôde ser vencido, do egoismo de muitos, do individualismo malsão de falsos líderes. Os núcleos populacionais brasileiros estagnados promanam de fatores vários — é verdade. Estou, porém, em que a estagnação resulta da politicalha que tudo enodoa e perverte — abdicando das fontes de vida da inteligência e dos processos de educação.

Piripiri, ao longo de mais de cem anos, vem sendo comunidade exemplar. Atribuo a circunstância à extraordinária bravura moral e cívica de seus filhos e daqueles que, por pouco ou por muito tempo, se incorporaram à sua paisagem tão nobre de sentimentos elevados e tão perene de amor e dedicação à religiosidade, ao trabalho dignificante, ao altruismo — o altruismo que consubstancia a lição eloquente de despreendimento de cada qual em benefício do corpo coletivo.

Judith Santana revive Piripiri desde a sua criação. Atravessa os tempos — e na travessia acompanha Piripiri, em todos os aspectos. Faz a história administrativa, a história religiosa, a história educacional, a história judiciária do Município, e dedica aos que fizeram a história de Piripiri palavras de gratidão e de enternecimento. A vida de uma comunidade é a própria vida de sua gente — e isto sobressai em cada página dessa admirável pesquisa, em que a autora pôs muito do seu coração, e pôs muito de sua inteligência, na observação das cousas, dos fatos, dos homens, dos bichos, das paisagens naturais, na pesquisa da documentação e na paciência com o ouvir pessoas, para escrever com sinceridade, com verdade, sem paixões — e assim realizar a obra de história.

Notáveis os capítulos de folclore, justamente quando a autora recolhe manifestações espirituais da comunidade, crendices, usanças, superstições, música, dança, e revela tipos de rua, — os tipos humanos que constroem também os processos folclóricos.

Piripiri encontrou a sua historiadora. Está de felicitações e mais felicitadas ainda as letras históricas do Piauí, com um livro cívico — revelação incontestável das superiores virtudes de uma gente amável, e acolhedora, honesta e febrilmente voltada para o trabalho dos braços e da mente, na grande realização de um sonho velho, de mais de cem anos: a construção de uma coletividade feliz e em que todos sejam irmãos.

A. Tito Filho

Te., 12.2.73.

PIRIPIRI — cidade piauiense banhada pelo Rio dos Matos possui uma área de 1.629 quilômetros quadrados. Coordenadas geográficas: 4º12'00" de latitude Sul e 41º46'29" de longitude a Oeste de Greenwich. Altitude: 156 metros. Limites: Norte, Piracuruca; Sul, Capitão de Campos; Leste, Pedro II e Olho D'água Grande; Oeste, Barras e Batalha. Está localizada a 166 quilômetros da Capital do Estado. Dista do litoral mais ou menos 191 quilômetros. População de acordo com o Recenseamento de 1970: 43.262 habitantes.

O clima é ameno e sadio. No verão registram-se dias quentes e noites suavizadas pelo "parnaibano", um agradável vento que vem do litoral. Nos meses de agosto a dezembro sopra um vento muito forte.

A grafia primitiva era PERIPERY que significa para uns capim-capim ou capinzal e, para outros, junco, arbusto encontrado perto de lagoas.

As pessoas nascidas em Piripiri são denominadas piripirienses.

Atualmente é uma cidade em destaque no Estado do Piauí. Simpática, atraente e hospitaleira. Quem entra nela pela porta principal, a Av. Cidade de Fortaleza, percorre dois quilômetros de asfalto construídos pelo DNER na administração do engenheiro Dr. Herbete de Holanda Cordeiro. Na altura da residência do 18º Distrito, no Morro da Saudade, tem o visitante uma encantadora visão panorâmica. Ao penetrar na Av. Tomaz Rebelo avista no centro de um dos canteiros uma coluna luminosa com os principais dados do município e alguns anúncios de firmas comerciais, uma das realizações do prefeito Jônatas Melo. Se entrar pela Av. Cidade de Teresina vê o símbolo de paz acolhedora no magnífico Templo erigido em honra de N. S. dos Remédios, padroeira do lugar. Mas o melhor mesmo é dar uma voltinha pelas amplas ruas, conhecer os logradouros, travar conhecimento com a sua gente simples, integrar-se na comunidade participando de suas alegrias, de suas esperanças e até mesmo de alguns dos seus problemas. Em cada uma das duas principais artérias da cidade há uma imagem de N. Senhora, de braços abertos, para o amplexo de BOAS-VINDAS.

Sua história começa no ano de 1844 quando para aqui se transportou um valoroso e destemido sacerdote: o Padre Domingos de Freitas e Silva.

Mas, enquanto o Padre Freitas não vem, vamos falar no que havia: a terra, apenas a terra encravada na data "Botica", cuja ses-

maria foi concedida a Antônio Fernandes de Macedo, a 20 de janeiro de 1777 e registrada a fl. 56 v. do Livro Primeiro.

Existia a terra, simplesmente. Faltava porém um braço forte para despertá-la, um espírito aventureiro disposto a iniciar a sua colonização. Não que faltassem moradores. Isso, não. Velhos troncos da família Medeiros e outros menos expressivos habitavam na região. Mas um líder com idéias avançadas, intrépido, e capaz de lançar o marco inicial de uma povoação não havia ainda.

Parnaíba, Piracuruca e Campo Maior figuraram nas lutas de 1822 em prol da Independência. Parnaíba, com a vitória do dia 19 de outubro, foi o destaque da época. Pedro II também já era conhecida. Piripiri, não. A sua fundação remonta-se ao ano de 1844.

A essa altura o Padre Domingos de Freitas e Silva era um "piauiense" a mais. "Vinha o ilustre sacerdote das lutas empenhadas em prol da Independência, nas quais fora relevante o papel por ele desempenhado como um dos corifeus" (F. A. Pereira da Costa). Procurou refúgio no sitio Gameleira. Conforme deduzimos de suas memórias consignadas em testamento, trocou Parnaíba pelo silêncio do sitio dias antes de 1830. Porque nesse ano já mandava buscar uma de suas irmãs e sobrinhas para sua companhia. O Padre Freitas, homem culto e empreendedor, dotado de invulgar inteligência, foi um novo bandeirante desbravando sertões piauienses. Antevendo um futuro promissor para a região encontrada chegou à conclusão de que valia a pena fixar residência na terra que o acolhera. Mas para não ficar somente saboreando frutas silvestres à sombra das árvores existentes no lugar, iniciou uma série de pesquisas. Não muito distante do sítio encontrou uma fonte de águas límpidas e azuladas. Terreno bom para culturas diversas e para criar gado. E o Padre Freitas resolveu construir uma casa para sua residência. Ao lado mandou erigir uma capela para o culto de N. S. dos Remédios, às suas expensas, dotando-a das alfaias necessárias às cerimônias. Para perpetuar o seu nome através de uma descendência ilustre e nobre, mesmo sem aprovação eclesiástica, teve a companheira dos seus dias na pessoa de D. Lucinda Rosa de Souza. Dessa ligação deixaria cinco filhos: Domingos, Raimundo, Porfírio, Antônio e Amélia Clemência. Com o desaparecimento de D. Lucinda o Padre Freitas uniu-se a D. Jesuína Francisca da Silva. Dessa união outros filhos ficariam todos reconhecidos pelo Padre Freitas conforme suas declarações testamentárias no ano de 1862.

Foi esse o ponto de partida para a História de Piripiri.

O Padre Freitas não deixou retrato. Por informações que foram passando pelas diferentes gerações até à nossa sabemos que era de estatura mediana, alvo de feições rosadas, olhos azuis e acentuada saliência no pescoço. Dos seus familiares um neto como ele chama-

do Domingos herdou seus traços fisionômicos. Também esse não deixou fotografia. Lula Freitas e Francisco Raimundo de Sales, neto e bisneto que chegaram até nossos dias, também lembravam o seu antepassado. Temos em nosso poder um retrato de Domingos de Freitas e Silva Júnior, filho do Padre Freitas. Nele encontramos os traços descritos pelos informantes. Pai e filho eram muito parecidos. É o melhor retrato que podemos oferecer: um filho que lembra o pai.

— Quem era o Padre Freitas? — perguntam.

Segundo informes colhidos através de alguns dos seus descendentes, teríamos um sacerdote pernambucano, suspenso de ordens ou um revolucionário fugindo às perseguições da época. Talvez mesmo um dos participantes nas lutas que culminaram com a trágica morte do Frei Caneca. Pernambucana também seria sua companheira D. Lucinda Rosa de Souza. Poderia ser, também, um maranhense perseguido... Mas, vejamos o que escreveu em sua Cronologia Histórica do Estado do Piauí o ilustre historiador pernambucano F. A. Pereira da Costa:

"Situada em terras de uma antiga fazenda de criação de gados, com o mesmo nome de Piripiri, a sua origem remonta-se apenas ao ano de 1844, quando o seu proprietário, o Padre Francisco Domingos de Freitas e Silva, construiu aí uma casa para sua residência e junto à mesma uma capela dedicada a N. S. dos Remédios, para cujo patrimônio doou em 1860 trezentas braças quadradas de terras que demarcou judicialmente, assim como dotou a capela de todas as alfaias necessárias ao culto divino" (pág. 325).

"Foram, por conseguinte, aqueles dois edifícios os primeiros que se levantaram em Piripiri, e os únicos que existiam até 1855, quando o Padre Domingos de Freitas resolveu dividir as terras de sua propriedade em pequenos lotes, oferecendo-os a quem quisesse edificar, o que sendo aceito, começaram a levantar-se muitas casas, e tanta afluência houve de moradores que em 1857 Piripiri já apresentava o aspecto de uma povoação sofrível e de prometedores resultados. Naquele ano abriu o Padre Domingos de Freitas uma aula de primeiras letras e outra de latim, regidas por ele próprio, as quais funcionaram por muito tempo. O Padre Freitas, que por tais motivos legou um nome digno dos aplausos da posteridade, recomenda-se também como um dos heróis da liberdade do Piauí, pela sua patriótica atitude nas lutas da Independência, sendo ele um dos promotores na cidade da Parnaíba, em 1822, onde então exercia o magistério público, regendo a cadeira de latim daquela cidade" (pág. 326).

Mas o próprio Reverendo Domingos de Freitas e Silva nos fala em suas últimas vontades registradas em documento existente no

cartório do Registro de Imóveis desta cidade, afirmando ser "natural da Freguesia de Nossa Senhora da Graça da cidade da Parnaiba, Provincia do Piauí, Bispado de São Luís do Maranhão, filho legitimo de Domingos de Freitas Caldas e de Rita Maria de Almeida..." Acrescenta ser "presbitero secular" ordenado no referido Bispado.

Reportemo-nos ao ano de 1823 em Parnaíba.

Naquele ano, no Cartório do Tabelião Bernardo de Freitas Caldas, o cidadão Domingos de Freitas Caldas testemunhou várias vezes em procurações outorgadas a Onofre José de Melo, conforme documentos comprovantes em nosso poder. Ora, Bernardo de Freitas Caldas e Domingos de Freitas Caldas são dois nomes citados pelo Padre Freitas, o primeiro como irmão: "Declaro que éramos quatro irmãos, sendo eu, Bernardo de Freitas Caldas, Maria Rita da Silva, casada com Brás José Muniz, e Catarina de Sousa e Silva, viúva, de cujo matrimónio não lhe ficou filho", e o segundo mencionado como sendo seu pai. Então teríamos um piauiense, de Parnaíba, ordenado no vizinho Estado do Maranhão, no Bispado a que era subordinado o Clero Piauiense.

As procurações outorgadas ao cidadão Onofre José de Melo para resolver negócios em Campo Maior, uma do Cel. Simplício Dias da Silva, outra de D. Justina Dórea da Silva, datadas de 9 de março de 1823, testemunhadas pelo Capitão Domingos de Freitas Caldas e Antonio Ferreira de Araújo e Silva, outorgada a Onofre José de Melo, Tenente-Coronel Simplício José da Silva, Tenente Joaquim Narciso da Rocha e Capitão Luiz Fernandes Burgo, assinadas pelas duas testemunhas mencionadas acima, comprovam a existência dos membros da família do Padre Domingos de Freitas e Silva e nos levam a crer nas possibilidades de serem os mesmos ligados ao grupo de Domingos e Simplício Dias da Silva, líderes do movimento revolucionário do ano de 1822, em Parnaíba.

O ilustre Prof. Odilon Nunes, em "Pesquisas para a História do Piauí", cita à pág. 314, do II Volume: "... o Governador das Armas recebeu, no dia 6, notícia da proclamação da Independência em Parnaíba, fato consumado a 19 de outubro sob a liderança do Dr. João Cândido de Deus e Silva, Coronel Simplício Dias da Silva, Cap. Domingos Dias da Silva, José Ferreira Meireles, Capitão Bernardo Antonio Saraiva, Ângelo da Costa Rosal, Bernardo de Freitas Caldas e Tenente Joaquim Timóteo de Brito".

Em um trabalho de J. Euclides de Miranda, publicado no Almanaque da Parnaíba de 1961, encontramos sob a epígrafe "19 de Outubro de 1822": "...Dois homens eminentes, um, a cabeça, o Dr. João de Deus e Silva, Juiz de Fora da Província, o outro, o braço, o Cel. Simplício Dias da Silva, dirigiram a movimentação libertadora. Simplício, comandante de pequena tropa da Vila, dono de cabedais, era a

firmeza da situação. João Cândido, orador fogoso, ateava o estopim para a deflagração".

"Eles dois, com outras figuras representativas da Vila, José Francisco de Miranda Osório, Domingos Dias da Silva, José Ferreira Meireles, Bernardo Antônio Saraiva, Ângelo da Costa Rosal, Bernardo de Freitas Caldas e Joaquim Timóteo de Brito, reunem-se no Paço de Senado da Câmara (Câmara Municipal) no largo da Igreja de N. S. da Graça (hoje desaparecida e onde se acha o edifício dos Correios e Telégrafos) e, dando vivas a D. Pedro, o proclamam Imperador do Brasil. Isto no dia 19 de outubro de 1822".

O nome de Bernardo de Freitas Caldas é sempre citado entre os líderes, nunca o do Padre Domingos de Freitas e Silva.

À História cabe esclarecer a origem do fundador de Piripiri. No momento, porém, aceita a sua declaração: o Padre Domingos de Freitas e Silva era piauiense, de Parnaíba.

PIRIPIRI — Distrito de Paz pela Lei 509, de 25 de agosto de 1860.

Naquele ano o Padre Freitas, num gesto patriótico, doava a N. S. dos Remédios trezentas braças quadradas de terras demarcadas judicialmente. Já havia considerável número de moradores na povoação e o interesse despertado levava o povo a construir casas, a pensar no futuro.

No dia cinco de novembro de 1862 aquele sacerdote decide fazer o seu testamento, concluindo-o no dia 10 do aludido mês. Reconhecia como filhos e herdeiros os cinco descendentes de D. Lucinda Rosa de Souza e os filhos de D. Jesuína Francisca da Silva, esta legatária da terça de todos os seus bens. Em seis folhas de papel incompletas redigiu o precioso documento que, lido e achado correto e em presença do escrivão Miguel Antonio da Rocha Lima e testemunhas convidadas, foi cosido e lacrado. A reunião aconteceu no dia 14 de dezembro do mesmo ano e contou com a presença dos srs. Francisco Zabulon de Almeida Pires, José Coriolano de Souza Lima, Major Simplício Coelho de Rezende e Antônio Lopes Castelo Branco.

Seis anos depois, no dia 26 de dezembro de 1868, falecia o Padre Domingos de Freitas e Silva.

Ainda no mesmo ano, a 28 de dezembro, na Vila de Piracuruca, é aberto o testamento acima referido sob a presidência do Juiz Procurador de Capelas e Resíduos, suplente em exercício, Major Gervásio de Brito Passos, com a presença do cap. Benício José de Moraes, portador daquele documento que, examinado pelo tabelião Miguel Antonio da Rocha Lima (o mesmo que um dia fora chamado pelo Padre Freitas) e constatado cosido e lacrado, sem vícios, limpo e perfeito, foi pelas testemunhas presentes considerado em ordem. Pedimos vênia para transcrever o histórico documento na íntegra:

"Jesus Maria José — Em nome da Santíssima Trindade Padre, Filho e Espírito Santo. Amém.

Saibam quantos este público instrumento de Testamento virem que sendo no Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e sessenta e dois aos cinco dias do mês de Novembro do dito ano nesta povoação de Nossa Senhora do Carmo do Termo de Piracuruca, Província do Piauí, Bispado de São Luiz do Maranhão — Eu Padre Domingos de Freitas e Silva em casa de minha morada estando com perfeita saúde, e em uso meu perfeito juízo, que Deus foi servido dar-me, temendo não porém a morte por não saber, o que o mesmo Senhor de mim determina, e quando será servido passar-me desta vida, determinei-me fazer este meu Testamento da forma e maneira seguinte — Primeiramente encomenda minha alma a Santíssima Trindade, que a criou, e rogo ao Eterno Padre a queira receber, assim como recebeu a de seu Unigênito Filho, quando expirou na Cruz; a Maria Santíssima peço e rogo seja minha intercessora e advogada; ao Santo do meu nome, e a todos os Santos e Santas da Corte Celestial, e como verdadeiro e fiel Cristão protesto viver e morrer nesta Santa Fé. Nomeio para meus Testamenteiros em primeiro lugar a Domingos de Freitas e Silva Junior, e em segundo a Raimundo de Freitas Silva, meus filhos todos de maioridade os quais por serviço a Deus e a mim mercê rogo queiram aceitar serem meus Testamenteiros benfeitores e administradores com livre e geral administração, cada um in solidum, para de meus bens tomarem conta, dispor, arrecadar e vender, o que necessário for para gastos do meu enterro, satisfação dos meus legados, e mais que preciso, para o que dou todos os poderes, que em direito possam e me é concedido, tendo um ano para cumprirem minhas disposições, e darem suas contas, e se este tempo não for bastante terá mais um ano, e como tais os hei abonados, e assim peço e rogo a Justiça de Sua Majestade Imperial e Constitucional mande cumprir e guardar de verbo ad verbum passar esta minha última vontade, de modo que neste meu Testamento se contém — Declaro que sou natural da Freguesia de Nossa Senhora da Graça da Cidade da Parnaíba, Província do Piauí, Bispado de São Luiz do Maranhão, filho legítimo de Domingos de Freitas Caldas, e de Rita Maria de Almeida, ambos falecidos, e sou presbítero secular, canonicamente ordenado neste supradito Bispado. Declaro que estudei, e ordenei-me a custa de meu padrinho de batismo o Reverendo Henrique José da Silva, já falecido, o qual fez todas as despesas por equidade, e benevolência a meu benefício, por isso nenhuma despesa fiz a meus pais, dos quais unicamente herdei por sua morte a quantia de trezentos quarenta e oito mil seiscentos e vinte réis por parte paterna e materna nada herdei por nada haver mais. Declaro que logo que faleceram meus pais mandei buscar para minha companhia minha irmã Cata-

rina de Sena e Silva, viúva, e sua filha Matildes, quatro filhas de minha finada irmã Maria Rita da Silva casada com Brás José Muniz também falecido que são Rita, Durçulina, Bernarda e Cândida, as quais mandei as buscar para minha companhia por estarem em extrema necessidade o que aconteceu em mil oitocentos e trinta e desde este tempo as sustentei de comida e vestuário as minhas sobrinhas até casar, dando-lhes a cada uma cem mil réis em moeda, e roupa, e a minha irmã Catarina sustentei de um tudo até terminar os seus dias, cujo falecimento foi no dia três de Dezembro de mil oitocentos e sessenta, estando em minha companhia a mais de trinta anos. Declaro que éramos quatro irmãos, sendo eu, Bernardo de Freitas Caldas, Maria Rita da Silva, casada com Brás José Muniz, e Catarina de Sousa e Silva, viúva de cujo matrimônio não lhe ficou filho. Herdemos por morte de nossa mãe em amigável composição por sermos todos quatro emancipados a quantia de trezentos e quarenta e oito mil seiscentos vinte e três, cada um, cujo papel de composição existe em meu poder assinado por meu pai, e os quatro herdeiros. Declaro que minhas manas Bernarda, e Maria, além de suas legítimas, que igualmente tiveram ficaram alcançadas para com o casal de dívidas que deviam ao mesmo, como se vê dos documentos que tenho em meu poder, e como morressem falidos de bens fiquei prejudicado em ambas as partes, e para maior segurança exigi desistência dos herdeiros dos referidos meus irmãos Bernardo e Maria que acham em meu poder, e além de seus alcances me ficaram devendo a mim próprio do dinheiro que por vezes lhes emprestei, como se vê dos documentos que tenho em meu poder, e além disso criei, eduquei, sustentei, e casei as filhas de minha irmã Maria Rita da Silva. Declaro que meu irmão Bernardo só teve uma filha, e esta nunca se casou, morreu em estado de solteira, e nada herdou por seu pai morrer falido, que por este motivo perdi a minha dívida e alcance da parte da legítima, que estava obrigada repor-me, e o mesmo aconteceu da parte de minha irmã Maria Rita da Silva. Declaro que meu pai sobreviveu alguns anos, depois da morte de minha mãe, porisso alguns bens que possuíram gastou a ponto de ficar a ponto, e por isso o supri até ficar sem nada digo o supri até terminar seus dias, e a última despesa que fiz foi o seu enterro. O mesmo aconteceu com meu mano Bernardo que foi seu cadáver sepultado na Matriz de Piracuruca, e a minha custa, e além disto ficou me devendo um dinheiro de empréstimo, e nada cobrei por morrer falido de bens. Meu corpo será sepultado na Capela de Nossa Senhora dos Remédios, ereta a minha expensas caso faleça neste lugar de Piripiri por mim fundado; meu enterramento será feito com acompanhamento de meus irmãos Sacerdotes, que existirem no lugar, e mais pessoas do mesmo, e a todos se dará sessão como assentaram meus

Testamenteiros. No dia de meu enterro darão meus Testamenteiros trinta mil réis de esmolas aos pobres, que acompanharem o meu corpo a sepultura; com igualdade, e mandarão dizer a missa de Corpo presente, por minha alma pelos Sacerdotes, que houverem no lugar, e não se achando nesse dia, mandarão fazer oficio de corpo presente, por minha alma no dia trigésimo do meu falecimento, e os meus Irmãos Sacerdotes, que vierem assistir, todos dirão Missa por minha alma, e só lhes dará a oferta de mil réis por ser de corpo presente. Neste dia se dará de esmola aos pobres, que assistirem vinte mil réis com igualdade. Mandarão meus Testamenteiros dizer duas Capelas de Missas por minha alma, e mais duas por tenções particulares de algumas, que não apliquei, e desencargo de consciência: mandarão dizer mais meia capela pelas almas de meus pais Domingos de Freitas Caldas, e Rita Maria de Almeida, mandarão dizer mais vinte e quatro missas pelas almas de meus irmãos José, Bernardo, Rita e Catarina, e sendo seis para cada um, e mandarão dizer mais meia capela de missas por alma do Reverendo Henrique José da Silva, e mais trinta missas pelas almas de Lucinda Rosa de Souza, Joana Paula da Silva, e Lucinda Rita da Silva, sendo dez para cada uma. Declaro que criei uma Capela sob o Titulo de Nossa Senhora dos Remédios, toda ela feita a minha custa com ornamentos e Sino, uma posse de terras de vinte mil réis cujos objetos doei a mesma Senhora, ficando a mesma Capela dentro do povoado, que é hoje denominado Piripiri, sendo este também fundado por mim cuja posse de terras se acha demarcada igualmente, e as despesas por mim feitas e conseguintemente ficando eu com direito de propriedade de mais de trinta anos, que tenho nesta fazenda Piripiri da linha divisória da demarcação deste povoado em rumo do Leste, como se vê dos termos da referida demarcação, e isto por ter posses superabundantes nesta fazenda Piripiri, e ser o proprietário mais antigo do lugar e de posses verídicas, e legais possuindo outras posses nesta mencionada Fazenda Piripiri, bem como no sítio Anajá, donde tenho casa de telha, engenho e outros arranjos e plantações, e possuo mais diversas posses nesta Fazenda Piripiri, como se vê dos competentes documentos, que tenho. Declaro que fiz doação da Capela de Nossa Senhora dos Remédios com uns ornamentos, que já se acham arruinados, pela idade, tempo, cuja doação foi feita legalmente, como se vê dos termos exarados no competente livro. Os meus Testamenteiros mandarão ferrar de meus gados oito garrotas para Nossa Senhora dos Remédios, isto é para adjutório da sua Capela da qual sou administrador, e por falta de patrimônio tenho feito todas as despesas, e a vista das contas verá o que se deve-me. Declaro que possuo uma propriedade de casas coberta de telhas onde moro, tenho mobilia e mais móveis, como acharão na mesma casa, como também obras de prata, sendo castiçais de prata digo castiçais de

mangas de vidro, jarro, bacia, copo, salva, talheres, um cálix, e caixa dos Santos Óleos, com relíquias dentro da mesma, e uma caixa de tabaco de ouro. A moeda será a que achar-se sendo muita pouca. Declaro que possuo outra casa coberta de telha em rumo do leste de minha casa de morada, que é minha situação de gados e mais animais que crio. Declaro que possuo outra morada de casas coberta de telha no meu sítio denominado Anajá desta Fazenda Piripiri donde tenho plantações Engenho de canas com tachos de cobre, e aviamentos de fazer farinha. Declaro que tenho posses de terra nas Fazendas Piracuruca e Iús de Cima, como verão dos competentes documentos. Declaro que o Capitão Antonino Ferreira de Araújo e Silva, morador na Cidade da Parnaíba me é devedor da quantia de cento e setenta e quatro mil réis, como se vê de suas contas. O finado vigário da supradita Cidadão Domingos Rodrigues Chaves ficou me devendo quatrocentos e tantos mil réis de resto de uma morada de casa que comprou-me na mesma cidade. Declaro que o Tenente Coronel Felipe Diogo Borges, morador na cidade do Maranhão foi meu procurador a fim de vender dois prédios que mandei dispor em hasta pública naquela cidade, sendo uma casa de sobrado na rua das Mercês, e outra térrea na rua Grande, porém muito boa casa, ele sendo meu procurador mandou arrematar para si, contra o disposto da Lei e a vista de suas contas correntes examinando-as achei contra mim a quantia de noventa e cinco mil réis, como se vê no estrato de suas contas que ele enviou-me esta eu alcançado em cento trinta e dois mil e quatrocentos réis, como se vê de suas cartas a respeito, ordenando-me para entregar dita quantia a José Coelho de Miranda então morador na cidade da Parnaíba e que prontamente lhe entreguei quarenta mil réis, como se vê do recibo que me passou, restando eu noventa e dois mil quatrocentos réis, e como meu mencionado procurador estivesse alcançado e em noventa e cinco mil e duzentos réis, escrevi-lhe a respeito, a fim de encontrar essa quantia que me era devedor no que lhes restava, apesar que era maior a que ele me devia. Não temos crédito de parte a parte, e conseguintemente esta divida está paga, e além do exposto dito meu procurador deve-me porcentagem da cobrança que fiz a seu favor da casa do finado vigário de Piracuruca José Monteiro de Sá Palácio, por tanto os meus Testamenteiros nada assentarão, caso apareça alguma coisa a respeito, por isso que nada devo, e ficam papéis por donde se pode esclarecer a verdade. Declaro que não tenho contas com pessoa alguma porque o que compro pago, nunca passei crédito a ninguém cujo motivo nada devo presentemente, e por cuja razão os meus Testamenteiros não reconhecerão dívida contraída por mim, sem não ser por crédito, letra ou vale passado por meu próprio punho, que de certo não aparecerá. Declaro que tive um negócio de fazendas a cargo de meu filho e herdeiro Domin-

gos de Freitas e Silva Junior, em o ano de mil oitocentos sessenta e um, não querendo mais continuar com esse negócio, esbarrei, e o mesmo deu-me conta exata do referido negócio, não ficando nada a mim pertencente no poder do referido meu filho, e herdeiro Domingos de Freitas e Silva Junior, e o negócio que ele trata é propriamente seu, adquirido por seu trabalho, e por isso os seus irmãos, meus herdeiros nada tem que tratar a respeito. Declaro que os meus herdeiros Raimundo de Freitas e Silva, Domingos de Freitas e Silva Junior, Antonio Francisco de Freitas Silva, e Amélia Clemência da Silva, casada com Antonio Francisco de Sales, meus filhos e herdeiros, constituídos todos tiveram um escravo que herdaram por parte de sua mãe Lucinda Rita da Silva, digo Rita de Souza, sendo o do Raimundo — Manoel — o do Domingos — Francisco — o do Antonio — Moisés — e o de Amélia — Salomão — por isso não entrarão com o valor dos mesmos escravos nas legítimas que tiveram de herdar de minha parte — Declaro que possuo os escravos seguintes: José Nação Angola — Camilo cabra — Antonio criolo — Samuel cabra — Jonas cabra — Tomázia criola — O escravo José deixo liberto na metade de seu valor, e a escrava Tomázia deixo liberta em remuneração de ter criado ao meu herdeiro Antonio Francisco. Declaro que além dos escravos supra mencionados todos os mais se conservam em minha casa, e poder são pertencentes a senhora Jesuína Francisca da Silva, que a vinte e dois anos reside em minha casa, cujos escravos que teve de legítima de seu pai Antonio da Silveira Sampaio, e outros que sua mãe Dona Umbelina Francisca de Castelo Branco lhe fez doação, como bem sabem meus Testamenteiros. Pagas as minhas dividas, se houver na ocasião, que de presente nenhuma tenho, como já declarei, cumpridos os meus legados constituo por minha herdeira da terça de todos os meus bens a Senhora Jesuína Francisca da Silva filha legítima de Antonio da Silveira Sampaio, já falecido, e de Dona Umbelina Francisca de Castelo Branco pelo bom tratamento que me tem dado, prestando-se humanamente nas enfermidades, que tenho sofrido, bom zelo, e cuidado na administração de minha casa, e em remuneração de todos estes benefícios a constituo legítima herdeira da terça de todos os meus bens. Declaro finalmente que sendo falecidos meus pais e todos meus irmãos, como já especifiquei neste meu testamento, e tendo unicamente herdado da parte materna a quantia declarada de trezentos quarenta e oito mil seiscentos vinte e três réis, e da parte paterna absolutamente nada por morrer meu pai falido de bens sendo por mim sustentado até morrer, e o mesmo ter acontecido com meus irmãos Bernardo Maria e Catarina, como tudo fica declarado, não tenho por cujo motivo herdeiros forçados, apesar de serem meus bens adquiridos por meus trabalhos e agências em tais circunstâncias nomeio, e constituo por meus legítimos e universais herdeiros de todos

os bens, depois de tirada a terça, aos meus filhos que por tais reconheço, sendo Raimundo de Freitas Silva, casado com a Senhora Arcângela de Souza da Anunciação — Domingos de Freitas e Silva Junior, solteiro — Porfírio de Freitas e Silva, casado com a Senhora Francisca — sendo estes meus Testamenteiros — Antonio Francisco de Freitas e Silva solteiro — Amélia Clemência da Silva casada com Antonio Francisco de Sales, sendo estes cinco herdeiros contemplados, filhos de Lucinda Rosa de Souza, já falecida. Henrique José de Freitas e Silva, solteiro de menoridade — Antonio Freitas e Silva Sampaio, também de menoridade — Raimunda Francisca da Silva, casada com Manoel Tomaz Ferreira — Rita Maria de Almeida e Silva, solteira — Maria Justiniana da Silva, de menoridade — Umbelina Inácia da Silva também de menoridade, sendo estes sete herdeiros indicados filhos da herdeira da terça de meus bens a Senhora Jesuína Francisca da Silva, que com os cinco mencionados filhos da finada Lucinda Rosa de Souza preenche o número de doze meus herdeiros legítimos, e universais de todos os meus bens, por isso que os reconheço todos doze de nome especificados neste meu Testamento por meus filhos, por tais habilitados, sem precisar de qualquer documento por serem mui conhecidos, como de meus Testamenteiros e seus Irmãos. Todos herdarão em parte igual, e o que falecer de menoridade a sua legítima passará com igualdade para todos seus Irmãos. Declaro que eduquei, e casei a Lucinda Rita e a Joana Paula da Silva, esta casei com Manoel da Silveira Sampaio, e aquela com Bernardo Lopes Castelo Branco, ambas filhas finada Lucinda Rosa de Souza mãe de meus herdeiros contemplados neste meu Testamento, e a ambas dotei com dotes suficientes, bem como escravos, gados, ouro e prata em obras, e mais bens, as quais já são falecidas, deixando a finada Lucinda uma filha por nome Lucinda, minha afilhada e a finada Ana Paula um filho de nome Antonio, também meu afilhado, que e é de minha vontade que o dote que dei a ambas sejam transferidos para seus filhos supra mencionados, e por isso meus herdeiros se não oporão a esta minha vontade, cuja se entende dos bens que dei quando se casaram Lucinda Rita da Silva e Joana Paula da Silva. Declaro finalmente que a bem do suprimento, que fiz a meu pai Domingos de Freitas Caldas até morrer, paguei uma dívida ao Capitão Antonino Ferreira de Araújo Silva pertencente ao casal do Tenente Coronel Raimundo Dias da Silva, da quantia de cento e oitenta mil réis, que o mesmo meu pai devia, por esta forma heí por declarado este meu Testamento pelo qual derrogo outros qúalquer cédula ou codicilo, porque só quero que este valha, e tenha força e vigor em juízo, e fora dele, e rogo as Justiças de Sua Majestade Imperial e Constitucional de um e outro Foro a façam cumprir e guardar da maneira que é ele se contém e declara por esta minha última vontade, por mim

feito, reassinado, e em meu perfeito juízo perante as testemunhas assinadas. Povoação de Piripiri do Termo de Piràcuruca dez de Novembro de mil oitocentos sessenta e dois. DOMINGOS DE FREITAS E SILVA".

Desaparecia o Padre Domingos de Freitas e Silva. Mas o progresso de Piripiri não sofreu solução de continuidade.

Pela resolução 693, de 16 de agosto de 1870, o distrito é elevado a paróquia com os competentes limites traçados, ainda civilmente anexado ao municipio de Piracuruca.

No ano de 1874 a Lei provincial nº 849, de 16 de junho, conferia à paróquia o predicamento de vila, sendo instalada solenemente conforme consta do "LIVRO DA INAUGURAÇÃO DA VILA DE PERIPERY", cujo teor é o seguinte:

"Auto de inauguração desta povoação Freguesia de Peripery, à categoria de Vila, como abaixo se declara:

"Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e setenta e quatro, quinquagésimo terceiro da Independência do Império, aos dezoito de setembro do dito ano, desta Povoação e Freguesia de Nossa Senhora dos Remédios de Peripery, do antigo termo e Comarca de Piracuruca, Provincia do Piauí, na casa destinada para as sessões da Câmara Municipal desta nova Vila, aonde veio o Doutor Juiz de Direito da Comarca Domingos José Gonçalves Ponce de Leão, comigo Escrivão do termo de Piracuruca Laurintino Henriques Silva, e sendo aí presentes muitos cidadãos e pessoas gradas desta nova Vila, e depois de celebrada a missa, solene, fez o dito Juiz de Direito a leitura da resolução da Assembléia Provincial Número oitocentos e quarenta e nove de dezesseis de junho deste ano, cujo teor verbo ad verbum, é da maneira e forma seguinte — "Adolfo Lamenha Lins, Bacharel formado em Ciências Sociais e Jurídicas pela Faculdade de Direito do Recife, Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa e Presidente da Provincia do Piaui. Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléia Legislativa Provincial decretou e eu sancionei a resolução seguinte: Artigo primeiro. Fica elevada à categoria de Vila a Povoação de Peripery, com a mesma denominação. Artigo Segundo. Os limites do termo da mesma vila serão os da respectiva Freguesia. Artigo Terceiro. Fica no referido termo criado um Tabelionato do público Judicial, e Notas cumulativamente com os ofícios de Escrivão dos Órfãos, Capelas e Resíduos, crime cível e mais anexos. Artigo quarto. Esta Lei só terá execução depois que houver quem ofereça grátis por espaço de oito anos uma casa com as comodidades precisas para funcionar a Câmara Municipal e o Jury, tendo também suficiente divisão para juizado. Artigo quinto. Revogam-se as disposições em contrário. "Mando portanto a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida resolução

pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém. O Secretário desta Provincia, a faça imprimir, publicar e correr. Palácio do Governo da Província do Piauí, 16 de junho de 1874. 5º da Independência e do Império (L.S.) Adolfo Lamenha Lins — Lafaiete Fernandes de Moraes a fez. Selada e publicada a presente resolução nesta Secretaria do Governo do Piauí aos 16 de junho de 1874. O oficial Major Augusto Cotrim da Silva Rios, servindo de Secretário".

Depois do que o Juiz apresentou a todos os cidadãos presentes o ofício do Excelentíssimo Senhor Doutor Presidente da Província, de 29 de julho último, que autorizou ao mesmo Doutor Juiz de Direito a inaugurar esta nova Vila. Número quinhentos e três. Palácio do Governo da Província do Piauí, Teresina, 29 de julho de 1874. Primeira Sessão. Tendo a resolução nº 849, de 16 de junho último por cópia junto elevado à categoria de Vila a Povoação de Piripiri, com a mesma denominação e havendo os cidadãos Antonio Albino de Araújo e Silva, e Estevão Rabelo de Araújo e Silva, satisfeito a condição estabelecida pelo artigo 4º da referida resolução, oferecendo aquele uma casa com as comodidades precisas, e este a respectiva mobília, haja vossa mercê, logo que este receber, de dirigir-se aquela povoação, a fim de inaugurar a respectiva Vila, cujo ato deverá ser precedido de uma missa solene, e de tudo se lavrará um auto do qual me remeterá cópia autêntica. Deus guarde a Vossa Mercê. Adolfo Lamenha Lins. Senhor Doutor Juiz de Direito da Comarca de Piracuruca. Depois de lido dito ofício passou o Juiz de Direito a declarar que os limites desta nova Vila eram os mesmos da Freguesia, designados na resolução nº 698, de 16 de agosto de 1870. Artigo 2º os quais são os seguintes — Com a de Nossa Senhora do Carmo de Piracuruca os mesmos do Distrito de Paz, criado por Lei provincial de 25 de agosto de 1860; com a de Nossa Senhora da Conceição de Pedro 2º os lugares Duvidosa, Serrinha, Olho D'água Grande, Caraúbas, Jardim, Vereda Comprida, Carcandas, Criolis e Sitiozinho; com a de Santo Antonio de Campo Maior o Rio Corrente, desde Montevidéu até a Fazenda Umburana; com a de São Gonçalo da Batalha os lugares São Paulo, Careta, e daí ao Rio dos Matos. O que tudo feito houve o mesmo Doutor Juiz de Direito da Comarca por inaugurada a Vila do que para constar mandou lavrar o presente auto em que assinou comigo Escrivão e mais pessoas gradas desta localidade que compareceram a este ato solene de inauguração da Vila. Eu, Laurentino Henriques Silva Escrivão, o escrevi."

Estava inaugurada a Vila. A instalação da Câmara aconteceu no dia 14 de janeiro de 1875. Na mesma data houve sessão ordinária presidida por Antonino Alves de Oliveira Lopes. Após as primeiras nomeações, trataram da formação das posturas. 85 artigos bem como

A inauguração da rede telegráfica encerrou o ano.

No dia 9 de fevereiro de 1885 foi endereçado à Câmara um ofício ao Presidente da Província solicitando "um ramal da linha telegráfica desta Vila à cidade da Parnaíba, passando pela vila de Piracuruca".

Data de 29 de março de 1887 o primeiro registro de óbitos na Vila. Clemente José de Souza declara em cartório o falecimento de sua mãe, Clemência, de 40 anos de idade, ocorrido no lugar Aroeira, no dia 28 (Livro de Óbitos nº 1, de 1887/1889).

A comissão encarregada de contar as casas da Vila registrou-no dia 8 de outubro do referido ano: "Existem dentro da décima setenta e quatro casas cobertas de telhas, uma Igreja Matriz, de boa construção, uma Capela também de boa construção, um cemitério, uma casa que serve para as sessões da Câmara e Jury e parte da mesma ocupada pelo Quartel de Cadeia, uma boa morada de casas que serve de Estação telegráfica e setenta e oito casas cobertas de palha".

Data de 1º de abril de 1839 o primeiro registro de nascimento feito na Vila: Aristides Coelho de Rezende, filho legítimo do tenente coronel Antonio Coelho de Rezende e d. Filomena Rosa de Melo.

O primeiro casamento civil registrado no Livro nº 1, realizou-se no dia 27 de maio de 1889: foi o de Antonio Porfirio de Freitas e Carciana Iva de Araújo e Silva.

A Vila continuava a sua vida rotineira. A Câmara Municipal também não apresentava novidades até 28 de novembro, data em que é apresentado na reunião do dia um telegrama datado de 27 do mesmo mês, de teor seguinte:

"Presidente Câmara. O Governo Provisório ordena essa Câmara se reuna sem perda de tempo, proclame república e informe com urgencia adesões para ulterior procedimento. Reginaldo Nemésio de Sá. Capitão do Exército, Joaquim Dias de Santana, Teodoro Alves Pacheco, João de Deus Moreira de Carvalho, Alferes capitão Nelson Pereira do Nascimento".

A resposta seria de integral adesão ao movimento republicano.

Foram empossados o Cel. Tomaz Rebelo de Oliveira Castro e João de Freitas e Silva, no dia 10 de fevereiro do ano seguinte. No dia 13 assumia a presidência do Conselho o Cel. Tomaz Rebelo de Oliveira Castro. Os membros Cel. Antonio Coelho de Rezende e Capitão Estevão Rabelo de Araújo e Silva não assumiram, o primeiro por motivo de ausência e o segundo por declinar da nomeação. Ainda na reunião daquele dia 13 a Câmara pedia a elevação da Vila a Comarca.

No arquivo da Paróquia, no Livro destinado a Registros de Batizados (Livro dos anos de 1896 a 1905, fl. 1), encontramos o primeiro registro: Maria Inácia da Conceição.

O Livro de Registros de Casamentos (iniciado em 1896 e encerrado no ano de 1900) consigna a fl. 1, o enlace matrimonial de Belchior de Sousa Pinto Getirana e Raimunda Clara da Cruz.

Estava encerrado o século XIX na então Vila de Piripiri.

1900, um novo ano, o limiar de uma nova era, surgia com a esperança na alma do povo. Mas o acontecimento memorável do ano seria na religião, que marcaria um tento, fundando o Apostolado da Oração no dia 13 de dezembro. A primeira presidente da referida Associação foi Joana de Moraes Aguiar.

O marco inicial e sublima das atividades do Pe. Antonio Bezerra de Meneses seria a bênção do suntuoso altar-mor da Igreja de N. S. dos Remédios, construído pelo Apostolado da Oração, com auxílio das rendas da Matriz. A cerimônia solene ocorreu no dia 30 de agosto daquele ano de 1908.

Ainda em 1908 o Pe. Meneses, como ficou conhecido, fundava o Instituto Arcoverde, educandário que relevantes serviços prestou a Piripiri. Colaboraram: Dr. José de Arimatéa Tito e João de Freitas Filho.

No ano seguinte a comunidade católica viveria emoções intensas com a bênção da nova imagem de N. S. dos Remédios, adquirida sob os auspícios de d. Rita Rosa de Rezende. No livro de Tombo da Paróquia está registrado, no verso da folha 3: "A imagem que orna o altar-mor desta Matriz adquirida por iniciativa de uma pessoa piedosa auxiliada pelo povo, substituiu a antiga Padroeira, de vulto menor e muito imperfeita. Foi benta solenemente no domingo de Pentecostes, 30 de maio de 1909. Freguesia de N. S. dos Remédios, 1 de junho de 1909".

Para o ano de 1910 estavam reservados dois grandes acontecimentos: a inauguração do Palacete do Conselho da Vila, prédio construído em 1909, e a elevação da Vila à categoria de cidade, marco decisivo para a integração de Piripiri na comunidade brasileira. Vejamos o teor da Lei nº 570, publicada em 4 de julho de 1910. Eleva à categoria de cidade a Vila de Piripiri, deste Estado. Antonino Freire da Silva, Governador do Estado do Piauí. Faço saber a todos os seus habitantes que a Câmara Decreta e eu promulgo a presente Lei.

Art. 1º — Fica elevada à categoria de Cidade a Vila de Piripiri deste Estado.

Parágrafo Único. Os limites da atual cidade serão os mesmos especificados em lei nº 224, de 17 de julho de 1900, que restabeleceu os limites do município de Piripiri, discriminados na resolução nº 698, de 16 de agosto de 1870, que elevou o povoado daquele nome categoria de freguesia e posteriormente a categoria de Vila a saber:

Para o lado de Piracuruca os mesmos limites dados ao antigo distrito de paz, criado pela resolução nº 509, de 25 de agosto de 1860,

os quais estendem-se do logar Satisfeito ao Salitre e fazenda Cachoeira e dali ao Sitio do meio a extrema com o municipio do Itamarati.

Para o lado do Itamarati, os lugares — Duvidosa, Serrinha, Olho D'água Grande, Caraubas, Jardim Vereda Comprida, Carcandas, Criolis, Sitiozinho e Sitio Romão, excetuando-se o lugar Buriti Grande, encravado na data Carcandas e que continua a pertencer ao municipio do Itamarati. Para o lado de Campo Maior, Tapera, que fica pertencendo ao municipio de Piripiri, até os lugares Montevidéu e Tapera, e daí até a fazenda Umburana.

Para o lado de Campos Sales (Batalha), os lugares São Paulo, Poços e Caretas, e daí ao Rio dos Matos.

Art. 2º — Revogam-se as disposições em contrário.

Publique-se e cumpra-se em todo território do Estado.

Secretaria do Governo do Estado do Piauí, em Teresina, 4 de julho de 1910, 24º da República (idos).

Antonino Freire da Silva.

Matias Olimpio de Melo".

Poucos sabem que na Primeira Exposição Estadual do Piauí, realizada a 24 de janeiro de 1923 em comemoração ao centenário de sua adesão à Independência do Brasil, o municipio de Piripiri, através dos seus expositores, fez jus a diversos prêmios.

No ano de 1924, a 15 de outubro, inaugurava-se o tráfego das estradas carroçáveis.

No ano de 1927 a Câmara Municipal, reunida a 10 de junho, registrava: "resolver o Conselho sobre o modo mais digno de receber Sua Alteza, o Senhor Dom Pedro d'Orleans e Bragança e sua Augusta Família que, em viagem através do País, dignou-se incluir no seu itinerário esta cidade, onde deverá chegar ainda este mês..." Autorizava o Chefe do Executivo a "entrar em entendimento com o comércio local e com os representantes da família piripiriense sobre o modo mais digno de receber os augustos visitantes..."

A resolução foi a seguinte:

"Art. 1º — Fica o Intendente Municipal autorizado a dispender até a quantia de quinhentos mil réis com a recepção do Senhor Dom Pedro d'Orleans e Bragança e sua Exma. Família. Revogam-se as disposições em contrário..."

Os ilustres visitantes pernoitaram em Piripiri na residência do cel. Domingos Coelho de Melo. Foram alvo de homenagens expressivas. A graciosa princesinha de tranças prendeu a atenção da meninada piripiriense. E como lembrança queria levar uma gamela...

No dia 12 de junho de 1930 houve a Visita Pastoral de D. Severino Vieira de Melo com a presença de Frei Theobaldo Monteceto, da Ordem dos Capuchinhos e do Padre Lindolfo Uchoa. Foram reali-

zados 209 batizados, 1640 crismas, 1450 comunhões aproximadamente e 70 casamentos.

Naquele ano o Conselho Municipal registrava em ata alusiva a reunião do dia 1º de setembro com o discurso do Conselheiro Otílio Coelho de Rezende para consignação de um voto de pesar pelo bárbaro assassinio do Dr. João Pessoa Cavalcante de Albuquerque, presidente da Paraíba, Ministro do Supremo Tribunal Militar, no dia 26 de julho. Oficiou-se a viúva d. Maria Luiza Gonçalves Cavalcante de Albuquerque.

O flagelo da seca de 1932 assola o Nordeste. As autoridades de Piripiri tomam enérgicas providências para amenizar a situação, reduzem despesas, procurando, de algum modo, ajudar aquela gente sofrida que abandonava seus lares e tentava sobreviver.

O destaque de 1934 foi a inauguração do Grupo Escolar Padre Freitas. Aquele memorável 15 de novembro, aniversário da Proclamação da República, seria também um elo áureo na corrente da Instrução e da Cultura de Piripiri. A festa, com a presença do Interventor Landri Sales Gonçalves e sua ilustre comitiva, foi registrada em ata na sessão solene do dia.

No dia 2 de fevereiro de 1937 o então Prefeito Municipal de Piripiri — Licínio de Brito Melo — expedia o seguinte telegrama:

"Prefeito Municipal. Parnaíba. Tenho prazer convidar V. Excia. assistir inauguração estação ferroviária desta cidade dia onze deste mês pt. Grato aquiescência. Saudações. Licinio de Brito Melo — Prefeito Municipal de Piripiri". Idêntico aos prefeitos de Piracuruca, Campo Maior, Teresina, Pedro II, Barras, Batalha, José de Freitas, União e Altos.

Rememoremos:

O trem da Estrada de Ferro Central do Piauí partia de Piracuruca, no quilômetro 147. Os comerciantes de Piripiri sentiam falta de um meio de transporte mais accessível para remessa de gêneros destinados às grandes firmas da Parnaíba. Por outro lado tornava-se dificil a aquisição de mercadorias daquela praça. Quatorze longos anos seriam necessários para a conclusão do trecho Piracuruca/Piripiri, numa extensão de 43 quilômetros. Um belo dia os serviços de construção foram iniciados. Era encarregado do trecho o agrimensor Argemiro Nascimento, que logo se instalou na terra do Padre Freitas, conseguindo angariar um grande circulo de amizades. A ele devemos a entrada do primeiro rádio, veículo de comunicação que hoje há em muitas casas da cidade mas naquela época era ainda desconhecido. E Nascimento fez sucesso. Brilhou nos meios sociais. Entre a gente simples que lograra conhecer arranjou também serviços de demarcação de terras, ramo que lhe proporcionou bons lucros. Mas o serviço

de construção da estrada ia a passos lentos... De repente surge um obstáculo atrapalhando tudo. O Estado do Piauí está sob a orientação do Interventor Landri Sales Gonçalves. O Diretor da E.F.C.P. — Dr. José Gaioso Neves — em dificuldades para substituir Argemiro Nascimento, em um período de férias que lhe era devido, entrou em contato com o Interventor e seu Secretário Martins de Almeida. Foi lembrado o nome de um piripiriense: José Coelho de Rezende. O convite é feito. O ilustre cidadão, com prejuízos para seus estudos, aceita o convite, disposto a trabalhar com afinco. O serviço era realmente penoso. Mas José C. Rezende não desanima. Admitiu mais operários. Gente disposto a trabalhar. E o serviço ia sendo feito apesar das dificuldades. Ligeiro. Seguro. O esforço conjugado em que administrador e subordinados, juntos, empregavam toda a sua força e a sua capacidade, conseguiu o êxito almejado em seis meses. À operosidade de um piripiriense deve-se, portanto, a conclusão do trecho em curto espaço de tempo, muito antes da data prevista. Naquele dia de fevereiro do ano de 1937 o trem entrou festivamente em Piripiri. José Gaioso e esposa prestigiaram a solenidade de inauguração. Nelson Coelho de Rezende, então deputado estadual, corta a fita simbólica. A esposa de Dr. Gaioso quebra uma garrafa de champanha na frente da máquina, detalhe que muito impressionou aquela gente simples que se aglomerava no pátio da estação. José Coelho de Rezende fazia parte da comitiva inaugural. Era o primeiro piripiriense a percorrer o trecho no dia em que a Estação de Piripiri abria suas portas para receber os passageiros que viajavam de trem no percurso Parnaíba/Piripiri. Autoridades municipais participaram da festa. Alguns dias antes a Câmara Municipal aprovara um projeto concedendo dois contos de réis para as despesas com as festividades. À noite houve baile com o tradicional café com pudim oferecido à sociedade local. Era, realmente, um grande passo na estrada do progresso.

A 30 de abril do referido ano Nelson Rezende expedia um telegrama comunicando ao Governador o início da construção do açude Caldeirão.

O Dec. nº 105, de 22 de julho de 1933, criava a Comarca de Piripiri, mantida pelo Dec.-Lei Federal nº 876, de 23 de novembro do mesmo ano.

Instalada a Comarca o seu primeiro titular foi o ilustre Dr. Salmon de Noronha Lustosa Nogueira.

No dia 5 de novembro de 1939 era fundada a União dos Agricultores de Piripiri. Primeiro presidente: Francisco Vieira de Melo.

No ano de 1940 tem início a história do cinema em Piripiri, quando o cidadão Adérson Alves Ferreira adquire máquinas e inaugura o Cine Eden.

A 1º de julho do aludido ano, inaugurava-se a Subagência do Banco do Brasil, com os funcionários José Altivo de Brito Silva, agente, Miguel Arruda Furtado, assistente, e Moacir Magalhães Cardoso, servente.

Data de 26 de agosto de 1941 a despedida do Pe. Tarcisio Félix da Cruz, entregando a paróquia ao Pe. Raul Formiga, que, inicialmente fundou a Cruzada Eucaristica Infantil com duas apóstolas, dez cruzadas e três aspirantes.

Pe. Raul seguia a linha direta do fundador da cidade: pensava na educação da criança e do jovem. E no dia 2 de março de 1942 implantava o marco inicial de mais uma escola na Paróquia. Começando curso primário, posteriormente criaria a Escola Normal Rural de Piripiri contando com a colaboração das professoras Risete Cabral e Amália Nunes.

A 19 de abril de 1942 era inaugurado o Grupo Escolar Cassiana Rocha, construido sob os auspícios do cel. José Narciso da Rocha Filho.

No ano de 1943, em julho, a Subagência do Banco do Brasil foi promovida a Agência, sendo gerente Moacyr de Araújo Mota e contador Francisco Sérgio Baima.

O ano de 1944 estava no programa comemorativo do 1º centenário da fundação de Piripiri. As festividades contaram com a presença honrosa do Interventor Leônidas Melo, chefe do Executivo Piauiense, que se fez acompanhar de brilhante comitiva, chegando a Piripiri às 21 horas do dia 15 de outubro.

A execução do programa teve inicio às oito horas do dia 16, data designada para as comemorações da fundação de Piripiri. Alunos dos Grupos Escolares, Escolas Municipais, desfilaram pelas ruas numa demonstração de civismo. No palanque armado em frente à Prefeitura Municipal, o Interventor recebeu as primeiras homenagens do povo através de discursos. Pe. Joaquim Nonato Gomes esteve presente. Foi rezada missa solene pelo Padre Raul Formiga acolitado pelos sacerdotes que se encontravam na cidade. Às dez horas realizou-se a bênção do monumento erigido pelo município em homenagem à memória do Padre Freitas. A sessão cívica do centenário realizou-se às 13 horas no prédio da Prefeitura Municipal, sob a presidência do Interventor. À noite, na residência do cel. Nelson Coelho de Rezende, operoso Prefeito do Município, ao Interventor e comitiva e outras autoridades foi oferecido um lauto banquete. À sobremesa falou o dr. Adauto Coelho de Rezende, ilustre médico piripiriense que reside no Rio. Às 22 horas, encerrando as festividades do centenário de Piripiri, houve baile nos salões do Elite Clube Piripiriense e que contou com a presença das mais destacadas figuras da sociedade local, altamente prestigiado pelos ilustres visitantes.

Ainda naquele ano de 1944 o Dr. Adauto de Rezende, em visita

à sua terra natal, aproveita para ministrar um Curso de Puericultura sob os auspicios do Departamento Nacional da Criança. Senhoras e senhoritas receberam noções sobre Puericultura fazendo jus a um diploma. O encerramento foi solene com colação de grau.

Ainda naquele ano, a Resolução nº 24, de 21 de novembro, da Directoria Regional de Geografia, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica, publicada no Diário Oficial do Estado do Piauí, deu a significação de "JUNCAL" para a palavra PIRIPIRI. E foi aquela confusão. Ninguém queria deixar de escrever PERIPERY. Era tão expressivo! Mas foi o jeito. Escrevemos hoje PIRIPIRI.

No dia 10 de dezembro instalava-se na Paróquia a Associação das Filhas de Maria da Medalha Milagrosa. Foi mais uma iniciativa do Padre Raul Formiga.

A 5 de maio de 1945 era fundado o Circulo Operário.

A 4 de setembro de 1947 entrava em Piripiri três Irmãs de Caridade, que tinham como Superiora a Revda. Ir. Timbó. Foram instaladas pela Ir. Fiúsa e teriam como objetivo especial a direção da Escola Paroquial primária já existente e a Escola Normal Rural em organização, iniciativa do Padre Raul Formiga, então vigário de Piripiri. A cerimônia de inauguração da comunidade constou de uma interessante "Hora de Arte" realizada por alunas e mestras auxiliares às 20 horas do dia cinco, no Salão Paroquial.

No ano de 1949 registramos a inauguração da Fonte Pública. O reservatório construido com aproveitamento do olho d'água, dispunha de quinze torneiras para distribuição de água à população da cidade.

No ano de 1951, a 19 de agosto, era inaugurado o Posto de Puericultura "Dr. Adauto de Rezende", construido em terreno doado à Sociedade de Proteção à Maternidade e à Infância de Piripiri pelo sr. Cassiano Coelho de Rezende. A solenidade inaugural contou com a presença honrosa do homenageado — Dr. Adauto de Rezende — que se deslocara do Rio especialmente convidado para as festividades e do ilustre Delegado Federal da Criança no Ceará — Dr. Newton Potsch.

E assim chegamos ao ano de 1953, o ano da reconstrução da Igreja de N. S. dos Remédios. Começou com a provisão de 1º de janeiro nomeando Páraco da Igreja Frei Eraldo Stuke. Às fls. 60 (verso) do Livro de Tombo nº 2 foi assim registrado: "Aos 1º de janeiro de 1953, o exmo. e revdo. Snr. Bispo diocesano D. Felipe Conduru Pacheco entregou a paróquia de Nossa Senhora dos Remédios de Piripiri, nesta diocese de Parnaíba do Estado do Piauí, aos cuidados dos revds. Pes. Franciscanos da Provincia Saxônica de Santa Cruz da Alemanha. No mesmo dia, o revdo. Snr. Pe. Raul Formiga, que durante 11 anos, foi zeloso vigário desta paróquia, por ocasião da missa paroquial de 8 hs., deu posse ao revdo. Pe. Frei Eraldo Stuke, O. F. M., nomeado páraco amovivel pela provisão de 1º de janeiro de 1953. Após

a missa de 8 hs. o povo de Piripiri foi ao salão paroquial, prestar uma homenagem ao revmo. ex-vigário Pe. Raul Formiga, falando, naquela ocasião, 6 oradores, todos eles unânimes em expressar a sua profunda gratidão ao pastor zeloso, que no dia seguinte ia deixá-los."

No dia 1º de março é instalada a Escola Doméstica "Yayá Moraes", sob os auspícios dos familiares da homenageada que, num gesto digno de aplausos, doavam o prédio que fora antes sua residência.

A 3 de maio do mesmo ano foi criada a Comissão Geral para a Reconstrução da Matriz de N. S. dos Remédios. E logo no dia 5 de junho começa a demolição da antiga Igreja, operação que durou três dias, empolgando a população católica da cidade. Frei Serafim, à frente de tudo, comandava os trabalhos de implantação da comunidade com a sublime idéia de reconstruir o velho templo datado de 1884. No dia 27 de junho a planta, elaborada por Frei Constâncio Henning, foi aprovada pela Comissão Geral de Piripiri, pelo Bispo Dom Felipe Conduru Pacheco e pelo Superior da Ordem. O memorável dia 2 de agosto amanheceu com um sol radiante. O povo, aglomerado nas imediações da Praça da Bandeira, aguardava o instante em que seria lançada a pedra fundamental da nova Matriz. No Livro de Tombo, às fls. 67 e verso, está o importante registro que transcrevemos: "No ano de mil novecentos cincoenta e três depois do nascimento de N. Snr. Jesus Cristo de domingo dois de Agosto, foi lançada esta pedra fundamental. Nesse ano: O Santo Padre Pio XII, reinava gloriosamente na Santa Igreja. Getúlio Vargas, era o presidente do Brasil. Dom Severino Vieira de Melo, arcebispo de Teresina. Pedro Freitas, governador do Piauí. Dom Felipe Conduru Pacheco, bispo de Parnaíba. Frei Theodoro, superior da nova fundação dos Franciscanos em Piauí e Maranhão. Frei Eraldo, vigário da paróquia de Piripiri. Adérson Alves Ferreira, prefeito do Município de Piripiri. Frei Francisco, Cooperador da Paróquia. Cassiano Rezende, tesoureiro da Construção da Igreja. Nesse ano, quando a paz do mundo estava em perigo, e Nossa Senhora de Fátima, visitava todas as partes do Brasil, e sendo bem recebida pelo povo entusiasmado, quando em Belém, realizava-se o Sexto Congresso Eucarístico Nacional do Brasil, o distinto e generoso povo de Piripiri, vendo o entusiasmo de Frei Serafim, resolveu reconstuir a Matriz de N. S. dos Remédios, para torná-la mais ampla, mais moderna, mais bonita, tendo como engenheiro Frei Constâncio. E todo o povo de Piripiri, levantou-se unânime, homens, e mulheres, rapazes e moças, meninos e meninas, pobres e ricos, e também os filhos e amigos de Piripiri residentes em outras cidades, cooperaram generosamente para esta reconstrução a fim de louvar Nossa Senhora dos Remédios, rainha e mãe da nossa paróquia, Mãe de Deus".

No dia 1º de novembro a atração foi a visita da Imagem Peregrina de N. S. de Fátima. Teve a duração de 7 horas, contando com

a afluência do povo da cidade e dos municipios vizinhos numa verdadeira demonstração de fé.

A 2 de janeiro de 1954 foi levantada a armação da nova igreja. E no dia 13 de março seria inaugurada com o batizado de Bandeirinha, filho do casal Dr. João Bandeira Monte / Maria dos Remédios Rezende Monte. A 19 foi coberta a igreja e celebrada a primeira missa. A 25 de maio de 1955 começou-se a colocar o forro. Frisamos que "os meios financeiros foram recolhidos por arrecadações, por bingo, rifas, leilões, pelas festas anuais da padroeira, por assinaturas e donativos especiais dos filhos e amigos de Piripiri, e familias piripirienses". (v. fa. fl. 73, do Livro de Tombo nº 2).

No dia 4 de março de 1961 Piripiri vibrou de entusiasmo com a instalação do Ginásio José Narciso da Rocha Filho, iniciativa do então Prefeito Adérson Alves Ferreira, e que vinha de encontro aos anseios da juventude estudiosa da terra do Padre Freitas, preenchendo a imperdoável lacuna que existia nesse setor educacional. Foi uma festa belíssima. A "oração sapientiae" proferida pelo eminente Mestre Álvaro Alves Ferreira é uma peça de fino quilate e vai transcrita integralmente para conhecimento das gerações futuras.

"Inicialmente, congratulo-me com os meus conterrâneos pela fundação do Ginásio José Narciso da Rocha Filho. Nesta oportunidade, experimento uma grande emoção, vinda do mais profundo de minha alma, porque vejo concretizada uma constante idéia que sempre esteve presente às cogitações de meu espirito empolgado pela força dominante do progresso.

Aqui nascido, aqui vivido até à mocidade, amando esta paisagem que se vem modificando no decorrer dos dias, sob o influxo da evolução natural a que estão sujeitos todos os povos, eu não compreendia o estado a que estivemos submetidos até agora, fora do plano geral do ensino médio, quando por toda parte o problema educacional preocupa a todos os homens responsáveis pelos destinos de uma coletividade. O jovem piripirense aspira, como os demais patrícios, às posições reservadas aos que sentem em si mesmos o desejo de crescer e de progredir. Todavia, nada disso se consegue sem a arma necessária e indispensável dos conhecimentos das coisas e dos seres, através dos estudos que o livro nos transmite, esclarecidos pela palavra experiente e sábia do mestre. Daí, a conveniência social e até mesmo humana da criação deste educandário que surge como medida de alto interesse coletivo.

Meus senhores, o mundo moderno é exigente. De todos nós, espera o sacrifício do concurso que possamos emprestar para a solução dos numerosos e complexos problemas, ano a ano, a desafiarem a nossa inteligência e a nossa cultura. O homem continua a descrever a grande parábola a que se refere o filósofo. Vimos de uma

humanidade imatura para a conquista da liberdade, no que tange à nossa capacidade realizadora. Somos insatisfeitos. Queremos mais, muito mais, no acompanhar a curva da figura geométrica imaginada, desde que partimos de um foco obscuro, já perdido no seio imenso da floresta, para atingirmos a diretriz sonhada que somente é conhecida pela oniciência da Sabedoria Divina. Mas o livre arbítrio conduz o ser pensante a panoramas diversos que a ciência experimental vai rasgando nas alvoradas dos dias que se sucedem, demonstrando, ao vivo, o grande capital de inteligência de que dispõe o homem, para a sua integração no insondável da universalidade de todas as coisas. Tudo entretanto, reclama a cooperação direta ou indireta da pessoa humana, forrada de princípios adquiridos no diuturno de sua passagem por este planeta, em permanente transformação de sua morfologia física e humana. E quem não estiver aparelhado para a luta que é, essencialmente, espiritual, ficará à margem. Será vencido pelo vigor do aprendizado que supera a rotina que nada produz, e é apenas meio para conseguirmos o fim almejado. O material cai diante do espiritual. Sua influência restringe-se tão somente para chegarmos ao ponto para o qual marchamos em demanda da felicidade que a parábola nos aponta, na sua incomensurável curva, descrita no tempo e no espaço.

Este Ginásio, portanto, tem uma razão de ser. Ele faz parte da contribuição que Piripiri irá fornecer à civilização contemporânea, na pessoa dos jovens que, aqui, receberão as luzes do saber, para a jornada gloriosa em busca dos sonhos que a ciência dos homens alimenta, unindo-os sob a mesma bandeira da fraternidade universal. Por este motivo tão nobre, eu vos felicito, meus caros conterrâneos, e aqui me encontro para vos trazer o meu abraço cordial, de para com a emoção que me vai nalma, nesta reunião em que vejo reunida a sociedade local, em uníssono, comungando dos mesmos sentimentos do ideal sagrado, oriundo da filosofia temista que é a base do cristianismo vitorioso. Avançai sem desfalecimentos, com ânimo, fé e confiança nas vossas resoluções, e a vitória será o penhor do vosso sacrifício, em benefício deste rincão, onde abrimos os olhos para o mundo, à luz do sol fecundo que ilumina as terras do Brasil, cuvindo os ruídos da natureza que nos chegava de todas as latitudes, como a festejar a gleba que nos coube, na divisão do Globo, sob o amparo miraculoso da Cruz.

Srs. professores. Entre os romanos do período brilhante de sua cultura espiritual, era costume, na abertura dos cursos universitários, um dos membros da Congregação, eleito por seus pares, pronunciar uma aula inicial a que eles davam o nome apropriado de "oratio sapientiae". Era, efetivamente, uma oração de sapiência, como dizemos em vernáculo. Nela, empregava o "magister" o máximo de seu

saber nas diversas provincias dos conhecimentos humanos, até àquela época cultivados pelo maior império politico de que se tem noticia, ao longo da História. Com o desaparecimento da obra mantida pelos Césares dissolutos, entregue ao paganismo avassalante, outras nações surgiram de seus escombros, falando outros idiomas, originados da bela e sonora lingua que morria na garganta inculta de soldados rústicos.

Mas a marca daquela civilização havia de perdurar, no que ela tinha de mais nobre, de mais humano, na formação de povos depositários da cultura latina. A Gália daqueles dias é a gloriosa França de hoje. A Ibéria ocupada por centuriões rudes transforma-se na Espanha das grandes juntas intelectuais e politicas, e no Portugal vitorioso das descobertas maritimas, das manifestações elevadas de espiritualidade no poema imortal de Camões, e na melodia incomparável do fado que é a própria essência sentimental da raça. A Itália é o conjunto indissolúvel das antigas repúblicas que se formaram após o desmoronamento do Império pela invasão dos bárbaros que não encontraram resistência por parte dos dominadores de uma situação politica, construída sob os fundamentos do materialismo grosseiro, requintado nas orgias dos lupanares.

A esses povos, no entanto, foi transmitido, além de outros hábitos, o da abertura do ano letivo, com a solenidade assistida por pessoas gradas, na qual um membro do corpo docente é escolhido para proferir a oração da sapiência em todas as universidades dos países referidos. Em Roma, na Sorbone, que é o orgulho dos franceses, na velha Salamanca que tem concorrido para o engrandecimento das letras na pátria de Cervantes e na tradicional Universidade de Coimbra, pela qual passaram os vultos de maior destaque na vida literária e cientifica daquela terra que é nossa pela estima que todos lhe dedicamos. No Brasil tardou a inclusão no programa escolar das primitivas faculdades do ensino superior a norma adotada pelos romanos e seguida, posteriormente, pelos povos que, como nós, são depositários da civilização latina. Somente depois de fundada a Universidade do Brasil, com sede na antiga capital do Pais — hoje Estado da Guanabara —, foi que inserimos nos cursos de grau adiantado o velho preceito didático, ainda constituindo uma novidade no movimento escolar da Nação. Contudo, estendeu-se a todas as escolas superiores, chegando aos colégios e aos ginásios, como demonstração de apreço que tributamos à causa do ensino em nossa Pátria.

É deveras empolgante, no início das aulas em todo o território nacional, ouvirmos uma peça de fino quilate, no tocante à cultura de nossos patrícios, nos diversos ramos da sabedoria. Entusiasma aos que amam com ardor a terra do nascimento. Faz sacudir a alma às regiões onde a beleza impera, o primado do espírito esmaga a maté-

ria áspera nas manifestações do egoismo, e o homem se sente forte e feliz, guiado pela luz miraculosa do saber.

Mas, meus distintos colegas, o que vos trago no descolorido destas palavras não é, e está longe de ser, a "oratio sapientiae" dos antigos romanos. Falta-me o necessário para tão alto vôo. De mim nada posso dar senão o que adquiri no longo exercício do magistério: a experiência. E é com base nela que vos estou falando. Passemos à linguagem profissional. Tendes aos vossos olhos uma Lei Orgânica do Ensino Secundário, por vários motivos prejudicial ao preparo da mocidade. O momento não permite debate acerca dos erros nela contidos que desarmonizam a ciência no seu todo e falta uma orientação filosófica que é exigida em todas as manifestações espirituais. É um trabalho de um homem que não soube conciliar a cultura clássica com o progresso por que vêm passando todas as correntes de pensamento moderno. Baralhou, confundiu a Pedagogia dos dias que vivemos, perturbou as diretrizes da metodologia em uso e deu à didática um rumo que não se coaduna com a realidade brasileira e universal.

Lembra-me ainda a dificuldade que encontrei para ministrar as primeiras aulas das disciplinas que regia, obedecendo aos programas e às instruções que chegavam do Ministério da Educação logo após a publicação da Lei Capanema. Quem vinha de uma reforma admirável, no seu contexto, criada pelo talento e a invulgar cultura de Francisco Campos, sentir-se-ia por força deslocado naquele aranzel que nos ofertava o célebre Estado Novo. Foi uma luta que tive de enfrentá-la, para evitar que a mocidade piauiense caísse no terreno ingrato do indiferentismo. Recorri, então, aos meios da emulação para salvar os moços inexperientes que haviam de ser, naturalmente, as únicas vítimas de uma obra tão imperfeita. Assim, fizeram todos os honrados e abnegados professores secundários. Foi a nossa reação que surtiu, sem dúvida, os efeitos desejados.

Pois bem, meus caros companheiros, a mesma ainda continua em vigor, como sabeis. Confio, entretanto, no vosso esforço e na vossa capacidade de trabalho, no sentido de que estes jovens que aqui se acham colham o maior rendimento possível das vossas aulas, a fim de que se praparem para o amanhã de sua vida, cheia de surpresas agradáveis umas, amargas outras. Sei que estais habilitados para o ofício nobilitante e afanoso que exige de nós o emprego de energias físicas e intelectuais, só apreciados pelo dever cumprido. São estes os alunos. Levai-os ao caminho onde a vida os espera. E tendes realizado o que de mais importante podeis fazer na terra.

Srs. estudantes. Ides conhecer um mundo. A frase não é minha. Haveis de encontrá-la no monumental romance — O Ateneu — de Raul Pompéia, um dos maiores escritores nacionais. De fato. Nesta casa que, a partir de agora, é mais vossa do que de seus próprios

dirigentes, diante de vossa inteligência ainda não trabalhada, um quadro se estampará muito diferente daquele que já vos era familiar. Letras, ciência e arte formam um conjunto inseparável porque é ele um mundo de estudos e experiências dos homens dedicados às grandezas do espiritual que distingue o ser pensante dos outros animais. Esta terra, de que vos têm falado os mais adiantados em conhecimentos, é um planeta, corpo de consistência fisica diferente da estrela porque é sólido enquanto aquele outro é fluido e irradia luz e calor. De uma dessas estrelas depende a vida na terra. É o sol, centro de um sistema planetário ao qual pertence este globo que gira no espaço infinito atraído por uma lei que se denomina gravitação universal dos corpos. Tudo que vedes no azul imensurável está solto, em movimentação, numa harmonia tão perfeita que o homem, só por maldade, pode negar a existência de Deus. Cada astro tem o seu lugar não indo além do que a Oniciência Divina traçou. A astronomia tem progredido bastante no campo experimental. E nos dias que correm o engenho humano realiza verdadeiras proezas, na ânsia de maiores investigações cientificas. Quando a vossa inteligência estiver iluminada pelo saber é que podereis compreender a marcha da ciência em demanda do infinitamente grande. No ginásio encontrareis a porta aberta para lá chegardes. Estudai, estudai muito. Na vossa idade tudo que se aprende "cristaliza em seguida e não se apaga nunca", diz Guerra Junqueiro, o principe dos poetas portugueses. Não há dúvida que foi na juventude que quem vos fala preparou a base para a minguada cultura de que é portador. Sempre estudei com interesse de aumentar mais o que entendo conveniente saber, ainda hoje com horas reservadas para tal fim. Não esmoreceis diante dos obstáculos. Tentai vencê-los. Para isso dispondes da vontade que supera aquilo que se nos afigura invencivel. Acompanhai os vossos mestres, confiantes nas suas palavras, nos seus ensinamentos. Eles estão habilitados a vos conduzir às maravilhas do saber. Tomai a resolução inabalável de aceitar com entusiasmo o que as línguas vão vos mostrando, a respeito da índole, da vida, dos costumes, dos hábitos e das religiões de outros povos. Vossos professores sabem como ministrar essas noções a jovens inexperientes. Tendes confiança neles e em vós mesmos, no desejo imenso de sairdes da ignorância para o campo fecundado pela inteligência da humanidade que passou no revolver dos séculos, e no que, nos nossos dias, realiza um verdadeiro milagre da sabedoria em todos os setores da atividade contemporânea. Ânimo e fé, o vosso lema.

Sr. Diretor. A V. Excia. dirijo-me por último. Desincumbindo-me da missão, resultante do honroso convite que V. Excia. me fez, cumpre-me, nesta solenidade, apresentar-lhe o meu louvor pela concretização de uma obra que vem ao encontro dos anseios da coletividade: o Ginásio José Narciso da Rocha Filho. Recordo, no ensejo, passagens marcantes da História de nossa Pátria. O Brasil nasceu, sabe

disso muito bem V. Excia., sob o signo da Cruz e do Livro. Os navegadores de além-mar, vindos da Lusitânia poderosa, tomando posse das terras descobertas, chantaram no litoral, que é hoje baiano, a Cruz que é o símbolo da Igreja Universal. Naquela hora histórica, a sotaina do Jesuíta iria desempenhar o papel mais importante na formação da sociedade brasileira, pela catequese, atraindo o nativo em estado primário da civilização, para o contato com uma humanidade esclarecida, pelos ditames da Fé, e enquanto **abria-lhe** o cérebro embotado pela nuvem espessa da ignorância atinente a tudo que o cercava, com a riqueza que vem do alfabeto para o alimento do espírito. Esses abnegados sacerdotes, que ocuparam as fimbrias da costa de S. Vicente, subiram mais tarde o planalto, e em Piratininga fundaram o Colégio, no qual o mameluco audaz recebeu os ensinamentos, dando em resultado a organização das Bandeiras que, de modo positivo, concorreram para o recuo de um meridiano absurdo, dilatando os horizontes geográficos da futura Nação Brasileira. A grandeza dessa passagem épica da História tem as suas raizes mergulhadas nas planuras paulistas, onde a Companhia de Jesus se fez presente pelas figuras imortais de Nóbrega e Anchieta, nos primeiros instantes da vida nacional. Ao lado da Fé, esses heróis colocaram o livro para que, por seu intermédio, as maravilhas sobrenaturais pudessem ser entendidas melhor pelos primitivos habitantes destas paragens, mais tarde transformadas numa Nação Soberana, tendo a filosofia espiritualista como alicerce de um Estado, juridicamente organizado.

E foi assim, sr. Omar Rezende, que chegamos ao concerto das nações. A Fé e a Cultura levam-nos à finalidade histórica que nos aguarda, de potência entre outras, com o seu potencial econômico inexaurível e a robusta esperança de vitória, firmada na diretriz do cristianismo dominante e na cultura que deverá ser a arma forte de nossas reivindicações, no plano internacional. É porisso que eu trago a V. Excia. os meus louvores pela fundação deste educandário. Reconheço que V. Excia. contou com a cooperação de muitos filhos desta terra — aos quais estendo as minhas homenagens —, mas a sua tarefa é a mais pesada. Dirigir um estabelecimento educacional é se dispor a uma missão das mais delicadas, porquanto os problemas que surgem a cada momento reclamam serenidade, amor à causa e, sobretudo, severidade no encará-los. Creio, firmemente, que nenhuma dessas qualidades falta a V. Excia. Conheço o fulgor de sua inteligência, desde os saudosos dias em que o humilde orador desempenhava, no velho e conceituado Colégio "São Francisco de Sales", as funções de regente de uma disciplina de currículo escolar, e da qual era V. Excia. um dos mais distintos alunos. Sei da sua cultura. E não tenho dúvidas a respeito da maneira elevada por que encara V. Excia. o problema educacional no Brasil. Em dia com tudo que se vem passando

neste setor da vida pública e particular, tenho a convicção de que esta obra não fracassará, tendo à frente a pessoa de V. Excia.

E como seu amigo e seu admirador, dirijo-lhe estas palavras, sob o influxo emocional que assalta minha alma de filho deste chão que pisamos com a suprema alegria de viver. Desejo que o Ginásio José Narciso da Rocha Filho tenha uma existência perene, prodigalizando aos conterrâneos os meios indispensáveis para a luta pela vida. O papel de V. Excia., nesta hora, tem algo parecido com o dos fundadores do Colégio de Piratininga. Avante, pois.

Sr. Diretor. Em nada contribuí para a criação deste Ginásio. Um pedido, porém, eu tomo a liberdade de fazê-lo. A V. Excia. entrego o original desta arenga, rogando que seja arquivado nesta Casa para, quando um dia se fizer a história deste educandário sob sua competente direção, meu nome não seja de todo olvidado, e fiquem as gerações que hão de vir certas de que um piripiriense, que reside na Capital do Estado, tomou parte na abertura do primeiro ano letivo do Ginásio José Narciso da Rocha Filho. Em 4/3/1961".

No ano de 1962 o acontecimento digno de nota seria a inauguração do Hospital Chagas Rodrigues. Aconteceu no dia 14 de julho e contou com a presença ilustre do então Governador Francisco das Chagas Caldas Rodrigues. Seu primeiro Diretor foi o Dr. José Chagas de Medeiros.

A turma pioneira do Ginásio José Narciso da Rocha Filho, denominada "TURMA PROF. OMAR REZENDE", colou grau solenemente no dia 13 de dezembro de 1964.

A 9 de abril de 1965 o Ginásio era estadualizado com a presença do então Governador Petrônio Portela.

No ano de 1966 o Serviço de Abastecimento D'água, construído pelo DNOCS e inaugurado com a presença honrosa do Ministro Juarez Távora, é entregue à Cia. de Águas e Esgotos do Nordeste — CAENE, — subsidiária da SUDENE, companhia que iniciou suas atividades como responsável pela distribuição do precioso líquido instalando um escritório em Piripiri a 22 de março do referido ano.

A 1º de junho de 1968 foi inaugurado o Forum "Desembargador João Turíbio" com a presença do homenageado. O Gov. Helvídio Nunes, convidado especial, enalteceu as qualidades de João Turíbio, ilustre magistrado piauiense.

A 8 de dezembro diplomava-se a primeira turma do Curso Pedagógico do Colégio São José. Turma IRMÃ LUÍZA SENA.

E assim entramos na década 70. A cidade progredindo. O povo entusiasmado com as realizações administrativas. Não fora em vão a revolução de 1964. Na cidade de Piripiri chega a imagem da Televisão Ceará Canal 2, a 2 de abril. O troféu de Campeão Intermunicipal é conquistado pelos desportistas piripirienses. E a instrução toma um novo impulso: no dia 26 de setembro a cidade recebe a visita do Se-

cretário José de Arimathéa Tito Filho, da Educação e Cultura do Estado do Piaui, presença ilustre especialmente convidada para presidir a solenidade de inauguração de novas unidades escolares. Uma recebe o nome de "Arimatéa Tito", numa reconhecida homenagem do municipio ao eminente Desembargador pelos valiosos serviços prestados à causa da instrução em Piripiri, exercendo as funções de professor do Instituto Arcoverde do qual foi um dos fundadores. A. Tito Filho, na ocasião, pronunciou eloquente discurso seguido de outros oradores entre os quais o Des. Vidal de Freitas e a viúva do homenageado. A outra unidade inaugurada foi o Grupo Escolar João Coelho de Rezende. E ainda uma praça com o nome de Domingos Coelho de Melo.

No dia 14 de agosto de 1971 aconteceu a primeira visita do Fogo Simbólico da Pátria. Bonita festa. Vibração da mocidade. Presenças ilustres: Cap. Aurino Nunes e Tenente Nóbrega.

Mas a promoção do ano seria a V Exposição Agropecuária realizada no periodo de 2 a 5 de setembro. Para a abertura oficial e solene foi presente o Secretário Murilo Rezende, das Obras Públicas do Estado. O encerramento foi prestigiado pelo Gov. Alberto Tavares da Silva e muitas outras autoridades.

De alta significação foi o dia 2 de outubro, data em que era empossado o novo titular da Comarca de Piripiri, Dr. João Nonon de Moura Fontes Ibiapina, e homenageado um dos mais ilustres piripirienses: Dr. Murilo Ferreira de Rezende.

Estava encerrado o ano de 1971.

1972 — "Estava escrito": revelações surpreendentes na terra do Padre Freitas. Piripiri, a cidade silenciosa de outros tempos, passa a viver na agitação continua de empresas que se constroem, de firmas que fazem investimentos confiantes no futuro de gente que trabalha pensando no amanhã, de jovens que estudam e se preparam para receber responsabilidades. Está situada estrategicamente no entroncamento de três rodovias: BR-222, BR-30 e BR-343. Duas em trabalhos de pavimentação.

A cidade cresce. Novas ruas são abertas. Ampliadas as redes de abastecimento d'água e eletrificação dos bairros. A praça da Bandeira, reconstruída, se transforma num logradouro moderno com iluminação feérica. As Praças Álvaro Ferreira, Yayá Moraes e Nelson Rezende também mereceram cuidados especiais da administração Jônatas Melo. Algumas lojas e armazéns constituem a zona comercial da cidade. A afluência do comércio para a Praça do Mercado muito contribuiu para o aumento de operações. Essa iniciativa partiu do comerciante Francisco Alcides Pontes, o primeiro a construir um prédio no local inaugurando o Armazém Jaibara a 28 de junho de 1954. Hoje ali está o comércio centralizado. No comércio de tecidos outras são as firmas que servem à população. Da velha guarda resta a loja de Francisco Freitas Rezende. Do comércio atual citamos algumas fir-

mas: Armazém Esplanada, Casas Pernambucanas, Uirapuru Modas, Silvestre Carvalho, Distribuidora Piripiriense, Casas Moraes Souza, Agência Miranda, Eduardo Melo, Dionisio Lustosa etc. Na exportação há firmas tradicionais como a Casa Marc Jacob S/A., filial instalada no ano de 1951 pelo então gerente Nilo Angeline da Silva, substituído por Nascimento, Silvio Mendes e Leopoldo Sérvio Ferreira, atual gerente. Em 1971 mudou-se para a Praça do Mercado. Dias antes desaparecia o seu titular — Roland Jacob — deixando um vácuo na vida piauiense. Mas o Dr. Marc Theófile Jacob, o novo dirigente do conceituado Grupo, honra a memória do seu antecessor. Fontenele e Ripardo, Irmãos Brito também exploram o ramo de compra de gêneros. Outras firmas: Wilson Malaquias, Eurico Teles, João Brito, Adilson Cavalcante, Antonio Aureliano, Joaquim S. Cavalcante, Usinas Piripiri, São José, Cicero Medeiros, Waldecy, Raimundo Domingos de Oliveira, Jerônimo Bezerra, Antonio Bezerra, Alfredo Martins da Silva e muitos outros. Postos de gasolina, Farmácias, Mortuária, Fotos, Escritórios de Contabilidade, Oficinas Mecânicas, Barbearias, Hotéis, Churrascarias, Bares, Lanchonetes, Agências para vendas de passagens, Cinema etc.

Piripiri ainda não conta com um órgão de divulgação. As comunicações locais são feitas através de amplificadoras.

A vida social é digna de nota. Promoções frequentes são destaques na imprensa da Capital e refletem o espírito jovial da geração que comanda Piripiri. Clubes Sociais: Cassino 4 de Julho e Associação Atlética Banco do Brasil — AABB —, Sport Clube São Francisco e Associação de Moços Católicos franqueados à sociedade em suas festas mais expressivas. O Cinema tem a sua história: começou com a empresa que inaugurou o Cine-Teatro Avenida, encampando o Cine Moderno e construindo o prédio do atual Cine-Teatro Marajá.

Reduzido número de Associações do qual destacamos: União Caixeiral de Piripiri, fundada em 1932. Tem sede própria e ao lado um prédio alugado para o funcionamento do Banco do Estado do Piaui. Mantém uma Escola de Comércio criada em 1968, iniciativa de João Evangelista de Melo. União Operária, Círculo Operário e Sindicato de Construção Civil. Conferência dos Vicentinos, União dos Agricultores. Vai longe o tempo em que o Sr. Francisco Vieira de Melo fazia promoções que tanto animavam a cidade. Vicente Amâncio de Assunção também não cruzou os braços. Hoje poucos sabem que ela ainda existe. Nada de promoções, nada de novo. Os agricultores que tanto fizeram para maior brilhantismo das festas de outubro deixaram de participar dos movimentos festivos. Mas o nosso apelo é feito no sentido de que a classe volte a prestigiar a festa de N. S. dos Remédios que está "morrendo". Ela precisa voltar a ser a atração de outubro.

A Associação de Moços Católicos e Conselho de Bairros, fundada a 7 de abril, teve a sua diretoria empossada no dia 1º de julho inaugurando um clube recreativo na Av. Parnaíba. A organização objetiva o funcionamento de Escolas de Datilografia, Corte e Costura bem como a criação de um Posto de Assistência Médica. Diretor: José de Souza Furtado.

O Posto da Receita Federal conserva em seus arquivos o primeiro recolhimento feito a 30 de janeiro de 1926 pelo então comerciante Joaquim de Freitas Aguiar e Silva. Atualmente tem como funcionários: Áureo Tupinambá Rodrigues e Clodoaldo Melo.

A Coletoria Estadual tem como Coletor: Agostinho Portela Vale.

A Agência de Coleta da Fundação IBGE em Piripiri (com supervisão das cidades de Pedro II, Piracuruca e Olho D'água Grande) tem como chefe: Orlando Alencar Lustosa.

O Serviço de Padronização e Classificação de Produtos Agrícolas tem como chefe do Subposto — Abdon Lopes Duarte.

Há na cidade uma Agência de Promoção Agropecuária.

A Ancar-Piripiri inicialmente promoveu campanhas de formação de capineiras e silos e CRO através do BEP, aproveitando recursos do BID no montante de 20.000,00, e levantamento da situação e parte agrícola dando prioridade à bacia do Caldeirão. Para o ano de 1972 tem como projetos prioritários: Bovinocultura; capineiras e pastagens, instalação de Fazendas Demonstrativas objetivando orientar os proprietários dotando-os de infra-estrutura capaz de melhor combinar os fatores da produção. A finalidade do Projeto visa à redução da mortalidade, ao aumento de fertilidade, velocidade no crescimento além de outras repercussões de ordem econômica. Mantém convênios com o Banco do Brasil e com a Prefeitura Municipal de Piripiri. Extensionista local: Eng. Agrônomo Jurandi Soares Cavalcante.

A Associação Rural de Piripiri, fundada para atender os interessados da classe brilhou nas Exposições Agropecuárias nos anos de 1966, 1967, 1968, 1969, 1971 e 1972. Transformada em Sindicato Rural vem-se destacando pelas promoções realizadas. Ressalte-se a beleza das Exposições Agropecuárias dos últimos anos prestigiadas pelos governantes do Estado, Ministério da Agricultura, Ancar e outros órgãos. A afluência de pessoas das cidades vizinhas vem constituindo o ponto alto de integração. O "Parque José Gumercindo" é hoje patrimônio do Sindicato. Todas as dependências são de bom acabamento. Dignas de aplausos. Um lugar simpático. Aprazível. Convidativo à meditação, à paz. Um bom recanto para higiene mental. Presidente: Dr. Gerardo E. Aguiar.

Numa área aproximada de 23 hectares, foi iniciado o plantio do Posto do IBDF. Chefe do Posto: Antônio Américo Silva. Sua eficiente atuação, o zelo e a dedicação empenhados no exercício de suas funções atestam a sua responsabilidade. Mas vamos dar uma voltinha pelo Parque. Vale a pena! Iniciemos pela área conservada de mais ou menos 10 hectares plantada de Casuarina e outras árvores. A outra área, de cerca de 19 hectares, é semeada de Ipê, Aroeira, Jatobá, Sabiá etc. O Riacho Conceição atravessa a Fonte dos Matos, penetra na área do Posto numa extensão de uns 600 metros, ficando em barragem dentro da referida área. Continua o riacho até encontrar a barragem do Riacho Paciência e com esse nome desdobra-se em curvas até o lugar Germano de onde parte para cair no Rio dos Matos. À margem do riacho, na área do Posto, há ingaranas nativas que ostentam orgulhosamente sua roupagem verde em diversas tonalidades. Uma elegante Gameleira, árvore leitosa, constitui um destaque no Posto.

O Açude Caldeirão, localizado a 9 quilômetros da sede municipal de Piripiri, com capacidade de 54.600,000 m3, apresenta uma barragem com as seguintes características: Altura máxima: — 20,3 m; altura máxima na base: — 100 m; extensão de coroamento: — 746 m; área conservada: — 30.000 m; largura do sangradouro: — 60 m; revanche: — 3 m. Nos primeiros invernos após sua construção captou água no afluxo da capacidade física em 54.600,000 metros cúbicos. A princípio atendia as necessidades domésticas do povo da região e do gado que pastava. Posteriormente passou a ser aproveitado na piscicultura e lavouras de vazantes. Mas o DNOCS estava atento. Estudos feitos. A irrigação dos terrenos banhados pelo açude foi iniciada. Obras de infra-estrutura e outras auxiliares foram executadas. O PROJETO CALDEIRÃO, parte do Plano de Integração Nacional, é implantado para aproveitamento da bacia de irrigação numa área de 1200 ha., sen: 450 hs. englobando 120 explorações agrícolas e um pomar a ser explorado coletivamente. Os 750 hs. restantes se destinarão ao plantio de pastagens para animais. O PROJETO, utilizando a área do reservatório na irrigação de culturas rentáveis, será, sem dúvida alguma, uma medida favorável à valorização da região. O sistema de colonização, a criação de uma cooperativa para administração da parte destinada às atividades coletivas, são algumas das muitas vantagens do Projeto. Três tipos de canais serão utilizados para condução de água aos lotes agrícolas e ao pomar. O estudo sócio-econômico feito na área de influência do PROJETO CALDEIRÃO revelou as condições precárias dos habitantes. Mas tudo será solucionado. As famílias terão oportunidade de auferir rendas para sua manutenção. A produção de frutas e legumes não será somente para o "consumo da casa". Será uma fonte de comercialização. A coope-

rativa administrará tudo. Os colonos serão treinados para a nova vida que os espera. E Homem treinado é Homem Integrado no Plano Nacional.

Outra realização do DNOCS em Piripiri: a construção do Serviço de Abastecimento D'água. Inicialmente funcionou sob a responsabilidade da Cia. de Águas e Esgotos do Nordeste-CAENE-subsidiária da SUDENE. A supervisão esteve a cargo dos engenheiros Airton, Faustino José da Costa Filho e Cristóvão Victor dos Santos. A 1º de dezembro de 1971 é encampado pela ÁGUAS E ESGOTOS DO PIAUÍ S/A. — AGESPISA. Dispõe de três poços dois dos quais funcionando com 66 m3 por hora. A distribuição d'água não está à altura das necessidades dos 1.105 contribuintes registrados. A cidade cresce e dia a dia aumenta o número de habitantes. E todos querem água...

A energização da cidade está a cargo da Centrais Elétricas do Piauí S/A. — CEPISA, inaugurada a 23 de agosto de 1969 com uma unidade de geração a diesel. No dia 13 de novembro de 1971 entrou a energia da Boa Esperança.

Numa área de 10 hectares, sendo 400 de frente, 100 nas margens da estrada do Caldeirão e 250 de fundo, terreno doado pelo Deputado Federal Tertuliano Milton Brandão (a quem prestamos nossas homenagens de agradecimentos), encontra-se a COHEBE em fase de instalação da estação destinada a fornecer energia para o Norte do Piauí, Sobral e Fortaleza, no Ceará. Penetramos na aludida área com a presença simpática e atenciosa do engenheiro responsável pela obra, Dr. Paulo Henrique Ribbentrop Castelo Branco. Visitamos as dependências e de tudo recebemos explicações. Pena que não tenhamos capacidade para transmitir o que ouvimos com as expressões técnicas, a precisão com que foram feitas as explanações. Em síntese: O Projeto visa a construção da estação em 230 mil volts. Logo estarão concluídos os serviços de construção da casa de controle, de hóspedes, de operador etc. Toda a área é circundada de fios de cobre internos. Muita segurança. Ordem. Serviço completo de proteção. Pára-raios automáticos. Quase todas as peças empregadas na importante obra são de fabricação nacional. De parabéns a indústria brasileira. A preferência da mão-de-obra local ensejou emprego a muitos operários, alguns verdadeiros artífices. Técnicos especializados colaboram para que o trabalho seja coroado de êxito em tempo recorde. Já em funcionamento há uma pequena estação a cargo da CEPISA para distribuição às cidades de Piripiri e Piracuruca. Há, também, um poço tubular c/36 metros. Uma caixa d'água com capacidade para 9.000 litros. Logo estarão ajardinando as áreas em redor das casas construídas. Piripiri está de parabéns. A Cia. Hidroelétrica da Boa Esperança, na pessoa dos seus dirigentes, merece um voto de louvor e a nota máxima: DEZ.

O DNER — 18º Distrito — residência de Piripiri, tem como engenheiro-chefe Dr. Hérbete de Holanda Cordeiro. Em sua administração foram reformadas as instalações: residência, escritório, almoxarifado, laboratório de solos, guarita. Tudo moderno e confortável. Outros engenheiros ocuparam o cargo de residentes em Piripiri, dos quais lembramos os nomes dos drs. Paulo Marques, Emanuel Marques Sérvio, Djalma Santos.

A 1ª Cia. Policial deslocada de Piracuruca a 3 de março de 1964, foi instalada provisoriamente. Sua sede própria seria inaugurada no dia 21 de abril de 1966. A administração contou com a assistência do capitão João Henrique Gurgel Brasil hoje major da organização. Outros oficiais comandaram a 1a. Cia. Policial sediada em Piripiri: Cap. Francisco Paz da Silva, cap. Antônio Almeida de Carvalho, Ten. Edvaldo Mendes Ribeiro, Major Aécio Kleber de Sales Ramos. O atual responsável pela segurança pública é o cap. João José Carvalho. Ressalte-se a sua eficiente atuação e o apoio decidido do Comandante Geral da Polícia Militar — Cel. Canuto Tupi Caldas.

A 5a. Circunscrição de Trânsito de Piripiri presta serviços sob a orientação do Subtenente Francisco Alves Ferreira.

Foi instalado na BR — 343, Km. 184 — Piripiri-PI. o Posto da Polícia Federal. Marcaram presenças na solenidade: Eng. Ismar P. Santos, Bel. Anibal de Araújo Passos, Insp. Ricardo Nogueira Albino. O Posto atualmente tem como chefe o patrulheiro Pedro Rufino Sobrinho.

Já existem duas Lojas Maçônicas na terra do Pe. Freitas. A Loja Simbólica Abdias Neves nº 4, instalada a 18 de março de 1950, que funcionou provisoriamente em Teresina e teve a sua sagração a 30 de dezembro do mesmo ano. A festa inaugural revestiu-se de raro brilhantismo e contou com a honrosa presença de ilustres Irmãos de outras Lojas. A partir de então a referida sociedade vem num crescendo admirável e o seu quadro hoje representa algo significativo na vida piripiriense. Tem como Venerável um dos seus primeiros membros, o médico Dr. João Bandeira Monte. A outra Loja, a Luz e Justiça nº 10 (anteriormente dirigida por Osias Bezerra de Melo), está hoje sob a direção firme do Venerável Cícero Medeiros. Ambas promovem sempre alguma cousa de bom em prol do progresso de Piripiri e nunca fogem às circunstâncias que exigem muito de fraternal. Ressalte-se o esforço e a tenacidade de alguns maçons desaparecidos e entre eles — Aristeu Tupinambá Rodrigues, Joaquim Canuto de Melo, Nelson Coelho de Rezende e Osires Neves de Melo. Para eles o nosso preito de saudade e gratidão pelos serviços prestados à comunidade piripiriense. E para os maçons de modo geral consignamos nesta singela homenagem os nossos aplausos e, num apelo sincero e patriótico, esperamos que estejam atentos ao Programa de In-

tegração Nacional para que a nossa terra — Piripiri — possa ocupar um capítulo na História do Piauí com uma valiosa contribuição para a História do Brasil.

Para suas comunicações Piripiri conta com a ECT (Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos). Funciona em prédio próprio inaugurado no ano de 1951.

A Rede Ferroviária Federal S/A. — 1a. Divisão — Maranhão — Piauí tem como Agente da Estação: Francisco Agnelo de Oliveira.

PREFIXOS: — M.C.1 — De Teresina
M.C.2 — De Parnaíba

O Serviço de Microondas a cargo da Telepisa — Telefones do Piauí S/A., em prédio próprio, no Morro da Saudade, atende a população da cidade que entra, assim, em comunicação com as cidades vizinhas e quase todo o Brasil. Foi inaugurado a 23 de agosto de 1969.

Há uma Agência do Banco do Brasil S/A., em prédio próprio. Recentemente remodelada e modernamente equipada, satisfaz plenamente. Vem funcionando há mais de dois anos o sistema de atendimento direto e integrado. Conta com 25 eficientes funcionários. Gerente: Benedito Macedo de Santiago.

A Agência do Banco do Estado do Piauí presta serviços diversos em sua jurisdição, compreendendo Pedro II, Piracuruca, Olho Dágua Grande e Capitão de Campos. Gerente: Raimundo Rezende.

Há um templo católico, estilo moderno, construído na administração dos padres da Província Saxônica de Santa Cruz da Alemanha. Substituiu a velha Matriz. Ali se venera uma linda imagem de N.S. dos Remédios. Liturgia moderna de acordo com as normas estabelecidas no último Concílio. A Paróquia, por intermédio dos padres responsáveis pelos destinos da comunidade católica, presta serviços ao Município. Vigário atual: Frei Francisco Polkmann.

A Capelinha de N. S. do Rosário é hoje centro de reunião da Conferência Vicentina e funciona também como anexo do Grupo Escolar Padre Freitas. Em construção está a capela destinada ao culto de N. S. do Perpétuo Socorro.

A 1a. Igreja Batista de Piripiri, organizada em 1964, tem como pastor: Abílio Alves dos Reis. A Assembléia de Deus está construindo sua nova sede.

Já existem centros espíritas e terreiros de umbanda frequentados por uma minoria de adeptos e um elevado número de curiosos.

O Hospital Chagas Rodrigues dispõe de 26 leitos. A Direção atualmente está sob a responsabilidade do dentista Dr. Gerardo Aguiar que também controla o laboratório.

A Fundação Serviço Especial de Saúde Pública — FSESP — funciona com uma eficiente equipe de funcionários. Diretor: — Dr. Geraldo Magela Miranda. Assistência Odontológica: Dr. Geraldo G. Diniz. Junto a FSESP funciona um Clube de Mãe sob a direção de Antonia de Carvalho Melo Brito.

A Prefeitura Municipal, instalada em prédio construído no Ano de 1909, tem a frente o dinâmico Prefeito Jônatas Melo que, segundo suas palavras, luta desde o inicio com dois grandes inimigos: tempo e falta de dinheiro. A renda do Município devia ser boa mas há um fator que dificulta o trabalho dos administradores: a Divida Ativa que vai aumentando, aumentando sem que os devedores se manifestem para resgate. E ainda dizem que os prefeitos nada fazem!...

O Serviço Social — SERSE — tem à frente a Sra. Jandira Martins da Silva Melo — primeira dama da cidade — e merece aplausos. Promoções de Cursos de Flores, Arte Culinária, etc., todas coroadas de êxito. O Serviço de Assistência Médica recentemente criado conta com a colaboração da dra. Maria do Amparo Salmito. As instalações são bem modernas. O atendimento é perfeito. Há distribuição de remédios. Muita ordem em tudo. Em uma das dependências do SERSE funciona a Escola de Datilografia. A professora — Francisca das Chagas Getirana — é uma jovem fora-de-série. Sem mãos. Sem complexos.

Jandira comanda tudo. Revelou-se o braço forte do Governo — Jônatas Melo. Cuida da arborização das ruas e praças. Inspeciona "in loco". Visita doentes e, sobretudo, prestigia as promoções que visam ao engrandecimento da cidade.

No setor educacional o município promete muito. A povoação que no ano de 1870, inaugurava a primeira escola primária criada pela resolução nº 692, de 3 de agosto, com 45 alunos matriculados, é hoje uma cidade com escolas estaduais, municipais e particulares. Funciona o curso de Madureza Ginasial, Ginásio, Curso Pedagógico, Escola de Comércio e Mobral. No Ginásio José Narciso da Rocha Filho 895 jovens estudam e se preparam para o amanhã. São 895 alunos que vão precisar de Faculdades. Muitos não têm condições de procurar outras cidades. Mas o Governo, através dos seus Secretários, estuda o problema. Se os alunos não podem sair, as escolas terão de atendê-los em seus pontos de origem. Alberto Silva, Murilo Rezende, Wall Ferraz estão atentos.

ADMINISTRADORES DE PIRIPIRI

18 de setembro de 1874 — Pela Resolução 849, de 16 de junho, a Freguesia de Piripiri é elevada à categoria de Vila. No dia 14 de janeiro de 1875, instalada a Câmara, foi eleito o vereador Antonino Alves de Oliveira Lopes, que, de acordo com a Legislação da época, exerceria os poderes Legislativo e Executivo até 8 de fevereiro de 1877. De 9 de janeiro de 1877 até 7 de janeiro de 1881, coube a presidência a Onofre José de Melo. De 8 de janeiro de 1881 a 7 de janeiro de 1882: Cap. José Joaquim da Silva Rebelo. De 8 de janeiro de 1883 a 31 de dezembro de 1885: Estêvão Rabelo de Araújo e Silva. De 8 de janeiro de 1886 a 31 de dezembro do mesmo ano: Francisco Gaudioso de Souza Memória. De 8 de janeiro de 1887 até 10 de fevereiro de 1890: Estêvão Rabelo de Araújo e Silva.

Proclamado o regime republicano em 15 de novembro de 1889, — foram nomeados pelo Governador do Estado os Srs.: Cel. Tomaz Rebelo de Oliveira Castro, Tenente-Coronel Antonio Coelho de Rezende, Estêvão Rabelo de Araújo e Silva e João de Freitas e Silva para composição do Conselho de Intendência. No dia 13 de fevereiro assumia a presidência o Cel. Tomaz Rebelo de Oliveira Castro.

De 7 de fevereiro a 7 de outubro de 1891 foi presidente: Nélson Francisco de Carvalho. De 7 de outubro de 1891 a 31 de dezembro de 1892: João Paulo da Silva Rebelo.

Na Reforma Municipal do Estado, a Lei nº 13, de 25 de junho de 1892, criou os lugares de Intendente e Vice-Intendente como chefes do Poder Executivo Municipal. Eleitos em 30 de outubro para o quadriênio 1893/1896: Intendente: — Tenente-Coronel Antonio Coelho de Rezende. Vice-Intendente: Antonino Alves de Oliveira Lopes. De 1897 a 1900: João de Freitas e Silva e José Albino de Araújo e Silva. De 1901 a 1904: Tenente-Coronel Antonio Coelho de Rezende. De 1905 a 1908: Cel. Tomaz Rebelo de Oliveira Castro e Nélson Coelho de Rezende. De 1909 a 1912: Cel. Tomaz Rebelo de Oliveira Castro e João de Freitas e Silva. De 1913 a 1916: Cel. Tomaz Rebelo de Oliveira Castro e João de Freitas e Silva. De 1917 a 1920: Dr. José Higino de Souza e João de Freitas e Silva. De 1921 a 1924: Cel. Tomaz Rebelo de Oliveira Castro e João de Freitas e Silva. De 1925 a 1928: Domingos Coelho de Melo e João de Freitas e Silva. De 1929 a 1932: Cel. Tomaz Rebelo de Oliveira Castro e Adérson Alves Ferreira. De 24 de outubro de 1930, após a queda do Washington Luiz Pereira de Souza, até o ano de 1934, governou o Prefeito nomeado, Nélson Coelho de Rezende. De 2 de fevereiro de 1935 a 27 de março de 1936: Francisco Justino de Souza Medeiros. Para 27 de março de 1936 a 3 de dezembro de 1937

foi nomeado: Licinio de Brito Melo que, licenciado a 20 de outubro de 1937 passa o poder ao vereador Martinho José de Souza. A 3 de dezembro assumia o Prefeito nomeado Nélson Coelho de Rezende, que esteve afastado do cargo para quitar-se com o Serviço Militar no período de 25 de junho a 10 de julho de 1938, sendo substituído pela Srta. Francisca Melo, funcionária municipal. Reassumindo o cargo governou até o dia 21 de novembro de 1945. De 21 de novembro de 1945 a 2 de abril de 1946 governou o Prefeito nomeado Adérson Alves Ferreira. De 3 de abril de 1946 a 4 de maio de 1947: Joaquim Canuto de Melo. De 5 de maio de 1947 a 15 de janeiro do ano de 1948 governou João Coelho de Rezende. De 16 de janeiro de 1948 a 21 de abril do mesmo ano: João Bandeira de Rezende. No dia 21 de abril de 1948 assumiam os candidatos eleitos no pleito de 29 de fevereiro daquele ano. Prefeito: Isidoro Machado Brito. Vice-Prefeito: Acelino Coelho de Rezende. No dia 31 de janeiro de 1951 assumem os candidatos eleitos no pleito de 3 de outubro de 1950 — Adérson Alves Ferreira e Raimundo d'Aguiar Freitas. Eleitos a 3 de outubro de 1954 assumem a 31 de janeiro de 1955: Joaquim Canuto de Melo e Jerônimo Bezerra de Melo.

No dia 13 de julho de 1957 falece o Prefeito Joaquim Canuto de Melo, vitima de um desastre, perto de Altos. No dia 14 Jerônimo Bezerra de Melo tomava posse em substituição ao Prefeito falecido.

A 31 de janeiro de 1959 assumem os candidatos eleitos no pleito de 3 de outubro de 1958: Adérson Alves Ferreira e Dr. José Chagas de Medeiros. No dia 31 de janeiro de 1963 assumiam: Antonio Monteiro Alves e Antonio Bezerra de Melo.

O Decreto Legislativo Municipal de Piripiri, nº 1, de dezembro de 1958, atribui ao Vice-Prefeito a Presidência da Câmara Municipal.

A 14 de agosto de 1966 Antonio Bezerra de Melo passa a Presidência da Câmara Municipal ao vereador Cícero Medeiros. No dia 12 de setembro o Prefeito Antonio Monteiro Alves renuncia ao cargo para candidatar-se a Deputado. Assume Cícero Medeiros. A 18 de janeiro de 1967 assume o Interventor Tenente-Coronel Antonio de Andrade Poti que exerce o mandato até 31 de janeiro, quando assumem os candidatos eleitos no pleito de 15 de novembro de 1966: Adérson Alves Ferreira e Dr. Geraldo Elias de Aguiar. A 31 de janeiro de 1971 assumem os candidatos eleitos no pleito de 15 de novembro de 1970: Jônatas Melo e Dr. João Bandeira Monte. No período de 16 de junho a 3 de julho de 1971 João Bandeira Monte substitui o Prefeito Jônatas Melo. No pleito de 15 de novembro de 1972 foram eleitos: Antonio Ferreira Neto e Felinto da Silva Rezende.

ANTONINO ALVES DE OLIVEIRA LOPES (1840 —), cidadão simples como eram os homens do seu tempo, merece destaque especial por ter sido o primeiro administrador na Vila de Piripiri. Esteve

à frente do Executivo e Legislativo conforme determinava a legislação da época. Vereador. Vice-Intendente. Foi casado com Edwiges Benigna de Medeiros. Filhos do casal: João Evangelista, Diogo Alves de Oliveira e Lina Rosa de Jesus Oliveira. Seu nome vive no anonimato. Nenhuma homenagem lhe foi prestada pelo município que deu os primeiros passos sob sua orientação.

ONOFRE JOSÉ DE MELO, Presidente da Câmara no período de 9 de janeiro de 1887 a 7 de janeiro de 1881.

JOSÉ JOAQUIM DA SILVA REBELO (1815 —), governou o município como Presidente da Câmara no período de 8 de janeiro de 1881 a 7 de janeiro de 1882. Foi casado com Donata Joaquina da Silva. Descendentes: Horácio Rebelo e Tomaz Rebelo de Oliveira Castro.

Cel. ESTÊVÃO RABELO DE ARAÚJO E SILVA (1845 — 1926), filiado ao Partido Liberal prestou assinalados serviços à sua terra natal Piripiri — onde exerceu cargos públicos de destaque tanto no Império como no regime republicano. Foi casado duas vezes: a primeira com Alexandrina Carvalho. Teve uma filha: Rita Rosa. A segunda com Maria Jovita de Melo.

FRANCISCO GAUDIOSO DE SOUZA MEMÓRIA (1853 — 1916), começou a sua vida pública como vereador. Governou a Vila de 8 de janeiro a 31 de dezembro de 1886. Casou-se com Balbina Francisca de Oliveira. Deixou os seguintes filhos: Lidia, Leonílio Augusto, Antonio, Maria Francisca, Jovelina e Cipriana.

Cel. TOMAZ REBELO DE OLIVEIRA CASTRO (1850 —), nos idos de 1865 frequentou as aulas do famoso Padre Domingos de Freitas e Silva, aproveitando o suficiente para habilitar-se à luta demonstrando em sua longa vida ser um homem ilustrado com as características de uma inteligência privilegiada. Prestou relevantes serviços a Piripiri e ao Piauí, exercendo cargos públicos de eleição e nomeação. No Império foi Deputado à Assembléia Provincial onde ingressou em 1882. Chefe do Partido até a Proclamação da República, aderiu ao novo regime. Nomeado pelo Governador do Estado para composição do Conselho de Intendência de Piripiri, tomaria posse no dia 10 de fevereiro de 1890 e a 13 do referido mês assumiria a presidência servindo aos interesses do município até 4 de fevereiro de 1891. 1897 a 1900, membro do Conselho. Vice-Governador do Estado do Piauí no quadriênio 1904. Ausente o Titular no dia da posse, assume o Governo do Estado a 10 de julho de 1900, permanecendo no poder até 16 do aludido mês quando se empossou o Gov. Dr. Arlindo Francisco Nogueira. Intendente de Piripiri em vários quadriênios. Como Deputado à Câmara Legislativa do Piauí foi escolhido para a presi-

dência. Nessa época, por motivo de viagem do Gov. Mathias Olimpio de Melo, e na ausência do Vice-Governador, assume a direção do Estado no dia 18 de setembro de 1926, permanecendo até 9 de dezembro do mesmo ano. Foi o chefe político de maior influência na história de Piripiri onde a sua palavra era uma ordem e a ordem uma lei nunca desrespeitada. Ser contra o Cel. Tomaz era ser contra a própria razão. E isso ninguém queria. Foi casado com d. Lina Cassiana de Sampaio Rebelo. Descendentes: Dr. José Pires Rebelo, Cassiana Pires Rebelo da Rocha, Angélica Rebelo Meira de Vasconcelos, Lina Pires Rebelo de Souza, Dr. Olavo Pires Rebelo.

NÉLSON FRANCISCO DE CARVALHO (1858 — 1896), exerceu o magistério em Piripiri durante muitos anos. Governou a então Vila como Presidente do Conselho de Intendência no período de 7 de fevereiro a 7 de outubro de 1891. Foi um período agitado pela desconfiança e pelas traições da política municipal apoiada pelo Governo do Estado. Nélson Francisco, desgostoso, quis entregar o cargo ao Cel. Tomaz. Do Governador parte a nomeação para Cornélio José de Melo. Não temos notícias de que a ordem tenha sido cumprida. Continua Nélson até quando entrega o cargo a João Paulo da Silva Rebelo, presidente interino. Volta a calma.

JOÃO PAULO DA SILVA REBELO, membro do Conselho de Intendência no período de 7 de fevereiro a 7 de outubro de 1891 e Intendente de 7 de outubro de 1891 a 31 de dezembro de 1892. Foi casado com Teresa Rosa de Jesus. Filhos: Francisco Paulo da Silva Rebelo, Carlota Lina de Castro, Rosa Amélia de Castro Tito e José Paulo da Silva.

Tenente-Coronel ANTONIO COELHO DE REZENDE (1845 — 1928), foi uma das figuras de relevo no seu tempo. Além de comerciante exerceu vários cargos de confiança no município. Chefiou o Partido Conservador em Piripiri. Com a proclamação da República, em 1889, é nomeado para o Conselho de Intendência, não tomando posse por motivo de ausência. Intendente em vários quadriênios. Foi um cidadão interessado pelo progresso de sua terra, emprestando irrestrita colaboração ao seu desenvolvimento. Foi casado com Filomena Rosa de Melo. Filhos do casal: Diógenes, Rosa Lina, Geracina, Simplício, Anísia, Sesóstris, Antero, Nélson, Maria Augusta, João, Simplício, Jaime, Cassiano, Avelino e Domingos. Deixou o seu nome na História de Piripiri como uma das expressões máximas do seu tempo. De sua descendência existem membros que honram a tradição do seu antepassado, como figuras exponenciais nos meios políticos, culturais e administrativos do País.

JOÃO DE FREITAS E SILVA (1847 — 1932), exerceu vários cargos na vida pública do municipio, inclusive o de Representante do Ministério Público. Foi comerciante. Filiado ao Partido Liberal. Participou do Conselho de Intendência de 1890, foi Intendente e Vice-Intendente em vários quadriênios. Foi casado com Carolina de Morais Aguiar e Silva (viúva de seu tio Domingos de Freitas e Silva Júnior). Filhos do casal: Maria, João, Leonília, José, Raimundo, Domingos, Benedita e Carolina.

DR. JOSÉ HIGINO DE SOUZA, médico, eleito Intendente de Piripiri para o quadriênio de 1917 a 1920, esteve licenciado o periodo todo. Casado com d. Lina Pires Rebelo de Souza.

DOMINGOS COELHO DE MELO (1868 — 1951), foi comerciante e proprietário em sua terra natal. Nomeado Coletor de Rendas. Juiz Distrital. Intendente Municipal, licenciando-se o quadriênio todo. Sua casa comercial dispunha de uma dependência para produtos farmacêuticos. Foi casado duas vezes: a primeira com Rita Rosa de Rezende. Filhos do casal: Augusto, Alice Áurea, Ernestina, Julieta, Alzira Violeta, Maria Edith, Antonio de Pádua, José. Do segundo matrimônio realizado com Antonia Freitas, não deixou filhos.

NÉLSON COELHO DE REZENDE (1881 — 1952), encerrou sua vida na terra. Mas o seu nome ficou nas páginas da História de Piripiri como uma das maiores afirmações politicas. Sua folha de serviços prima pela retidão com que exercia os cargos que lhe eram confiados. A calma e a perseverança, qualidades reflexivas do bom senso administrativo, ilustram a sua carreira de homem público. Intendente, Membro do Conselho Municipal em vários periodos e Prefeito Municipal. Deputado Estadual. Durante toda a sua vida dedicou-se ao comércio. Foi casado com Carlota Amélia de Rezende. Filho do casal: Adauto Coelho de Rezende.

FRANCISCO JUSTINO DE SOUZA MEDEIROS (1901 — 1955), além de comerciante, exerceu as funções de tabelião, Suplente de Juiz e Prefeito Municipal nomeado para o periodo de 2 de fevereiro de 1935 a 27 de março de 1936. Foi casado com Maria José Rezende Medeiros. Filhos do casal: José, Francisco, Alberto, Almiralice, Yolete, Walfredo, Ary, Zoraide, Marilena e Antonio.

LICÍNIO DE BRITO MELO (1879 — 1962), farmacêutico. Ingressou na politica de Piripiri no ano de 1925 quando eleito membro do Conselho. Prefeito Municipal nomeado, cargo que exerceu no periodo de 27 de março de 1936 a 3 de dezembro de 1937. Era um cidadão digno do apreço dos piripirienses pela sua retidão de caráter, pelo tra-

balho realizado em prol do municipio que o acolheu durante muitos anos. Casado com Maria Augusta de Rezende. Filhos do casal: Odete, Antonio, Onofre, Orminda, Lauro Américo e Maria de Lourdes.

MARTINHO JOSÉ DE SOUZA (1889 — 1946), foi comerciante durante muitos anos. Participou da vida pública de Piripiri. Foi vereador e como tal chegou a ocupar o cargo de Prefeito num periodo de licença do titular. Foi casado duas vezes: a primeira com Carlota Aurea de Souza. Filhos do casal: Maria do Carmo, José, Maria Madalena, Lauro, Rita de Cássia, Antonieta, Maria de Lourdes, Edgar e Otávio. Do segundo matrimônio realizado com Antonieta Guedes, deixou: Irismar e Danilo.

FRANCISCA MELO (1916 — 1941), foi eficiente funcionária Estatística. Como Secretária da Câmara ressalte-se a sua passagem pelo Executivo Municipal, no periodo de 25 de junho a 10 de julho de 1938, em substituição ao Prefeito nomeado Nélson Coelho de Rezende que se afastara para quitar-se com o Serviço Militar.

ADÉRSON ALVES FERREIRA (1897 —), foi um menino precoce. Uma inteligência invulgar destacava-o nas escolas. Iniciou estudos em Piripiri, continuando em Teresina. Jovem ainda fez amizade com o Cel. Tomaz Rebelo que lhe serviria de exemplo, orientando-o na sua formação política. Na vida pública do seu município vamos encontrá-lo inicialmente como Secretário da Câmara. Fez parte do Conselho de Intendência, foi Vice-Intendente. Vereador. Prefeito nomeado. Prefeito eleito várias vezes. ADÉRSON ALVES FERREIRA — inteligência e dinamismo a serviço de Piripiri — é um cidadão que ilustra a galeria dos filhos da terra do Pe. Freitas. Grandes são suas realizações, admirável é a sua capacidade de trabalho, a sua residência. Casado com Rosa de Rezende Ferreira. Filhos do casal: Helena, Antonio, José de Calazans, Elza, Adérson, Rita, Maria da Glória, Carlos Alberto e Zélia.

JOAQUIM CANUTO DE MELO (1903 — 1957), exerceu várias funções públicas em Piripiri: Juiz, Promotor, Delegado e duas vezes prefeito. Tinha apenas instrução primária. Mas era inteligente e esforçado. Otimista. Uma de suas frases prediletas: "quando a cousa está muito ruim está perto de melhorar". Era um raio de esperança que lançava em sua volta. Foi casado com Maria Vieira de Melo. Filhos do casal: Clóvis, Antonio Carlos, Aristóteles, Clodoaldo, Jônatas, Cláudio, Edson e Yone.

JOÃO COELHO DE REZENDE (1884 — 1954), foi uma das figuras representativas de Piripiri. Como procurador, Prefeito, político

de oposição, proprietário influente na vida do município — João Coelho — ilustre membro da família Rezende — desfrutava de alto prestigio no Estado do Piauí. Casou-se com Ernestina Julieta de Rezende. Deixou apenas uma filha: Dra. Rita Rezende Sales.

JOÃO BANDEIRA DE REZENDE (1890 —), cidadão probo, calmo e simples. Além de comerciante exerceu algumas funções de destaque no município. Nomeado Prefeito esteve à frente do Executivo no período de 16 a 21 de abril de 1948. Casou-se duas vezes: a primeira com Maria José Cavalcante. Desse matrimônio registraram duas filhas: Maria Josefina e Violeta. Do segundo casamento realizado com Dinorah Serejo são os filhos: Francisco das Chagas, Maria do Socorro, Marlene, Haroldo, Maria dos Remédios e Roberto.

ISIDORO MACHADO BRITO (1910 —), natural de Buriti dos Lopes, chega a Piripiri no dia 17 de março de 1938. Trabalhou inicialmente no estabelecimento comercial de Nélson Rezende, assumindo na mesma época o cargo de Procurador-Tesoureiro da Prefeitura Municipal. Eleito Prefeito, tomaria posse no dia 21 de abril de 1948. Destacamos de suas realizações o aproveitamento do olho-dágua da cidade para construção de um reservatório com 15 torneiras que distribuiriam água à população. Casou-se com Raimunda Rezende. Filhos do casal: Wagner, Marluce, Nilza, Tânia e Marco Antonio.

JERÔNIMO BEZERRA DE MELO (1896 —), Comerciante. Eleito Vice-Prefeito. Com o trágico desaparecimento do Prefeito Joaquim Canuto de Melo, toma posse no cargo a 14 de julho de 1957. Foi Presidente da ARENA. Suplente de Juiz. Casou-se três vezes: a primeira com Filomena Alves Feitosa, somente no civil. Desquitou-se em 1957. Casado no católico com Maria Francisca Coutinho que faleceu em 1967. Casa-se em 1968 com Rita Sales Fernandes. Do primeiro casamento são os filhos: Osias, Francisca, José e Antonio.

ANTONIO MONTEIRO ALVES (1917 —), chegou a Piripiri no dia 1º de janeiro de 1947. Estabeleceu-se com o comércio de miudezas, exercendo também as funções de fotógrafo. Ingressou na vida pública em 1958 quando foi eleito vereador pela Legenda da UDN. Eleito Prefeito Municipal em 1962, renunciou em 1966 para candidatar-se a Deputado. Foi eleito. Fundou a Colônia Pedrosegundense de Piripiri de cuja sociedade foi Presidente. Casado com Maria Zenaide Campelo Leite. Filhos do casal: Euquério, Eutrópio, Eurides, Eugênio e Eucário.

CICERO MEDEIROS (1906 —), já exerceu vários cargos em Piripiri: Delegado, Adjunto de Promotor, Suplente de Juiz, membro do Diretório do P.S.D. (Partido Social Democrático). Vereador.

Vice-Presidente da Câmara. Prefeito no período de 12 de setembro de 1966 a 18 de janeiro de 1967 quando se apresenta o Interventor Tenente-Coronel Antonio de Andrade Poti. Casado com Lina Andrade do Rego Medeiros. Filhos do casal: José Alberto, Maria Salete, Carlos Humberto, Eliete, Maria Lúcia, Maria da Graça, Lieda Maria, Roberto e Cícero. Cícero Medeiros, pelos serviços prestados a Piripiri com calma e bom senso, pela sua dignidade, pela simplicidade com que trata a todos, merece os nossos aplausos.

TENENTE-CORONEL ANTONIO DE ANDRADE POTI, Interventor na cidade de Piripiri no período de 18 a 31 de janeiro de 1967. Nossas homenagens de agradecimentos.

JÔNATAS MELO (1932 —), iniciou suas atividades no Cartório do registro de imóveis desempenhando as funções de Tabelião. Ingressando na política, foi eleito Prefeito Municipal de Piripiri no pleito de 15 de novembro de 1970, tomando posse a 31 de janeiro de 1971. O início do seu governo foi um tanto difícil dadas as condições precárias da Prefeitura. Mas as primeiras barreiras foram transpostas, a reforma administrativa implantada e as realizações no ano de 1972 surpreendem a população piripiriense. Jônatas vai levando o barco. E a cidade lucrando com a sua administração. Casado com Jandira Martins da Silva Melo. Filhos do casal: Amélia Simone, Francisco Emerson, Jane Maria, Carla Maria e Jandira Maria.

DR. JOÃO BANDEIRA MONTE (1908), médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi Diretor da Saúde em Piripiri, Diretor do Hospital Chagas Rodrigues e hoje presta serviços à Cooperativa do DNER e é credenciado pelo INPS para assistência a associados. No pleito de 15 de novembro de 1966 é eleito vereador. Renunciou ao mandato. A 15 de novembro de 1970 foi eleito Vice-Prefeito. No período de 16 de junho a 3 de julho de 1971 esteve à frente do Executivo em substituição ao Prefeito Jônatas Melo. Casou-se com Maria dos Remédios Rezende Monte. Filhos do casal: Maria do Socorro, Lúcia Helena, João Bandeira Júnior e Macília. Dr. Bandeira está sempre na liderança entre os seus melhores amigos, goza de estima na sociedade e no meio da gente simples e é muito querido no seio da família. Seu nome representa uma bandeira de glórias na cidade.

ANTONIO FERREIRA NETO (1919), trabalhou inicialmente no estabelecimento comercial de seu pai. Em 1946 adquiriu a Farmácia Ideal e começou a trabalhar por conta própria. Casou-se com Hilda de Melo Ferreira. Filhos do casal: Diógenes, Adérson, Cláudia, Maria de Fátima, Wilson, Rosa Helena, Antonio Ferreira Júnior e Joana Paula. Antonio Ferreira Neto — o conhecido Ferreirinha, cidadão simples, calmo e bom, representa hoje mais uma esperança para o município de Piripiri: foi eleito Prefeito Municipal no pleito de 15 de novembro de 1972.

PROFESSORES

Com a sua primeira escola fundada pelo Pe. Freitas, Piripiri iniciava o seu percurso pelo caminho das letras em 1857. Foi, portanto, aquele sacerdote, além de implantador da hoje progressista cidade, o primeiro a ministrar ensinamentos naquela época recuada. Posteriormente a instrução ficaria a cargo do Prof. Antonio Lopes Castelo Branco que instalara uma escolinha particular. No ano de 1970, a 3 de agosto, a Lei nº 692 criava a 1a. escola primária da paróquia tendo como professor Manoel Pedro de Souza Bem. Em 1877 encontramos o nome de Raimunda Mendes da Rocha Medeiros como professora subvencionada. No ano de 1880, a 19 de agosto, lê-se em ata de sessão da câmara que Mariana Francisca de Meneses era professora contratada pelo Governo Provincial servindo em Piripiri. A 18 de janeiro de 1892, eram nomeados professores primários: Nelson Francisco de Carvalho e Francisca Ribeiro Soares da Costa. Ambos já lecionavam em escolas particulares. Entra 1909 e o Pe. Antonio Bezerra de Meneses funda o Instituto Arcoverde, com a colaboração do Dr. José de Arimatéa Tito e João de Freitas Filho. Felismino Freitas Weser e Álvaro Alves Ferreira instalam o Colégio Castelo. Maria de Jesus Carvalho e Alzira Rezende ensinam na "Escolas Reunidas Padre Freitas". Júlio Falcão leciona durante algum tempo. E Piripiri não parou mais no setor da Instrução. Pelos Grupos Escolares passaram muitas professoras das quais citamos os nomes de Auri Castelo Branco, Maria de Lourdes e Graci Cruz, Vitalina Pimentel Rezende, Maria Angélica Vilanova e Silva, Losa Lima, Alda Martins da Rocha, Luiza Assunção de Pinho Melo, Maria Eremita do Espírito Santo, Alborina de Carvalho Mota, Alborina Oliveira e outras. Nas escolas particulares lembramos: Joaninha Pinheiro, Isis Cavalcante Freitas. Mas no desejo de fazer justiça aos pioneiros da Educação e da Cultura em Piripiri prestamos nossas homenagens aos professores do passado representados pelos seguintes: Alzira Violeta de Rezende Castro, Antonio Lopes Castelo Branco, Antonio Raimundo da Silveira Sampaio, Francisca Freitas, Francisca Ribeiro Soares da Costa, Manoel Pedro de Souza Bem, Maria de Jesus Carvalho, Maria da Silveira Sampaio, Raimunda de Barros Cavalcante, Raimundo Francisco de Sales. E à classe dos professores da atualidade tomamos como representante o prof. Omar de Andrade Rezende, Diretor do Ginásio José Narciso da Rocha Filho.

ALZIRA VIOLETA DE REZENDE CASTRO, nascida a 29 de julho de 1902, estudou em sua terra natal — Piripiri e no Colégio Sagrado

Coração de Jesus, de Teresina, onde recebeu o título de professora. Lecionou na "Escolas Reunidas Padre Freitas". Posteriormente prestou serviços à instrução na cidade de Pedro II. Casou-se com Eulálio de Melo Castro, proprietário, comerciante, natural do município de Pedro II. Filhos do casal: Alice e Reginaldo. Faleceu a 4.2.62.

ANTONIO LOPES CASTELO BRANCO, nascido nos idos de 1813. Cidadão respeitável, simples e estimado. Foi aluno do Pe. Freitas. Instalou uma escola para ministrar ensinamentos aos que desejavam aprender. Exerceu vários cargos no Município entre os quais o de procurador da Câmara Municipal. Foi casado com Francisca Pacífico Análio de Deus. Descendência: Altino Pacífico Análio Brasil, Rosa Gentiliana e Artur Lopes.

ANTONIO RAIMUNDO DA SILVEIRA SAMPAIO (1846 — 1919), foi Coletor de Rendas Gerais, vereador, Secretário da Câmara Municipal, Inspetor dos Correios e Telégrafos e professor primário. Era conhecido como o Inspetor Sampaio. Cidadão respeitável, simples, probo. Acordava cedo para varrer o quintal de sua casa, tarefa que não confiava aos serviços. Era uma espécie de higiene mental. Casou-se com Jesuína de Freitas Sampaio. Filhos do casal: Temístocles, Maria (Cota), Joana Paula, José Sampaio, Manoel, Raimundo e João.

FRANCISCA FREITAS, nascida no dia 3 de abril de 1898. Lecionou na "Escolas Reunidas Padre Freitas". Exerceu as funções de Inspetora. Aposentou-se ao completar 31 anos de serviço.

PROFA. FRANCISCA RIBEIRO SOARES DA COSTA, veio de longe com a sua mensagem de confiança às crianças e jovens. Ensinava letras e trabalhos manuais.

MANOEL PEDRO DE SOUZA BEM (1837 — 1915) passou a maior parte de sua vida em Piripiri. Professor e inspirado músico. Curador ad-hoc dos órfãos Antonio, Umbelina e Aureliano, filhos do Pe. Domingos de Freitas e Silva. Foi casado com Maria Alves de Souza Bem. Filhos do casal: João, Joaquim, Tomaz, José, Eliza, Leonor e Izabel.

MARIA DE JESUS CARVALHO, nascida no dia 3 de setembro de 1883, em Barras, criou-se em Piripiri. Ensinou as primeiras letras à mocidade estudiosa dos seus dias quando tudo ainda era muito difícil. D. Sinhá era bondosa na sua missão de educadora. Católica fervorosa, mestra na catequese, emprestou colaboração para a formação religiosa das crianças daqueles longínquos anos. Foi a primeira Diretora e Professora da "Escolas Reunidas Padre Freitas", instala-

da em 17 de setembro de 1924. Iniciou com 140 alunos matriculados. Hoje reside em Teresina, com os anos a lhe pesarem nos ombros e a arteriosclerose a martelar o seu espírito. Sua idéia fixa: rezar o terço. Seu maior desejo, porém, continua sendo: rever N. S. dos Remédios em sua Igreja, morrer na terra de seu coração: PIRIPIRI.

MARIA DA SILVEIRA SAMPAIO (1879 — 1962), professora particular, ensinou as primeiras letras a um elevado número de piripirienses que hoje ilustram o nome de sua terra natal. Catequista, Zeladora do Coração de Jesus. Segundo atestam pessoas idôneas, fora muito bonita na mocidade. Fez palpitar corações de mancebos da época mas recusou as propostas de casamento que lhe foram feitas. Seu método de ensinar era soletrado e meio cantado naquela toadazinha que tanto animava as crianças. E à hora da taboada D. Cota Sampaio, como era conhecida, perguntava: — Dois e dois (respondia baixinho num gesto involuntário e simpático: quatro)? Quem não acertava? E os dias passavam. D. Cota ensinando em troca de pequena remuneração. Assim chegou ao final de sua existência, após uma jornada de sacrifícios.

RAIMUNDA DE BARROS CAVALCANTE (NENEN CAVALCANTE), nascida em Piripiri no dia 3 de abril de 1889, diplomada no Ceará, trabalhou inicialmente em Piracuruca. Assumiu o cargo de Diretora do Grupo Escolar Padre Freitas, em Piripiri, no ano de 1930. Enérgica e boa, correta e simpática na sua maneira de transmitir. Sua folha de serviços prestados às crianças da época (a autora destas notas foi sua aluna durante o curso primário) é um atestado de cultura, abnegação e heroismo. Seus ensinamentos foram bem assimilados servindo de base segura para o aprimoramento de muitas inteligências que hoje ilustram e levam longe o nome de Piripiri. Faleceu no dia 25 de janeiro de 1944.

RAIMUNDO FRANCISCO DE SALES, nascido a 20 de dezembro do ano 1860. Lecionou durante muitos anos em sua escolinha particular; posteriormente nomeado para uma escola nuclear, também prestaria relevantes serviços à causa da instrução no interior do Município. Foi casado com Deolinda Florinda de Castro. Filhos do casal: Maria Amélia, Antonio Francisco, Amélia Clemência, Carlota, Justina, Francisco Raimundo de Sales.

OMAR DE ANDRADE REZENDE, nascido no dia 27 de abril de 1923, em Piripiri, iniciou estudos em sua terra natal. Ginasial iniciado no Colégio Diocesano e concluído no Liceu Piauiense, em 1940. Estudou no Instituto Lafaiete, no Rio. Fez o complementar de En-

da em 17 de setembro de 1924. Iniciou com 140 alunos matriculados. Hoje reside em Teresina, com os anos a lhe pesarem nos ombros e a arteriosclerose a martelar o seu espírito. Sua idéia fixa: rezar o terço. Seu maior desejo, porém, continua sendo: rever N. S. dos Remédios em sua Igreja, morrer na terra de seu coração: PIRIPIRI.

MARIA DA SILVEIRA SAMPAIO (1879 — 1962), professora particular, ensinou as primeiras letras a um elevado número de piripirienses que hoje ilustram o nome de sua terra natal. Catequista, Zeladora do Coração de Jesus. Segundo atestam pessoas idôneas, fora muito bonita na mocidade. Fez palpitar corações de mancebos da época mas recusou as propostas de casamento que lhe foram feitas. Seu método de ensinar era soletrado e meio cantado naquela toadazinha que tanto animava as crianças. E à hora da taboada D. Cota Sampaio, como era conhecida, perguntava: — Dois e dois (respondia baixinho num gesto involuntário e simpático: quatro)? Quem não acertava? E os dias passavam. D. Cota ensinando em troca de pequena remuneração. Assim chegou ao final de sua existência, após uma jornada de sacrifícios.

RAIMUNDA DE BARROS CAVALCANTE (NENEN CAVALCANTE), nascida em Piripiri no dia 3 de abril de 1889, diplomada no Ceará, trabalhou inicialmente em Piracuruca. Assumiu o cargo de Diretora do Grupo Escolar Padre Freitas, em Piripiri, no ano de 1930. Enérgica e boa, correta e simpática na sua maneira de transmitir. Sua folha de serviços prestados às crianças da época (a autora destas notas foi sua aluna durante o curso primário) é um atestado de cultura, abnegação e heroísmo. Seus ensinamentos foram bem assimilados servindo de base segura para o aprimoramento de muitas inteligências que hoje ilustram e levam longe o nome de Piripiri. Faleceu no dia 25 de janeiro de 1944.

RAIMUNDO FRANCISCO DE SALES, nascido a 20 de dezembro do ano 1960. Lecionou durante muitos anos em sua escolinha particular; posteriormente nomeado para uma escola nuclear, também prestaria relevantes serviços à causa da instrução no interior do Município. Foi casado com Deolinda Florinda de Castro. Filhos do casal: Maria Amélia, Antonio Francisco, Amélia Clemência, Carlota, Justina, Francisco Raimundo de Sales.

OMAR DE ANDRADE REZENDE, nascido no dia 27 de abril de 1923, em Piripiri, iniciou estudos em sua terra natal. Ginasial iniciado no Colégio Diocesano e concluído no Liceu Piauiense, em 1940. Estudou no Instituto Lafaiete, no Rio. Fez o complementar de En-

genharia submetendo-se ao exame necessário. Interrompeu os estudos por motivo de doença. Voltou a Piripiri. Sua primeira função pública foi em cartório. Fez concurso para tabelionato. Abriu uma escola para ensinamentos sobre cursos de admissão, ginásio e cientifico. Para a criação do Ginásio José Narciso da Rocha Filho, Omar Rezende é o cooperador, o baluarte. Assume a direção, enfrentando as mais sérias dificuldades. Mas não esmorece. Tem um braço forte na pessoa de sua esposa — Raimunda Pinheiro Rezende — E o casal, de mãos dadas, carrega o barco cheio de responsabilidades. E vence. A primeira turma é diplomada em 1964. Sai a segunda. A terceira. O Ginásio é estadualizado no Governo Petrônio Portela. Omar Rezende merece os aplausos do povo de sua terra. É um cidadão enérgico, um pouco temperamental, mas é um professor de vastos conhecimentos com uma grande facilidade para transmitir. Orador fluente, fala de improviso demonstrando uma cultura sadia aprimorada pela leitura de bons autores. Ingressou na política de sua terra na campanha de 1954 sendo eleito vereador para os períodos de 1955/1959 e 1959/1963, tendo exercido as funções de Secretário e Presidente da Câmara de Vereadores. Casado com Raimunda Pinheiro Rezende. Filhos do casal: Maria do Perpétuo Socorro, José Narciso, Omar, Maria Eugênia Teresa e Maria Agatha Margarete.

VIGARIOS DA PARÓQUIA

A Comunidade Católica de Piripiri teve como primeiro dirigente o Pe. Domingos de Freitas e Silva. Foi aquele o ministro responsável pela formação religiosa dos primeiros moradores do povoado que deu origem à progressista cidade hoje ocupada por milhares de habitantes. Outros padres prestariam assistência à Paróquia. O Pe. Joaquim Mariano Guimarães, de Batalha, residiu algum tempo na terra do seu colega. O Pe. Máximo Martins Ferreira, de Piracuruca, foi presença ilustre na instalação da Vila, em 1874.

A Igreja Matriz de N. S. dos Remédios, construção concluída em 1884, teve o seu primeiro livro de registros no ano de 1896, sob a responsabilidade do Pe. Firmino Souza, zeloso sacerdote que passou uma temporada em Piripiri. Pe. Firmino é substituído pelo Pe. Antonio Bezerra de Meneses, que toma posse no dia 9 de agosto de 1903. É outro sacerdote que merece aplausos não somente pela atuação como pároco mas, sobretudo, pela iniciativa de fundar um colégio, o "Instituto Arcoverde", estabelecimento que muito serviu para incentivar a instrução em Piripiri com o aproveitamento de inteligências que hoje ilustram a galeria piripiriense. Como sucessor do Pe. Meneses toma posse, a 16 de abril de 1914, o Pe. Lindolfo Uchoa, que também merece nosso respeito pela maneira correta como conduzia as almas do seu rebanho naquele começo de século. No dia 12 de março de 1916 deu-se a posse do Pe. Benedito Olimpio de Castro. Pe. Cristino da Silva Santos toma conta da Paróquia no dia 15 de outubro do referido ano. A 29 de abril de 1918 assume o Pe. Joaquim Nonato Gomes. Volta o Pe. Benedito Olímpio de Castro a assumir a Paróquia em 8 de abril de 1928. A 11 de janeiro de 1931 é substituído pelo Pe. Francisco Sales Soares. Ainda uma vez assume o Pe. Benedito Olimpio de Castro, no dia 30 de março de 1932. A 24 de dezembro de 1939 toma posse o Pe. Tarcisio Félix da Cruz. Com a saída do Pe. Tarcisio assume a direção da Paróquia, a 16 de maio de 1941, o Pe. ~~Raul Formiga~~. E o Pe. Raul, investido das funções de pastor das almas, pensa também no problema da juventude ávida de conhecimentos e instala uma escola primária e outra para o Curso Normal Rural, origem do Colégio das Irmãs, educandário que vem beneficiando a mocidade piripiriense. Durante onze anos permanece na Paróquia desempenhando as funções de Pároco e patrocinando a escola que implantara. Com a sua partida a comunidade entra em uma nova fase: a fase de reformas. Logo no primeiro dia do ano de 1953 toma posse o novo vigário — Frei Eraldo Stuke. Seu primeiro

ato foi propor aos paroquianos a reforma da velha matriz. Apoiado, deu início à importante tarefa que, no ano seguinte, 1954, a 13 de março, fazia a sua inauguração com o batizado do Bandeirinha, filho do médico Dr. João Bandeira Monte e d. Maria dos Remédios Rezente Monte. Frei Eraldo vai transferido. Toma posse Frei Solano, no dia 1º de agosto de 1955. A 18 de dezembro de 1958, é este substituído por Frei Francisco Polkmann. A este sucede Frei Humberto, em 19 de setembro de 1961. Frei Ivo Heitkaemper, um dinâmico sacerdote, idealizador e realizador, toma posse no dia 20 de abril de 1964. Mas a volta de Frei Francisco, por provisão de 30 de dezembro de 1967, aconteceria em substituição a Frei Ivo, para alegria dos paroquianos que vêem nele um sacerdote zeloso, um trabalhador incansável, um cidadão integro, um cooperador nas obras que beneficiam a comunidade e, o que é mais importante, um sacerdote que representa a segurança na Igreja de N. S. dos Remédios hoje empenhada em contribuir o máximo para o conhecimento da moral e do civismo, para o aprimoramento das almas confiadas à sua vigilância.

TITULARES DA COMARCA

O Dec. Nº 105, de 22 de julho de 1938, cria a comarca de Piripiri mantida pelo Dec. Federal Nº 876, de 23 de novembro do mesmo ano. Para ocupar o cargo de Juiz de Direito o Dr. Salmon de Noronha Lustosa Nogueira, em virtude do Dec. Nº 119, de 27 de agosto de 1938, foi removido, a pedido, do cargo de Juiz de Direito da Comarca de Corrente, 1a. entrância (*).

Dr. Salmon, nascido no dia 11 de abril de 1911, em Barra do Rio Grande, Bahia, formou-se em Direito na Faculdade do Recife-Pe. Casou-se com uma filha do ilustre médico piauiense Dr. Mirócles de Campos Veras. Filhos do casal: Dr. Carlos Augusto, cirurgião-destista, prof. universitário, e dr. Emídio Augusto, médico. Nomeado para a comarca de Piripiri assumiu o cargo de Juiz de Direito a 5 de outubro de 1938. Durante sua permanência na precitada comarca, foi a mesma elevada à 2a. entrância. Adaptando-se à vida simples e tranquila da cidade como um autêntico piripiriense, exerceu suas funções com integridade e justiça. D. Maria José, sua esposa, sempre relembra os dias felizes vividos em Piripiri, deixando transparecer a saudade característica das boas recordações.

Pelo Dec. Nº 309, de 8 de novembro de 1940, Dr. Salmon foi promovido, por merecimento, para o cargo de Juiz de Direito da 1a. Vara. De Parnaíba foi promovido, em 1965, ao cargo de Desembargador do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado. Em 1967, com a restauração da Justiça Federal no país, foi nomeado pelo então Presidente da República, Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, Juiz Federal em Brasília em maio de 1967, enquanto a Justiça Federal, Seção do Estado do Piauí, foi instalada oficialmente no dia 29 de maio de 1968.

O Dr. Salmon, na qualidade de Juiz Federal, é, também, por força da organização e constitucionalidade dos tribunais eleitorais, membro dessa Egrégia Corte.

Para exercer as funções de primeiro Promotor da comarca foi nomeado o Dr. Herberth Marataoan Castelo Branco.

Em substituição ao Dr. Salmon, assume o cargo de Juiz de Direito, a 3 de janeiro de 1941, o Dr. João Turíbio Monteiro de Santana, que durante quinze anos desempenharia suas elevadas funções prestando relevantes serviços à comunidade.

(*) Piripiri era então Termo Judiciário da Comarca de Pedro II e, elevada à categoria de Comarca foi o dr. Salmon de Noronha Lustosa Nogueira o seu primeiro titular.

Com a sua promoção para a comarca de Parnaíba, é substituído pelo Dr. Sílvio Marques Meireles, que toma posse no dia 9 de janeiro de 1956.

A partir de então ocuparam o cargo nas datas seguintes:

02 de março de 1960 — Dr. José Lopes Castelo Branco.
02 de fevereiro de 1963 — Dr. Álvaro Brandão Filho.
02 de agosto de 1965 — Dr. Adolfo Uchoa Filho.
02 de abril de 1966 — Dr. Laurindo Raulino.
02 de outubro de 1971 — Dr. João Nonon de Moura Fontes Ibiapina, que continua em exercicio.

O cargo de Promotor atualmente é ocupado pelo Dr. Antonio Hermenegildo de Assunção.

Com este registro homenageamos os titulares da Comarca de Piripiri na pessoa do Dr. Salmon de Noronha Lustosa Nogueira, o primeiro a ocupar o elevado cargo.

PIRIPIRIENSES

ACELINO COELHO DE REZENDE (1903 — 1954) — Foi comerciante. Eleito Vice-Prefeito de Piripiri no pleito de 1948. Ressalte-se a sua valiosa colaboração em Capitão de Campos conseguindo ser o pioneiro da implantação da cidade. Acelino foi casado com Maria Bandeira de Rezende. Deixou os seguintes filhos: José, Nilson, Jandira, Maria José, Ivonete, Francisco, Ivone e Ivonilde.

DR. ADAUTO COELHO DE REZENDE (1906) — Médico. Escreveu tese para obter o grau de doutor em Medicina sobre o "Tratamento do Pé Torto equino-varo congênito, sem intervenção sangrenta". Aprovado com distinção. Curso Superior em Pediatria e Higiene Infantil, no Hospital Artur Bernardes hoje Instituto Fernandes Figueira. PRINCIPAIS FUNÇÕES E ATIVIDADES REALIZADAS NO DEPARTAMENTO NACIONAL DA CRIANÇA E INSTITUTO FERNANDES FIGUEIRA: Assistente voluntário da 7a. Enfermaria do Instituto Fernandes Figueira. Delegado Oficial do Estado do Piauí à Primeira Conferência Nacional de Proteção à Maternidade e à Infância realizada no Rio de Janeiro. Médico da Inspetoria de Higiene Infantil. Designado para chefiar o Ambulatório de Clínica Pediátrica Médica. Diretor do conjunto de clínicas especializadas que compunham o novo Ambulatório do Instituto Fernandes Figueira. Escreveu: "Organização de Ambulatórios-Modelo". Diplomado no "Curso de Puericultura e Administração de Serviços de Amparo à Maternidade, à Infância e à Adolescência", do Departamento Nacional da Criança. Nomeado Puericultor interino do Departamento, efetivado posteriormente. Professor de cursos de Puericultura do Instituto Fernandes Figueira. Escreveu roteiros e dirigiu filmes de caráter educativo sobre problemas da criança. Designado várias vezes para representar o Departamento Nacional da Criança, no Estado do Piauí, fez conferências, exposições de puericultura, cursos de orientação às mães, inspecionando os serviços locais relativos à maternidade e à infância. Representou o Piauí na "Primeira Jornada de Puericultura e Pediatria", realizada no Rio de Janeiro, em 1947. Colaborou ativamente nas "Semanas da Criança" do Departamento Nacional da Criança, promovendo, além de outras atividades, palestras pelo rádio. Colaborou na organização do "Banco de Sangue" e do "Lactário de Leite Humano", do Instituto Fernandes Figueira. Chefiou durante alguns anos, a "Secção de Auxílios às Obras Sociais" da "Divisão de Proteção Social" do Departamento Nacional da Criança. Professor de Curso Superior de Pediatria e Higiene Infantil. Escreveu cerca de 60 trabalhos sobre pediatria e pue-

ricultura, entre observações de casos clinicos e livros de educação popular. Chefiou o Serviço de Doenças Infecto-Contagiosas do Instituto Fernandes Figueira. Médico do Centro de Orientação Juvenil do Departamento Nacional da Criança. CARGOS HONORÍFICOS: Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Pediatria. Membro da Academia Americana de Pediatria. OUTRAS ATIVIDADES: Em 1934, com Edgar Filgueiras, fundou o "Jornal de Pediatria", tendo sido redator-secretário e colaborador por longo período. Diretor do Serviço de Orientação Médico-Social da Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro desde 1943. Professor de Puericultura em cursos da Legião Brasileira de Assistência e de outras entidades. Fundador da Clínica Infantil Ana Maria Dale, em Araras, 2º Distrito de Petrópolis, para atendimento gratuito a crianças desprotegidas, tendo sido seu diretor durante 28 anos. Professor de "Curso de Orientação aos Pais", organizado pela Associação Cristã de Moços sob sua orientação e com os auspicios do Departamento Nacional da Criança. Crefiou o Serviço Médico do Trabalho de Extensão da Tijuca. Médico da Clínica de Crianças da Casa de Portugal. Manteve na Revista "Vida Doméstica" a seção "Como Criar e Educar nossos Filhos". ATIVIDADES EXTRA-MÉDICAS NA ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS: Presidente do Corpo de Líderes. Membro da Comissão Coordenadora. Membro da Comissão do Serviço de Orientação Médico-Social. Membro do Conselho de Departamento de Educação Física e Saúde. Membro do Conselho de Menores. Aposentou-se no Serviço Público Federal e afastou-se da clínica privada, dedicando-se exclusivamente ao trabalho na Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro.

Adauto de Rezende não ficou alheio ao progresso de sua terra natal. No ano de 1944, por ocasião de uma das suas visitas à casa paterna, fundou a Sociedade de Proteção à Maternidade e à Infância de Piripiri, entregando a Presidência ao então vigário Padre Raul Formiga. Dois anos e oito meses depois encontra a referida sociedade sem nenhum registro de atividades. Reorganiza-a e, desta vez, coube a direção a Moacir de Araújo, na época Gerente da Agência do Banco do Brasil. A entidade toma um grande impulso. Foram admitidos vários sócios e é iniciado o movimento em prol da construção de um prédio destinado ao Posto de Puericultura sob os auspicios da Sociedade de Proteção à Maternidade e à Infância de Piripiri. O cidadão Cassiano Coelho de Rezende, num gesto nobre, fez a doação do terreno necessário. Dr. Adauto de Rezende é o baluarte, o orientador. Colaborador único junto ao Departamento Nacional da Criança consegue subvenções para construção e manutenção do Posto de Puericultura que seria inaugurado festivamente no dia 19 de agosto de 1951, recebendo o nome de "POSTO DE PUERICULTURA DR. ADAUTO DE REZENDE", por

determinação do então Governador do Piauí — Dr. José da Rocha Furtado.

Hoje, no local, funciona a FSESP. Mas o nome de "Adauto de Rezende" continua na fachada do prédio e na lembrança de quantos conheceram a sua valiosa cooperação, numa reconhecida homenagem.

DR. ADÉRSON FERREIRA FILHO — Agrônomo. Tem os seguintes cursos de especialização: Curso de Apicultura. Curso de Treinamento Básico de Professores (Campos — RJ). Exame de Suficiência-Matemática. Curso de Defesa Sanitária. FUNÇÕES DESEMPENHADAS: Engenheiro-Agrônomo no Ministério da Agricultura (Niterói). Executor substituto do Serviço de Acordo no Estado do Rio. Serviço de Promoção Agro-Pecuária (Macaé). Encarregado da Circunscrição Agrícola (Macaé). Professor do Ensino Médio (Matemática 2º ciclo), no Colégio Estadual "Luis Reid" (Macaé). Procurador COHIDRA — Hidráulica e Terraplenagens. No ano de 1965 fez viagem de estudos à Argentina. Escreveu um artigo sobre agricultura, publicado no "Correio da Manhã" e transcrito no Boletim Fluminense de Agricultura. Casou-se com Maria Auxiliadora de Moura Ferreira. Filhos do casal: Adérson, Ludmila Rosa e Paula Beatriz.

ALMIR OLIVEIRA E SILVA (1905) — Exerceu vários cargos de destaque no Piauí e em Minas Gerais. Casado com Luse Oliveira e Silva. Filha do casal: Jane.

PROF. ÁLVARO ALVES FERREIRA (1892 — 1963) — Cirurgião-Dentista. Professor, Orador fluente, poeta, escritor, jornalista. Lendo, escrevendo, pesquisando, foi afirmação de inteligência de cultura e de idealismo. Na Academia Piauiense de Letras ocupou a cadeira nº 26, cujo patrono foi o Dr. Simplicio Coelho de Rezende. Casou-se com Ormina de Melo Ferreira. Filhos do casal: Antonio, Álvaro e Maria da Piedade.

O Governo do Piauí homenageou a memória de Álvaro Ferreira dando-lhe o nome a um ginásio, em Teresina. Piripiri, sua terra natal, tem o seu nome numa praça. Mas a melhor prova de sua passagem neste planeta está contida em sua produção literária. "Da Terra Simples", publicado em 1958, revela um pouco do muito que pesquisou para a história piauiense. Nunca esqueceu sua terra berço. Tinha acentuado interesse pelos problemas da instrução de Piripiri, desejando ver um dia a mocidade de sua terra colhendo frutos sazonados que só o saber produz nos espíritos.

TENENTE ÁLVARO DE ALENCAR VIEIRA (1924) — Tem curso de Filosofia (Matemática) incompleto. Na carreira militar serviu no

25 BC — 10a. Companhia de Transmissões, em Fortaleza, ex-Escola de Comunicações do Exército, em Deodoro, no Rio. QG da 8a. Região, em Belém. 3a. Companhia de Fronteiras, em Porto Velho (Rondônia). Pelotão de Fronteiras de Forte Principe da Beira (na época — conta ele — as Unidades ainda eram cobertas de palha). Voltou a servir no 25 BC e, em seguida, Serviço de Rádio do Ministério do Exército, na Guanabara (Central Rádio). 3º Batalhão do 2º RI — (Batalhão de Suez), Gaza (Egito). Central Rádio — QG da 11a. R.M., em Brasília. 1º Tenente do Serviço de Comunicações da Presidência da República.

Álvaro também exerceu as funções de professor de Matemática em Teresina. Seus ex-alunos, hoje formados, são militares que honram as fileiras do glorioso Exército Brasileiro.

Casou-se com Maria Luiza Melo de Alencar Vieira. Filhos do casal: Lenise, Alvaro, Atualpa, Antônio e Palmira.

DR. ANTENOR ARAÚJO FREITAS (1926) — Médico. Realizou cursos de Leprologia em Juiz de Fora, MG. Nomeado médico do Centro de Saúde Carlos Chagas, de Belo Horizonte, trabalhou até 1958. Nessa época resolveu rever sua terra, seus familiares. Em Piripiri iniciou o Serviço Cooperativo do Piauí, hoje FSESP. Tem curso de Cirurgia na Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Posteriormente estagiou no Centro Cirúrgico do Hospital Getúlio Vargas, em Teresina. Médico do Hospital Chagas Rodrigues, depois Diretor.

Dr. Antenor, descendente das tradicionais familias piripirienses — Medeiros e Freitas —, renunciou à vida promissora que lhe oferecia a bela capital mineira para viver em sua terra natal servindo à coletividade, num gesto digno de louvor. Casou-se com Maria José de Melo Freitas. Filhos do casal: Maria Virginia e Francisco.

ANTENOR CHAGAS DE MEDEIROS (1901 — 1961) — Começou suas atividades como caixeiro em uma casa comercial da cidade de União-Pi. Ingressou como balconista na "Casa Paulista", em Parnaíba, filial de Irmãos Lundgren, de Pernambuco. Gerente da filial de Floriano (Pi.), sub-gerente da filial de Teresina. Convidado pelo Chefe-Geral da firma sr. Frederico Lundgren, foi trabalhar junto à administração Geral em Pernambuco. Visitou todo o norte do País. Ao regressar foi distinguido com a honrosa promoção ao cargo de Co-Gerente (o mais alto posto alcançado por um funcionário daquela conceituada firma), da Sucursal da cidade. Deixou a firma por motivo de saúde. Foi Gerente de Vendas da firma Exportadora Votex S/A., subsidiária do Grupo Votoranti de São Paulo. Ministro da Irmandade de São Jorge e Tesoureiro da Imperial Irmandade de N. S. da Glória do Outeiro. Era um cidadão humanitário, sempre disposto

a ajudar os necessitados. Possuia vasto círculo de amizades. A última temporada de sua vida terrena passaria na terra berço, junto aos familiares.

DES. ANTERO COELHO DE REZENDE (1880 — 1948) — Curso Superior nas Faculdades de Direito de Fortaleza e Recife onde se formou em 1905. Participou da vida pública do seu município exercendo as funções de Secretário do Conselho de Intendência. Deixou Piripiri indo residir em Manaus com o tio Simplicio Coelho de Rezende, advogado naquela cidade. Começou a trabalhar como amanuense do Tribunal de Justiça do Amazonas, e após terminar o curso de Direito foi nomeado Secretário do referido Tribunal. Juiz de Manacapuru (Am.), sendo varias vezes convocado para ir à capital do Estado a fim de substituir Desembargadores em seus eventuais impedimentos. Em 1923, no Governo de César do Rego Monteiro, por questões politicas, suprimiu-se a Comarca de Manacapuru visando essa medida violenta do Governo a afastá-lo da função pública que exercia naquele município. Desempregado e sem condições para exercer qualquer emprego no Estado do Amazonas, aceita o convite que lhe fizera o Governador do Piauí — Mathias Olimpio de Melo — para assumir as funções de seu Secretário. Ainda no mesmo Governo, em 1926, é nomeado Desembargador. Posteriormente, com a mudança do Governo do Amazonas, foi restabelecida a Comarca de Manacapuru e ele chamado a ocupá-la. Renunciou ao cargo de Desembargador e volta a ser Juiz em Manacapuru de onde saiu com a Revolução de 1930, pois fora nomeado Desembargador pelo Estado do Amazonas. Nessa ocasião criou-se o Tribunal Eleitoral, tendo então ocupado, simultaneamente, a Presidência dos dois Tribunais, de Justiça e Eleitoral. Durante os 45 anos de efetivo exercício no Estado do Amazonas, prestou relevantes serviços à causa pública, através de pareceres que ficaram famosos na história da magistratura amazonense, considerando-se, sobretudo, o alto grau de conhecimentos jurídicos que possuía, a honestidade e o espírito de justiça com que agia nas decisões.

Casou-se em Manaus com Luzia Gadelha de Rezende. Filhas do casal: Crysólita, Violeta e Lenise.

A Prefeitura de Manacapuru, onde residiu 18 anos como Juiz, prestou-lhe significativa homenagem designando uma rua daquela cidade com o seu nome.

MAJOR ANTONIO ALBINO DE ARAÚJO E SILVA (1844) — Elemento de destaque no seu tempo. Vereador participante na instalação da Câmara em 1875, servindo até 1877. Casou-se com Lucinda Rosa de Araújo e Silva. Filhos do casal: Cassiana, Cândida Rosa, José Albino.

ANTÔNIO ALENCAR VIEIRA (1918 — 1941) — Foi uma das inteligências privilegiadas de Piripiri. Pena que a sua permanência na terra tenha sido tão curta! Nele, a vontade de estudar superou todas as dificuldades. Sua terra nada podia lhe oferecer. E assim vamos encontrá-lo em Parnaiba, estudando e trabalhando, sempre contribuindo para a manutenção dos seus familiares que deixara em Piripiri. Era um jovem simples e de um espírito admirável. Jornalista, poeta, orador, sobretudo, amigo dos amigos, salientando-se pela combatividade que lhe era peculiar. Foi Diretor responsável do jornal "A Conquista", de Teresina, e colaborador de "Ciclo", de Parnaíba, além de outros órgãos publicitários da época. Precursor dessa juventude moderna que tanto admiramos. Assim escrevia ele na "Folha Estudantil" de Teresina, nº 52, de 16 de abril de 1939:

"Unidos pelos laços da amizade
Nos nossos santos ideais do Amor
Iremos defender a mocidade,
Avivando os seus traços de valor,
Organizando o Bem, a Lealdade.

Estes que hoje vivem nas escolas
São de futuro as mais possantes molas.
Todos nós, companheiros estudantes,
Unidos, chegaremos triunfantes,
Dentro dos sãos principios da Justiça,
A um futuro de glórias. Sem cobiça,

Nós formaremos uma Pátria forte,
Toda em progresso, desde o Sul ao Norte.
Iremos com o Brasil, temos de ir,
Lutando, às grandes Glórias do Porvir".

Sua morte, pranteada pelos amigos, deixou um vácuo impreenchivel no seio de sua família e de sua terra natal. De sua bondade falaram R. Fonseca Mendes, Darcy Araújo, Nicanor Barreto, Lauro Andrade Correia, Olegário Gonçalves e muitos outros. Entre as manifestações de pesar não faltaram as de Sued Frazão, Haroldo Amorim Rego, Crisóstomo C. Azevedo. Era um preito de saudade — última homenagem prestada ao piripiriense Alencar Vieira.

ANTONIO ALVES FERREIRA (1866 — 1916). Coletor de Rendas Estaduais, Vereador em várias legislaturas. Procurador da Câmara. Juiz Distrital. Casou-se com Joana Paula. Filhos do casal: Adelina, Álvaro, Adérson, Odilon, Oscar e Maria Emília.

ANTÔNIO COELHO DE ANDRADE REZENDE (1896 — 1944). Comerciante honesto e trabalhador, membro de várias associações no Município, de algumas exercendo a Presidência. Sua grandeza de coração conseguiu estima e consideração na cidade. Casou-se com Enedina Bandeira Monte. Filhos do casal: Maria da Glória, Raimunda, Antonio, Odival, Isolete, Crisólita.

ANTÔNIO COELHO DE ANDRADE REZENDE FILHO, nascido no dia 15 de setembro de 1924. Farmacêutico formado na Faculdade de Recife. Casado com Maria da Graça Andrade Rezende. Tem dois filhos.

Dr. ANTÔNIO FRANCISCO DE REZENDE — Nasceu no dia 22 de maio de 1928. Tem o Curso de Comércio. Curso de Direito. Trabalhou na Delegação Federal do Tribunal de Contas e na Assembléia Legislativa do Ceará, como Assessor Técnico. Foi Promotor de Aquirás. Ingressou na magistratura do Piauí como Juiz de Direito de Pio IX. Juiz nas Comarcas de Batalha, Pedro II e Castelo do Piauí. Atualmente está em disponibilidade e trabalha como advogado da ESP — Construtora e Pavimentadora S/A. Publicou "Natureza Jurídica do Contrato de Trabalho", em 1957. Casou-se com Maria Zuila Augusto de Oliveira. Filho do casal: Antonio Carlos.

Dr. ANTÔNIO DE FREITAS REZENDE — nascido em Piripiri, no dia 30 de outubro de 1935. Estudou na Faculdade de Direito do Piauí. Iniciou carreira profissional como advogado em Piripiri. Nomeado Promotor de Esperantina. Juiz Adjunto da 2ª Zona Judiciária do Piauí, com sede em Campo Maior. Promovido por antiguidade para o cargo de Juiz de Direito de 1ª entrância, na comarca de Alto Longá. Promovido por merecimento como Juiz de 2ª entrância na comarca de Castelo do Piauí. Juiz Eleitoral das zonas eleitorais das respectivas comarcas. Professor de Geografia. Professor de Desenho no Ginásio José Narciso da Rocha Filho, em Piripiri. Diretor do Ginásio Municipal de Esperantina. Professor de Organização Social e Política e Geografia na mesma cidade. Fundador, Diretor e Professor de Geografia no Ginásio Rodrigues de Alencar, em Alto Longá. Professor de Geografia e OSPB e Educação Moral e Cívica, no Ginásio Castelense, em Castelo.

Casou-se com Dinair Reis de Freitas Rezende. Não tem filhos.

Dr. ANTONIO HERMENEGILDO DE ASSUNÇÃO, nascido em 1909. Formado na Faculdade de Direito de Fortaleza, na turma de 1933. Deputado Estadual de 3 de julho de 1947 a 29 de dezembro de 1950, quando nomeado Promotor de Altos. Promotor de Ribeiro Gon-

çalves, Bom Jesus (nessa época designado para Campo Maior), Castelo e, finalmente, Piripiri. Casado com Maria Vieira Assunção. Filhas do casal: Maria da Conceição, Susana, Elenita.

Dr. ANTONIO DE PÁDUA MENDES — nascido em 26 de fevereiro de 1938. Formou-se na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, na turma de 1963. Suas atividades profissionais foram iniciadas no Hospital Chagas Rodrigues, em Piripiri. Voltando ao Ceará foi cirurgião do Hospital do Pronto Socorro durante cinco anos. Médico da Penitenciária do Ceará. Cirurgião da Base Aérea. Médico do Hospital Geral de Fortaleza, Chefe do Serviço Médico do Sanatório Otávio Lobo — da Sec. da Justiça. Eleito Membro Associado do Colégio Brasileiro de Cirurgiões. Casado com Clara Maria Rodrigues Mendes. Filhos do casal: Cláudia Rejane, Ana Cristina e Adriano.

Dr. ANTONIO DE PÁDUA REZENDE (1908 — 1944) — Pádua chegou à capital maranhense no início de 1930. Integrado na coletividade ligou-se ao grupo que realizou a Revolução desempenhando as funções de Oficial de Gabinete da Junta Governativa Revolucionária, de Oficial de Gabinete do Secretário Geral do Governo Provisório e, posteriormente, as de redator do vespertino "Diário da Tarde". Formou-se em Direito na turma de 1934. Exerceu a advocacia especializando-se em Direito do Trabalho. Foi o "mais conceituado e procurado causídico para as questões subordinadas ao foro trabalhista". Foi ainda Promotor da Comarca de Pinheiro e Assistente Judiciário ao Proletariado e Procurador dos Feitos da Saúde Pública, em São Luiz, Delegado Seccional da 1ª Zona, no Recenseamento de 1940. Diretor da Divisão da Imprensa e Obras Gráficas do D.E.I.P., além de outras funções de destaque no Estado. Lecionou Economia Politica no Curso Pré-Juridico do Colégio Estadual do Maranhão e foi professor catedrático de Direito Públiico Internacional da Faculdade de Direito da Fundação Paulo Ramos. Membro do Rotary. Foi casado com Maria Celeste Gomes de Rezende e deixou uma filha de nome Maria Helena.

Dr. AUGUSTO COELHO DE REZENDE (1890 —) — Cirurgião-Dentista, dedicou-se inteiramente ao exercicio da profissão. Nunca aceitou cargo público. Casou-se duas vezes: a primeira com Alda Fortes de Rezende. Não houve descendentes. Do segundo matrimônio, realizado com Maria Lina Cruz Santos Araújo Rezende, teve 13 filhos dos quais nove estão vivos: José Augusto, Flora Maria, Maria Helena, Marcos, Celina, Maria Auxiliadora, Luize, Celina Maria e Alice Maria.

AURÉLIO FREITAS, nascido a 5 de outubro de 1894. Saiu de sua terra natal levado pelo irmão Benedito Aurélio de Freitas (Baurélio Mangabeira): Ia com o curso primário. Em Teresina continuou os estudos iniciando aprendizagem em casa comercial. Assim formou a base de seis conhecimentos gerais e adquiriu preparo em contabilidade. Foi mais tarde para Parnaiba. Trabalhou em escritas de empresas de importação, ingressando, depois, no Banco do Brasil, no qual, durante um longo periodo de atividades, atingiu, em sucessivos acessos, o mais alto posto efetivo, além de exercer funções de administração e direção, tais como Contador das filiais de Teresina e Fortaleza, Gerente em Arcoverde(Pe), Parnaiba(PI) e Belém do Pará, Inspetor de Agências em vários Estados e Subgerente da Carteira de Crédito Geral e ainda, Liquidante de Banco por indicação da Superintendência da Moeda e do Crédito (depois Banco Central) e nomeação do Ministro da Fazenda. Foi Presidente da Companhia de Seguros "A Equitativa". Casou-se com Joana Passos Freitas. Tem oito filhos: Maria de Lourdes, Moacyr, Murilo, Maria Augusta, Aida, Martha, Rui e Gilda.

Eterno enamorado de sua terra natal, com o sentimentalismo peculiar aos nordestinos, escreveu:

PIRIPIRI

"Recordo com saudade a terra onde nasci,
Suas manhãs de sol, suas tardes formosas,
As noites de luar, as campinas viçosas,
As águas em murmúrio... aquilo que senti.

"De beleza e de amor e tudo quanto vi
De pompas naturais. As árvores frondosas,
Os pássaros cantando, as flores perfumosas,
Os montes que subi, os vales que desci.

"Em folguedo infantil, as matas sussurrantes
Ao vento, os bois pastando em fazendas distantes,
As lagoas azuis, tão plácidas, tão belas...

"Piripiri me vem em fúlgida lembrança
Do tempo em que parti quando ainda criança
Em busca do Ideal, guiado por estrelas".

AVELINO COELHO DE REZENDE — Exerceu as funções de Telegrafista. Posteriormente trabalhou com o Cel. Antonio Chaves, tio de sua esposa — Josefina Pires Chaves de Rezende — na firma "Cré-

dito Mútuo Predial". Foi Gerente em Teresina e Inspetor Geral em vários Estados. Deixou uma filha de nome Isolete.

BENEDITO AURÉLIO DE FREITAS (Baurélio Mangabeira) nasceu na fazenda Pau Darco (hoje bairro da Estação), Piripiri, às 13 horas do dia 18 de julho de 1834.

Benedito — nome recebido na pia batismal — cumpria um voto de sua mãe (IZABEL) falecida após dar-lhe a luz. Mas o futuro poeta não gostou e tomou uma decisão: adotar um novo nome. Queria um nome expressivo como a poesia que lhe marcaria a vida. Um nome significativo. Com o B inicial de Benedito e Aurélio (parte do nome de seu pai e do Imperador Marco Aurélio, o rei-filósofo) formou Baurélio. Para sobrenome preferiu Mangabeira, nome de uma árvore que constituía na época uma fonte de riqueza para o Piauí. E Baurélio Mangabeira surgiu ilustrando a história piauiense como atestado positivo de uma inteligência privilegiada. Baurélio Mangabeira, na opinião abalizada de Alarico da Cunha, significa: o poder, a sabedoria e a riqueza, os três principais fatores do progresso e da civilização.

Seus estudos foram feitos inicialmente em sua terra natal com o professor Nélson Francisco de Carvalho. Aos 12 anos começou a sua peregrinação pelos caminhos da vida. Foi para a cidade de Barras levado por seu avô Porfírio de Freitas e Silva. Dali seguiu para Teresina e Floriano. Trabalhando como humilde comerciário, estudante nas horas vagas, habilitou-se como farmacêutico. E foi um farmacêutico humanitário. Competente. Ensaiou os primeiros versos. Versos líricos dignos de admiração. Seu espírito irrequieto contribuiu para a sua transformação em boêmio. Satírico. Publicou os "SONETOS PIAUIENSES", versos humorísticos e agressivos.

Sua atuação em Teresina foi das mais brilhantes. Membro fundador da Academia Piauiense de Letras, ocupou a cadeira tendo como patrono Teodoro de Carvalho e Silva Castelo Branco, o Poeta Caçador. Colaborou em vários órgãos culturais da época. Deixou bagagem suficiente para memorização do seu nome. Mas o valor intelectual de Baurélio, o seu melhor atestado é, sem dúvida, o seu perfil poético traçado por Fenelon Castelo Branco no Livro "Nossos Imortais".

Mas falar de Baurélio na Academia de Letras, na vida literária de Teresina, muitos já falaram. Queremos dizer algo sobre o Baurélio na intimidade de sua terra natal, sob um sol causticante de outubro ou embalado pela brisa suave do "parnaibano" ou ainda ouvindo o mugido saudoso dos bois da Vereda, lugar de sua preferência, onde passava agradáveis momentos. Visitava as fazendas vi-

zinhas, os povoados, os sítios. Admirava a natureza sempre em busca de motivação para os seus versos. Encantava-o olhar o gado nos currais, sob o olhar vigilante dos vaqueiros. Estava sempre de bom humor distribuindo alegria em prosa e versos. Certa vez, na Vereda, avista os primos Gerino e Biano Freitas. Caminhavam a passos lentos, calmos e despreocupados. O poeta-boêmio manifesta o seu lado satírico:

"Lá vem o Biano e o Gerino
Um sem plano e outro sem tino
Lá vem o Gerino e o Biano
Um sem tino e outro sem plano".

Enamorado de uma conterrânea, Edwiges Oliveira (conhecida por Dinoca), moça bonita e prendada residente no lugar "Estreito", perto de Piripiri, quando algum amigo lhe dirigia um "Como vai" logo ouvia a resposta:

"Vou por aqui sem jeito
Por ali contando broca
No pensamento — o Estreito
No coração — a Dinoca".

Desfez-se o namoro. Baurélio procura um novo amor e encontra a senhorinha Raimunda Oliveira conhecida por Dica, residente em Alto Longá. E o nosso poeta observa que entre DINOCA e DICA havia um "NÓ" e isso atrapalhava o romance com a primeira. Casou-se com a última.

Baurélio foi proprietário de uma farmácia em Piripiri. Dr. José Chagas de Medeiros, Dr. João Bandeira Monte e Nilo Bandeira, quando garotos, eram inseparáveis companheiros. Um dia resolveram visitar a farmácia do conterrâneo. Ali chegados viram o farmacêutico um tanto "alto" e logo perguntando se sabiam que ele era "Capitão-de-Campo". Os garotos desconheciam a "patente" e Baurélio resolve explicar com um exemplo: mandou que os três se colocassem um ao lado do outro formando ala. Depois pegou de um facão rabo de galo que estava em cima da mesa e falou:

"Agora vocês fiquem quietinhos. Eu vou passar este facão na barriga dos três para ver se a linha está certa. Se não estiver eu acerto".

Foi um Deus nos acuda! Os garotos, amedrontados, não encontraram outra saída a não ser pular para o outro lado do balcão e, saltando por cima de um pé de romã, felizmente conseguiram escapar à experiência daquele excêntrico capitão-de-campo.

Outra de Baurélio: o Cel. Tomaz Rebelo, conhecido chefe po-

lítico de Piripiri, adquirira um veículo para suas viagens. José Ferreira de Santana, o conhecido Zemotor, foi o homem arranjado para motorista. Conhecia máquinas, entendia de eletricidade, era uma pessoa correta e estimada. Um dia o Cel. Tomaz necessitou dos serviços profissionais de um farmacêutico e manda que o seu motorista vá procurar Baurélio. Zemotor sai no carrinho do Coronel. Ao chegar à praça deixa o carro estacionado numa sombra e entra na farmácia. Mas antes de dar o recado vai abordado pelo proprietário:

"Zemotor, você sabe o que é manipular?"

O motorista responde negativamente com uma inclinação de cabeça.

"Pois venha ver como é — diz o farmacêutico — eu vou fazer uma demonstração."

Ora, Baurélio era um químico natural, sabia como usar os ingredientes para uma mistura qualquer. Pega um copo de vidro, põe nele um pó, junta um pouco dágua, mexe tudo e oferece ao freguês que se esquiva com uma desculpa.

Baurélio notou que o motorista estava com medo daquela mistura e resolve tomar uma parte do líquido. Aí a cousa mudou de figura. Zemotor resolve experimentar um pouquinho e acha a bebida deliciosa, externando sua opinião.

"Essa não é boa — comenta o farmacêutico — quer ver outra melhor?"

E entre "umas e outras", todas preparadas pelo simpático manipulador, Zemotor nem falou no recado do Cel. Tomaz.

Horas depois um portador do Coronel vai saber o que houve. Proprietário e freguês estavam caídos na farmácia, sob a ação violenta do "excelente remédio".

Uma outra das suas aconteceu em um dia de domingo. Havia combinado almoçar em casa de seu tio Raimundo de Freitas e Silva. Uma galinha gorda ao molho pardo, preparada caprichosamente para o bom apetite do poeta convidado, era o prato do dia. Mas o fracasso começou cedo. Baurélio saiu de casa com o seu traje costumeiro de fraque e cartola, bebeu umas pingas e andava pelas ruas fazendo discursos. A notícia correu célere e chegou aos ouvidos de Raimundo de Freitas, única pessoa a quem Baurélio temia e obedecia nessas ocasiões. Raimundo vai procurá-lo. Antes mesmo de qualquer reprimenda, o poeta fala humilde e submisso:

"Abenção, tio Mundim".

Nesse dia o almoço resultou num caldo e num café amargo.

"A JORNADA", jornal fundado pelo poeta piripiriense, era ilustrado de propaganda contra o analfabetismo. Circulava em dias determinados. Em qualquer lugar em que estivesse o poeta ali es-

tava o prelo portátil cujos tipos haviam sido confeccionados com a arte e a dedicação do proprietário. Era composto, impresso e ilustrado, exclusivamente pelo fco. B. A. de Freitas.

Já ia longe o dia em que resolvera fundar em sua terra natal um ponto ideal para seus devaneios de poeta-boêmio. A zona norte foi o local escolhido. Certa manhã decidira iniciar os trabalhos preparando o terreno para os alicerces. Saíra de casa cedinho em companhia de Simplício Boca Preta. Levavam picaretas, enxadas, pás, foices, machados, todas as ferramentas necessárias ao bom êxito da obra. E tudo isso, amarrado na cintura dos dois "operários", emprestava um ar grotesco às duas figuras que desfilavam pelas ruas naquela manhã serena. Fora um espetáculo interessante e que ainda vive na lembrança dos baurelianos da época. Algum tempo depois o sonho do poeta tomou o aspecto de uma vila que recebeu o nome de "VILA CABRA", nome conservado por muitos anos. Era mais ou menos à altura do Grupo Escolar Cassiana Rocha, na continuação da Av. Tomaz Rebelo, hoje uma das principais artérias da cidade.

Em uma de suas viagens a Alto Longá, a "JORNADA" acompanha-o na sua peregrinação. Ali escreve:

"Naquela" tarde lírica e serena,
Cheia de encanto e dúlcida visão,
Eu te senti, mirífica falena,
Dentro do meu sensível coração...

Por terras do Longá, paisagem amena,
Eu cavalgava no arenoso chão,
Perante a nívea luz do sol na arena,
Verdes e espessos matos do sertão.

Foi quando ouvimos os pássaros cantando
Que meus olhos de bardo foram olhando
O pátio da fazenda Sentinela...

E estavas tu! Senhora feiticeira,
No terreiro da casa hospitaleira
Ó divina mulher, criatura bela!"

Ali estava a sua deusa, a deusa dos seus sonhos de poeta.

No dia 21 de junho de 1927 realizava-se o casamento de Bauréo com Raimunda Oliveira do Nascimento. Foram padrinhos dos noivos: Sras. Maria Lina Cardoso de Vasconcelos, Rosinha de Areia Leão, Coronéis Manuel Cardoso e Luiz Fernandes de Vasconcelos. A festa revestiu-se de um brilhantismo todo especial, contando com a

fidalga maneira de receber do incansável cap. Possidônio e sua digna esposa D. Feliciana de Oliveira do Nascimento. A JORNADA registrou o feliz acontecimento em sua edição de 25 de setembro de 1927, frisando a duração da festa que foi de 21 a 23, portanto, 3 dias de festas como nas histórias das antigas babás.

Dessa união registrou o casal três filhos: Francisco de Assis (falecido ainda criança), José Henrique e Maria de Lourdes.

Das poesias de Baurélio destacamos

Ode a Maio

"Maio! Canção de pássaros nos ramos...
Raparigas bonitas nos vinhedos,
Niveas saias prendendo em niveos dedos,
Cantando o mesmo amor, que nós cantamos...

"Maio! Canção de líricos enredos
De namorados e de gaturanos...
Viçosa flor a abrir por onde vamos,
Flor suavizando as fendas dos rochedos...

Maio! — Flocos de neve pelas franças...
Neve nublando as minhas esperanças
Nestes atros caminhos que transponho...

Maio! Chuva de neves nos abrolhos,
Caindo na retina dos meus olhos,
Sobre a miséria eterna do meu sonho".

Versátil como ele só, amava os seus a seu modo. E a prova disso temos no soneto dedicado aos irmãos:

"Quando eu morrer, sensiveis criaturas,
Filhas de Carolina e Aurcliano,
Dispenso as vossas lágrimas tão puras,
E o vosso amor por mim, tão soberano!

Isolem-me entre estranhas sepulturas,
Que este é o prazer real de que me ufano,
Oh! me não chorem, ternas criaturas!
Morto não sofro e disso não me engano.

Vossa virtude e a de meus pais não mancho!
Deixai-me lá no derradeiro rancho,
— Palácio sepulcral da Eternidade.

Deixai-me sossegar! Deixai-me só!
O coração do morto desce ao pó
Como um monstro insensível à saudade."

Sua grande revelação é, por certo, um grito de sua própria alma angustiada e exemplificante:

"Oh! Não julgues que a vida não maldigo
Seja porque minhalma não sofreu
Os travos da desgraça — agro castigo —
Que dizem vir do inferno ou vir do céu.

Poucos anos meu pai viveu comigo,
Cinco rápidos anos e morreu...
E minha mãe — com lágrimas te digo,
Dentro dalgumas horas faleceu.

Escuta lá: nos cemitérios vastos,
Os ossos de meus pais devem estar gastos,
Pelo tempo que tudo estraga e rói.

Olha! Quem cedo nesta vida cai,
Sem ter mãe, minha filha, e sem ter pai,
Há de sentir o quanto a vida dói."

Nunca deixou de amar a terra berço cujos encantos exaltou nestas rimas:

"Na sinuosa margem do Cabresto
Entre matas virentes e suaves,
Vê-se a cidade de Piripiri.

Nestes maternos versos manifesto:
Entre a loucura lírica das aves,
Lá, em oitenta e tantos eu nasci.

Brindado pelo sol de minha terra
E por encantos que não vejo aqui,
Como Campo Maior, Piripiri
Tem lindos campos e azulada serra."

Baurélio deixou este mundo para fixar residência na Pátria da Imortalidade no dia 17 de abril de 1937. Deixou viúva e órfãos sem recursos, porque os poetas nunca acumulam riquezas materiais. Deixam versos que simbolizam as suas aspirações, os sonhos, as esperanças, a fantasia colorida de um mundo encantador... as suas realizações espirituais. E Baurélio foi antes de tudo o maior poeta de Piripiri.

Em nossas pesquisas procuramos saber qual a homenagem prestada pelo Municipio à memória daquele seu ilustre filho. Encontramos numa placa de uma das ruas o registro de um nome:

BAURÉLIO MANGABEIRA.

Mais nada!

BENÍCIO AUGUSTO DE SOUZA MEDEIROS (1852 — 1915). Participou dos primeiros passos da Vila de Piripiri exercendo o cargo de Tabelião Público durante uns quarenta anos. Cidadão exemplar. Foi um piripiriense que muito colaborou para o desenvolvimento de sua terra. Casou-se com Rosáuria Maria de Melo. Filhos do casal: Francisco Augusto, Anisio Benício, José Augusto, Jesus Augusto, Mariana Augusta, Maria do Patrocinio, Amélia Augusta.

CASSIANO COELHO DE REZENDE (1891 — 1955) — Comerciante, proprietário, político, salientou-se como um cidadão respeitável e amigo do povo. Foi Secretário do Conselho e da Intendência Municipal nos idos de 1911. Vereador eleito no pleito de 1948. Presidente da Câmara. Membro da Sociedade de Proteção à Maternidade e à Infância de Piripiri, da qual foi o baluarte, doou o terreno para a construção do prédio destinado aos trabalhos da referida entidade, encarregando-se da construção e contribuindo o máximo para o bom funcionamento do Posto de Puericultura "Dr. Adauto de Rezende". Contava com um vasto circulo de amizades. Sua residência era a casa herdada de seus pais, uma simpática mansão atualmente de portas cerradas. Casou-se com Benedita de Aguiar Freitas. Deixou dois filhos: Espedito e Maria dos Remédios.

IR. DEDI ASSUNÇÃO — Nasceu em Piripiri, no dia 15 de novembro de 1923. Obteve o diploma de professora no Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Teresina. Lecionou em Batalha e Piripiri. Ingressou na ordem religiosa dos Pobres de Santa Catarina de Sena, quando, realmente, começa sua brilhante carreira. Fez o curso de Orientação Educacional na Faculdade de Filosofia de Belém do Pará. Suas atividades: no Colégio Santa Catarina, em Belém, como mestra de Português e Diretora do Ginásio do Colégio. Diretora e Su-

periora do Colégio, no Ginásio N. S. da Luz, em Guarabira (Pb). Superiora e Diretora do Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Teresina. Mestra das Junioristas, no Juniorato Madre Savina Petrilli, em Fortaleza, Ce.

Viagens a Roma: em 1965, como Delegada da Provincia Sagrado Coração de Jesus, participar do Capitulo Geral das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena, congregação a que pertence. Em 1968 participou do Capítulo Especial da Congregação, realizado para estudos de renovação da mesma. Em 1971 participou, como Delegada da Provincia, do Capitulo Geral, realizado para eleição da Madre Geral da Congregação e estudos das Constituições da mesma Congregação (revisão pós-conciliar).

Ir. Dedi Assunção ilustra a galeria dos filhos de Piripiri e bem pode ser um exemplo edificante para a juventude de sua terra.

EDGAR DE MORAES SOUZA — Nasceu em Piripiri, a 13 de setembro de 1924. Fez o curso primário no Grupo Escolar Padre Freitas em sua terra natal, o curso médio e superior de Contabilidade na Faculdade de Ciências Econômicas de Pernambuco, concluindo-o em 1946. Eleito Secretário do Centro Acadêmico XI de Junho e orador da turma. Funcionário da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco, admitido em 1940. Transferiu-se para o Rio de Janeiro para trabalhar com os irmãos José e João Moraes, na firma organizada pelo primeiro... Exploravam o transporte de cargas entre Rio e São Paulo com a denominação de J. Moraes Souza & Cia. Ltda , fundada em 1946, e depois transformada em sociedade anônima, tendo Edgar assumido as funções de Diretor-Gerente da filial de São Paulo para onde foi em junho de 1947. Transferiu-se para o Rio de Janeiro, em 1957, fundando sua própria organização, A Moraes, Vieira e Cia. Ltda., transformada posteriormente em sociedade anônima com a razão social de Ultra-Rápido Carioca Transportes S/A., cuja presidência assumiu e ainda exerce. Sócio fundador do Lions Clube do Rio de Janeiro, em Laranjeiras, tendo ocupado vários cargos de direção.

Casou-se com Regina Antonio Reginato. Tem três filhos: Marilena, Edison e Edgar.

DR. ELIAS MOARCIR DE OLIVEIRA FREITAS — Nasceu em Piripiri, no dia 24 de março de 1924. Seus pais: Henrique Freitas Aguiar e Silva e Alix de Oliveira e Silva. Estudou inicialmente na terra-berço. Formou-se em Direito e atualmente trabalha na Assessoria da Presidência da República. Casado.

DR. ELIAS DE OLIVEIRA E SILVA. Formado em Direito, foi

magistrado no Piauí até 1930 quando decidiu ir para o Ceará onde abriu banca de advogado. Orador eloquente, rico de expressões, dominava a tribuna desde os tempos de colégio. Dele, em substancial artigo publicado no "JP Literário" de 25 de junho de 1972, de Teresina, escreveu o ilustrado Mestre Tito Filho que o conhecera no Ceará: "Na tribuna do júri, celebrado de aplausos, argumentador seguro, culto, dominava a platéia, os jurados — terror da acusação quando se encontrava na defesa, terror da defesa quando auxiliava a acusação. Palavra fácil, correntia, por vezes irônica, sustentava conceitos graves, com que se revelava grande estudioso da ciência penal". Autor de vários trabalhos, seria imortalizado pela crítica nacional e estrangeira ao lançar o seu livro "Criminologia das Multidões". Foi jornalista, cronista e inspirado poeta. Falando de sentimentos afetivos extravasava o conteúdo de sua vivência com a suavidade da alma sensível. Pertencia à Academia Piauiense de Letras, ocupando a cadeira patrocinada pela poetisa Luisa Amélia de Queiroz Brandão.

Foi casado duas vezes. A primeira com Cândida Castelo Branco. Desse matrimônio ficou um filho: Elias. Do segundo casamento com Maria Eliza Gonçalves de Oliveira deixou cinco filhos: Maurício, Cláudio, Lucídio, Nacélio, Luiza Amélia.

Das produções poéticas de Elias de Oliveira destacamos:

Uma Página em Branco

"Evocando o passado, lembro agora,
E bem carinho nessas frases ponho,
Toda a inquietude com que eu via, outrora,
Uma página em branco do meu sonho!

"Não na pude entender, custe-me embora
Confessá-lo nos versos que componho:
É vedado, na vida, à alma que chora
Compreender o que é límpido e risonho.

"Mas, hoje, que este amor me enche e domina
E eu me alegro, feliz, preso em teus braços,
Leio teu nome à página divina...

"E quanto mais o leio, mais desejo
Morrer crucificado em teus abraços
Abrasado no incêndio do teu beijo!..."

MINISTRO ESPEDITO DE FREITAS RESENDE — Filho de Cassiano Coelho de Rezende e Benedita de Aguiar Freitas Rezende, nasceu na cidade de Piripiri, no dia 22 de outubro de 1922. Bacharel em Direito pela Universidade do Brasil na turma de 1947. Obteve o diploma do Instituto Rio Branco em 1950. Tem o Curso de Aperfeiçoamento do mesmo Instituto concluído no ano de 1952. Casado com Madalena Tudor de Resende. Filha do casal: Maria Cecília Benedita.

Do exercício de suas elevadas funções destacamos:

Terceiro Secretário em Assunção, 1953; Terceiro e Segundo Secretário em Buenos Aires, 1954-1957; Oficial de Gabinete do Chefe do Departamento Político e Cultural, 1958; Oficial de Gabinete do Chefe do Departamento de Administração, 1958 e 1959; Adjunto de ligação com o Congresso Nacional, 1959; Oficial de Gabinete do Secretário Geral do Itamarati, 1960; Segundo Secretário em Roma, 1961-1962; Primeiro Secretário em Buenos Aires, 1962-1966; Conselheiro, 1966; Ministro de Segunda Classe, 1957; Chefe da Divisão de América Meridional, 1966-1968; Ministro Conselheiro em Bruxelas, 1968-1969; Ministro Conselheiro em Buenos Aires, 1970. Secretário Geral Adjunto para Organismos Regionais Americanos, em 19 de novembro de 1970.

Missões oficiais: Membro da Comissão que preparou o Ante-projeto de Lei da Reforma do Ministério das Relações Exteriores (1958); Membro da Delegação do Brasil à IV Conferência Interamericana de Jurisconsultos (1959); Membro do Grupo de Trabalho que regulamentou a Lei 3.917 (1961); Delegado-Suplente à II Conferência Interamericana Extraordinária (1965); Membro da Comitiva de Ministro de Estado das Relações Exteriores em visita ao Chile, Bolívia, Argentina, Uruguai, Peru, Colômbia e Equador (1966); Delegado à I Conferência de Chanceleres da Bacia do Prata (1967); Delegado à XI Reunião de Consulta de Ministros das Relações Exteriores dos Países Membros da OEA (1967); Delegado à III Conferência Interamericana Extraordinária (1967); Membro das Delegações do Brasil às III e IV Reuniões da Comissão Especial Brasil-Argentina de Coordenação (CEBAC), 1967-1968; Delegado à Reunião das Nações Unidas para Direito dos Tratados, 1968; Delegado ao III Período Extraordinário de Sessões da Assembléia Geral da OEA, 1971; Delegado à XIV Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores dos Países Membros da OEA, 1971; Delegado à IV Conferência de Chanceleres dos Países da Bacia do Prata, 1971; Delegado ao I Período Ordinário de Sessões da Assembléia Geral da OEA, 1971; Delegado à XI Conferência das Partes Contratantes do Tratado de Montevidéu, 1971; Ministro Plenipotenciário às Solenidades Comemorativa e da Fundação do Império Persa por Cyro, o Grande, 1971; Chefe da Delega-

ção do Brasil à Reunião sobre Navegação na Bacia do Prata, 1972; Chefe da Delegação do Brasil ao II Período Ordinário de Sessões da Assembléia Geral I da OEA, 1972; Delegado à I Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, 1972.

PROF. FELISMINO DE FREITAS WESER, nasceu em Piripiri. Iniciou estudos na terra natal, no Instituto Arcoverde, educandário que tantos benefícios prestou à mocidade da época. Destacando-se pela inteligência e fácil assimilação de tudo que lhe era ensinado, foi um aluno-mestre contemplado com a confiança dos professores. Anos depois, contando com a colaboração de Álvaro Ferreira, seu conterrâneo, fundou o Colégio Castelo, em Piripiri. Mas a capital piauiense é que estava destinada a receber Felismino oferecendo-lhe a oportunidade de adquirir novos e vastos conhecimentos, fundar colégios como o Ateneu Piauiense (com o Prof. Moacir Ribeiro Madeira Campos) e, posteriormente, o Colégio Demóstenes Avelino, Academia de Comércio do Piauí e a Escola Técnica de Comércio "Prof. Felismino Weser". Foi o pioneiro do ginásio noturno em Teresina. Desempenhou várias funções destacando-se a de Diretor Geral da Instrução Pública do Estado. Pelos relevantes serviços prestados à coletividade recebeu o título de Cidadão Teresinense, justa homenagem de reconhecimento.

Casado com Celina de Carvalho Mello e Freitas. Filhos do casal: José Newton, Francisco de Assis, Maria de Lourdes, Paulo de Tarso, Maria Leonília, Maria dos Remédios, Antonio de Lisboa, Maria José.

Dr. FRANCISCO AMÂNCIO DE ASSUNÇÃO — Nasceu no dia 25 de maio de 1929. Fez o curso de Comércio no Diocesano de Teresina. Ingressou na Faculdade Mineira de Direito da Universidade Católica de Belo Horizonte, onde concluiu na turma de 1956. Promotor de Justiça em Medina. Ali fundou o Ginásio Santa Rita, que dirigiu durante sete anos. Exerceu também as funções de Promotor de Justiça na cidade mineira de Carlos Chagas. Atualmente é Promotor em Jequitinhonha onde dirige o Colégio Estadual, lecionando Português com registro no MEC. É membro do Rotary do qual foi Vice-Presidente. Coordenador do Mobral em Jequitinhonha com diploma de Honra ao Mérito. Quando acadêmico foi aprovado para estagiário junto à Procuradoria Geral do Estado. Trabalhou um ano e seis meses. Posteriormente fez concurso para Delegado de Carreira em Belo Horizonte mas não exerceu o cargo. É fazendeiro na terra mineira. Casado com Adair Azevedo de Assunção. Filhos do casal: Helvécio e Hélcio.

TENENTE-CORONEL FRANCISCO DE ASSIS FREITAS — Nascido em Piripiri, no dia 27 de novembro de 1923. Casado com Cacilda Loureiro de Freitas. Filhas do casal: Tânia e Tâmara. Cidadão fora-de-série. Sua brilhante folha de serviços é um atestado positivo de inteligência, de cultura, de capacidade. Portador de muitos títulos dos quais destacamos: Doutor em Medicina, 1949; Tese de Psicopatias e Psiconeuroses pela Universidade do Brasil, 1949; curso com concurso no Serviço Nacional de Tuberculose de Tisiologia Sanitária e Social, 1950; concurso de Clinica Médica e Tisiologia no Ministério da Aeronáutica, 1951; curso de Medicina de Avião na Força Aérea Brasileira, 1951; ex-cirurgião do Sanatório-Escola Azevedo Lima; em Fonseca/Niterói, do Serviço Nacional de Tuberculose; curso de Colposcopia e Colpacitologia e Diagnóstico Precoce da Mama e Ginecológico, pelo Instituto de Pesquisa Luíza Gomes de Lemos, 1957, sendo curso com concurso e obteve o 1º lugar na entrada e o 2º no término, nota dez; Fligt Surgeon pela School of Aviation e United States Air Force onde conseguiu a Air University Medal, com Menção Honrosa, média 96,66; curso da Escola de Aperfeiçoamento da Força Aérea Brasileira; Consultor Médico da Câmara Municipal de Guarulhos-SP.; catedrático de Ontologia e de Odontologia Legal da Universidade do Paraná em Londrina; bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, turma de 1970; Superintendente do Hospital-Escola Infantil Menino Jesus de São Paulo; Chefe do Serviço Hospitalar da 4ª Zona Aérea e Diretor da Divisão de Administração Médica do Parque da Aeronáutica de São Paulo; também é piloto civil, sendo o oficial de Quadro de Saúde mais voado da Força Aérea. Fez parte da 1ª turma de paraquedistas. É Tenente-Coronel da Força Aérea Brasileira (Serviço Ativo).

Dr. FRANCISCO DAS CHAGAS MELO — Filho de Francisco Paulo de Melo e Jesuína de Aguiar Melo, nasceu em Piripiri, no dia 15 de outubro de 1920. Casou-se com Ana Etelvina Melo. Filhos do casal: Ana Maria Melo e Francisco Paulo de Melo Neto.

Tem os seguintes cursos realizados: bacharel em Direito pela Faculdade Nacional de Direito. Economista — Conselho Regional de Economistas Profissionais. Universidade Americana — Washington — Distrito de Colúmbia — Departamento de post-graduação — a) Orçamento: instrumento de planejamento e administração. b) — principios e processos de administração pública — c) principios de Economia: aplicação de análise econômica. Universidade de George Washington — a) Economia, finanças públicas e politica fiscal. Escola Nacional de Administração — Paris — a) Ciclo especial de estudos para os auditores estrangeiros à Escola Nacional de Administração. Cursos de M. DEVAUX sobre Contabilidade Pública. Cursos de M. MOUSSA sobre ajuda aos países em desenvolvimento. b) Ciclo de

informação organizado pelo Ministério das Finanças sobre planejamento e orçamento. c) Estágio no Ministério da Indústria (Escritório de Orçamento). d) Estágio na Comissão das Finanças da Assembléia Nacional e no Senado. e) Conselho Econômico e Social. f) Ministério das Finanças, Direção do Orçamento. TÍTULOS: Professor de Instituições de Direito Público da Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas do Sindicato dos Contabilistas. Professor de Técnica Legislativa da Escola de Serviço Público (DASP). Ex-Técnico de Administração do DASP. Assessor Jurídico da Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara (aposentado). Professor de Instituições de Direito Público e Privado do FESSC — Fundação Getúlio Vargas. Ex-Assessor Legislativo do Senado Federal. Professor de Cursos Isolados do Ministério do Trabalho e Previdência Social. TRABALHOS PUBLICADOS: "Estudos de Politica Fiscal" — Serviço de Documentação do DASP — 1958. "O Comércio Exterior e a Inflação Brasileira" — 1960. "Os Investimentos Estrangeiros no Brasil" — 1962. "Política Fiscal e Desenvolvimento Econômico" — 1962. "As Contradições de Nosso Desenvolvimento Econômico" — 1962. "O Comércio Exterior como Fator do Desenvolvimento Econômico" — 1962. "O Imposto Sindical — natureza e finalidade" — 1963. "Desenvolvimento Econômico e Realidade Nacional" — Departamento Administrativo do Serviço Público — Ensaios de Administração — Serviço de Documentação — 1964. "O Binômio — Inflação-Desenvolvimento" — 1964. "Contribuições Parafiscais: natureza, classificação e distinção" — 1964. "Evolução das Técnicas de Planejamento no Brasil" — 1968. "Instituições de Direito Público" — 1969. "Instituições de Direito Privado" — 1970.

Dr. FRANCISCO DAS CHAGAS MELO — Filho de José Felinto de Melo e Judith Melo, nasceu em Piripiri, no dia 13 de junho de 1923. Diplomado em Comércio. Concluiu o Curso de Direito no Rio de Janeiro, na turma de 1955. Iniciou suas atividades profissionais no quadro de funcionários da Casa Marc Jacob S/A., em Parnaíba. Deixou o comércio para trabalhar no Banco do Brasil nas Agências de Piripiri e Teresina. Transferido para o Rio de Janeiro, trabalhou no Palácio do Catete, requisitado. Foi Gerente da Agência do Banco do Brasil em Cajazeiras (PB), de 1955 a 1958. Exerce as funções de Advogado do Banco desde 1960. Casou-se com Jane de Oliveira Melo. Filhos do casal: Eliéser, Leonardo, Judith e Jane.

Dr. FRANCISCO DAS CHAGAS REZENDE — Nascido em Piripiri, no dia 28 de outubro de 1929. Prestou vestibular de Engenharia cursando dois anos a Escola Politécnica do Brasil. Dois anos na Faculdade de Direito do Estado da Guanabara. Formou-se em Ciências Políticas e Econômicas na Faculdade do Rio de Janeiro, em 1963. Tra-

balhou inicialmente no INPS, Rio. Depois foi funcionário da CEXIM, do Ministério da Fazenda, hoje incorporada ao Banco do Brasil. Por concurso, ingressou no Banco do Brasil, em S. Paulo. Na Agência Metropolitana de Botafogo, Rio de Janeiro, foi Investigador de Cadastro, Ajudante de Serviço da Carteira de Desconto e Chefe do Serviço de Financiamento. Foi parecerista da CACEX, na seção de Serviços Gerais. Auxiliar Técnico da Assessoria, Técnico, Secretário, Subassessor da Assessoria Técnica, Secretário de Gabinete da Carteira de Crédito Geral. Assistente Técnico do Diretor da CACEX, Auxiliar do Diretor da CACEX, Auxiliar de Gabinete do Chefe de Departamento de Patrimônio Imobiliário do Banco do Brasil. Secretário de Gabinete do Chefe de Departamento. Trabalhou na SUMOC, hoje Banco Central do Brasil. Auxiliar Técnico da Inspetoria do Banco, Conferente de Seção, e Subchefe da Seção. No Banco Central: Auxiliar de Gabinete do Presidente, Secretário de Gabinete do Presidente, Assessor Econômico da Presidência, Secretário de Gabinete, Subchefe de Gabinete do Presidente, Assessor Econômico da Presidência do Conselho Monetário Nacional. Adjunto de Delegado da 3ª Região e Delegado Regional da 3ª Região. Licenciado, foi ser Gerente do Grupo Financeiro Aimoré (Banco Holandês Unido). GRUPOS DE TRABALHOS: Representando ora a CACEX ora o BANCO CENTRAL: Comitê Nacional do Algodão — Comitê Nacional de Compra e Venda de Produtos Exportáveis — Comissão Nacional do Café — Comitê Nacional de Compra e Venda de Cera de Carnaúba — Grupo Executivo da Indústria Automobilística — Grupo Executivo da Indústria de Construção Naval — Comissão Nacional de Aço — Grupo Executivo da Indústria do Cinema — Comissão Nacional do Cacau — Conselho da SUNAB. Representando o BANCO CENTRAL: Comissão Nacional de Mercado de Capital — Comitê Nacional de Mercado de Capital — Comitê Nacional de Reestruturação das Bolsas de Valores — Organização do Banco Nacional de Habitação (B. N. H.) — Comissão de Estruturação do Ministério do Planejamento — Conselho Nacional do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) — Comissão de Estruturação do Sistema Nacional de Habitação — Divisão de Acordos Internacionais do Ministério do Exterior — Comitê do Levantamento da Dívida Fundada da União — Comissão de Organização do Banco Central do Brasil — Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais. Todos nomeados por decretos presidenciais, ora representando o Presidente do Conselho Monetário Nacional, ora o Presidente do Banco Central.

Complementando o Curso de Extensão Universitária de Ciências Econômicas: Comércio Internacional e Câmbio — Racionalização de Trabalhos — Moeda e Crédito — Bancos Centrais — Análise Matemática Superior — Administração de Empresas — Mercado de Capitais.

Atividades Literárias: Ciclo de Conferências Comércio de Café — Publicado.

Durante algum tempo lecionou Moeda e Crédito e Comércio Internacional e Câmbio.

Casou-se com Neusa de Vasconcelos Rezende. Filhos do casal: Marco Túlio, Ana Cristina e Ana Rita.

Dr. FRANCISCO NONATO DE OLIVEIRA FREITAS — Filho de Henrique Freitas Aguiar e Silva e Alix de Oliveira e Silva, nasceu em Piripiri, no dia 17 de março de 1922. Iniciou estudos na terra natal. Formado em Engenharia Civil. Casado. Desempenha altas funções na capital do País.

JOAQUIM NÉLSON DE CARVALHO — Filho do Prof. Nelson Francisco de Carvalho e Carlota Lina de Castro, nasceu em Piripiri. Deixou a terra natal e em Teresina fixou residência. Industrial operoso e dinâmico, cidadão digno e estimado. Casado com Palmira Carvalho. Filhos do casal: Henry, Zélia, Inez e Lídia.

JOÃO DE FREITAS FILHO — conhecido nos meios familiares por "seu Lolô", nascido no dia 24 de junho de 1883. Os azares da vida não lhe permitiram cultivar a inteligência para uma afirmação no mundo das letras. Mesmo assim teve participação na vida pública do município de Piripiri, exercendo cargos de confiança, ocasião em que deu provas de conhecimentos. Era uma espécie de consultor jurídico na cidade.

Moacir Mota, filho do folclorista cearense Leonardo Mota, quando esteve em Piripiri exercendo as funções de Gerente da Agência do Banco do Brasil, escreveu e leu pela amplificadora local pertencente a Paróquia, em setembro de 1947, uma interessante crônica sobre a personalidade marcante de Lolô Freitas. Exaltando as qualidades daquele digno cidadão assim se expressa:

"... é dos tais que não se submetem, de bom grado, à idéia da velhice, e procuram conservar, no espírito, a flama dos tempos idos. Anos, pesares, vicissitudes, todo o cortejo de acontecimentos, nada conseguiu extinguir nele, de modo completo, a jovialidade. Alquebrado pelo tempo, junto os pés e disse um "não" muito firme a essa divindade implacável. E vai, pelos anos a dentro, esperneando e protestando contra a senectude. Não se enxergue, em semelhantes palavras, a mínima irreverência da minha parte. Além do respeito que lhe dedico, para os contra a senectude. Não se enxergue, em semelhantes palavras, a mínima irreverência da minha parte. Além do respeito que a todos devem merecer as suas cãs, existe a estima que lhe dedico, para sofrear qualquer brejeirice descabida. O que há, é

o exemplo de um ancião que se insurge contra a idéia corrente de que um velho deve ser, apenas, uma triste fábrica de achaques e recordações".

Lolô conhecia os segredos da música que cultivava com toda a paixão de sua alma. E dava provas dos seus conhecimentos musicais tocando flauta, harmônio, violão etc. Já avançado nos anos mas ainda com um espírito jovial, lastimava as mulheres do seu tempo adaptando palavras de D. Pedro às do dentista José Firmino para ajustar a sua quadrinha:

"Não maldigo o rigor da sorte minha
Nem contra seus efeitos vocifero,
Quero muito a todas as morenas
Mas as mulheres do meu tempo eu não tolero".

Para que não houvesse melindres explicava: — "Isso que eu digo é com as minhas irmãs!..."

E a gente fazia que acreditava e cada vez mais apreciava o bate-papo com o "Dicionário da Cidade".

Quando conhecemos Lolô Freitas exercia ele as funções de Coletor Estadual de Piripiri. Preferia para seus companheiros nas palestras matinais, aos domingos, os estudantes. Era poeta natural e deve ter escrito belos sonetos que foram destruídos quando após sua morte lhe queimaram a bagagem literária guardada em um velho baú, sem que se saiba o motivo dessa irreverência à sua memória. Era vizinho do "Piripiri-Hotel", de Santilha Monte. Lolô frequentemente tomava parte nas sadias palestras daquela casa de hóspedes. Entrava, saudava os que estavam presentes e, voltando-se para a dona da casa, dizia:

— "Bom-dia, Santilhagalhá, dona do Peagá".

Tomava de um violão que haviam dado de presente àquela gentil hoteleira e começava a tocar lindas valsas e canções do seu tempo. Isso alegrava a quantos o ouvissem, fossem viajantes, professora, estudantes ou "morenas" (para ele todas as moças eram "morenas" especialmente quando bonitas e jovens). Nunca faltava alguém para cantar ao som do violão daquele simpático velhinho. Maria de Jesus Condin cantava. Grasiela acompanhava-lhe a canção predileta:

"Na doce paz deste luar
Sinto meu peito palpitar
O violão é meu confidente
Pois sabe a dor que meu peito sente..."

Lolô devia sentir acentuada a dor da saudade! Fora jovem, simpático, bonito, apreciado... e já estava na casa dos 70!...

Foi casado duas vezes: a primeira com Alice Áurea Rezende. Desse matrimônio são descendentes: Maria Alice, Grasiela, Antonio e João. Do segundo casamento realizado com Maria de Jesus Melo (Yayá), deixou uma filha de nome Yeda.

Como dissemos acima Lolô era poeta natural e sua inspiração se manifestava sempre em homenagem às "morenas bonitas". Parodiando Baurélio Mangabeira, seu amigo e parente, dizia a Maria José Oliveira, uma graciosa jovem irmã da ex-noiva do poeta:

"Vou por aqui sem jeito
Por ali com pouca fé
No pensamento — o Estreito
No coração — a Mazé".

Amália Nunes passou uma temporada lecionando em Piripiri. Era mesmo uma "Gioconda", de simpatia irradiante. Lolô saudava-a num galanteio:

"Quando a "morena" aparece
O mundo todo estremece
Quando a "morena" fala
O mundo todo cala".

Mas isso era apenas cortesia para mostrar que o espírito não envelhece. Pode ser sempre jovem. Depende muito de nossa disposição.

Nas festas de fim-de-ano apresentava a sua quadrinha às "morenas":

"De Festas te peço um riso
De Anos um olhar teu
De Reis teu coração peço
E... queres também o meu?"

Ele, que tanto ajudara os padres da Paróquia de Piripiri e a Igreja, hostilizava o clero com os versinhos:

"Casou-se um banzo na China
Com uma mulher feiticeira
Nasceram três filhos gêmeos:
Um burro, um padre e uma freira".

E acrescentava:

"Nem tudo que reluz é ouro
Nem todo sopapo é murro
Nem todo burro é padre
Mas todo padre é burro".

Certa vez, quando por ocasião da passagem do ônibus da empresa João Cândido, que fazia a linha Fortaleza/Teresina, demorando-se uma hora para o café matinal no Piripiri-Hotel, de Santilha Monte, Lolô estava em companhia de alguns estudantes observando os passageiros que entravam e saíam naquela azáfama toda. A autora destas notas atentava para a conversa de uma passageira daquele coletivo. A gorda matrona fazia os mais desagradáveis "elogios" aos genros que eram (segundo ela própria afirmava) bacharéis, médicos e engenheiros na capital mineira. Lolô também ouvia tudo e ali mesmo, chamando a atenção dos companheiros e em presença da senhora, recitou um soneto de sua autoria, feito em homenagem a um amigo que não gostava muito de sua sogra. Era uma interessante "receita para preparar uma sogra", com todos os "efes" e "erres" e que a autora destes rabiscos decorou com a devida permissão do autor. Ei-la:

"Tirai da cascavel a língua intacta,
Do sapo a vil peçonha toda inteira,
Da aranha o forte visco da fieira,
Os moles intestinos da barata,

As unhas aguçadas de uma gata,
Da onça os bofes maus de traiçoeira,
Os olhos da raposa mais matreira,
Os dentes comilões de um rato ou rata.

À massa tornai tudo, e na panela
Que ferve de Plutão no fogo ardente
Lançai fel de boi e mais macela.

E depois em forma de uma serpente
Vazai esta melgueira porque dela
Sai por força uma sogra de patente".

Foi água na fervura. A velha meteu a viola no saco e não falou mais. Deve ter sido uma boa lição!...

Lolô e Padre Raul Formiga eram adversários políticos. Padre Raul, então vigário da Paróquia, havia comprado uma amplificadora

e colocado o alto-falante em uma das torres da Igreja Matriz. Em suas palestras das nove horas da noite dava sempre umas beliscadinhas na sensibilidade de Lolô. Este revidava os insultos e a luta continuava. Certa manhã alguns senhores conversavam ao lado da Prefeitura Municipal e, entre eles, Lolô. O assunto versava sobre o vigário e suas provocações. Nesse instante surge o Pe. Raul Formiga. Cumprimenta a todos e especialmente seu velho adversário, com um sorriso que lhe era peculiar. Lolô corresponde exclamando:

— "Por isso é que a manhã estava tão bela e tão agradável! Era o nosso ilustre vigário que ia aparecer com o ar de sua graça!"

E logo que o Padre se afasta explica aos companheiros que estavam como que suspensos:

— "Vocês viram? Assim é que se trata um "bandido" como esse!"

Note-se que não havia desrespeito à vestimenta sacerdotal. O Padre, na sua função política, tornara-se vulnerável. Era uma autoridade falando a outra autoridade.

Lolô Freitas foi figura de destaque em Piripiri. Profundo conhecedor dos fatos ligados à história da fundação de sua terra, descendente do Padre Freitas, fez questão de dedicar-se a estudos que infelizmente não foram aproveitados na sua totalidade. Como jornalista colaborou no Almanaque da Parnaíba e em 1946 publicou uma Monografia de Piripiri, estudo detalhado dos administradores municipais desde o inicio até aquele ano, documento que hoje constitui preciosa ajuda para a coordenação da história de Piripiri. É um piripiriense digno de elevado apreço. É um exemplo para a juventude estudiosa de sua terra natal.

No dia 21 de setembro de 1948, na ocasião em que a amplificadora local iniciava o seu programa de meio-dia, Lolô Freitas deixou este mundo. Ele que muitas vezes dizia que "falava com Deus todo aquele que sabia música" (e ele era um bom musicista), exalava o último suspiro ao som de um prefixo musical.

Dr. JOÃO DE FREITAS REZENDE — Nascido no dia 10 de dezembro de 1907, em Piripiri. Perdendo os pais ainda criança passou a morar em companhia de d. Lili Freitas, sua tia materna. Formou-se em Odontologia pela Universidade da Bahia. Exerceu a profissão inicialmente na cidade de União-PI. Ali perde sua primeira esposa — Almiralice Macedo de Freitas Rezende — com quem se casara na Ba-

lhia. Não houve descendentes. Em razão da viuvez passou a residir em Piripiri. Casa-se pela segunda vez com a conterrânea Maria da Graça de Freitas Rezende. Desse matrimônio deixou um filho: Antonio de Freitas Rezende. Voltando ao estado de viúvo, João Rezende resolve mudar-se para Teresina. A essa altura já era um profissional com consultório particular e exercendo as funções de dentista do Hospital Getúlio Vargas com atuação no Pavilhão de Tuberculosos. Na capital piauiense casou-se com Thêmis Soares. Filhos do casal: Maria de Nazaret e Maria do Amparo.

Dr. João Rezende militou nas fileiras da União Democrática — UDN e foi vereador na capital piauiense, eleito pela legenda do partido, no periodo de fevereiro de 1947 a 1950. Faleceu em Teresina no dia 21 de agosto de 1970.

JORGE FRANCISCO DE CARVALHO MELLO — Nascido em Piripiri, no dia 27 de novembro de 1948. Ingressou na Faculdade de Direito do Ceará, em 1968. Fez até o quarto semestre do Curso Britânico. Fez curso de extensão universitária. Trancou a matrícula no 4º ano de Direito.

Jorge Mello um dia resolveu tomar aulas de violão com a profa. Edimê, em Campo Maior. Encantado com o instrumento, começou a compor músicas. Mas as namoradas começaram a surgir e os versos líricos revelaram o poeta. No ano de 1966 lança um livro de poesias, "Tumultos Dalma", editado em Teresina. Continuou a fazer músicas. Cantava em rádio. Inscreveu-se no 1º Festival Universitário. Obteve o 2º lugar com a música POP TROP. Sua experiência no teatro aconteceu quando fez as músicas de "A Flor do Pecado", de Eduardo Campos, participando da apresentação como ator. Fez outras. De parceria com Belchior fez as músicas de "O Morro do Ouro", de Eduardo Campos, desempenhando na mesma o papel de ator principal. A peça obteve o primeiro lugar no Festival Nacional de Teatro. Na TV Ceará Canal 2 foi produtor musical do programa PORQUE HOJE É SÁBADO e GENTE QUE A GENTE GOSTA. Foi sócio de Gonzaga Vasconcelos na empresa Liga Publicidade Ltda., sócio da PROVENDAS PROMOÇÕES E VENDAS. Antes trabalhara como vendedor ambulante. Sempre no intuito de vender, decidiu ir morar no Rio de Janeiro. Começou trabalhando na TV TUPI, na equipe de CIDINHA LIVRE: como produtor musical de Transa Geral, hoje Cidinha em Ação. Participou da grande noite do Maestro Isaac Karabtchvsky e outros.

Casado com Teresa Cristina Soares Mello. Muito embora diga que adora tudo de Piripiri, Jorge Mello se apresenta sempre representando o Ceará.

JOSÉ DE AGUIAR FREITAS — Era conhecido como Juca Freitas. Trabalhou na Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (hoje DNOCS). Nessa época os colegas pediram-lhe que abrisse um hotel para que eles se alojassem na cidade de Campo Maior. Posteriormente aquela casa de hóspedes passaria a funcionar em Piripiri, transferindo-se para Teresina. É o tradicional Hotel Freitas. Casado com Filomena Passos Freitas. Filhos do casal: Osson, Osvaldo, Ormina, Osica, Osima, Carolina, Maria do Carmo, Maria de Jesus, Maria da Anunciação, João, Albertina e Expedito.

DR. JOSÉ DE ANDRADE REZENDE — Nasceu em Piripiri no dia 4 de agosto de 1921. Ingressando na Faculdade Nacional de Odontologia da Universidade do Brasil, concluiu o curso na turma de 1945. Tem consultório particular em Fortaleza-Ce. e é Dentista do SESI. Casado com Fashur Studart da Fonseca. Filhos do casal: Márcio e Regina Fátima.

DR. JOSÉ ANTONINO DE MELO — Nascido em Piripiri, no dia 18 de junho de 1941. Ingressou na Escola de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais, formando-se na turma de 1966. É Engenheiro Mecânico. Trabalhou na capital mineira na Indústria Eletrotécnica Ltda. Atualmente trabalha na Cia. Aços Especiais Itabira, ACESITA, em Acesita-MG., onde desempenha as funções de Chefe da Divisão da Laminação de Chapas e Forjaria daquela Empresa. Foi homenageado pelos funcionários da referida empresa com uma festa denominada "A NOITE DE PIRIPIRI." Casado com Lady Farias Rezende Melo. Tem uma filha: Cláudia Inez.

DR. JOSÉ CHAGAS DE MEDEIROS — Nascido no dia 7 de abril de 1908, em Piripiri. Médico, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na turma de 1933. Como estudante foi interno do Hospital "Paula Cândido", da Casa de Saúde "Dr. Eiras". Iniciou atividades profissionais como Chefe do Serviço Médico da Construção da Estrada de Ferro Central do Piauí. Médico estagiante do Quadro de Saúde do Exército, por ocasião da 2ª Guerra Mundial, no 25 BC, 2º Tenente Médico R/2; membro da Junta de Saúde do 25 BC.; médico do Posto de Saúde de Piripiri; Chefe do Serviço Pré-Natal do Departamento de Saúde. Médico do Serviço de Epidermologia do Departamento citado. Chefe do Centro de Saúde de Teresina; Chefe de Clinica do Hospital Psiquiátrico "Areolino de Abreu"; Diretor do mesmo Hospital; Chefe do Serviço de Profilaxia da Lepra do Estado do Piaui por força de curso realizado no Departamento Nacional de Saúde; Médico Credenciado do Ambulatório de Serviço Nacional de Doenças Mentais; Médico Credenciado do antigo IAPC de

Teresina; com a unificação da Previdência Social foi solicitado para exercer as funções de Médico-Perito local, cargo que exerceu até março do ano em curso, quando promovido ao cargo de Médico-Perito Coordenador do INPS. Portador dos seguintes títulos: Diploma de Leprologia concedido pelo Departamento Nacional de Saúde. Diploma de Curso Intensivo de Epidermologia, em Higiene e Saúde Pública (DNS). Atestado de Merecimento concedido pelo Prof. Henrique Roxo, ao término do Curso da Cadeira de Psiquiatria; Diploma de Protologia, curso do Prof. Pitanga Santos.

Na politica de sua terra foi eleito vereador em várias legislaturas. Eleito Vice-Prefeito no pleito de 1958. Várias vezes foi Presidente do Legislativo Municipal. Médico competente, cidadão correto, **persona grata** nos meios sociais do Municipio e do Estado, o Dr. Medeiros é um piripiriense que ilustra o nome de sua terra.

DR. JOSÉ COELHO DE REZENDE — Nascido no dia 22 de março do ano de 1912. Ingressou no Colégio Militar de Fortaleza, no Ceará. Concluiu o curso naquele educandário mas resolveu não seguir a carreira militar. Trabalhou na Estrada de Ferro Central do Piauí. Esteve como chefe da 1ª e 2ª Residências de Construções e da 4ª Divisão no trecho Piracuruca/Piripiri e inicio do trecho Piripiri/Campo Maior. Foi Chefe do Serviço de Material da Estrada de Ferro São Luís-Teresina. Contador da Secretaria da Fazenda do Maranhão, no Governo Paulo Ramos. Trabalhou na Cotonière do Brasil Ltda., em Pedreira, na conclusão do núcleo residencial para colonos e com a função de abrir estradas carroçáveis ligando as 22 filiais instaladas no interior. Foi Técnico do Serviço de Recenseamento de 1940. Chefe do Serviço Pessoal da Viação Férrea Leste Brasileira e Chefe do Gabinete do Diretor da mesma estrada com sede em Salvador-Bahia. Delegado do IAPC em Salvador. No Rio de Janeiro foi Assistente do Presidente do IAPC, Diretor de Serviços Gerais e Chefe do Gabinete do Presidente do mesmo Instituto. Chefe da Caixa de Pecúlio Especial da qual foi o fundador. Diretor Econômico-Financeiro da ELETROBRÁS. Convidado pelo Dr. Paulo Rucher, Presidente da mesma companhia para organizar e implantar o empréstimo compulsório criado pela Lei 4156, de 28 de novembro de 1962. Atualmente é Chefe do Departamento Financeiro das Centrais Elétricas Brasileiras S/A. — Eletrobrás, cargo que vem exercendo desde 1963. Técnico de Administração. Sua atuação à frente dos serviços de conclusão da Estrada de Ferro Central do Piauí, no trecho Piracuruca/Piripiri, é digna de encômios. Poucos sabem de sua influência nos meios competentes quando da inclusão de Piripiri no Plano da Hidroelétrica da Boa Esperança. Sua campanha junto à Diretoria Executiva e principalmente o apoio integral do seu Diretor, o Prof. Manuel Pinto de Aguiar, foi

coroada de êxito. José Coelho de Rezende conseguiu para Piripiri o que outros piauienses desejavam para suas cidades: Estação Abaixadora da COHEBE que fará a interligação com os municipios vizinhos e mais Sobral e Fortaleza, no Ceará. A vitória foi sua. A glória, de Piripiri. Os beneficiados são os piripirienses residentes em sua terra natal. Atestado positivo foram as palavras dos oradores no dia 23 de agosto de 1969 por ocasião da inauguração da Rede de Eletrificação construída pela Centrais Elétricas do Piauí S/A. — CEPISA, no Governo Helvidio Nunes. Portanto, tenhamos ao menos uma palavra de gratidão para esse gesto "bacana" de um autêntico homem de visão e de amplos conhecimentos, um piripiriense que é um orgulho para a sua gente, para a sua terra natal, para o seu Piauí.

JOSÉ DE MORAES SOUZA — nascido em Piripiri, no dia 2 de junho de 1904. Estudou em sua terra natal onde viveu até completar 17 anos. Com seu irmão Otávio ajudava o pai na plantação de roças. Trabalhou nas Obras Contra as Secas. Em 1921 seguia para Recife, ali, inicialmente trabalhou na casa Ramiro Costa e na Companhia Antártica Paulista. Posteriormente ingressou na Companhia Singer. Pediu demissão do cargo e seguiu para o Rio de Janeiro. A Companhia Singer, na pessoa do Superintendente Geral, considerando os bons serviços prestados à filial do Recife, resolveu readmiti-lo nas funções de Auxiliar de Escritório. Teria assim um grande colaborador durante 25 anos. Ocupou o cargo de Gerente nas lojas de Belo Horizonte, Barra do Piraí e Madureira, subúrbio do Rio. Antes de deixar a Companhia Singer, organizou uma frota de caminhões para o serviço de aterro nas pistas dos aeroportos de Santa Cruz e Galeão, no Rio de Janeiro, de sociedade com alguns amigos, trabalho realizado em caráter de urgência no periodo da Segunda Guerra Mundial. Ao terminar a guerra fez sociedade com uma companhia de transportes Rio-São Paulo e mais tarde fundou a sua própria Companhia Expresso Carioca, também entre Rio e São Paulo, chamando para seus colaboradores os irmãos João e Edgar. Embora já praticamente realizado financeiramente, a sua imensa capacidade de trabalho era inesgotável e sempre em busca de novas atividades, tendo então fundado a Sociedade Importadora de Máquinas de Costura e se associado a uma fábrica de tubos de televisão Eletrônica Carioca, cujo controle acionário, adquirido posteriormente, o tornou majoritário. Fundou, com o irmão Otávio Moraes, outra importadora na cidade do Recife, denominada Irmãos Moraes Ltda.

Casado com Clélia Levy Coluci. Filhos do casal: Joir, Jonir e Joisete. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 31 de janeiro de 1967.

JOSÉ MONTE DE REZENDE — Nascido em Piripiri no dia 31 de março de 1926. Ingressou na vida pública em 1951 quando eleito vereador da Câmara Municipal de Piripiri. A 7 de março de 1957 era nomeado Prefeito Municipal de Capitão de Campos. No dia 1º de abril de 1958 foi exonerado, a pedido, a fim de candidatar-se às eleições de outubro do mesmo ano. Eleito Prefeito, governou de 1959 a 1963. Novamente eleito em 1966, governando até 1971. Membro do PSD e hoje ARENA, várias vezes foi Presidente do Diretório. Presidente do MOBRAL e Diretor do Ensino Municipal. Casado com Zildete de Araújo Rezende. Filhos do casal: José, Jandira, Dulce Maria, Aurenice Maria.

JOSÉ NEWTON DE FREITAS — nascido na cidade de Piripiri, no dia 21 de novembro de 1920. Seus pais: Felismino de Freitas Weser e Celina de Carvalho Mello e Freitas. Fez o curso primário, o ginasial e até o 2º ano do curso pre-jurídico, quando acometido de pertinaz doença se viu obrigado a deixar os estudos. A partir de então andou de um lugar a outro em busca de saúde, sem resultados satisfatórios. Mas a via-crucis dos seus últimos dias revelou o jovem poeta angustiado, sem esperanças, sem direito à alegria de viver. O Destino implacável condenara-o e a morte espreitava-o com a sentença assinada sem que houvesse um braço humano, uma voz capaz de detê-la. E entre um gemido e outro José Newton ia imprimindo no papel a poesia expressiva, sentimental e humana que do seu estro brotava para o deleito das almas sensíveis. E assim, no silêncio do seu quarto, viu passar um Natal sem que lhe fosse possível participar da festa magna da cristandade, sem entoar a canção de Noite Feliz comemorativa do nascimento de Jesus. Mas Jesus devia estar à sua cabeceira assistindo à sua agonia, ouvindo a sua voz em dolorido queixume a evocar a ternura dos tempos de criança:

"Senhor! No teu Natal tanta ventura,
tantos sorrisos, tantas esperanças,
e eu cansado e eu sozinho,
"Sentindo tanta mágoa em meu Natal.
Senhor, no teu Natal tanta alegria,
e eu sem fé, sem vontade de viver?
Ah! Meus dez anos de ilusão tão bons,
o tempo em que beijava a borda dos presepes
e sorria feliz, contemplando os pastores!
Senhor! No teu Natal tanta ventura
E eu pensando em saudade e eu sentindo amargura!"

Sua poesia, mesmo impregnada de aflição e desesperança, fluía

com o encanto natural das cousas boas que fazem bem ao espirito e vão direto ao coração. Cedo começara a fazer versos. Mas não houve tempo de enfeixá-los em um caderno tão depressa fora arrebatado deste mundo. Seus familiares, através do ilustre Prof. Felismino de Freitas Weser, ofereceram às letras piauienses um "Deslumbrado". volume que contém poesias modernas, liricas, elegiacas, todas com reflexos do que havia de mais sincero no autor: a alma de escol purificada pelo sofrimento. O jovem poeta faleceu naquele dia 8 de fevereiro de 1940. Viveu apenas vinte anos.

Senhor! Por que morrem homens como José Newton
E fica tanta gente por aí?...

DR. JOSÉ DE OLIVEIRA — Farmacêutico, poeta, nasceu e faleceu no lugar Aroeira, municipio de Piripiri. Era filho de Diogo Alves de Oliveira e Silva e Predicanda Rosa de Oliveira. Foi proprietário da farmácia Minerva em Teresina.

DR. JOSÉ PIRES REBELO — Formado em Direito. Foi Intendente na capital do Estado. Deputado Federal em duas Legislaturas e Senador em dois periodos. Notável tribuno. Membro da Academia Piauiense de Letras. Sentimental como qualquer nordestino, tinha o seu pensamento sempre voltado para a terra berço. Sua aspiração máxima consistia, segundo nos conta José Auto de Abreu, em "ter assento na Academia Piauiense de Letras e uma placa com o seu nome em modesta casa de Piripiri, a terra natal."

DR. JOSÉ RIBAMAR FREITAS — nasceu em Piripiri, no dia 27 de dezembro de 1921. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Fluminense, na turma de 1957. Trabalhou na Fábrica Nacional de Motores S/A. — Baixada Fluminense, Estado do Rio. Sentimental como tantos outros piripirienses, José Ribamar retorna ao Piauí e em Piripiri, sua terra natal, além dos serviços concernentes à advocacia, passa a exercer as funções de Professor de Educação Moral e Civica e O.S.P.B. No Governo Jônatas Melo é convidado a participar do Secretariado, assumindo o cargo de Chefe do Serviço de Administração Geral da Prefeitura. É membro da Diretoria do Sindicato Rural de Piripiri. Ressalte-se que José Ribamar Freitas estudou com esforço próprio, trabalhando e enfrentando a vida às suas expensas, longe dos seus familiares. E venceu.

Casou-se com Ruth Garcia Freitas.

DR. JOSÉ WELINGTON FERREIRA — Nascido em Piripiri, no dia 23 de maio de 1938. Bacharelou-se em Administração Pública

pela Escola de Administração da Universidade Federal do Ceará, na turma de 1964. Fez Curso de Aperfeiçoamento, especialização e Extensão Universitária, indicado e financiado pela Superintendência do Desenvolvimento do Estado do Ceará (SUDEC); Curso de Administração de Pessoal, Comunicações Administrativas e Relações Humanas, ministrado pela Escola Brasileira de Administração Pública (EPAP), da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. Atividades Técnicas: Bolsista da Sudec-1964, integrando o Corpo Técnico com participação em vários projetos sócio-econômicos, designado para Chefe de três seções: Seção de Pessoal, Seção de Manutenção e Transporte e Seção de Serviços Auxiliares. Ex-responsável pela Administração Geral do Departamento de Biologia da SUDEC. Lotado na Divisão de Estudos Sociais do Departamento de Recursos Sócio-Econômicos da autarquia. Ex-Professor de Inglês Comercial da Escola Técnica de Comércio do Ceará. Atualmente se encontra à disposição do Governo do Piauí dirigindo o Serviço de Administração Geral (SAG), da Secretaria de Obras Públicas. Em excursão cultural visitou vários países europeus.

LEONARDO MOTA NETO — Filho de Moacir de Araújo Mota e Alborina de Carvalho Mota, nasceu em Piripiri, no dia 4 de outubro de 1943. Reside no Rio de Janeiro e faz parte da equipe da Rede Nacional de Notícias.

IR. MARIA DAS MERCÊS — Nasceu em Piripiri, no dia 12 de agosto de 1926. Profissão de fé feita no dia 6 de janeiro de 1947, na Congregação dos Pobres de Santa Catarina de Sena. Profissão perpétua em 1952. Em Teresina atuou brilhantemente nos meios religiosos conseguindo admirável prestigio. Era formada em Filosofia. Sua morte ocorreu no dia 11 de março de 1967, em Belém do Pará.

DR. MARTINHO AMÂNCIO DE ASSUNÇÃO — Nascido em Piripiri, a 11 de novembro de 1927. Médico, especialista em Pediatria. Clinicou em São João de Pau-Dalho, SP. Trabalha em Jequié, Bahia. Tem clinica particular e é credenciado pelo INPS. Funcionário do Estado com serviço no Posto de Higiene de Jequié, na Clínica Infantil. Foi Presidente e Secretário da Associação Médica de Jequié, Associação Baiana de Medicina de Jequié durante dois anos. 2º Vice-Presidente do Lions Clube de Jequié. Na Associação Médica foi membro da Comissão Fiscal. Casado com Nadir da Silva Assunção. Filhos do casal: Eliomar, Soraia, Márcia e Zaira.

DR. MURILO FERREIRA DE REZENDE — Nascido em Piripiri, no dia 26 de maio de 1930. Ingressando na Universidade Federal do

Paraná, obteve o diploma na turma de 1956. Foi o segundo piripiriense formado em engenharia civil. Tem os seguintes cursos realizados: Especialização Rodoviária do Instituto de Pesquisa Rodoviária (do Conselho Nacional de Pesquisas), Rio; Especialização na Associação Brasileira de Cimento Portland, São Paulo; Especialização de Pavimentação de Rodovias no Bureau of Publics Reads — Estados Unidos — e diversos outros de extensão universitária. Atividades Profissionais: iniciou a vida profissional como Engenheiro do Departamento de Estradas de Rodagem do Ceará, onde ocupou todas as chefias até a de Vice-Diretor. Professor Assistente da Universidade Federal do Ceará, da cadeira de Pavimentação, Conservação e Drenagem; Professor de Cursos de Especialização do Instituto de Pesquisa Rodoviária e de outros promovidos pelo SENAI. Membro Fundador da Associação Brasileira de Pavimentação. Engenheiro cadastrado no Departamento Nacional de Estradas de Rodagem como Engenheiro Consultor. Sócio-Fundador de Firmas de Consultoria Rodoviária. Engenheiro Chefe de vários Projetos de Consultoria Rodoviária, inclusive do Projeto da BR 222 — Sobral/Piripiri — e muitos outros da rede de rodovias federais de diversos Estados do Nordeste. Atualmente ocupa o elevado cargo de Secretário das Obras Públicas do Estado do Piauí e, como assessor do Governo Alberto Silva, vem realizando trabalho admirável. Com o otimismo peculiar aos espiritos jovens, desempenhando suas funções com atitudes firmes e entusiasmo contagiante, Murilo Rezende — homem de visão —, forma do lado de muitos outros ilustres piripirienses que levam longe o nome de sua terra natal.

Casado com Maria Zuleide Augusto de Rezende. Filhos do casal: Mário e Mauro.

Trabalhos publicados: sobre a especialização na profissão e apostilas para o curso de Engenharia.

DRA. NÍDIA DE ASSUNÇÃO AGUIAR — Nascida em Piripiri, no dia 14 de dezembro de 1942. Curso Pedagógico concluído no Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Teresina, na turma de 1961. Submeteu-se ao vestibular e, aprovada, ingressou na Faculdade de Direito do Piauí, diplomando-se em 1966. Cursos feitos: Atendente, para o SASP.; Escriturária Federal e Oficial de Administração. Lecionou algum tempo. Fez concurso para a Justiça Federal, assumindo o cargo no dia 18 de agosto de 1969. No ano de 1970 fez concurso para Juiza do Trabalho. Aprovada, assumiu o cargo a 21 de janeiro de 1972. É a Juíza mais nova do Estado da Guanabara e a primeira do Piauí. Casada com o Prof. Joaquim Antonio de Castro Aguiar.

Dr. NILSON DO MONTE REZENDE — Nascido em Piripiri, no dia 25 de julho de 1927. Tem o 2º ano de Filosofia. Formou-se na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, na turma de 1958. Tem o Curso de Advocacia e Empresas da Fundação Ford e Fundação Getúlio Vargas. Especializou-se em Direito Comercial e Direito de Familia. Tem escritório no Rio. Exerceu: Direção do Jornal "A Crítica"; Direção da Revista "A Época"; Presidência do Centro Acadêmico Cândido de Oliveira (CACO); Presidência do DCE da UB e da União Metropolitana dos Estudantes (UME), Representando a Faculdade nos Congressos Nacionais de Friburgo e no Quilômetro 47, em 1956 e 1957, respectivamente, e noutros. Foi Assistente de Direito Processual Penal do Prof. Hélio Tornaghi e de Direito Penal do Prof. Oscar Stevenson. Casou-se com Almiralice Medeiros de Rezende. Filhos do casal: Kátia e Nilson.

Dr. ODIVAL COELHO DE REZENDE — Nascido em Piripiri, no dia 15 de junho de 1926. Médico, formado pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade da Guanabara. Realizou Curso de graduação no Hospital Central de Acidentados (Cirurgia Geral). Interno por concurso do Hospital Pro-Matre (Obstetrícia). "Fellow" do Colégio Internacional de Cirurgião. Membro da Sociedade Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia.

Radicado em Parnaíba, onde desfruta de alto prestígio, tem a maior parte de suas horas dedicadas à Medicina, profissão que exerce com zelo. É um cirurgião de alto gabarito. As horas de folga são dedicadas à pecuária leiteira, assunto deveras apaixonante.

Na concretização de um "velho sonho de 15 anos" (são suas palavras) construiu naquela cidade piauiense e mantém um hospital aparelhado modernamente para atendimento perfeito aos inúmeros clientes. É o Hospital Maternidade N. S. de Fátima.

Dr. Odival é casado com Maria da Conceição Pires Coelho de Rezende. Filhos do casal: Guilherme, Jorge, Henrique e Patrícia.

ODON ALVES FERREIRA — Nascido em Piripiri, no dia 22 de setembro de 1928. Concluindo o Ginásio no Piauí decidiu estudar na Bahia, onde fez dois anos do curso clássico no Colégio Antônio Vieira, dos Jesuitas. Deixou os estudos e iniciou sua vida de trabalhos na Cia. T. Janer Comércio e Indústria e no Banco Boa Vista S/A., no Rio de Janeiro. Trabalhou na Editorial Labor do Brasil, em São Paulo. Posteriormente passou a trabalhar no IAPETEC — Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas, hoje INPS, sendo inicialmente Escriturário Letra E, nível 8, promovido a 10, logo em seguida Tesoureiro Auxiliar. Como Escriturário tra-

balhou em São Luis-Ma., como Agente em Tutóia. Atualmente é Chefe do Grupo de Planejamento e Controle Orçamentário da Coordenação de Arrecadação e Fiscalização em São Luiz — Ma. Casado com Zenaide Brandão Ferreira. Filhos do casal: Roberto e Rômulo.

Dr. OLAVO PIRES REBELO — Nascido em Piripiri. Filho do Cel. Tomaz Rebelo de Oliveira Castro e d. Lina Cassiana de Sampaio Rebelo. Casado com Maria Teresa Pires Rebelo. Não houve descendentes. Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1918 especializando-se em Oto-Rino Laringologia. Exerceu o cargo de Diretor Médico do Instituto de Aposentadoria dos Bancários além de exercer clinica particular. Faleceu no dia 6 de setembro de 1966.

Dr. OSIRES NEVES DE MELO FILHO — Nascido em Piripiri, no dia 19 de setembro de 1938. Iniciou o curso superior na Faculdade de Direito da Universidade de Pernambuco transferindo-se para a Faculdade de Direito do Piaui. Concluiu o curso no Recife. Trabalhou no DNOS, em Teresina. Fez concurso para a FAB no Rio de Janeiro. Nela ingressou em 1959, desligando-se no ano de 1972. Nesse mesmo ano tomava posse como Juiz Adjunto de Campo Maior. Serviu em José de Freitas. Atualmente é Juiz de Direito da comarca de Batalha. Casou-se com Matilde Maria Soares Andrade Neves de Melo. Tem um filho de nome Eduardo.

OTÁVIO RODRIGUES DE MORAES SOUZA — Filho de Benjamim Alves da Costa Souza e Gonçala Rodrigues de Moraes. Nasceu na então Vila de Piripiri, no dia 28 de janeiro de 1899. Iniciou estudos em sua terra natal com o Pe. Antonio Bezerra de Meneses. No ano de 1914, foi trabalhar em Parnaiba. Durante dois anos foi garçon do Café Gama. Em Fortaleza (Ce.) inicia carreira como repórter esportivo. Trava conhecimento com a delegação do clube carioca Botafogo, faz amizades com muito entusiasmo, do qual resultou a sua decisão de ir para o Rio de Janeiro. Viajou no navio Pará. Mas a bela capital pernambucana intercepta-lhe os passos. Não mais o empolga a delegação do Botafogo nem o Rio, a cidade maravilhosa. "Estava escrito": Recife era o seu lugar. E o nosso destemido rapaz vai procurar Alberto Loyo de Amorim, que conhecera no Café Gama, e o aconselhara a tentar a vida onde houvesse melhores condições. Por ele é apresentado a Antonio João de Amorim, cidadão que ainda usava o titulo de Barão da Casa Forte, que, com os filhos Alberto e Antonio Loyo de Amorim, se ocupava do comércio de exportação de açúcar. Sua firma, Loyo e Amorim, funcionava com escritório modelo português: armazém de açúcar e escritório no mesmo prédio (Rua

do Apolo, nº 221). Patrões e empregados faziam refeições no próprio escritório. E Otávio inicia a vida como escriturário. Aprendeu a escrever a máquina. Adquiriu conhecimentos em assuntos mercantis. Em 1920 fez concurso para o Banco Ultramarino. Foi aprovado graças à sua caligrafia. No ano de 1924 montou uma tipografia de sociedade com Antonio Loyo de Amorim e Dr. José dos Anjos. Associa-se ao jornalista José Penante e Dr. José dos Anjos e em 1925 editam a "Revista da Cidade", revista que foi a predileta dos recifenses, aos sábados, no período de 1925 a 1929. Para sua integração no meio social de Recife, naquele primeiro quarto de século, escolheu o Clube Flamengo. Ainda no ano de 1925 filiava-se ao Clube Internacional do Recife, um dos melhores da época. Em 1926 fundou a Associação dos Cronistas Desportivos de Pernambuco, participando de sua Diretoria. Também foi Diretor do Jóquei Clube. No radioamadorismo colaborou nos trabalhos de defesa das costas brasileiras durante a Segunda Guerra Mundial. Seu prefixo, que conservaria até a morte, era P Y 7 — C. W. Foi representante da Agência Nacional de Pernambuco no período de 1945 a 1950. Nessa ocasião ingressou no quadro de "O Estado de São Paulo", como correspondente no Nordeste. Instalada a sucursal no Recife, no ano de 1964, assume a direção e nela permaneceu até a sua última hora quando o surpreendera o edema pulmonar. Otávio Moraes também trabalhou na Cooperativa dos Usineiros de Açúcar. A essa altura colaborava nos jornais do Recife: "Jornal Pequeno", "A Provincia", "Diário da Manhã", jornais hoje desaparecidos. "A Cruzada Operária" foi outra de suas aventuras editoriais, "Guerra", esse não chegou a funcionar. Sua primeira edição foi proibida pela polícia. Era proprietário de cavalos no Jóquei Clube de Pernambuco e Diretor de Futebol do Flamengo. Casou-se no ano de 1928 com Euridice Gonçalves de Amorim, filha de Antonio Loyo de Amorim e Elvina Mendes Gonçalves (Euridice é neta do Barão da Casa Forte e bisneta do Barão Rodrigues Mendes). Desse casamento são descendentes: Élnio, Elmano e Eldenor, Elsir, Elvira, Eldenise, Eldione e Antonio Benjamim. Falece Otávio naquele 22 de março de 1970. Inúmeros amigos foram levar-lhe o último adeus. Muitos falaram de sua personalidade. Muitos enalteceram as suas qualidades. "Otávio soube viver dignamente uma vida movimentadissima. Era um dos que construiu a vida com as próprias mãos. Uma bela vida, essa" — assim falara o maestro Vicente Fitipaldi, diretor da Orquestra Sinfônica do Recife, velho amigo e companheiro dos seus primeiros dias na capital pernambucana. Também o jornalista e historiador Luiz Nascimento expressara sua opinião: "Otávio Moraes, jornalista da velha guarda, era uma criatura humana, de altos méritos, que sabia fazer amigos e conservá-los com dignidade". Faleceu Otávio. A história perdeu um grande pesquisador. Como exemplo admirável deixou

uma obra publicada ("O Roteiro do Barão Rodrigues Mendes"), trabalho que contou com a preciosa colaboração de sua esposa — Euridice e, em preparo: 1920/1930 — "Visão de uma Década".

Otávio queria muito a sua família. Arrancou de Piripiri os irmãos José, João e Edgar, depois sua mãe viúva, suas irmãs Madá, Ester, Conceição, Edith, Graci e Inez, e a todos ajudou encaminhando-os para uma vida digna. Soube enfrentar a dureza da vida com otimismo. No seu "Roteiro do Barão Rodrigues Mendes" há uma nota que por si só revela o esforço e a tenacidade desse valoroso piripiriense: "As difíceis e penosas condições de vida que tive de enfrentar e atravessei na juventude acabaram por me conceder o diploma de autodidata, do qual jamais me envaideci. Ao contrário. É que tal circunstância, que não raro dá jactância, nunca me poderia encher de orgulho em face da lesão irreparável que se abriu no meu espírito ávido de saber e de conhecimentos, pela desventura de nunca me ter sido possível frequentar outras escolas onde pudesse fruir a luz de ensinamentos de novos mestres. Já encanecido, curvo-me com humildade cristã ou sem a mais leve revolta a esse desamparo ou desdita da sorte. Não sem o abono de uma convicção que a amarga experiência me outorgou: a de que só na escola o espírito se desenvolve, e só o mestre aperfeiçoa a sensibilidade". Foi um piripiriense que nunca esqueceu a sua terra. Mesmo distante, participando da melhor sociedade do Recife, recebendo homenagens pelo muito que realizava, jamais esqueceu os seus primeiros quinze anos de vida simples do interior do Piauí, em Piripiri. Nem o fausto da Ponte d'Uchoa ou os brasões da família da esposa, a elevada posição que alcançou na vida, nada disso conseguiu envaidecê-lo. Isso é bom, minha gente. Isso é raro. É fora-de-série.

OTÍLIO COELHO DE REZENDE — Nascido no dia 13 de dezembro de 1896, faleceu no dia 14 de fevereiro de 1967. Era filho de Diógenes Coelho de Rezende e Leovigilda Joaquina de Rezende. Casou-se com Maria Antonieta de Andrade Rezende. Filhos do casal: José, Omar, Carlos, Antonio.

Otílio Rezende foi uma das reservas morais do seu tempo. Homem simples, calmo e correto. Além de proprietário fez parte da vida pública do Município exercendo cargos de responsabilidade. Foi membro de Associações diversas. Político. Participou do Conselho Municipal no período de 1929 a 1932. Era piripiriense dos mais dignos, pela retidão de caráter, pelo exemplo que deixou à sua família, às gerações futuras.

Dr. QUIRINO CAVALCANTE MENESES — Nascido em Piripiri, filho de Tomaz de Souza Meneses e Dalziza de Souza Cavalcante

Menoses. Ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco. Concluiu o curso na turma de 1965. Submeteu-se a um concurso para residente no Hospital do Servidor Público de São Paulo, especializando-se em Cirurgia Geral e Pediatria. Casado com Adair Menoses. Filha do casal: Patricia.

RAIMUNDO D'AGUIAR FREITAS — O conhecido Bidocas Freitas, é um piripiriense que conhece a história de sua terra, orgulhando-se de ser descendente do Padre Domingos de Freitas e Silva. Nasceu no dia 21 de julho de 1887. Foi vaqueiro de seu pai, barbeiro, comerciante, sacristão, auxiliar de construção de estradas etc. Quando jovem tocava saxofone, flauta e violão. Fez parte da vida publica do Municipio, foi suplente do Conselho, Conselheiro. Membro do PSD, foi eleito Vice-Prefeito para o quadriênio 1951/1954. Casado com Alexandrina Freitas. Não houve descendentes.

Dr. RENATO DE ANDRADE REZENDE — Nascido em Piripiri, no dia 9 de fevereiro de 1929. Formou-se em Direito no Colégio Pe. Antonio Vieira, da Bahia, na turma de 1955. Tem escritório em São Paulo. É casado com Simone Simões Rezende. Filha do casal: Maria Luiza.

SEVERIANO GONÇALVES DE MEDEIROS — Nasceu em Piripiri a 8 de dezembro de 1859 e faleceu no dia 8 de fevereiro de 1946. Foi Coletor Estadual e Vereador exercendo também outras funções no Municipio. Casou-se com Olimpia Maria de Melo Medeiros. Filhos do casal: Francisco das Chagas, Amélia, Maria da Conceição, Antenor, José, Filomena e Antonia Dalva.

Dr. SIMPLÍCIO COELHO DE REZENDE — Nascido no dia 1º de abril de 1841. Estudou na Faculdade de Direito do Recife diplomando-se em Ciências Juridicas e Sociais. Iniciou atividades profissionais em Teresina, onde exerceu a advocacia e o cargo de lente de Geografia do Liceu Piauiense. Esteve como Promotor Público nas comarcas de Parnaiba e Piracuruca. Foi Juiz em Barras. Eleito Deputado Provincial e Deputado à Assembléia Legislativa Imperial. Jornalista impetuoso. Em Manaus exerceu a advocacia conseguindo prestigio no seio da classe de advogados. Foi um grande amigo de seus coestaduanos. Sua casa estava sempre de portas abertas para acolher aqueles que buscavam a sua amizade. Seu nome está gravado na placa de uma rua de Teresina: COELHO DE REZENDE. Patrono da cadeira 26, da Academia Piauiense de Letras. Na terra que lhe serviu de berço — Piripiri — há uma rua denominada Dr. Rezende, homenagem do Municipio.

Dr. SIMPLÍCIO DE REZENDE — Nascido em Piripiri no dia 1º de janeiro de 1886. Iniciou estudo em sua terra natal. Nessa época ainda era admitida a palmatória, reliquia que o ex-aluno Simplicio conservava carinhosamente em seus arquivos. Formou-se em Odontologia. Casou-se com Diva Bacelar de Rezende. Filhos do casal: Edgar, Antonio, Maria.

Dr. Simplicio residia em Parnaiba onde chegou a exercer as funções de Prefeito Municipal, mas nunca esqueceu sua terra. Evocava-a nos seus momentos de saudades. Manteve durante muitos anos a inesquecivel banda de música "EUTERPE PIRIPIRIENSE", sob a inteligente orientação do maestro Chico Ângelo, autor de várias composições musicais da época. Faleceu no dia 6 de abril de 1971.

VICENTE AMÂNCIO DE ASSUNÇÃO — Nascido no dia 12 de agosto de 1877, faleceu no dia 19 de dezembro de 1965. Iniciou sua vida como vendedor ambulante. Era conhecido e estimado em todo o Município onde possuía considerável fortuna mas nunca se deixou levar pela vaidade preferindo a vida simples que levou até o seu último dia. Proprietário, comerciante e politico. Conselheiro, Presidente da Câmara dos Vereadores em 1936. Suplente de Vereador no pleito de 1948, convocado para substituir Nilo Bandeira Monte. Vereador no pleito de 1950. Foi Presidente da União dos Agricultores, da Conferência dos Vicentinos e do Circulo Operário. Primeiro Presidente da Associação Rural hoje transformada em Sindicato Rural. Fundou a Escola São Vicente de Paulo. Foi casado com Joaquina Rosa do Espirito Santo. Filhos do casal: Maria, Antonio, José, Luiza, Ana, Vicente, Joaquim, João, Dedi, Martinho, Francisco e Eremita.

WALDEMAR FELINTO DE MELO — Nascido no dia 14 de setembro de 1921. Fez o curso primário em sua terra natal, cursando o Comércio em Parnaíba. Suas atividades profissionais se iniciaram como comerciário. Hoje exerce as funções de Diretor da conceituada firma Poncion Rodrigues & Cia., na capital do Estado. Casado com Teresinha de Jesus Rodrigues Melo. Filhos do casal: Maria de Jesus, Poncion e Francisco.

Dr. WALDIR ARAÚJO — Nascido em Piripiri, no dia 23 de janeiro de 1927. Médico, formado na turma de 1958, na Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná. Foi Presidente da Câmara Municipal de Londrina-Paraná. Trabalhou em Clinica Geral e Cirurgia. Casado com Luzia Barion de Araújo. Tem um filho de nome Jener.

Dr. WAGNER REZENDE MACHADO — Nascido no dia 3 de ja-

neiro de 1942. Médico, formado pela Universidade de Pernambuco, na turma do ano de 1965. Reside em São Paulo.

DR. WARLINGTON JOSÉ BRANDÃO E MENDES — Nascido em Piripiri, no dia 29 de junho de 1942, filho de José Pio Mendes e Auristela de Andrade Brandão e Mendes. Casou-se com Cledonilda de Carvalho Brandão e Mendes. Médico, formado pela Faculdade de Medicina da Universidade do Ceará, na turma de 1967. Cursos: Fisiologia Nervosa — Farmacologia Experimental — Atualização em Cirurgia da Mão — Medicina de Urgência — Orientação para Redação de Trabalhos Científicos — Iniciação em Cirurgia Plástica. Atividades Médicas: Residência Universitária em Cirurgia Geral, no Hospital de Cirurgia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, Serviço do Prof. Haroldo G. Juaçaba. Assistente Voluntário do Serviço de Cirurgia Plástica e Cirurgia da Mão da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, Serviço do Prof. Germano Riquet. Médico-Cirurgião do Hospital Chagas Rodrigues de Piripiri, do IAHP. Médico-Cirurgião da Clínica do Hospital Getúlio Vargas de Teresina. Membro da Associação Piauiense de Medicina, Membro da Sociedade Piauiense de Ginecologia e Obstetrícia. Ocupações Atuais: Médico do Instituto de Assistência Hospitalar do Piauí. Auxiliar do Ensino de Disciplina da Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Piauí.

PIRIPIRIENSES HONORÁRIOS

ANTONIO ANDRADE DO REGO — Nascido no municipio de Pedro II, em 6 de abril de 1923. Técnico Agrícola. Foi Secretário da Prefeitura Municipal de Piripiri, Chefe do Posto Agropecuário de Ribeiro Gonçalves, Diretor-Substituto e Professor de Agricultura do Colégio Agrícola de Teresina. Piripiriense de coração e tão integrado nos costumes da terra adotiva que seria injustiça negar-lhe o direito de ser filho de Piripiri. Casado com Rita de Cássia Souza Rego. Filhos do casal: Raimundo José, Martinho e Francisco Laécio.

DR. ANTONIO COELHO DE REZENDE NETO — Nascido em Piracuruca. Casado com Maria Alice Figueiredo Rezende. Filho do casal: Haroldo Celso. De sua brilhante folha de serviços destacamos: Em 1938, deixando a Escola Naval (cursou até o 2º ano superior), matriculou-se na Escola de Engenharia da Universidade do Brasil. Neste mesmo ano entrava para o serviço público no Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis, como Auxiliar de Engenharia. Transferiu-se em 1940 para o Departamento Nacional de Obras de Saneamento. Terminou o curso de Engenharia em 1941, sendo então nomeado Engenheiro-Chefe das Residências de Magé, Duque de Caxias e Jacarepaguá. Como Engenheiro-Chefe do Distrito de Sepetiba, estudou e executou obras de saneamento (drenagens e defesa contra inundação) em vários Estados inclusive o Piaui. Com a transferência do DNOS em autarquia, deixou o Distrito de Sepetiba para fazer parte da Inspetoria Técnica como Inspetor Técnico. A convite da A.I.D., em 1964, viajou para os Estados Unidos. De volta ao Brasil foi nomeado Diretor da Divisão de Saneamento e Valorização Rural. Delegado do Brasil junto ao Congresso Internacional de Drenagem e Irrigação em Nova Delhi (Índia). No Brasil participou de congressos de Engenharia Sanitária e fez parte do quadro social da Associação Brasileira de Engenharia Sanitária. Em 1971 é nomeado Inspetor-Chefe. Faleceu no dia 7 de setembro de 1972.

Seria injustiça omitir o seu nome, a sua dedicação, a sua preciosa colaboração junto aos poderes competentes para dar algo a Piripiri, sua terra adotiva.

ARISTEU TUPINAMBÁ RODRIGUES — Nasceu a 16 de outubro de 1908, no lugar Vassouras, municipio de Barras. Inteligente, perspicaz e comunicativo. Chegou a Piripiri em 1940, como Coletor Estadual. Lider de uma época favorável, membro de várias associações, presidente de algumas, filiou-se a politica, foi eleito vereador

em 3 legislaturas. Deputado Estadual. Inspetor de Coletoria. Foi líder da classe dos Exatores Estaduais. Faleceu no dia 10 de agosto de 1967. Casou-se com Francisca Augusta Fernandes. Dessa união deixou quinze filhos: Auristela, Áureo, Auridéa, Auri, Aécio Rômulo, Vera Lúcia, Regina Lúcia, Flor de Maria, Luzia Augusta, Aristeu, Francisco das Chagas, Rita de Cássia, Maria dos Remédios, Sérgio André e Tália.

EDISON DE CRUZ CASTRO — nascido no lugar Há-mais-Tempo, município de Pedro II, a 1º de julho de 1932. Diplomado pela Escola Técnica do Maranhão (curso de comércio). Tem curso de Administração de Empresas por correspondência. Comerciante desde 1960. Casado com a dra. Marlene Reverdosa e Silva Castro. Filhas do casal: Eline, Lísia e Gerviz.

Edison Castro, um piripiriense autêntico, ajuda a sua gente, dando com a direita sem que a esquerda saiba. Não mede esforço quando se trata de socorrer um enfermo, um necessitado. Goza de um invejável círculo de boas amizades. Em Piripiri foi Presidente da Associação Rural. Tem suas tendências poéticas manifestadas em versos líricos escondidos na gaveta do Tempo e da Saudade.

FRANCISCO VIEIRA DE MELO — cearense do Tianguá. Casou-se com Bárbara Maria Vieira que lhe sobreviveu. Não houve descendentes. O casal adotou como filho Francisco Emerson que estudou no Ceará saindo como agrimensor. Pouco tempo depois, quando já começava a exercer a profissão, falece vítima de uma crise de apendicite, deixando os pais inconsoláveis e uma noiva em lágrimas. Francisco Vieira, um dos fundadores da União dos Agricultores de Piripiri e membro de outras sociedades, foi um batalhador incansável.

DR. GERARDO ELIAS DE AGUIAR — nascido em Coreaú-Ce. Cirurgião Dentista. Técnico de Laboratório de Análise Clínica. Exerce a profissão em consultório particular e trabalha no Hospital Chagas Rodrigues. É agropecuarista. Foi Presidente do Lions Clube de Piripiri por duas vezes. Eleito Vice-Prefeito para o quadriênio 1967/1971. Atualmente é o Presidente do Sindicato Rural de Piripiri. Casado com Helena Matos Aguiar, em primeiras núpcias. Sua segunda esposa — Mary Paiva Aguiar. Filhos do casal: Norma, Gerardo, José Adriano, Jorge André e Isabel Cristina.

DR. JOÃO FORTES — Cirurgião-Dentista, nascido no dia 15 de dezembro de 1914. Começou a vida profissional em Piripiri. Casou-se com a piripiriense Maria dos Remédios Freitas Fortes. Filhos do casal: Marliete, Berenice, Mauro, Edílson e Waldinar. Dr. João

Fortes submeteu-se a concurso para o Departamento de Saúde Pública. Aprovado, foi, posteriormente, nomeado para Piripiri. Hoje exerce o cargo de chefe do Posto de Higiene Odontológica adido ao Hospital Chagas Rodrigues. É credenciado pelo INPS. Atende ao povoado Brasileira, uma vez por semana, em face de um convênio com a Prefeitura Municipal de Piripiri. Politico atuante da União Democrática Nacional (UDN), sempre dirigindo o Diretório como Presidente e Vice-Presidente até a transformação do partido em ARENA. Há uma particularidade em o nosso biografado: nunca foi candidato. E assim vai João Fortes vivendo em Piripiri, dando a sua colaboração ao progresso da terra como autêntico piripiriense. Na vida pública também foi Promotor. Trabalha no Hospital e tem consultório particular. Nenhuma proposta para trabalhar em outra cidade seria aceita por ele. Piripiri — terra de sua esposa e de seus filhos hoje também é a sua terra. Ninguém manda no coração.

DES. JOÃO TURÍBIO MONTEIRO DE SANTANA — Nascido no dia 13 de outubro de 1911, em Teresina. Formou-se em Ciências Juridicas na Faculdade de Direito do Maranhão, em 1932. Iniciou a carreira como Promotor em Pedro II. Foi Juiz-Adjunto em Benedito-nos, ocupou o Juizado das comarcas de Luzilândia, Jaicós, Valença, Piripiri e Parnaíba, de onde saiu como Corregedor Geral da Justiça. Desembargador por merecimento. Membro e Presidente do Tribunal Regional Eleitoral e, como Chefe do Poder Judiciário do Estado, ocupou o elevado cargo de Governador do Piauí em virtude da renúncia do respectivo titular, o atual Senador Helvídio Nunes de Barros. Casou-se com Maria da Glória Rezende Santana. Filhos do casal: Antonio, Raimundo Tércio, Ernani, Célia Maria, Clemilson Domingos, Eliane, Lilia e João.

A cidade de Piripiri, na administração do Prefeito Adérson Ferreira, prestou significativa homenagem a João Turíbio inaugurando, a 1º de junho de 1968, o prédio do **Forum** com o seu nome. Foi um acontecimento brilhante e que contou com a presença do então Governador Helvídio Nunes de Barros e seus assessores bem como outras altas autoridades civis, militares e eclesiásticas do Estado do Piauí. As solenidades iniciaram-se com um banquete no Cassino 4 de Julho. À tarde houve a inauguração do edifício, ocasião em que os oradores fizeram o elogio do homenageado, exaltando suas qualidades morais e profissionais com eloquência e justiça. À noite, ainda no Cassino 4 de Julho, houve baile de encerramento das festividades.

Mas, faltou alguma cousa. Piripiri devia ter outorgado o título de Cidadão Piripiriense a João Turibio. Ele fazia jus a essa homenagem. Porque era um autêntico piripiriense. Piripiri era a terra de sua esposa, a terra de seis dos seus oito filhos, a sua terra adotiva.

O círculo de amizades do Des. João Turíbio era invejável. Demonstração viva de apreço, de cortesia, de admiração, de respeito e de saudade foi a afluência à sua residência naquele infausto dia 10 de fevereiro de 1971. Turíbio saira de casa pouco indisposto e com uma dorzinha de cabeça. Mas precisava ir ao Tribunal. Na qualidade de Vice-Presidente em exercício queria estar sempre presente às lides do seu cargo. Entrou no salão nobre. Cumprimentou a todos, atendeu a quantos desejavam uma palavra sua e assinou papéis. Queria falar com o então Governador João Climaco d'Almeida. Dr. Paulo Freitas faz a ligação. E as duas autoridades conversam pelo telefone focalizando assuntos de interesse do Estado. João Turíbio pede a sua intervenção para o processo no qual a autora destas notas solicitava a necessária autorização para que a Secretaria de Educação e Cultura do Piauí adquirisse 200 exemplares dum livro de poesias no valor de mil cruzeiros. Sua Excelência promete. E o Desembargador transmite o recado governamental à interessada ali presente. Quinze minutos depois sofria ele os primeiros sintomas do edema que ocasionaria a sua morte prematura. E às doze horas sua alma de escol alçou vôo, enlutando toda a família, os amigos, os colegas, a cidade, o Estado. As mais altas personalidades foram levar o seu adeus, o último, a João Turíbio. No dia seguinte, após a Santa Missa rezada em sufrágio de sua alma, o féretro saía da residência do extinto para o Cemitério de São José. Acompanhava-o as mais expressivas autoridades civis, militares e eclesiásticas. Amigos e familiares levaram-lhe as flores da amizade, as lágrimas da saudade. Era o enterro de um dos mais ilustres filhos do Piauí, um dos que faziam parte das reservas morais do Estado: o Desembargador da Humildade.

Ninguém mais se lembrou do seu último pedido em favor de uma humilde piripiriense. "Tudo passa sobre a terra", disse José de Alencar. Tinha toda a razão.

DES. JOSÉ DE ARIMATHÉA TITO — Nascido em Barras, no dia 18 de março de 1887. Bacharel em Direito. Seguindo a magistratura foi Juiz de Direito e Desembargador no Tribunal de Justiça do Estado do Piauí. Jornalista, orador, poeta. Membro da Academia Piauiense de Letras.

O início de sua carreira foi na então Vila e hoje progressista cidade de Piripiri, no ano de 1908. Exercendo as funções de Juiz Distrital salientou-se pela retidão de caráter e cultura invejável. Integrado na comunidade como um autêntico filho da terra, participou da fundação do Instituto Arcoverde como um dos diretores. Casou-se em primeiras núpcias com D. Nise Tito e dessa união deixou um filho que é hoje a maior expressão cultural do Piauí: Prof. José de

Arimathéa Tito Filho. Do segundo matrimônio realizado com a piripiriense Maria Edith Rezende Tito, não deixou descendentes.

Publicou: "Justiça Nacional" (estudos juridicos) e "Um Cidadão Digno", memória sobre Esmaragdo Freitas. "Obras Póstumas" (poesias), publicação sob os auspícios de D. Maria Edith.

De sua autoria é o Hino a Piripiri cantado pela primeira vez no dia 19 de fevereiro de 1910 por ocasião da inauguração da Vila.

Dr. JOSÉ CARLOS DE REZENDE BAIMA, é um "piripiriense" nascido em Piracuruca, no dia 10 de janeiro de 1944. Estudou em Piripiri, em Fortaleza e no Rio. Engenheiro Mecânico da turma de 1967. Trabalhou no Departamento Nacional de Obras e Saneamento, na Companhia Hidráulica de Terraplenagem (COHIDRA). Atualmente trabalha na Companhia Quimica Ródia Brasileira, como Engenheiro-Chefe do Setor de Manutenção de Máquinas de uma das fábricas da Companhia. Casado com Mirian Fernandes Baima. Filhos do casal: André Luiz, Cláudia e Cristiano.

MÉRCIO RODRIGUES DE ANDRADE, nascido a 1º de março de 1905 no município de Pedro II. Chegou a Piripiri no ano de 1917. Comerciante desde 1928. Premiado na Caixa Forte empregou o dinheiro em garrotes iniciando uma fazenda de gados. Casado com Rosa Rezende Andrade. Filhos do casal: Rita, Moacir, Maria de Lourdes, Augusto César e Maria Helena. Mércio foi membro do Conselho Municipal de Piripiri no período de 1936/1937.

GENERAL DE BRIGADA ONOFRE DE BRITO NETO — Nascido em Piracuruca a 27 de setembro de 1917. Contava apenas cinco anos de idade quando seus pais resolveram fixar residência em Piripiri. Assim viveu toda a sua infância embalado pela brisa suave das noites piripirienses. Estudou no Colégio Militar do Ceará e na Escola Militar de Realengo, no Rio de Janeiro. Concluiu o Curso de Aspirante a Oficial, na arma de Engenharia. Cursos realizados: Agrimensor, pelo Colégio Militar do Ceará. Engenharia, da Escola Militar. Estradas, Aerofotometria, Manutenção e Emprego de Equipamento Pesado de Engenharia, pela "The Enginer School" — Virginia (Estados Unidos). CARGOS E FUNÇÕES: Trabalhos de construção nas Estradas de Ferro Santiago do Boqueirão — São Luiz Gonzaga; Pelotas — Canguçu (estudos, projeto, locação e construção); D. Pedrito — Santana do Livramento; Bento Gonçalves — Rio das Antas e Tronco Principal Sul, trecho do Rio Negro — Barra do Jacaré (RS). Trabalhos de construção na BR-2, trecho Lages — Santa Cecília (SC). Trabalhos de construção no Tronco Principal Sul, trecho Rio Negro-Barra do Jacaré (PR). Serviu no 1º Batalhão Ferroviário, sediado em Bento Gonçalves. Tra-

balhos de construção nas Ferrovias Bento Gonçalves-Rio das Antas, trecho Rio Negro-Barra do Jacaré, São Luis — Cerro Largo — Santo Ângelo (RS). Comandante do 3º Batalhão de Engenharia de Construções, sediado em Campina Grande (PB), abrangendo os Estados de Pernambuco, Paraiba, Rio Grande do Norte e Piauí. Tinha sob sua responsabilidade a construção de estradas de rodagem, estradas de ferro e açudes. 1959 a 1961: Sociedade de Dragagem Ltda., Refinaria Duque de Caxias, bases de tanques, diques e drenagens. Diretor da COHIDRA S/A. — Hidráulica e Terraplenagem, desde 1961. 1965 — maio. Estágio Técnico na Ellicott Machine Corp. — Baltimore (Estados Unidos), com vistas à fabricação de dragas flutuantes. Diretor da SOTECAL — Sociedade Técnica de Estruturas e Caldeiraria S/A., caldeiraria e estruturas metálicas, solda e cortes, construção de draga de sucção e recalque, Diretor-Executivo da CINADRA-Indústria e Comércio de Máquinas Ltda. Representação de equipamentos de fabricação americana, canadense, inglesa e alemã. Chefe do Departamento Técnico da COHIDRA S/A., cumulativamente com as funções de Diretor Vice-Presidente. É sócio da National Geografia Society, de Washington, e da Sociedade de Engenheiros Militares, dos Estados Unidos.

Casou-se com Dirce Carneiro de Brito. Filhos do casal: Eliane Maria, Sérgio Luiz e Fernando Paulo.

OSIRIS NEVES DE MELO — nascido em Piracuruca, a 26 de janeiro de 1903. Casou-se em Piripiri com Maria Alice. Filhos do casal: Alice Áurea, Dione, Osiris, Cléa, Ceres, Maria do Socorro e Fernando.

Osiris visitou Piripiri quando ainda funcionário do Ministério da Agricultura. Posteriormente fixou residência na terra escolhida pelo seu coração e nela permaneceu exercendo cargos de responsabilidade, salientando-se como Procurador-Tesoureiro da Prefeitura Municipal. Socialmente foi elemento de destaque, emprestando sua colaboração ao desenvolvimento da terra, ilustrando-a com a sua inteligência. Jornalista e poeta. Atuou nos meios literários de Teresina, foi membro do Cenáculo Piauiense. Era um sentimental, um torturado na sua poesia. No soneto "DESTINOS", revela um quadro humano simbolizado pela rosa vermelha com reflexos de sentimento de sua alma dolorida ao apertar nas suas as mãos suaves de alguém no último instante de deixar a vida:

"Rosa vermelha, rubra, emurchecida,
Atirada a meus pés por mãos piedosas,
Eu te contemplo as pétalas formosas,
No último instante de deixar a vida...

Rosa vermelha, lânguida, ferida,
Apertada nas minhas mãos nervosas,
Tu que brilhaste em festas luminosas
Pendes como uma flor triste e vencida!

Eu também, como tu, na vida inglória,
Tive, em tempos risonhos e felizes,
Meus momentos supremos de vitória!

Brilhei! Não tinha fundas cicatrizes!
Hoje só se resume a minha história
Na tristeza das almas infelizes!..."

Em Piripiri, terra que adotou como sua, Osiris perde a esposa naquele 13 de junho de 1948. Sua musa emudece. Mas o jornalista continua escrevendo, escrevendo... até o dia em que é chamado a prestar contas de sua vida terrena: 24 de maio de 1964.

RAIMUNDO HOLANDA SOBRINHO — Nascido em 1923, no Ceará. No ano de 1945 chegou ao Piauí estabelecendo-se em Pedro II, chegando a ser o líder do comércio naquela localidade. Transferiu-se para Piripiri, onde atualmente reside. Ingressou na política em 1958. Candidato a deputado estadual pelo Partido Trabalhista Brasileiro, ficou como suplente em duas legislaturas. Na segunda foi convocado ao exercício do mandato. Com a extinção dos partidos e a criação da ARENA e MDB, formou ao lado de seus correligionários na ARENA. Eleito deputado no pleito de 1966, exerceu o mandato ocupando cargos de destaque, participando de várias comissões da Câmara. Conseguiu junto ao Governo a assinatura de convênios com a Prefeitura de Piripiri. Nessa época doou a Prefeitura uma verba para a construção de uma barragem no riacho Paciência, para servidão pública. Exerceu influência quando da criação das Agências do Banco do Estado do Piaui, no sentido de que Piripiri fosse beneficiado com uma filial. Exerceu as funções de Comissário de Polícia e Coletor Estadual de Piripiri. Foi um dos fundadores do Lions Clube de Piripiri, no qual exerceu vários cargos de Diretoria. Foi Presidente do Cassino 4 de Julho. Casou-se com Olga de Moraes Mendes. Filhos do casal: José Osmar, Francisco das Chagas, Raimundo, Paulo Afonso, Solange, Kleber e Jacques.

Dr. SEBASTIÃO AÉCIO DE CARVALHO — Médico. Nascido na cidade de Barras, no dia 20 de janeiro de 1940. Chegou a Piripiri no dia 23 de janeiro de 1967, quando assume as funções de Médico-Chefe da Unidade Sanitária (FSESP), cargo que exerceu até 31 de

julho do ano de 1968. Diretor Clínico do Hospital Chagas Rodrigues e do Funrural. Médico credenciado pelo INPS. Médico-Supervisor da Frente de Trabalho localizada na estrada Piripiri/Parnaiba na estiagem de 1970. Diretor do Posto de Saúde em Capitão de Campos. Médico credenciado pelo DNOCS por serviços avulsos. Chefe do Serviço Técnico Normativo da Secretaria de Saúde. Assessor direto do Secretário de Saúde. Médico da Faculdade de Medicina e do Instituto de Assistência Hospitalar do Estado do Piauí, lotado no Hospital de Doenças Infecto-contagiosas. Tem curso de Planejamento de Saúde e de Administração Hospitalar e em Saúde Pública. Casou-se com Maria Bernardete Nunes de Carvalho. Filhos do casal: Sahmia Vanessa e Sávio Eduardo.

Para Piripiri dr. Aécio emprestou decidida colaboração em vários setores, salientando-se a Reestruturação da Unidade com a criação do Serviço Odontológico. Convênio do Funrural com o Hospital Chagas Rodrigues, Reforma Administrativa e funcionamento do referido Hospital, estudos para a construção do prédio e transformação do hospital em Hospital Regional.

ARTISTAS NATOS

AURELIANO JOSÉ DE MELO, nascido no dia 16 de junho de 1895, era de estatura regular, gordo, alvo, de feições rosadas, cabelos e olhos castanhos. Dotado de cativante senso de humor, marcou época na vida piripiriense como um dos tipos mais curiosos e interessantes. Brincava e aceitava as brincadeiras que lhe eram atribuidas. Contava casos sobre pescarias, caçadas, uns verdadeiros e outros oriundos de sua fértil imaginação. Seu circulo de amizades era vasto. Domitílio, Arnaud, Raimundo Cornélio, Francisco Portela, esses faziam parte das palestras na calçada de sua casa. Vicente Amâncio e Otílio Rezende também foram seus amigos. Mas havia um que ocupava lugar de destaque no quadro de suas amizades: O eng. Manoel Elias de Aguiar. Dr. Manoel vai um dia designado para uma viagem de estudos no Peru. Muito embora não gostasse de viajar de avião, enfrentou. Lá nas alturas sentia um friozinho percorrendo-lhe o corpo, as pernas trêmulas como se estivesse numa crise de sezão ou como um caçador quando se defronta com uma onça sussuarana. Pensava no que diria Aureliano se viesse a saber. Alguma piada gostosa sairia. Mas urgia providências. Tem uma idéia: Tão logo aterrisasse escreveria contando a sua proeza, substituindo a palavra medo pela expressão "aurelianando". Durante a viagem — diria — eu ia "aurelianando". A reação seria de protesto. Não tinha dúvida. Estava criado mais um verbo na gramática nordestina: o verbo "aurelianar", isto é, tremer de medo. O plano foi executado. Aureliano aceitou a derrota. A primeira. Ele que sempre fazia das suas encontrou alguém mais esperto: um discipulo.

Aureliano foi casado com Raimunda Mendes de Melo. Filhos do casal: Rita, Josefa, Antonio, Maria José e Maria do Carmo.

Por portaria governamental Aureliano foi nomeado delegado de Piripiri. Assumiu o cargo procurando contornar as situações dificeis sempre com calma e bom senso. Um dia surge um cidadão apresentando uma queixa contra a esposa que vivia neurastênica, brigando por tudo. Pedia providência. A explanação foi ouvida com atenção. O Delegado aconselha a parte ofendida:

— Meu caboclo, o que você está me contando não representa nada de novo. As mulheres são assim mesmo. Brigam, infernam a vida da gente. Elas sempre querem ter razão. Mas é preciso tolerância e essa cabe ao homem. Tenho um exemplo em casa: eu e minha mulher sempre vamos às missas dominicais. No dia em que ela entende de exigir que na volta da Igreja eu a carregue nos braços, não há santo que dê jeito. Então eu me conformo e lhe faço a vontade. Não me

importa que o povo na rua diga que eu sou governado pela mulher. Assim vivemos bem. Por que você não tenta fazer como eu? Experimente.

Foi uma chuva de gargalhadas entre as testemunhas presentes. Até o denunciante sorriu e retirou a queixa. Saiu cabisbaixo. Quem sabe, em casa encontrou um cafezinho saboroso preparado pela patroa...

Era esse o espírito jovial de Aureliano também conhecido por "seu Lero". Muitas vezes fazia-se de mártir como esposo e na realidade sua esposa era compreensiva e dedicada.

Como jovem simpático e bonito teve suas aventuras. Foi muito cobiçado pelas donzelas do seu tempo. Adorava passeios e festas. Uma vez programou um passeio, em companhia de Zefelinto e Antonio Sesostris. No Jirau, em casa de d. Clementina Borges, os três amigos atraídos pela beleza de Djanira, Linoca e Lídia, esperavam passar agradáveis momentos. Ali chegados desmontaram-se dos cavalos que logo foram amarrados no galho de uma árvore, no pátio. O sol daquele domingo abrasava. Mas as moças tiveram o cuidado de cobrir as selas com alvíssimos lençóis, protegendo-as contra o calor. Saiu um cafezinho servido em finíssimas xícaras de porcelana japonesa. Zefelinto e Antonio Sesostris estavam encabuladíssimos. O primeiro rejeitou o café e o outro tomou o seu em goles rápidos. Aureliano não tomava café quente. Ficou em apuros. Djanira, ali pertinho, com a bandeja na mão aguardando a xícara... O "herói" devia enfrentar o perigo. Então (isso ele contava com toda a segurança) fez o sinal da cruz como se estivesse nos últimos instantes de sua vida, encomendou-se a Deus e engoliu o líquido todo de uma vez. Entregou a xícara com uma inclinação de cabeça e não falou mais. Logo os companheiros resolveram encerrar a visita. Quando não mais podiam ser ouvidos pelos moradores da casa, comenta: — Vocês já viram céu da boca de gente? — e, metendo o indicador na boca, puxou um pedaço de couro vermelho tostado pelo café quente.

Aureliano entendeu de ser sapateiro. O mestre seria o velho Manoel Beiju, uma cidadão que vestia túnica vermelha nos dias de procissão e conduzia uma cruz na frente do cortejo. Morava numa casa antiga, baixinha, na rua dr. Rezende, hoje nº 305. Ele e sua esposa Liduina eram católicos praticantes. Não tinham filhos. Deixariam aquela casa para o patrimônio de N. S. dos Remédios. A sala de trabalhos era a principal da casa. Na parede um quadro do Sagrado Coração de Jesus, entronizado, era um reflexo da religião dos moradores. Um dia, na ausência do velho, o discípulo fez uma das suas: joga o quadro do santo ao chão. O mestre, ao voltar, apanha-o com todo o respeito e, colocando-o novamente na parede, diz: — Hum, hum, meu Coração de Jesus! Vós é quem há de me ajudar, mas este

é que não me ajuda... Sai outra vez e Aurcliano repete a brincadeira. O velhinho diz as mesmas palavras com toda a paciência. Outra vez... mais outra... Mas tudo tem limite. Até o show do J. Silvestre fez ponto final. E Manoel Beiju não era santo. Perdeu a calma. Sai com o quadro rumo à cozinha, joga-o no fogão, dizendo: — Hum, hum, meu bem! Quem não dá pra cela dá pra cangalha!... — E era uma vez um quadro do S. C. de Jesus... Ficou apenas a cinza.

No quintal da aludida casa havia uma laranjeira que dava saborosos frutos. Naquele ano a safra fora ótima. Mas o velho Beiju não permitia que se tirasse uma laranja sequer. Nem mesmo a sua Liduína tinha esse direito. Os melhores cachos seriam reservados para os leilões do Coração de Jesus, no mês de junho e de N. S. dos Remédios, em outubro. Ora, perto da casa de Manoel Beiju morava Zefelinto, líder dos rapazes que formavam a roda central da cidade onde se misturavam as "fofocas" com as "gozações". Havia um café excelente. Isso era o que havia de melhor! Sua casa era o ponto célebre das noites piripirienses. As reuniões se prolongavam até altas horas. Aureliano, um dos assíduos frequentadores, convidou Zefelinto para assaltarem juntos a laranjeira do mestre. A tarefa era difícil. Manoel tinha o sono leve. Liduína sofria de insônia. E como afastar as visitas sem despertar suspeitas? Mas para Aureliano foi fácil arranjar uma solução. Zefelinto deveria dizer que estava com dor de cabeça e indisposição no estômago. Convenceu as pessoas presentes que o amigo estava com febre de 40º e deveria entrar mais cedo. Como exemplo guardou sua cadeira. Afastadas as presumíveis testemunhas, depois de certificados de que o velho dormia, iniciaram os trabalhos. Zefelinto, ao pular o muro, viu algo parecido com a sombra de uma pessoa e quis recuar. Mas Aureliano explicou que era um chapéu pendurado num pau da cerca. A derrubada começou. Não ficou uma fruta na laranjeira. Nem as verdes! No dia seguinte o velho acordou cedo e viu o estrago nas fruteiras. Haviam roubado todas as laranjas. Quem seria o ladrão? Ora, estava na cara! Esses vagabundos que não têm o que fazer. Aureliano e Zefelinto. Como não era possível surrá-los, engolia a raiva, ficando com um nó na garganta. Aureliano jurava: — Se eu tiver roubado laranja, quero que Deus me castigue e faça com que as sementes nasçam, cresçam e produzam tantas laranjas que nem ladrão acabe. — As beatas se benziam pedindo a Deus que não ouvisse as asneiras de Aureliano. Manoel cortou as relações com o discípulo. Piripiri perdeu a oportunidade de contar com um sapateiro de 1a. classe. Muitos anos depois quando se encontravam, mestre e discípulo, se este falava no assunto, aquele dizia: "Num fale mais nisso home de Deus!..."

As travessuras dos dois inseparáveis amigos, Aureliano e Zefelinto, não cessavam. Ia haver uma festa na Várzea. As filhas de Pau-

lino da Alegria, Donana e Maria, estariam prestigiando o baile. Elegantes e formosas tanto quanto podiam ser as moças do sertão, as duas irmãs aceitavam as atenções dos dois amigos. Mas, no melhor da festa, quando os convidados bailavam ao som da harmônica do velho tocador, começa uma briga. Dois sujeitos embriagados puxavam facas. Correu gente para todos os lados. Aureliano ficou imóvel. Minutos depois, refeito do susto, procurou Zefelinto. Nada também não viu as moças. Pergunta a uma preta se não dava notícias. Nada. Ele, então segura os cabelos da negra, salta por cima dela, toca o pé na panela de garapa que fervia para o café, derramando tudo. E lá vai mato a dentro, desorientado, à procura do pessoal. Sentiu um ardor na perna esquerda. Arrancara o couro no salto que empreendera. Cessado o movimento, o povo volta ao salão. A harmônica jazia num canto, quebrada. O tocador não podia continuar a tocar. O povo queria dançar. Cadê música? Aureliano sugere que o tocador vá puxando a harmônica mesma só de um lado e dizendo o que pretendia tocar. O som não sairia perfeito. Mas os dançarinos entenderiam. Foi o único meio de continuar a festa até o sol raiar.

Outra festa que contou com a presença de Aureliano e Zefelinto aconteceu em casa de João de Mola, no lugar Pau Ramalhudo. O povo simples e bom sabia receber os rapazes da cidade cumulando-os de gentilezas e atenções. Eles representavam a sociedade de Piripiri. Era o máximo para uma festa no interior. As melhores morenas com raminhos de oriza ou de manjericão no cabelo seriam apresentadas aos visitantes. A festa ia começar. Mas há sempre um "mas" e aquele foi a inesperada doença da esposa do dono da casa. Acometida de um ataque estava como morta e o povo gritava pedindo socorro. E Zefelinto reclamava: — Ora, uma festa tão prometedora e acontecer uma cousa dessas! — Nesse instante João de Mola, o dono da casa, diz em voz alta: — "Pessoal, não sai ninguém. Se a muié morrer se dança assim mesmo". Felizmente a velhinha melhorou e não atrapalhou a festa que foi uma das melhores realizadas no Pau Ramalhudo.

Entre as suas profissões citemos a de marchante. Um dia entra no açougue a negra Josina, das Pubas, queixando-se da falta de chuvas. Compra o seu peso de carne seca. Falta um troco de 500 réis. Aureliano pergunta se Josina quer aquela importância de chuvas. Ele tem um amigo no Ceará, o Pe. Cicero do Juazeiro, e se ela quiser pode fazer a encomenda. Josina acredita. "Seu Lero" não era homem de caçoada! E sai do açougue tranquila aguardando as chuvas prometidas. E as chuvas chegaram. Por coincidência nesse dia caiu um forte temporal e a chuva foi tão grande, os relâmpagos e trovões amedrontaram a população de Piripiri. Viu-se um homem arrependido da brincadeira com a negra Josina: Aureliano.

Quando nasceu sua neta Maria Virgínia, filha do casal Dr. Antenor/Maria José, a sua alegria foi imensa. Queria que o mundo inteiro soubesse do seu prazer de ser avô mais uma vez. Vai tratar de assuntos no Banco do Brasil e encontra Otílio Rezende que é o primeiro a receber a comunicação: — "Meu amigo Otílio, duvido que você ou qualquer outro piripiriense tenha presenteado alguém como eu acabo de presentear minha neta. Olhe, cumprindo uma promessa, fui comungar e ganhei 300 dias de indulgências. Imediatamente transferi essas indulgências para a garota. É ou não é um presente original?"

Era aquele espírito sempre bem humorado que tanto agradava a gente. Achava que Deus podia ter-se lembrado de lhe pedir opinião quando decidiu fazer o homem. Suas sugestões seriam: o olho na ponta do dedo indicador da mão direita. Seria mais prático para olhar em todas as direções. A "batata" da perna devia ser na frente para que as canoladas não doessem tanto.

Graças a Aureliano adquirimos a oração "MARIA VALEI-ME". É um reflexo da alma simples do caboclo nordestino que faz das suas súplicas uma mistura levemente ridícula mas compreensível e aceitável. Vejamos a oração que ele ditou e nós copiamos em sua residência, após um gostoso café com rosca fabricada pelas mãos de fada de Maria do Carmo Furtado. Vejamos:

"Pelo Sinal de Bamburucê:
Pocó, amém.
Da testa acima
Barambambá
Pocó, amém.

MARIA VALEI-ME, MARIA COLHEITA, de ladeira abaixo, ladeira acima. Rumbango, rumbango vem ele rolando, revire, revire, nem torne a virar, nem com galho de pau seco nem com chave de apertar. Que Deus me suba naquelas alturas pra me livrar dos cambitos daquela criatura."

Ainda naquela manhã quando recolhíamos subsídios para a coleção do escritor Renato de Alencar, pedimos a d. Donzinha, sua esposa, que nos ensinasse algumas orações contra picada de aranha, dor de dente, azia, etc. Íamos anotando tudo em nosso caderno. E Aureliano pergunta se queríamos também oração para medo de onça. E logo anotávamos a curiosa reza:

PRIMEIRO POLUMA — "Glória seja ao Padre
Filho e Amor também
Você que vem atrás
Ispie quantas onças vem.

SEGUNDO POLUMA — Glória seja ao Padre
Virgem soberana
Vem quatro pintadas
E uma sussuarana."

Essas orações foram enviadas ao escritor Renato de Alencar e ao poeta Félix Aires, no Rio.

Aquele 25 de janeiro de 1969 estava destinado a focalizar Aureliano pela última vez. O amigo, o humorista, o contador de "estórias" de caçadas, foi presença marcante na vaquejada realizada em Boa Esperança, propriedade do Cel. Francisco da Costa Portela. Hospitalidade franca. Convidados especiais. E Aureliano alegrando a todos com a simpatia que lhe era peculiar.

No dia 11 de março daquele ano, falece Aureliano. Sua lembrança perdura no seio da família e no coração dos amigos. O Alto da Areia era a sua propriedade favorita. Ali passava agradáveis fins-de-semana. Ali desejava o descanso eterno dos seus restos mortais. Ali foi sepultado. Apenas o corpo. Porque o seu espírito alegre e comunicativo ficou na recordação de suas brincadeiras. Seus amigos não o esqueceram. Ele ainda vive na saudade que deixou.

JOSÉ FELINTO DE MELO, nasceu no dia 2 de novembro de 1896. Casou-se duas vezes: a primeira com Judith Melo, Filhos do casal: Waldemar, Francisco, Hilda e Wilson. Do segundo matrimônio com Aldenora Cruz Melo, deixou uma filha: Maria da Conceição. Espírito jovial, comunicativo, com aquele senso de humor que lhe caracterizava a pessoa distribuindo alegrias em sua volta. Inúmeras de suas brincadeiras marcaram época, muitas de parceria com Aureliano Melo. Uma que destacamos se refere a Alcides David de Souza. Zefelinto tinha em casa um garoto contra o qual recebia constantes denúncias. Um dia foi a vez de Alcides. O menino chamara-o pelo apelido de "Bolo Branco". Zefelinto, conhecendo o garoto e pretendendo fazer uma das suas com o conterrâneo, lança a proposta: — "Olhe, Alcides, eu vou mandar o menino à sua mercearia. Castigue-o, se quiser. Vingue-se." Alcides aguardava a "visita" com um chicote de relho cru. Ia desabafar! Mas ao tentar aplicar a primeira chicotada viu-se em apuros. O garoto tomou o chicote usando-o contra o agressor, sob olhares e risos dos presentes. Caiu o feitiço contra o feiticeiro!

ODILON ALVES FERREIRA, nascido em Piripiri, casou-se com Alcina de Freitas Ferreira. Filhos do casal: Odon, Mauricio, Teresinha e Maria da Conceição. Além de comerciante, foi funcionário público e hoje, aposentado, preso a uma cadeira de rodas, é ainda um cidadão bem humorado, sempre disposto a brincar com os amigos. Salientou-se criando palavras curiosas para um vocabulário interessante. Ingrometilia, por exemplo, significa assombração. Abisquaquara, outro termo criado e do qual resultou o episódio seguinte: — Odilon entrara numa sociedade para compra de uma amplificadora destinada a alegrar as tardes e noites piripirienses. Negócio precário. As despesas iam além da receita. As prestações do aparelho amplificador atrasaram. Os sócios, reunidos, discutem a situação da empresa. E Odilon resolve dar uma satisfação a firma credora. Redige uma carta explicando que a sociedade responsável pela dívida não efetuara o resgate do titulo porque estava "abisquaquara". O Chefe da firma, sr. Francisco Neves, de Sobral, ignora o significado da palavra. Escreve a Osires Neves, de quem era genro, pedindo uma explicação. E só então soube que "abisquaquara" era um termo inventado pelo missivista e significava sem dinheiro e, portanto, sem condições de poder saldar a divida contraída.

RAIMUNDO DE FREITAS E SILVA, nasceu no dia 14 de maio do ano de 1875. Casou-se com Francisca. Salientou-se pelas anedotas que lhe eram atribuidas e pelos versos que fazia com o sentimento de sua alma de poeta natural. Para Miguel Moraes escrevi: — "Ilustre amigo e poeta — Moraes Rodrigues Miguel — Recebi teus lindos versos — Numa folha de papel..."

De viagem para Piracuruca volta a escrever ao amigo: — "Poeta Miguel Moraes — Não vou lá me despedir — Porque me diz o chofer — Que são horas de partir..."

Pouco tempo depois voltava e escrevia: — "Não vou mais a Piracuruca — Tenho medo e sobretudo — Posso ficar transformado — Em careca ou barrigudo. Fico mesmo em Piripiri — Terrinha de meus avós — Onde não temos B. Souzas — Nem Zebas nem Badarós".

Seus versos nunca foram publicados. Alguns foram conhecidos na época. O do galo, por exemplo: em uma das torres da antiga Igreja de N. S. dos Remédios havia um galo de madeira colocado em um suporte de ferro. As crianças esperavam que ele cantasse qualquer noite. Não tiveram esse prazer. Um vento forte derrubou o simpático galinho, no ano de 1934. O galo desapareceu. Ninguém procurou encontrá-lo. O poeta escrevia: "Poeta Miguel Moraes — Desculpe-lhe perguntar — O galo velho da torre — Onde é que andará? A resposta seria: "Meu caro e prezado amigo — De Freitas Silva Raimundo — O galo velho da torre — Anda aí por esse mundo..."

Era Raimundo de Freitas um sujeito temperamental. Uma de suas explosões liga-se a um dos tipos populares da cidade a velha Sofia. "Sia Sofia" diariamente visitava as casas dos conhecidos passando várias vezes na porta de Raimundo de Freitas. Era um "Bom-dia" certo. E muitas vezes. E naquela terça-feira foi demais. Raimundo perde as estribeiras, dizendo: — Bom dia, "Sia Sofia", bom dia por hoje, bom dia por amanhã, bom dia por conta de depois de amanhã, bom dia pelo resto da vida!

A luz elétrica de Piripiri arruinara e o poeta procura saber o motivo: — "Compadre Hilário, me diga — O que há pela usina — O que há com a luz elétrica — Que as ruas não ilumina?... Não sei, compadre, não sei — Porém me diz o vigia — Que a projeção não é boa — Por falta de energia... O motor já é bem velho — Pelos anos alquebrado — Tem força de dez galinhas — De pescocinhos pelado."

Isso acontecia em julho de 1937. No ano seguinte, a 24 de outubro, falecia Raimundo de Freitas e Silva.

ROSINHA REBELO, nome que precisa ser lembrado e que foi a figura simpática de D. Rosinha, proprietária da "PENSÃO REBELO", instalada no prédio onde atualmente funciona a livraria Fred Jordão. Mas ninguém falaria de D. Rosinha e da Pensão Rebelo com tanto entusiasmo e segurança como falou Moacir Mota. Moacir escreveu em outubro de 1944 uma crônica especial para o Almanaque da Parnaíba e que saiu publicada na edição de 1946, da qual destacamos: "... D. Rosinha não foi artista, nem cientista, nem literata. Melhor do que isso, dedicou-se à tarefa de nutrir e agasalhar essa humanidade imprecisa, que as contingências da vida fazem rolar de um lado para o outro, por todos os caminhos do mundo, e que encontra a mais legítima expressão na honrada e tagarela classe dos viajantes comerciais..."

SANTILHA BANDEIRA MONTE, nasceu em Piripiri, no dia 11 de março de 1898. Santilha bem poderia ter tido a sua vida como a de todas as moças de cidades pequenas se não tivesse resolvido abraçar a profissão de hoteleira. O Piripiri-Hotel, inaugurado a 9 de fevereiro de 1943, foi o centro de atração de quantos passavam pela cidade. Mesa farta. Tratamento fidalgo. Se nada mais se dissesse bastaria o que escreveu Vinícios Lima, enviado especial da "Revista da Semana" ao Piauí, com o objetivo de visitar as Sete Cidades Encantadas de Piracuruca. "...Os passageiros do veículo falavam numa surpresa que o jornalista teria quando atingisse Piripiri. A tal surpresa ficaria em segredo até depois do jantar. Findo o jantar, o jornalista confessa: — "Pode haver surpresa, porém maior do que o excelente filé de D. Santilha, acho difícil". Todos gargalharam. A

surpresa, realmente, era o filé de D. Santilha. Um filé de que os cozinheiros do Quitandinha gostariam de possuir a receita. Um filé que não se aprende nos almanaques".

Santilha era simpática e atenciosa. Não lhe faltaram admiradores entre os hóspedes. Alguns nunca se manifestaram. Seu "hobby" era passear de carro. Não fora o reumatismo que lhe perseguiu até a morte teria sido uma turista perfeita. Mas seu estado de saúde era precário. Sofria abalos enormes. Tratamentos sérios tinham apenas solução passageira.

O Piripiri-Hotel foi ponto de parada de vários coletivos das empresas de transportes: João Cândido, Walfrido Salmito, Eliézer Guimarães, Expresso de Luxo, Maximino (Ce) e Marimbá, João Orsano, Inácio Farias (Pi).

Dos empregados do Hotel citamos: Francisca e Mariazinha, Donana, Gonçala, Izabel, Maria Inez, Jovelina, Herminia, Arcanja, Sebastião, Raimunda, Francisquinha, Maria José, Lúcia, Raimundo Paciência, Adauto, Francisca. Muitos passaram pouco tempo. Mas todos fizeram parte da vida do Hotel de d. Santilha.

E os rapazes e moças que vieram de suas cidades e naquela casa de hóspedes encontraram um segundo lar: Orlando Lustosa, Francisco das Chagas Ramos de Sales, Dr. Dalmo Estevão de Oliveira, Dr. Emanuel Marques Sérvio, Dr. Lauro Mendes da Rocha, Leopoldo Sérvio Ferreira, Joaquim Silveira Bastos, Edgar Lopes, Pedro Rufino, Ricardo, Edmilson, Eurico, Hildebrando Mendes e tantos outros. E as professoras: Alda Martins da Rocha, Maria Eremita do Espírito Santo, Socorro Aguiar entre outras. Entre aqueles que deram preferência ao Piripiri-Hotel citaríamos de passagem alguns nomes: Adauto José Gerardo Frota, Jorge Silvestre, Gerardo Aracati, Omam, Ubaldo e Luiz Solon, Hildefonso Frota, Clodoaldo Cunha, José e Manoel F. Carneiro, Elpídio e Rozendo Brígido Sá, Manoel Cunha, Marcelino, Alfredo e Valdek Meneses, João Nóbrega Oliveira, J. Batista Silva, Antonio Medeiros, José e Maria do Carmo Brito, José Donato, Magalhães Braga, Adelmo e Maria José Pereira Guedes, José Luiz de Carvalho, Raimundo Vasconcelos, Custódio Silveira, José Fernandes, Mário e Teresinha Carvalho, Abelardo, Juju e José Maria Sampaio, Antonio Arruda, Antonio Sales, Adolan, Carlos Alberto Araújo, Osvaldo Araújo, Fernando Monteiro, Belarmino Bezerra, Sandoval Jucá, Geraldo, Raimundo Nonato Silva, Jesus Godinho, Simão Barbosa, Portela Nazzar, Samir. A autora destas notas passou uma temporada no Hotel. Também tem gratas recordações. Ali fez boas amizades. Hoje presta uma homenagem especial registrando 21 letras que formam SANTILHA BANDEIRA MONTE, piripiriense desaparecida aos 22 de agosto de 1972.

TIPOS POPULARES

ALARICO — Um tipo curioso. Baixo, feições grosseiras. Andava sempre de palitó, gravata, sapatos e meias, nunca esquecendo cinturão e suspensório. Adotou o título de "imbecil", orgulhando-se dele. Fazia discursos pelas ruas, nas casas de famílias e nos hotéis em troca de algum dinheiro. Não gostava de níquel. Com os trocados que arranjava ajudava sua velha mãe cega e sem recursos. Nos seus discursos voltava-se sempre contra as autoridades. Era a sua idéia fixa. Mas ninguém ficava zangado. Todos gostavam dele. Faleceu novo. Seus irmãos Dodó e Isaura, cegos, ainda esmolam pelas ruas da cidade.

AMIÃO — Escravo africano. Falava embrulhado. Pilava arroz em muitas casas de famílias quando não havia ainda indústrias de beneficiamento de cereais.

ARLINDO — Um cego que andava nas ruas sozinho, pedia esmolas, zangando-se cada vez que ouvia um "perdoe" mesmo de brincadeira. Seu ponto predileto: o Piripiri-Hotel, de Santilha Monte. Conhecia os viajantes da época pela voz. Dificilmente falhava. Um dia Magalhães Braga resolve pregar-lhe uma peça imitando a voz de um colega e perguntando se Arlindo sabia quem era. A intuição do cego falhou. Braga, querendo "ajudar", diz que a primeira letra é um B. E o cego convicto responde: — "Já sei, é seu Zé Milanez". Felizmente a gargalhada de Braga soou acompanhada de uma notinha! Foi casado com Antonia. Deixou um filho de nome Francisco Nogueira da Costa.

BAZÍLIO — Figura indispensável na orquestra da cidade. Tocava maracá, batia pratos. Mas a sua especialidade era fazer doces. Maria Pequena, sua esposa, também servia nas casas da cidade.

CAÇUÁ — Domingos Adeodato era o seu nome. Conhecido carregador 38, uma das figuras mais populares do seu tempo. Estimado na classe dos viajantes e de quantos utilizavam os seus serviços. Negro de confiança. Pela manhã saía visitando as famílias de sua preferência, tomando um cafezinho e contando as suas proezas. Domingos fazia brincadeiras com os conhecidos e depois saía relembrando-as. Dava cada gargalhada! Uma de suas maiores vítimas foi Liberato. Domingos sabia que o velho devia passar em determinado caminho e esperava-o. Um dia amarrou o mato, aquele "relógio" que se encon-

tra à margem dos caminhos de roças e, escondido, esperou o resultado. Vinha Liberato com a enxada no ombro cantando desafinado:

— "Meu benzinho tá mal comigo
Eu não sei qual a razão
Se é falta de carinho
Eu lhe dou meu coração.

Já faz mais de quatro anos
Que eu vivo no teu engano
Quem ama também espera
Oito ou nove e até dez anos..."

A armadilha estava preparada. Liberato tropeçou no emaranhado do mato e foi ao chão. Ao levantar-se viu Domingos que aproximava como se de nada soubesse, cumprimentando:

— Abenção, seu Liberato. Vaincê tá sentindo alguma cousa?
Liberato, consertando a garganta, responde:

— Deus te abençoe, negro ordinário. Tu não larga essa mania de fazer danação, heim?

Mas isso não emendava o Caçuá. Ia adiante. Passava em casa de d. Bilu. Via a tigela de coalhada guardada para o lanche. Entrava na cozinha. A coalhada não chegava para os empregados. Era todinha para a patroa. E Domingos, com uma vontade louca de provar ao menos uma colherada!... E se colocasse uma barata morta por cima daquela nata grossa? Duvido que d. Bilu ainda quisesse a coalhada! Resolveu fazer uma experiência. Se calhasse... valia a pena. Ia esperar na cozinha. E foi. À hora do lanche d. Bilu mandou buscar a tigela de coalhada. Viu a barata e... Deus do Céu! Que cousa horrível! Levassem para bem longe e derramassem tudo. Caçuá sorria lambendo os beiços. Era só retirar a barata colocada propositadamente e... era uma vez!

Outra de suas proezas seria em casa do Cel. Tomaz Rebelo, no Garibáldi. Domingos pediu umas manguitas.

— Pode tirar no pé — diz o Cel. Tomaz — mas não toque nas mangas-rosas. Eu vou precisar delas para um presente.

— Nhor, sim, seu Coronel, — responde Domingos — eu só quero umas manguitinhas.

E lá vai o negro todo faceiro apanhar as mangas. Ninguém ali por perto e as mangas-rosas amarelinhas e cheirosas!... Aquilo era uma tentação!... Ora, podia apanhar algumas colocando-as no

fundo da cesta. Ninguém ia desconfiar. E foi o que fez. Ia saindo todo feliz quando ouviu a voz do Cel. Tomaz:

— Passa por aqui, Domingos. Eu quero ver o que vai nessa cesta.

Espalhou as mangas no chão constatando a esperteza do Caçuá e dando-lhe uma boa lição: levar somente as manguitas.

Era Domingos um grande admirador das mulheres. Na sua opinião o homem devia tratar muito bem a classe feminina. Gostava de imitar as criaturas. Arranjava apelidos para os conhecidos. Sua esposa Domingas era a sua "estrela"; Santilha Monte, a N. S. da Saudade; Gerviz Castro, a N. S. dos Aflitos; Calu Medeiros, o Santo Antônio; Mercedes Serejo, a Mãe de São Pedro.

No dia de sua morte, após muitos meses de sofrimento, Domingos recebia uma demonstração viva de apreço, uma homenagem singela e sincera. Os viajantes que se encontravam na cidade mandaram tocar sinal. Os sinos dobraram quase o dia todo. Era uma homenagem, a última, ao servidor honesto que em vida fora Domingos Adeodato, o Caçuá ou o Carregador nº 88.

CASSIMIRA — Sofria das faculdades mentais. Dizia que era uma rainha. Vestia roupa de papel crepom feita por ela mesma. Os modelos dos seus vestidos eram inspirados nos mantos dos Santos da Igreja. Um dia entrou no templo em trajes de São João. E o Vigário Padre Raul — comenta:

— Do jeito que vai qualquer dia destes ela aparece imitando Jesus Crucificado!

CHICA IDUVIGES — Nascida Francisca da Trindade. Filha de Iduviges, ex-escrava. Chica era uma velhinha assoada e simpática. Do seu casamento com Mané Felipe, deixou três filhos: Tetê, Maria do Carmo e Chico.

CHIQUITA BACANA — Nascida Maria da Conceição. Cearense. Morava em companhia dos irmãos, Francisca e Firmino, todos solteiros e já idosos. Era baixinha, franzina e tão corcunda que suas mãos quase tocavam o solo. Lábios grossos e sempre caídos completavam a sua feiura física. Vivia de esmolas e várias pessoas diziam que a velhinha era maltratada pelos irmãos quando não conseguia nada da caridade pública. Logo de início deram-lhe o grotesco apelido de "Chiquita Bacana". Assim era conhecida na cidade. Mas a velhinha aceitava com um "sim, senhor" ou "sim, senhora", acompanhado de um sorriso humilde e delicado. Diariamente assistia à Santa Missa, comungava e ajudava a cantar os hinos, muito embora com a voz desafinada. Nunca passava um dia sem ofertar alguma cousa a N. S.

dos Remédios, retirando do produto das esmolas recebidas. Era um gesto delicado que refletia a beleza e a sensibilidade de sua alma cristã. Conquistou estima geral na cidade. Nos seus últimos dias pediu que chamassem um padre para confessá-la. Frei João José foi prepará-la para a grande viagem. Após a confissão Chiquita falou:

— Padre, eu estou muito feliz, eu vou encontrar Jesus!

O sacerdote julga estar diante de uma criatura santificada pelo sofrimento e pela resignação. E Chiquita alçou vôo num dia do mês de outubro, por ocasião da festa de N.S. dos Remédios, padroeira de Piripiri. Piedosas criaturas mandam preparar caixão, mortalha e todo o necessário para o enterro. Frei João José e acólitos, com as vestes próprias para os dias de festa de N. Senhora, acompanham a velhinha em sua última peregrinação. Ela estava certa de encontrar Jesus. Era a sua Fé, a sua Esperança, a sua Confiança nas promessas de Cristo.

CHICO HELENA — Tipo **mignon**. Não sabe quantos anos tem mas deve ter muitos. Anda sozinho pelas ruas, pede benção aos conhecidos, arranja algumas esmolas e assim vai vivendo.

CIDOCA — Carregador nº 75. Orgulhava-se de sua origem de membro da família Castelo Branco. O filho de Cidoca, que era casado com Honorina, atendia por "Getúlio", "Leônidas" e outros nomes dos políticos em evidência, na época. Só a filha, Maria Diva, não tinha apelido.

EDUARDO QUINTINO DOS SANTOS (Alferes) — Certa vez chamado à delegacia da cidade apresenta-se uniformizado com a farda da Guarda Nacional, a espada, os documentos todos. Sua patente era mais alta do que a do Delegado.

EDWIGES — Um exemplo de mãe cristã. Vive humildemente em um casebre na companhia do esposo João e filhos. Catequista desde 1940. Zeladora do S. C. de Jesus. Seu apostolado consta de visita e ajudas a enfermos ricos e pobres e assistência espiritual aos moribundos até o instante em que são chamados a prestar contas de sua vida terrena. Sol, chuva, calor, frio, nada impede essa admirável criatura de cumprir a sua missão.

JOAQUIM SEUS BEIÇOS — Um dos poucos velhinhos que esmolavam em uma determinada fase da vida de Piripiri quando ainda havia o costume de as donas de casa oferecerem cadeiras para que os pobres descansassem da peregrinação que faziam aos sábados. Fora um bom vaqueiro antes de cegar.

JOSÉ GOMES — Baiano. Chamavam-lhe "Seu Cumandante", tratamento que ele dispensava a todos. Construiu o sobrado que ainda existe na rua 18 de Setembro dando serviço a muita gente necessitada. Resolvendo um dia rever sua terra natal mandou confeccionar um traje em pele de gato (tipo gibão de vaqueiro nordestino).
A entrada na cidade baiana, provocou aquele movimento!... Mas José Gomes arranjou um meio de prosseguir no passeio. Voltou a Piripiri trazendo o seu pagem encantado com as belezas da Bahia. Em homenagem ao Cel. José Joaquim da Silva Rebelo, quis que o seu nome a partir de então fosse acrescido de Rebelo. E passou a assinar-se José Gomes Rebelo.

JOSÉ PRETINHO, ex-escravo da família Freitas. Viu crescer a carnaubeira que ainda existe na Praça da Bandeira. Casado com Rita. Morava no Cajueiros onde se festejava Santo Antonio em tempos que vão longe.

LUIZ PANGUILÉ — Artesão e violeiro. Fazia pilão, quibano, colher-de-pau. Sabia onde encontrar os melhores piquis da região.

MANOEL DOS REIS — Muito popular no seu tempo. Viu um dia um topógrafo fazendo a locação para a construção da Estrada de Ferro e observou: — Ih! Moço, esse bichinho aí não faz estrada!
Pouco tempo depois seria citado num jornal do Rio.

MARIA NASCIMENTA — Parteira. Sempre falando em doenças, queixando-se de dores da cabeça ao calcanhar. Nunca estava com saúde. Falava com as galinhas de sua casa como se estivesse conversando com pessoas:

— Galo, galo, desgraçado, tu já vem aí com as tuas desavergonhadas, não é? Passa pro quintal. Passa, passa...

Sempre repetindo as palavras. Não queria e nem admitia que quem quer que fosse ficasse parado no batente de sua casa. Quando alguém ia entrando dizia:

— Passe, passe, num fique no batente que faz mal!

Contava seus males para as visitas arrematando com a expressão: "Ó meu Deus, ô bocado agoniado neste mundo!"

MÁXIMO DO CARMO — Outro simpático popular. Era o "bamba" nas festas de São Gonçalo. Certa vez, denunciado pela esposa por deslise cometido, jura fidelidade, nega o ocorrido mas comenta em casa de Aureliano Melo:

— A Teresa, minha mulé, tem razão, "Seu Leriano", eu nego e que faço porque negar é próprio do homem. Mas eu não troco a

"Chiquinha" do Cardoso por nada deste mundo. Ela vale muito mais!

Pouco tempo depois, acabrunhado, confessa o fracasso daquela aventura: fora abandonado pela Chiquinha...

PERPÉTUA — Parteira. Mesmo depois de cega fazia partos. Viveu 115 anos.

RAIMUNDINHA PARTEIRA -- Morreu contando mais de 100 anos.

RAIMUNDO GOMES DAS NEVES — Músico de bombardino. Convocado para a Guerra do Paraguai, ao regressar trouxe um cachorro e o instrumento musical. Assim foi visto por sua Majestade, o Imperador D. Pedro, que o abraça comovido dizendo:

— Além dos tormentos porque passaste ainda trazes um cão às costas?!...

SIÁ SOFIA — Diariamente saia em visitas às principais famílias da cidade. O objetivo era arranjar alguma cousa para sua manutenção. Seu ponto predileto era a casa de d. Ritinha do Sr. Bugy. Ia de casa em casa dizendo: "A d. Ritinha mandou perguntar como está o povo daqui."

Era uma boa desculpa. Ninguém censurava nem estranhava porque naquele tempo havia o costume de os amigos procurarem saber notícias uns dos outros.

TOMAZ BARANDÁ — Outro preto velho conhecido em Piripiri. Era pai de Raimunda Tomaz. Esta viveu até a década 60.

VICENTE JEJO — O hércules que com uma lapada de chiqueirador cortou ao meio uma porca. Era pai do Pedro Jejo.

VICENTE MÃOZINHA — Tinha a mão aleijada, daí a origem do apelido.

ZECOCOTA — Nascido José de Assis. Tipo curioso e popular. Sempre o primeiro a contar as novidades da cidade. Inteligente, trabalhador, ocupava-se de serviços ligados à eletricidade. Em matéria de "fofoca" ninguém ia com ele. Era o maior!

Uma noite Luiz Felinto e Felicíssimo Melo conversavam sobre certo assunto e o faziam na certeza de que ficaria em sigilo. Haviam escolhido um local sem testemunhas, ao lado da Igreja de N. S. dos Remédios. A cidade dormia. Os dois amigos retiraram-se tranquilos. No dia seguinte a cidade comentava o "segredo". Zecocota ouvira tudo do alto de um tamarindo onde se escondera ao avistar os conterrâneos...

POVOADO BRASILEIRA

POVOADO BRASILEIRA

O municipio de Piripiri conta com vários povoados em desenvolvimento destacando-se: Brasileira, Cipó, Cupins, Formosa, Furnas e outros. Brasileira dista da sede 15.600 metros. É um povoado em evidência, em franco progresso. Para isso muito trabalharam os srs. João Sirqueira, Antonio Mendes da Costa, Gil de Souza Meneses, Almiro Mendes da Costa, José Mendes do Amaral, Expedito Sirqueira e muitos outros. Conta com representante na Câmara Municipal de Piripiri, resultante de um colégio eleitoral organizado. Para uma homenagem ao esforço de sua gente destacamos do passado o nome de Gil de Souza Meneses e do presente: Almiro Mendes da Costa e Antonio Expedito Sirqueira.

GIL DE SOUZA MENESES (1895-1967), foi um cidadão inteligente e trabalhador. Emprestou decidida colaboração para o desenvolvimento de Brasileira. Merece um voto de louvor o seu gesto admirável e patriótico doando 45 hectares de terras para iniciar o povoado. Vereador, Presidente da Câmara, no pleito de 1954. Viu passar o seu 70º aniversário recebendo na ocasião a melhor prova de carinho dos familiares e dos amigos. A festa comemorativa foi prestigiada pelas mais altas autoridades de Piripiri, amigos e correligionários. Ao agradecer aquela demonstração de apreço aproveitou para doar seus bens aos filhos, orientando-os para que não se afastassem do caminho por ele traçado: o caminho do Bem. Foi casado com Carmosina Mendes de Meneses. Filhos do casal: Severiano, Aurora, Maria, Odete, Cândida, Neuza, Zoraida, Joaquim, Maria Teresa, Francisca Ausair, Antonio, José Benoni.

ALMIRO MENDES DA COSTA, nascido a 30 de março de 1917. Comerciário, Comerciante. Trabalhou como administrador de campo de uma construtora de serviços rodoviários no Maranhão. Politico desde 1950. Vereador em várias legislaturas. Secretário e Presidente da Câmara de Vereadores de Piripiri. Presidente da ARENA. Lutador incansável em prol do desenvolvimento de Brasileira. Representante do Funrural. Casado com Maria de Souza Meneses. Filhos do casal: Idalina, Iolanda, Iracema, Catarina, Edwirges Vanda, Tertuliano Tibárcio, Francisco Amado e Aarão Vitérbio.

ANTONIO EXPEDITO SIRQUEIRA, nascido no dia 16 de dezembro de 1938. Comerciante. Vereador eleito pela ARENA. Casado com Olindina Mendes Sirqueira. Filhos do casal: Maria Celeste, Mário Célio e Maria Celene.

FATOS, LENDAS E COSTUMES

FESTAS DE OUTUBRO

O piripiriense ausente tem gratas recordações de sua terra através de N. S. dos Remédios. Nossa Senhora, a Fonte dos Milagres, o Manancial de Graças em favor dos filhos que nela confiam é realmente o remédio eficaz nas aflições, nos momentos dificeis, nas horas de desespero. Mas há uma determinada época do ano em que essa lembrança se acentua ainda mais: no periodo de 6 a 16 de outubro quando Piripiri se engalana para as comemorações em honra de sua Padroeira: N. S. dos Remédios. Saem comissões pelo interior angariando donativos para os leilões e barracas. Durante muitos anos a comissão esteve sob a orientação da Sra. Gerviz Castro, viúva de Álvaro de Melo Castro. A barraca funciona atrás da Igreja e destina-se a vendas de bebidas, salgados e doces. Há jogos para as crianças, bingos e outras atrações. Junto funciona o leilão a cargo dos patrocinadores das novenas, distribuidas entre as classes operárias e artistas, juventude, comerciantes, motoristas, funcionários públicos, bancários, agricultores, catequistas, vaqueiros e fazendeiros. A classe que maior rendimento apresenta fica sendo a primeira colocada, ou seja, a dona da última noite do ano seguinte que é a mais importante pela afluência de pessoas do interior e das cidades vizinhas. Todos querem participar das comemorações. A classe de vaqueiros e fazendeiros conseguiu manter-se na liderança por muitos anos destacando-se pelas promoções realizadas: passeatas de vaqueiros com as vestes próprias, missa campal e almoço de confraternização. Tinha à frente Flávio Cruz auxiliado pelo incansável Chico Sales.

No inicio da festa, no dia 6 de outubro, operários e artistas colocam uma bandeira na frente da Igreja como simbolo da temporada festiva. As novenas constam de liturgia, sermão e distribuição de comunhões acompanhadas de cânticos em ritmos modernos. O encerramento começa no dia 16 pela manhã com a missa solene e comunhão geral dos fiéis. Ao entardecer sai a procissão luminosa: N. S. dos Remédios em carro ornamentado com o mais apurado gosto percorre as principais ruas da cidade. A sociedade empresta a sua colaboração para o esplendor da festa promovendo bailes, matinais para as crianças e outras recreações interessantes. As classes mais simples têm a sua participação nos festejos, dançam, instalam botequins e barraquinhas de palha para vendas de mercadorias e comestiveis. Para aquele ponto convergem ambulantes, montam-se parques para jogos e outros atrativos, nunca faltando as canoinhas e o tra-

dicional carrossel que durante muitos anos foi apresentado por Vicente Correia, de Campo Maior. Nesses últimos anos vem-se instalando rodas gigantes, trenzinhos, etc. As barracas agrupadas lembram aldeias primitivas. Nelas se encontram bijuterias e objetos de utilidade. O serviço de iluminação hoje dá um aspecto encantador àquele pequeno mundo de dez dias...

A evolução dos tempos vai transformando as festas tradicionais. Os filhos da terra que não acompanham o desenlace dessas pequeninas cousas conservam na lembrança e no coração a ternura do passado. Na religião a reforma provocou confusão no povo ainda apegado às tradições dos seus antepassados. Muitos recordam com saudades as novenas rezadas pelo Padre Meneses, Padre Nonato, Padre Uchoa, Padre Castro, Padre Tarcísio e Padre Raul. Que novenas bonitas aquelas rezadas com o fundo musical de um harmônio cujas notas tocavam a sensibilidade dos piripirienses! E os benditos entoados maravilhosamente pelas cantoras, senhoras e senhorinhas da sociedade local. E a autora destas notas se recorda de Totônia Freitas, Nenem Freitas, Yayá Rezende, Amélia e Filó Medeiros, lá no coro, simpaticamente instaladas. E Lolô Freitas, o espírito cooperativista da cidade, com as suas leves mãos a bater no teclado do velho harmônio arrancando sons maravilhosos! E o maestro Chico Ângelo com a sua turma de músicos que tanto animavam as festas! E mais recente uma outra turma de cantoras: Maria de Jesus Carvalho, Olindina e Ondina Moraes, Maria Santana, Socorro Medeiros, Lourdes Freitas, jovens que cantavam acompanhadas ao harmônio pela profa. Alda Martins da Rocha sob a direção do maestro José Cardoso!

Que festas animadas aquelas em que os Srs. Francisco Vieira de Melo, Raimundo Juvêncio de Araújo, Osiris Neves de Melo, Joaquim Canuto de Melo, Agostinho de Castro Machado, Joaquim Taurino da Rocha, Vicente Amâncio de Assunção e outros faziam o máximo para o sucesso da noite dos agricultores! Improvisava-se um parque com palmeiras, bananeiras, patis, pés de tucum e outras fruteiras, um lugar aprazível para a instalação de barraquinhas que eram entregues às senhoras e senhorinhas. A mesa do leilão era colocada no adro da Igreja. As jóias eram gritadas pelo sacristão da Paróquia. Os infalíveis fogos de artifícios culminavam com a aparição da efígie de N. S. dos Remédios num mastro colocado ao lado de elegante cruzeiro. São essas evocações que nenhum piripiriense admite sem que a saudade se manifeste. E foi desse movimento em prol da festa de N. Senhora, da noite dos Agricultores, que o idealismo de Agostinho Machado, com a compreensão dos seus companheiros e a colaboração decidida de todos, fundou a União dos Agricultores de Piripiri, associação que na concepção inicial deveria ser para custear as despesas

da noite que lhes fora confiada mas que se transformou em sociedade beneficente e que hoje ainda funciona com certa eficiência.

Quando a autora destas notas começou a entender as cousas na sua razão de ser, conheceu o templo erigido em honra de N. S. dos Remédios, na principal praça da cidade. Prendia a sua atenção de criança um galo na torre e uma data afixada na frente do edifício: 1884. Era a data de conclusão daquela Igreja que permanecia quase sem nenhuma conservação, entregue à ação destruidora do tempo. Mas alguma cousa dava um aspecto celestial ao interior do prédio, ao recinto sagrado. Era o altar-mor no qual estava entronizada uma lindíssima imagem de N. S. dos Remédios, padroeira da cidade. Era uma segunda santa adquirida. A primitiva ocupava um lugar no altar da Capela de N. S. do Rosário.

No ano da graça de mil novecentos e cinquenta e três, a 1º de janeiro, a Paróquia de Piripiri é entregue aos Padres Franciscanos da Província Saxônica da Santa Cruz, da Alemanha. Saíra o Padre Raul Formiga, o sacerdote que durante onze anos fora vigário. Os Frades recém-chegados, todos alemães, decidem reconstruir a Matriz de N. S. dos Remédios, contando com a colaboração dos paroquianos. O velho templo foi demolido em três dias e os escombros retirados pelo povo. A maqueta ficou exposta alguns dias para que o povo a aprovasse. Era uma miniatura de madeira feita a canivete pelas mãos hábeis do carpinteiro Antonio Alves de Souza Sobrinho. Mas ainda havia incrédulos, gente que duvidava que uma obra dispendiosa como aquela pudesse ser concluída em curto espaço de tempo e em terra de poucos recursos. O terreno logo ficou limpo, capaz de receber os alicerces. Certa manhã alguns senhores conversavam na Praça da Bandeira quando um deles, Aristeu Tupinambá, chama a atenção dos companheiros para a palestra de três garotos. O líder fala apontando o local onde deveria ser reconstruído o prédio:

— Quando um dia nossos filhos ou netos perguntarem o que era isso, responderemos: ali era a Igreja de N. S. dos Remédios!

Nem mesmo as crianças que tudo sabem imaginavam que no ano seguinte teríamos um belo edifício, estilo moderno, substituindo o pardieiro que tanto enfeiava a cidade.

O serviço devia ser iniciado. A Comissão Geral para a Campanha de Angariamento de Donativos foi criada a 3 de maio do referido ano. Estreou bem. Logo no primeiro dia registrou cento e sessenta contos de réis. Frei Serafim Prein, vigário cooperador, estava à frente de tudo. O Pároco, Frei Eraldo Stuke, era incansável. Além da periferia da cidade a comissão penetrava no interior onde a boa vontade dos católicos era um atestado de admirável compreensão. Também foram visitadas algumas cidades vizinhas. Frei Constâncio Hen-

ning, engenheiro alemão, foi o responsável pela obra. Lançou festivamente a Pedra fundamental sob aplausos delirantes do povo no dia 2 de agosto. A placa com a inscrição

A N N O D O M I N I

1 9 5 3

ficaria para sempre ligada ao memorável dia de sua aposição. O povo começava a confiar no emprendimento. Frei Constâncio se fez amigo dos operários, contando com a inteligência de alguns e a boa vontade de muitos. A Campanha prosseguia a sua marcha. O encerramento seria a viagem aos lugares Pé-da-Serra e Saco. Frei Serafim fez uma breve alocução e todos vibraram com os resultados obtidos. A inauguração estava prevista para o mês de março de 1954. Os encarregados da construção não mediam esforços no sentido de que a parte principal, o altar-mor, estivesse pronto no dia 13 de março, data em que seria levado à pia batismal o Bandeirinha, filho do médico dr. João Bandeira Monte e Maria dos Remédios Rezende Monte, fortes componentes da Campanha em prol das obras da Matriz.

Hoje podemos dizer: Temos um templo moderno com todas as exigências litúrgicas. Nota-se a ausência de altares e de santos. Mas isso é imperativo da evolução dos tempos. A religião primitiva adotava santos e mais santos, altares e mais altares, enfeites e mais enfeites. Algumas cidades ainda conservam tradição. Piripiri, não. A Paróquia tem por Vigário Frei Francisco Polkmann e como auxiliares Frei Américo e Frei Frederico, alemães. Um irmão leigo, Frei Pio, brasileiro, ajuda nos trabalhos. São todos espíritos evoluídos na interpretação e execução das normas estabelecidas nas últimas encíclicas, tudo de conformidade com o Concílio Ecumênico que determinou reformas na Igreja para melhor integração na sociedade moderna, atendendo as exigências atuais. Não se admite mais a vida contemplativa obrigatória nas congregações de outrora. A hora exige planejamentos sadios e ações benéficas. Ninguém deve ficar de braços cruzados. Que o egoismo ceda lugar a outros sentimentos como a humildade, o amor ao próximo, para que todos integrados social e espiritualmente possam desempenhar suas funções, cada um dando um pouco de si e todos empunhando o dístico — ORDEM E PROGRESSO —, o estandarte deste maravilhoso BRASIL que é de todos os brasileiros dignos. O trabalho de educação e de integração não é privilégio dos administradores responsáveis pelos destinos da Pátria. Cabe a todos. Aos sacerdotes, que estão a serviço de uma causa complexa como a de conduzir almas ao rebanho de Cristo, cumpre não somente

a parte religiosa mas a formação moral e cívica da comunidade. Para isso há convênios com os órgãos municipais, estaduais e federais. O aprimoramento da criança de hoje é essencial para que o homem de amanhã esteja apto a dar a sua parcela de contribuição ao desenvolvimento de sua cidade, para grandeza de nosso País. Nossos antepassados fizeram a sua parte, deram a sua colaboração de acordo com os recursos da época e nos deixaram o honroso legado de um passado de glórias. Nós temos o dever sagrado de fazer o possível para que os que nos sucederem encontrem muito de concreto e possam continuar a história de Piripiri com o exemplo do passado para as gerações futuras. É uma obrigação que nos assiste. Ainda há muito o que fazer. A religião pode ajudar muito. Piripiri já sente um pouco a influência desse novo espírito de religiosidade nas atuações da catequese, no funcionamento de escolas dirigidas pelos frades e freiras da Paróquia, na construção de capelas-escolas etc. Mas ainda precisa de muito mais. Frei Francisco é o representante de sua congregação em Piripiri. É um batalhador incansável. Não mede esforços no sentido de prestigiar as promoções que visem à educação e à cultura da juventude. Tem um exemplo admirável na atuação do Pe. Freitas que, ao instalar-se nesta terra, fundou uma escola regida por ele próprio. Outro gesto louvável, o do Pe. Meneses, fundador do Instituto Arcoverde, de que foi um dos professores. Já na década 40 e Pe. Formiga volta-se para a instrução inaugurando uma escola que é hoje o Colégio S. José. Atitudes como essas merecem um voto de louvor. Mas a hora pertence a Frei Francisco. Nele confiamos.

Mas... há sempre um "mas" em todas as cousas que buscam a perfeição. Muitas vezes é apenas um elo na corrente sucessória dos fatos da vida. Referimo-nos à Igreja de N. S. dos Remédios. Poderia ser perfeita na sua arquitetura. É simples. Magestosa. Suas doze colunas como se doze apóstolos fossem, firmam-na no solo piripiriense. Há cinco portas, símbolos das chagas de Cristo. Por elas entram e saem penitentes na constante renovação do sangue espiritual indispensável à vida cristã. Outros detalhes podem ser comparados à medida que os nossos sentimentos se ajustam às meditações. Apenas uma nota destoante prende a atenção daqueles que realmente veneram a imagem de N. S. dos Remédios: uma concha de pedra construída em 1967 na entrada do templo quando vigário Frei Ivo Heitkaemper. Essa concha passou a ser o altar de N. Senhora. A imagem ficou em atitude de quem não tem direito em sua própria casa. Ela, a Mãe querida dos piripirienses, ali mesmo receberia seus filhos, seus amigos, sua gente simples, como aquelas mães que não participam das reuniões sociais dos seus familiares.

Felizmente chegou o ano de 1970, o ano das realizações, das

renovações. É o sonho de todos, é o maior desejo da humanidade. Todos querem mudanças para melhor. Intensificam-se os trabalhos pelo desenvolvimento da região nordestina. O Governo do General Médici, voltado para o bem-estar da coletividade, incentiva as classes produtoras, conclamando os brasileiros a um trabalho fecundo em prol do engrandecimento do Brasil. Oferece oportunidades. E os brasileiros começam a acreditar no futuro de sua Pátria. O Governo garante.

Piripiri também exige a sua vez. Os dirigentes aceleram a marcha do progresso. Planejam. Constroem. É o princípio de integração. Os piripirienses ausentes ouvem falar na transformação de sua terra e o desejo de revê-la passa a ser o ideal de muitos. Alguns escolhem o mês de outubro para rever familiares e participar da festa de N. S. dos Remédios. Mas uma surpresa lhes está reservada: A querida imagem está colocada numa concha de pedra sem arte e sem beleza, de costas para o altar-mor de sua igreja. Forma-se uma corrente contrária à atitude de Frei Ivo. N. Senhora devia ser reconduzida ao lugar a que tinha direito: junto ao Santíssimo Sacramento, perto de seu filho. Não podia continuar como "porteira" em sua própria casa. As conversações para o retorno foram iniciadas. O Conselho Paroquial em reunião presidida por Dom Paulo Libório, Bispo de Parnaíba, discute o assunto. Dom Paulo concordaria com a volta da imagem desde que se construisse um altar condigno atendendo a planta do prédio. José Coelho de Rezende, convidado especial, oferece a quantia de Cr$ 1.000,00 (hum mil cruzeiros) para auxiliar a construção do novo trono da Virgem dos Remédios. A concha foi demolida no dia 26 de outubro de 1971. A 5 de agosto de 1972, N. Senhora volta ao lugar de honra na Igreja.

A FESTA DAS CABACINHAS

No centro da rua João de Freitas, em Piripiri, há um monumento em homenagem ao Padre Domingos de Freitas e Silva, fundador da cidade. Ali, naquele mesmo local, fora uma capela construída para o culto de N. S. dos Remédios, nos idos de 1844. Ali fora sepultado o homem que em sua terra adotiva e por ele fundada e amada nem sequer tivera o direito ao descanso eterno em um túmulo condigno. Foi ali durante muitos anos o ponto de reunião dos fiéis para os festejos em honra de N. S. do Rosário. Era aquele o ponto de maior atração da época. Ali era celebrada a Festa da Capelinha ou das Cabacinhas.

Uma galante imagem de N. S. do Rosário era homenageada com a festa que ficou ligada às recordações dos piripirienses desde o início do fervoroso culto até quando sacerdotes resolveram extinguir aqueles festejos. Essa imagem pertencia a Domingos Preto, ex-proprietário do lugar "Salgado". Domingos patrocinava a festa seguindo o exemplo de sua mãe de quem herdara a referida imagem. De sua descendência ainda existem membros sem mais recursos do que a disposição de trabalhar. Exemplo disso é d. Carolina Maria da Conceição, sua filha, uma preta gorda, avançada nos anos mas ainda enfrentando a dureza da vida. E é d. Carolina que nos conta: D. Carola Freitas pedira para guardar a imagem em sua casa ao que Domingos consentira com a condição de que aquela Santa pertenceria àquele que sobrevivesse ao outro. Isso provocou uma série de rixas entre os descendentes do velho. Mas há outra corrente afirmando que houve uma transação entre o proprietário da referida imagem e um membro da família Freitas. A imagem ficou mesmo na família de d. Carola e os herdeiros de Domingos nunca procuraram reavê-la.

Nas festividades promovidas nos primeiros anos de Piripiri, havia um rei e uma rainha escolhida entre os negros. Salomão foi um deles. Pulquéria, uma das últimas rainhas, servia na casa do Cel. Antonio Alves Ferreira. Era ama de um dos filhos do patrão. A preta mimava o seu pequeno senhor — Odilon — chamando-lhe Dondom, ao que ele correspondia com um carinhoso Mãe Teca. Devia ser maravilhoso ter uma ama que se transformava em rainha!...

Mas voltemos a falar na festa de N. S. do Rosário. A imagem saía peregrinando pelo interior, nas fazendas e povoados vizinhos. Iniciava-se o movimento em setembro. Os negros entoavam benditos com a devoção de um povo humilde e bom. Algumas estrofes ficaram na lembrança das sucessivas gerações. Vejamos:

"Bendito e louvado seja
São Domingos de Gusmão
Quando Deus desceu ao mundo
Com seu rosário na mão.

"Cantemos, cantemos
Com toda a alegria
Que viva o rosário
Da Virgem Maria.

"Vitória, vitória
Adão se perdeu
Foi o reino do bocado
Que a mulher lhe deu..."

Esta última quadrinha impressionava Lolô Freitas que não entendia o "porque" de sua inclusão nos benditos. Mas isso era espontâneo e peculiar aos que não têm maldade. Assim eram os negros que tanto ajudaram a colonizar a região.

No dia 27 de dezembro a imagem regressava de sua peregrinação e era recepcionada pelo povo no lugar "Anajás" de onde seria levada processionalmente até a capela. Os encarregados traziam ofertas de legumes, animais, dinheiro etc. Na tarde do mesmo dia era iniciada a segunda parte das comemorações: visitas às principais casas dos paroquianos. A comissão entrava nas residências cantando:

"Aqui estou na vossa porta
Com a Mãe de Deus do Rosário
Pedindo a sua esmola
Senhora vos queira dar.

"Cantemos, cantemos
À Mãe Virgem Santa
Seus quinze mistérios
Benditos serão.

"As contas do meu rosário
São balas de artilharia
Que combatem o inferno
Rezando a Ave-Maria".

Recebida a esmola cantava:

"Deus lhe pague a sua esmola
Deus lhe dê muito o que dar
E a Mãe de Deus do Rosário
Ela vos queira abençoar..."

No dia 28 de dezembro tinha inicio o novenário que deveria terminar no dia 6 de janeiro. Durante as nove noites havia leilões gritados pelo sacristão da Paróquia. Um dos tipos mais apreciados talvez tenha sido mesmo Bidoca Pinheiro. Era um tipo interessante na sua função de gritador de leilão. Nunca perdia a oportunidade de participar das jóias arrematadas. Quebrar um ovo cru e beber a gema era um hábito adquirido. Em volta do leilão a meninada brincava jogando cabacinhas nas pessoas. Moças e rapazes também participavam da brincadeira. Essas cabacinhas eram confeccionadas na época a que me reporto por Mercedes Serejo e outras senhorinhas da cidade. Feitas de cera branca misturada com anilina azul. Depois de prontas ficavam azul-esverdeadas. As bandinhas em forma de flandre deviam ser feitas deixando-se uma abertura para depois de secas colocar-se água perfumada, fechando-se o orificio com cera. Alguns estudantes aprenderam a receita e improvisaram uma indústria diferente: em vez de água perfumada colocavam tinta "sardinha". Isso provocou aborrecimentos e consequentemente, o fim da brincadeira.

Hoje tudo está diferente. Não se festeja mais N.S. do Rosário. A capela onde, em 1868, se sepultou o Padre Domingos de Freitas e Silva, por determinação das autoridades responsáveis, foi demolida em 1940, construindo-se outra no alinhamento da rua João de Freitas. Ninguém mais faz cabacinhas de cera com água perfumada ou tinta "sardinha". Não há mais o tradicional Encontro da Santa, no Anajás. Tudo pertence ao passado. O que ainda perdura é a lembrança e a saudade em cada piripiriense que participou das festas da Capelinha, a Festa das Cabacinhas — recordação de pequeninas cousas que faziam de Piripiri uma cidade simpática e atraente, uma terra querida pelos piripirienses de bons sentimentos e visitantes de bom gosto.

OUTROS FESTEJOS

Era sempre no mês de junho a festa do S.C. de Jesus a cargo do Apostolado da Oração. Pertence às "cousas que o tempo levou".

Outra festa religiosa que deixou saudades foi a de São Vicente de Paulo, a cargo dos Vicentinos. Ia de 10 a 19 de julho. Coincidia com as férias escolares. Era, portanto, a festinha dos estudantes, a festa da mocidade. Havia barraquinhas e leilões. Improvisavam-se sempre dois partidos que exigiam forte campanha culminando com a vitória do mais esperto. Um dos baluartes da festa, talvez o mais entusiasta, foi Vicente Amâncio de Assunção. Com o seu desaparecimento no ano de 1965 foi substituído por Ademar Getirana. Poucos anos depois "...era uma vez uma festa que deixou recordações..."

No mês de setembro a atração estava na festa de São Benedito, na capelinha construída com a colaboração decisiva da gente humilde da comunidade, tendo à frente Marciano, Maria Marques e outros. Quem não queria subir o Morro da Saudade para assistir à novena, aos leilões e, sobretudo, apreciar o panorama da cidade? E descer o morro, as quedas, os pedidos de ajuda... tudo isso era bom demais para a juventude daquele tempo. Mas isso já era. Até a capelinha foi demolida. No local está o prédio da Telepisa.

O SANTO ANTONIO DE D. RITINHA

Os dirigentes da Vila de Piripiri empenhavam-se em conseguir a sua elevação à categoria de cidade. Os moradores cooperavam construindo casas e mais casas. Na praça da Bandeira, principal logradouro, residiam várias famílias. Entre os atuais prédios 167 e 191, havia um beco. Ali quebraram uma pedra e o material retirado foi utilizado em várias construções. Ligado a essa pedra há um episódio digno de nota: a cabeça de um Santo Antonio galante e misterioso encontrada entre os escombros. Aconteceu. Acreditem.

Os operários que trabalhavam na construção de uma casa de Domingos Coelho de Melo (seu Bugy) encontraram na pedreira a cabeça de um Santo Antonio. A verdadeira origem, não sabemos. Mas o certo é que o objeto encontrado em boa hora foi entregue a d. Ritinha, esposa de "seu Bugy". D. Ritinha mandou confeccionar um corpo para a imagem. Alguns dias depois o Santo Antonio seria entronizado no oratório da familia, atraindo elevado número de devotos. Os milagres atribuídos ao Santo entraram em divulgação. Foi o inicio de uma série de romarias, responsos e promessas. O agradecimento era sempre acompanhado de donativos em dinheiro ou animais. Formou-se uma pequena fazenda sob a responsabilidade de Domingos Coelho de Melo (seu Bugy). O gado prosperava. D. Ritinha teve a feliz idéia de empregar aqueles recursos obtidos por intermédio de Sto. Antonio nas obras de restauração da Igreja Matriz concluída em 1884 e já necessitando de reparos. Parte do dinheiro foi destinado à aquisição de uma nova imagem de N.S. dos Remédios para substituir a primitiva que passaria a ter o seu altarzinho na Capela de N.S. do Rosário, com a função de percorrer as ruas de Piripiri, em procissão, uma vez por ano, na festa de outubro. Naquela época recuada de 1909 o importante foi feito. A imagem media 1,70m. Desembarcou em Parnaiba. Como não houvesse ainda a facilidade de transporte que hoje conhecemos, seria difícil a condução da imagem em lombo de animal ou mesmo em ombros de homens. Mas a comissão encarregada não encontrou essa dificuldade. Contou com a boa vontade dos fiéis. Não houve atraso e nem pernoites durante a viagem. Foi uma procissão continua. Em cada ponto do caminho havia sempre um grupo disposto a dar a sua ajuda acompanhando o cortejo até a habitação seguinte onde havia novo grupo de devotos. Assim foi feito o percurso Parnaíba/Piripiri. A recepção foi uma cousa

maravilhosa de fé. A multidão vibrava dando vivas a N.S. dos Remédios. Os aplausos atestavam o contentamento do povo. Lindo movimento cristão! Aquela imagem seria um símbolo de Esperança, o bálsamo eficaz de todas as almas que buscam remédio. Representaria a Mãe do Céu e seria também o simbolo de todas as mães piripirienses.

São esses episódios aparentemente sem importância que fazem a história de uma devoção, de um culto. São essas pequeninas cousas que ficam como atestado de bondade e de beleza na alma de um povo.

LENDAS

A ladeira dos tucuns, distante de Piripiri apenas dois quilômetros, era conhecida em tempos passados como local sujeito à assombrações. Tinha como protagonista o "Cavaleiro das Esporas" ou o Diabo em figura de gente, que subia e descia a ladeira montado em um cavalo raciado. O cavalo surgia sempre com a barriga sangrando devido as batidas das esporas. O viandante noturno, que se arriscasse a enfrentar aquelas paragens à meia noite das sextas-feiras para os sábados, estava sujeito a ser ferido mortalmente pelas esporas do Cavaleiro. Diziam que não havia um "ente" capaz de ver a "marmota" sem dar uma boa carreira.

A outra lenda do Municipio se refere ao "Galo da Apertada Hora". Remonta-se aos tempos das peregrinações dos negros que festejavam N.S. do Rosário. Quem vinha do Anajás para Piripiri teria de percorrer uma estreita passagem denominada Apertada Hora. Ali reinava o Galo Encantado temido pelos moradores das redondezas. Muitos diziam ser o demônio em forma de galo. O galo nem sempre andava só. Muitas vezes aparecia acompanhado de uma galinha, sua valente "secretária". As investidas dos galináceos eram sempre fatais. A vitima não contava a "estória". Logo estava com Deus. Porisso o Encontro da Santa no Anajás devia ser marcado de acordo com a claridade do dia. Assim não estava o cortejo sujeito a um assalto do Galo.

Hoje ninguém mais fala em cavaleiros nem galos. Os que o tempo não destruiu foi a ilusão de que um Santo Antonio aparece misteriosamente no lugar Tocalha, a 27 quilômetros da sede de Piripiri. No fundo de um olho-d'água as águas claras formam um funil e no meio surge a milagrosa imagem de um Santo Antonio. Acontece em horas e dias imprevistos. As promessas são pagas com dinheiro ou jóias jogadas no fundo da fonte. A impressão de que o santo "existe" e "aparece" perdura no espírito de alguns moradores da região.

A SECA

A seca de 1932 talvez tenha sido maior do que a de 1915. Pelo menos para Piripiri. A lavoura ia por terra. Escassez de gêneros, carestia, falta de dinheiro. A pobreza apelava para o "Croatá" e a "Mucunã". A "Mucunã" para ser comida devia ser lavada em nove águas. Caso contrário era veneno puro. E água? Onde encontrar o precioso liquido? Retirantes do Ceará e de outras localidades vizinhas estacionavam em Piripiri transformando a cidade em um quadro desolador. Muitos velhinhos e crianças nem resistiram à dureza das viagens. Morriam sem nenhuma assistência. Famílias flageladas seguiam em direção ao Maranhão deixando os filhos entregues a alguma alma caridosa. Iam em busca da Terra Prometida. Era, realmente, um quadro triste! Mas o povo ainda tinha fé e esperava um milagre. Para isso fazia preces. Um apelo próprio dos anos de secas no nordeste, e naquele 32, com o flagelo assolando toda a região, mais necessário se fazia um pouco de penitência. Um grupo de senhoras chefiadas por Donzinha Melo iniciam as procissões. A superstição exigia que as imagens fossem roubadas e somente devolvidas após as primeiras chuvas. O milagre seria maior. Os penitentes saíam pelos arredores da cidade cantando:

"Meu mártir de Cristo
Meu Santo varão
Livrai-nos da seca
São Sebastião.

"Vós fostes nascido
Em vil paganismo
Porém a fé santa
Vos trouxe ao batismo.

"Soldado fiel
Guerreiro valente
Tocado da graça
Do onipotente.

"Fostes prisioneiro
Fostes amarrado
Em uma laranjeira
De setas passado.

"Fechastes os olhos
Contastes vitória
Subistes com os anjos
Pra ver Deus na glória.

"Na glória rogai
Por nós pecadores
Ouvi com ternura
Os nossos clamores.

"Da glória alçançai
Nossa salvação
Livrai-nos da seca
São Sebastião".

Cantavam a Santa Teresa:

"Minha Santa Teresa
Orai, orai
Dai chuva do céu
Cada vez a mais.

Pela vossa cabeça
Que vos adora
Pelo vosso manto
Valei-nos senhora..."

O PAI NOSSO era cantado assim:

"Dai-nos chuva meu Jesus
Abra o vosso divino véu
Lembrai-vos dos pecadores
Padre Nosso que estais no céu.

"Dai-nos chuva meu Jesus
Senão morremos a fome
Lembrai-vos dos inocentes
Santificado seja o vosso nome.

"Dai-nos chuva meu Jesus
Vinde, vinde socorrei-nos
Com a vossa misericórdia
Venha a nós o vosso reino.

"Dai-nos chuva meu Jesus
Pela vossa divindade
Que tudo esperamos
Seja feita a vossa vontade.

"Dai-nos chuva meu Jesus
Que andamos de déu em déu
Socorrei-nos com presteza
Assim na terra como no céu.

"Dai-nos chuva meu Jesus
Pelo amor de Maria
Para termos alimento
O pão nosso de cada dia.

"Dai-nos chuva meu Jesus
Com as nuvens anunciai-nos
Que fique a terra regada
Nos dai hoje e perdoai-nos.

"Dai-nos chuva meu Jesus
Tudo pedimos a vós
Perdoai aos pecadores
As dividas assim como nós.

"Dai-nos chuva meu Jesus
Ouvi os nossos clamores
Perdoai as nossas dividas
E aos nossos devedores.

"Dai-nos chuva meu Jesus
Vós querendo bem podeis
Conduzi para a glória
O Senhor não nos deixeis.

"Dai-nos chuva meu Jesus
Por vossa morte e paixão
O Senhor não nos deixeis
Cairmos em tentação.

"Livrai-nos da fome e peste
Com a vossa divina luz
Livrai-nos também do mal
Para sempre. Amém, Jesus."

As súplicas à Virgem Maria eram frequentes:

"Socorrei, ó Virgem pia
Mãe de Deus tão poderosa
Pedi a Deus que nos dê chuva
Já que sois tão poderosa..."

A Deus imploravam genuflexos:

"Meu Pai, meu Senhor
De nós tenha dó
A seca é grande
Está tudo em pó..."

O Rosário de Maria era assim entoado:

"Bendito louvado seja
O Rosário de Maria
Se ela não viesse ao mundo
Ai de nós o que seria.

"As almas que andam no mundo
Procurando freguesia
Encontram porto seguro
No Rosário de Maria.

"Estou preso nesta corrente
Por culpa que cometia
Hei de quebrar e desatar
Com o Rosário de Maria.

"Orei por aquele homem
Que o demônio possuía
Hei de tirá-lo das garras
Com o Rosário de Maria.

"Eram tantos os judeus
Que ao Senhor atormentavam
Uns na face cuspiam
Outros nas barbas puxavam.

"De onde já veio tanta água
Que no mundo não havia
Vieram das doces fontes
Do Rosário de Maria

"As águas do mar sagrado
O mar de tanta valia
Afogai-nos no amparo
Do Rosário de Maria.

"No céu navegava uma luz
É sol de meio-dia
No meio abriu uma rosa
Do Rosário de Maria.

"Fitei os olhos no céu
Para ver o que havia
Eram os anjinhos cantando
O Rosário de Maria.

"No inferno tanto horror
E no céu tanta alegria
São os anjinhos cantando
O Rosário de Maria.

"O filho que me promete
De rezar o meu Rosário
O teu coração é o meu
E o meu é o teu sacrário.

"Rezamos este Rosário
À Virgem da Conceição
Para que minhalma não peque
Nem morra sem confissão.

"Ó Mãe que me promete
Que é Mãe do sumo bem
Neste mundo nos dá graças
No outro glória, amém.

"As almas que estão perdidas
Estão tristes sem alegria
De não trazerem consigo
O Rosário de Maria.

"O Rosário de Maria
Doce valia tem
Neste mundo nos dá graças
E no outro glória, amém."

Esse era o hino cantado quando a chuva surpreendia os penitentes em oração.

Ainda hoje, quando as chuvas tardam, algumas piedosas mulheres se reunem e saem pelas ruas mais afastadas, pelos subúrbios, numa súplica ardente implorando a graça de um bom inverno.

No ano de 1970 a escassez de chuvas provocou um quase estado de calamidade. Mas a intervenção do Governo Federal através dos Órgãos competentes atuou de modo positivo. Não houve deslocamento de famílias nem aquele tumulto das secas de outros tempos. Foi mais um milagre!...

O INVERNO

O inverno em Piripiri vai de janeiro a junho, em tempos normais. Logo em novembro começam as experiências. O povo quer saber se vai haver inverno bom. Se o dia 11, data consagrada a São Martinho, é chuvoso ou nublado, significa que no ano seguinte vai haver inverno. Depois vem Santa Luzia, a 13 de dezembro. Na véspera coloca-se um conjunto de seis pedrinhas de sal no sereno. Se no dia seguinte as pedras estiverem úmidas, as esperanças são favoráveis. E continua a observação: dia 13, representa o mês de janeiro; 14, fevereiro; 15, março; 16, abril; 17, maio, 18, junho. Outra experiência consiste em observar a passagem da "nuvem vaga" (monções que desfilam pelo firmamento, rápidas e acompanhadas de uma friagem e, às vezes, uma chuva miúda. Passa do Sul para o Norte e faz o percurso de volta no fim do inverno.

As chuvas, acompanhadas de trovões e relâmpagos, apavoram a população. E não é pra menos. Em cada ano são registrados casos de faíscas que provocam mortos. Ventos fortes derrubam árvores e casebres causando sérios prejuízos. No lugar Lagoa (hoje Caldeirão), na mesma casa, em anos diferentes, morreram várias pessoas. Faísca não avisa: surpreende. Cada intervalo entre um relâmpago e outro, quando os raios são como cobrinhas de fogo que entram de casa a dentro, dá a impressão de que vai ser o último instante na vida da gente.

Quando há ameaça de temporal logo começam as orações. Muitos rezam o Rosário de N. S. da Conceição, dizem jaculatórias, colocam ramos bentos nas janelas, acendem velas etc. Aconselha-se: não convém sair de casa nem abrir portas ou janelas. Usar sapatos com solados de borracha. Ficar quieto, isolado. Se for durante o dia, quando os galos começarem a cantar chamando as galinhas para o passeio após chuva; quando os passarinhos cantarem, o perigo passou. Se for de noite basta observar os sapos. Se eles cantam não vai mais haver trovão nem relâmpagos perigosos. Isso não falha. Experimentem!

Cessada a chuva — que beleza! A água em correnteza pelas ruas da cidade parece apressada e ansiosa para cair no rio, esconden-

do-se em algum lugar, fugir de alguma cousa. As crianças correm, saltam, soltam barquinhos de papel. Nas janelas as vizinhas contam o medo que tiveram dos trovões e relâmpagos. Olham para o nascente e se ainda está nublado exclamam:

— Ah! Meu Deus! Será que ainda vai chover hoje?

E as tempestades? A gente fica sem saber como escapar à fúria dos ventos.

Mas se a chuva é mansa o melhor é o banho...

As vantagens da chuva todos conhecem: o capim verde embeleza os campos. As árvores vestem nova roupagem espalhando o verde da esperança na terra. Os lavradores andam eufóricos. Nem se lembram de trovoadas. Há fartura de legumes, de frutas, de água, alegria nos animais, enfim... tudo de bom. Quem não aprecia uma canjiquinha de milho verde, o milho assado na brasa, o cuscus de milho, a melancia, o melão, o maxixe, a macaxeira, o quiabo e tantas outras cousas deliciosas? E o banho nos riachos? O célebre banho do riacho do Cabresto, o mais afamado de todos os tempos com o Poço dos Homens e a Berendiba separados por espessas folhagens! Mocosal, Paciência, Germano, São João, a Cachoeira e tantos outros pontos!

Os jovens não gostam de chuva. Têm razão. Faz lamas, faz resfriados, atrapalha programas. Mas, escutem: não rezem o MAGNIFICAT. Dizem que faz parar qualquer chuva! E a chuva é tão útil!...

COMO SE BRINCAVA O BOI EM PIRIPIRI

Como parte indispensável às comemorações da temporada junina havia a brincadeira do boi. A criançada vibrava atrás dos improvisados artistas. Os ensaios atraiam elevado número de pessoas. As apresentações oficiais faziam sucesso. Um dos melhores bois da região foi o de Justino Panclinha, um preto muito simpático. Justino adorava "umas e outras" e quando já estava um tanto "alto" saía pelas ruas cantando:

"De dia eu bebo cachaça
De noite eu faço arrelia
Me chamam quebra-calçada
Credo em Cruz! Ave Maria!"

Na brincadeira do boi fazia o papel de "Catirina", a mulher do "Pai Francisco". Muito embora fosse o dono do boi, o papel de "Amo" cabia a outro. Mas um dia Justino deixou este mundo. Talvez tenha ido mostrar a São Pedro como se brincava o boi em Piripiri!... Deixou viúva a sua Vitória e os filhos órfãos: Antônio, Dega e a Antônia Panelinha. Mas a herança do boi não ficou para os familiares de Justino. Coube a Raimundo Paciência. O boi continuou a ser apresentado com algumas modificações. Tentemos contar como era o boi de Justino Panelinha:

Personagens:

Senhor meu Amo
Vaqueiro
Dois Caboclos
Dr. Pelintra
Dr. Cachaça
Dr. Pisa Macio
Dr. Tom de Música
Dois Sargentos
Bom Rapaz
Padre Reverendo
Caretas
Pai Francisco
Catirina e
Maroquinha.

Vestidos com roupas coloridas, enfeitados de papel crepon e espelhos, contas e missangas, os artistas deviam passar na Igreja antes de iniciar o percurso pelas casas previamente consultadas.

Cena:

Chegam no terreiro cantando:

"Chegou, chegou, chegou,
Chegou, eu vi chegar,
Senhora varra o terreiro
Pra meu boi balancear.

Senhora varra o terreiro
Com vassoura de algodão
Que meu boi tem a barra branca
Não pode arrastar no chão.

Senhora varra o terreiro
Com vassoura de alecrim
Que meu boi tem a barra branca
Não pode arrastar no capim".

O Amo vai chamando os personagens:

"Grita o boi meu bom vaqueiro
Não deixa meu boi te dar
Que meu boi tá se zangando
E é capaz de te surrar.

Te arretira meu vaqueiro
Que outro quero chamar
Cadê os meus dois caboclos
Que eu não vejo eles falar.

Oi, brinca, brinca, meus caboclos
Não deixa meu boi te dar
Que meu boi tá se zangando
E é capaz de te surrar.

Oi, te arretira meus caboclos
Que outro quero chamar
Cadê o Dr. Cachaça
Que eu não vejo ele falar".

E assim são chamados todos inclusive a Maroquinha que é sempre um menino vestido com roupas de menina. Para essa há uma recomendação especial:

"Oi, brinca, brinca, Pintadinho
Brinca, brinca, devagar,
Que a menina é pequenina
Caçulinha do lugar".

Entram na roda Pai Francisco e Catirina.

"Pai Francisco, nego véio,
Carrega tua espingarda
Pra atirar no Pintadinho
Olhe lá não vá errar".

Pai Francisco atira e mata o boi. Canta:

"Já morreu boi de meu amo
Que eu não queria matar
A força disparou
E já morreu com a Mariá".

O Amo fala:

Ô vaqueiro!

O vaqueiro canta:

"Eu sendo um pobre vaqueiro
Que andava na vaquejada
Atrás do boi de meu amo
Achei morto na malhada".

O Amo canta:

"Vaqueiro eu já te disse
Eu não te digo mais não
Se não der conta de meu boi
Eu te pego de ferrão".

Vaqueiro canta:

"Minha patroa me acuda
Que meu amo quer me dar
Por causa do Pintadinho
Que não dormiu no curral.

"Meu amo ta me chamando
Ai meu Deus pra que será
Será para meu bem
Ou será para meu mal".

Amo fala:

— Ó Rapaz
— Pronto, meu Amo
— Pra que eu te tenho?
— Pra sua defesa
— Pois eu quero Pai Francisco preso e amarrado com lingua, beiço e um pedacinho da oreia tirado.

O Rapaz fala:

— Boa noite, Pai Francisco,
Nego véio desconfiado
Comendo sua carne podre
Passando sua vida boa
Meu Amo mandou dizer
De três cousas uma:
Ou língua ou beiço
Ou dente ou queixo
Ou um pedacinho da oreia tirado.

Responde Pai Francisco:

— Rapaz, diz a teu Amo,
Que dessa vez eu não vou lá
Pego na Pingassada
Que pesa três mil contados
Dou um tiro em teu bucho e no de teu Amo
Que sai leluia e clarinete
E toda a velocidade. Tê. Bê.

Sai o Rapaz cantando:

— Ô senhor meu Amo
Ô mandina sarabrava
Chico me atirou
Nem bala e nem chumbo
Ô mandina sarabrava
Nada me pegou.

Amo canta:

— Vem-te-cá Rapaz
Ô mandina sarabrava
Vem-te-cá dizer
Que que o Chico disse
Ô mandina sarabrava
Eu quero saber.

Rapaz:

— Ô senhor meu Amo
Ô mandina sarabrava
Do meu coração
Chico mandou dizer
Ô mandina sarabrava
Que não vem cá, não.

Amo fala:

— Ô Rapaz
— Pronto, meu Amo
— Que que o Chico disse
— Cousa de admirar
— Que foi, Rapaz?
— Chico mandou dizer
Que desta vez não vem cá, não
Pegava na Pingassada
Que pesa três mil contados
Dava um tiro em meu bucho
E outro no de meu Amo
Que saia leluia e Clarineto com toda a velocidade.
Tê. Bô.
— Certeza, Rapaz?
— Certeza, meu Amo.

Amo chama os caboclos:

— Ô meus Caboclos
— Pronto, meu Amo
— Pra que eu te tenho?
— Pra sua defesa
— Quero Pai Francisco preso e amarrado com lingua, beiço e um pedacinho da oreia tirada.
— Não vou porque não sei do caminho
— Quem não sabe aprende
— Só vou se me confessar

Amo fala alto. O padre responde:

— Ô seu Padre Reverendo
— Não sou Padre, não sou nada
— Ô seu Padre Capelão
— Pronto, mas não tenho sacristão
— Quero meus Caboclos confessados

Canta o Padre com o coro

"Confessa os Caboclos (Não namoro mais)
No tom da viola "
Se fores à guerra "
De Nossa Senhora "

Confessa os Caboclos "
No som do tambor "
Se fores à guerra "
De Nosso Senhor. "

Sou Padre, sou Padre "
Mas não sou croado "
Levanta os Caboclos "
Que estão confessados. "

Falam:

— Pingo Lelê, tô pronto para o que meu Amo quiser.

Amo pede o Pai Francisco preso.

Os Caboclos falam:— Pai Francisco responde:

— Te entrega nego véio desconfiado
— Você me chamou de véio
Mas tem o pé de rebolo
Se dou com a mão vejo a queda
Se dou com o pé vejo o rolo.

Pai Francisco:

"Aqui passou uns Caboclos
Imperador de Guariba
Foi cousa que nunca vi
Foi caboclo encher barriga.

Todos cantam o estribilho:

"Amarra o preto, meus caboclos,
Não deixa o preto correr
Ó Pai Francisco não tem medo
Que eles vão é te prender.

Cantam os Caboclos:

"Somos caboclos guerreiros
Viemos lá do sertão
Para prender Pai Francisco
Que está feito um valentão.

"Somos caboclos guerreiros
Viemos lá do Gurguéia
Para prender Pai Francisco
Barriga de mala véia.

Pai Francisco:

"Dormindo eu estava sonhando
Que me roeram um umbigo
Acordei tava cercado
Desses caboclo inimigo

"Tenham mão meus companheiros
Caboclos muito real
Peço pelo amor de Deus
Que não me acabem de matar.

Caboclos:

"Taqui, ô Senhor, meu Amo
Taqui o Chiquinho preso
Eu só peço que não o mate
Faça dele o que entender.

Pai Francisco:

"Os caboclos me prenderam
Foi coberto da razão
Se eu não mato o Pintadinho
Eu não ia preso, não.

Falam todos:

— Piripiri de cara a cara
Constantino, berimbau.

Soam as matracas.

Fala o Pai Francisco:

— Oi, Catirina, minha nega
— Que é meu cheiro de alecrim?
— Os caboclos pegaram com tanta lodaça inté que me prenderam
— Pois não se entregue, Chiquinho.

Amo fala:

— Oi, Chico
— Chico é porco, porco é urubu, urubu é diabo, diabo é tu, meu Amo, tô cansado de te dizer.
— Tu vem muito malcriado
— Não, mas venho zangado
— Chico, eu não quero saber de nada
Me trata com reverença
Tira o chapéu da cabeça
Te ajoelha e toma abença.

Pai Francisco canta:

"D. Maroquinha
Queira me valer
Que o senhor meu Amo
Mandou me prender.

Cantam todos:

"Caboclo de fama
Cuida em teu serviço
Foi chamado agora
Pra prender o Pai Francisco.

Maroquinha canta:

"Ô Senhor meu Amo
Tenha compaixão
Solte o Pai Francisco
Livre ele da prisão.

Amo:

"Corre depressa, menina
Corre depressa, vem já
Vai dizer a seu Sargento
Que depressa venha cá.

Marcquinha:

"Boa noite, seu Sargento
Boa noite, como está
Eu vim aqui na carreira
Que meu Amo mandou chamar.

Sargento:

"Aqui estou senhor meu Amo
"Aqui estou por seu chamado.

Amo:

"Para soltar Pai Francisco
Que está preso e amarrado.
"Te levanta, Pai Francisco
Te livra desta prisão
Tu ontem estava no ferro
Hoje baila no salão.

Pai Francisco:

"Obrigado, Maroquinha
Porque mandou me soltar
Deus lhe dê muito dinheiro
Para comigo gastar.

Pai Francisco salta, dança com a Catirina e canta:

"Graças a Deus, nega véia
Já saímos da prisão
Ontem estava no ferro
Hoje danço no salão.

Amo fala:

— Oi, Chico
— Chico é porco, porco é urubu, urubu é diabo, diabo é tu, meu amo
— Quero meu boi levantado pra seguir viagem

Pai Francisco:

— Oi, Catirina minha nega
— Que é meu doce de ananás?
— Que que eu faço pra levantar o boi de meu amo?
— Chama o Dr. Cachaça.

Todos cantam:

"Chama o doutor
Chama o doutor
Chama o doutor pra receitar
E a receita deste boi
O Pai Francisco vai pagar.

Fala Pai Francisco:

Ô seu doutor Cachaça, cachaça, cachaça.

Entra o dr. Cachaça cambaleando com uma garrafa na mão, cantando:

"Eu sendo o dr. Cachaça, meus amigos
Que andava em meu serviço, meus amigos
Com o meu chapéu duma banda, meus amigos
Carregando pacholice, meus amigos.

Entra, examina o boi dizendo:

— Puxa pelo boi, Chico, quanto me dá?
— Choradinho do pé, dou dez réis e cinco réis
— Não me chega
— Dou branquinhas e branquinhas
— Não me chega
— Dou amarelinhas e amarelinhas que é dinheiro que seu doutor gosta.
Assim mesmo vou curar teu boi, Chico.

O Doutor se abaixa e Catirina monta nele dizendo:

— Eita, cavalinho bom!
— Tu é besta, nega, tá fazendo de mim cavalo!
— Nega, não, doutor, é branca. — Fala Pai Francisco.
Mas o dr. Cachaça nada consegue e é chamado o Pisa Macio.
Esse é que é cheio de dedos. Fala mansinho, pisa de leve, mas também nada consegue.

O dr. Tom de Música entra cantando:

"Eu por ser bondoso
Tão doce como mel
Cantando lacrimoso
A pedra do meu anel.

A tarde eu vou me embora
Dar conta do recado
Não quero mais palestra
Nem também palavreado.

E é então que o Amo diz ao Chico:

— Quero a língua de meu boi tirada

Todos cantam:

"Alumiou estrela, alumiou no mar
Chico tira a língua se tu quer tirar
A faca está cega não quer cortar.

Nessa hora os caretas correm atrás das crianças para amolar a faca. Não fica um menino por perto. Quem quer servir de pedra de amolar?

Pai Francisco diz:

— Arranquei a lingua de meu Amo com garganta e tudo
— A lingua é minha ou é do boi, Chico?
— É do boi, meu Amo, a boca errou.

Tira a lingua do boi (um lenço) e entrega ao dono da casa.

Cantam:

"A lingua do boi é para meu patrão comer
No meio tem uma rosa mas não é para vender.

"Esse bem daqui pra li é pro senhor fazer presunto
Bote pimenta com alho que é cousa que eu gosto muito

Esse bem daqui pra li é pro senhor e seu irmão
Bote tomate e cebola e um pouquinho de limão.

Recebem os donativos. O boi urra.

"Já urrou meu boi
Boi de fama que o Chico matou
Pela pancada que meu boi levou
Por isso mesmo meu boi já urrou.

Às vezes cantam a despedida chamando um por um. Mais prático mesmo e mais usado é sair cantando:

"A noite é bela
O luar sereno
Viva o nosso boi guerrciro
Da beleza da morena.

Amo canta:

"Puxa o boi, meu bom vaqueiro
Puxa o boi de arretirada
Que o vaqueiro quando é bom
Não precisa ser mandado.

"Ia passando numa rua
Uma dona me chamou
Se quiser vender o boi
Um conto de réis eu dou.

"Este boi não é de venda
É do nosso Imperador
Um conto e oitocentos
Meu Amo já enjeitou.

No último dia saem na rua fazendo as despedidas:

"Meu boi saiu na rua
Chorando se despedindo
Tá chegando a dita hora
De morrer o Pintadinho.

"Te despede, boi de fama
Até o ano que vem
Se nós todos formos vivos
E o Amo do boi também.

PRENDAS

Ainda há gente que se recorda das brincadeiras de prendas em Piripiri. As mais conhecidas e afamadas foram marcadas por mestre Laurentino, conhecido pedreiro da região. Podiam ser de patacas, de frutas e de flores. Tomemos como exemplo uma prenda de flores realizada em casa de Antônia Boa, na rua 24 de Janeiro. Moças e rapazes sentados em volta da sala significando diferentes flores: Rosa-Menina, Rosa-Cacho, Paroara, Cravo, Lirio etc. O marcador ou "Padre Cura" auxiliado pelo "Sacristão", desempenhava sua missão a contento de todos. Mestre Laurentino, o Padre Cura iniciava a marcação:

— Saiu o Padre Cura e foi descansar na casa da Rosa-Menina. A jovem devia estar atenta e responder: mentes tu.

— E onde estavas tu? — interrogava o Padre Cura.
— Estava na casa do Cravo.

Mas o Cravo devia protestar:

— Mentes tu
— E onde estavas tu?
— Estava na casa da Paroara.

E assim por diante até que todas as pessoas presentes participassam. Quem não respondia logo pagava a prenda entregando qualquer objeto ao Padre Cura, que o guardava dentro de um chapéu. A hora do sorteio perguntava o Padre Cura que devia estar com a prenda escondida:

— Que sentença merece o dono (ou dona) desta prenda?

Se respondessem que devia dançar, o "sentenciado" devia cumprir a tarefa que lhe era imposta.

Muitas vezes alguém exigia que o dono da prenda fizesse o papel de espelho. Aí é que era! Refletir as posses do Padre Cura não era nada fácil!

Tudo isso pertence ao passado. Ninguém fala mais em prendas. Mestre Laurentino deixou este mundo. Mas d. Antônia Boa continua vivinha da silva, na mesma casa, na rua 24 de Janeiro.

QUADRILHA

A quadrilha também teve a sua fase áurea. Depois foi esquecida. Somente no ano de 1945 voltaria a ser apresentada nas festas beneficentes. A primeira dessa nova fase, organizada por um grupo de senhorinhas da sociedade local, foi ensaiada e marcada pelo saudoso Lolô Freitas. Lolô, um tanto avançado nos anos, sentia dificuldade para dançar mas aceitou a incumbência. A marcação era num francês arrastado mas fez sucesso. Ao baile, realizado no Elite Clube Piripiriense, compareceu muita gente. Foi o encerramento de uma campanha encetada em prol das obras da Igreja Matriz através de barraquinhas que funcionaram na Praça da Bandeira, a cargo das puericultoras diplomadas em 1944 no curso ministrado pelo dr. Adauto Coelho de Rezende, ilustre médico piripiriense radicado no Rio de Janeiro. A Comissão encarregada foi entregar o dinheiro arrecadado ao então vigário da Paróquia — Padre Raul Formiga — que rejeitou a oferta alegando que a Igreja sob sua orientação não aceitaria produto de danças. Devia ter suas razões. A Comissão tem outra idéia: oferecer o resultado da campanha à Sociedade de Proteção à Maternidade e à Infância de Piripiri.

REISADO

De 1º a 6 de janeiro de cada ano Piripiri vivia uma fase bem divertida. Além da festa de N. S. do Rosário com o Encontro da Santa, havia o Reisado. Um grupo de homens saía pelas ruas cantando e pedindo Reis, isto é, angariando donativos para aplicações diversas. Temos notícias mais seguras do ano de 1951 quando o grupo era chefiado por Marciano e Chico Doquinha. Às dez horas da noite, quando a cidade estava dormindo o primeiro sono, iniciavam-se as visitas que se prolongavam até alta madrugada. Manoel Jovina, Raimundo Simplício, Manoel Simplício e João Cruz cantavam. Gonçalo Custódio e Josino eram os "bambas" no saxofone; João Felizardo andava com o contrabaixo e Toinho com o violão.

Colocavam uma toalha na janela do cidadão e cantavam:

"Aqui estou na vossa porta
Hoje em dias de janeiro
Pedindo meus Santos Reis
Junto a meus companheiros.

"Eu tenho um botão de rosa
Para abrir no dia seis
Ele abre e eu vos peço
Ano Bom, Festas e Reis.

"Se esta casa fosse minha
Eu mandava ladrilhar
Com pedrinhas diamante
Para meu bem passear.

"Aqui estou na vossa porta
Com a mão na fechadura
Por favor abra essa porta
Coração de pedra dura.

"Aqui estou na vossa porta
Em figura de raposa
Eu não vim lhe pedir nada
Eu só quero muita cousa.

"Aqui estou na vossa porta
Em figura de jacu
Se não abrir a porta
Tiro a roupa e fico nu.

"Esta casa é bem feita
Por dentro e por fora não
Por dentro cravos e rosas
Por fora manjericão.

Recebida a esmola cantavam:

"Deus lhe pague a santa esmola
Deus lhe dê muito o que dar
Deus lhe dê muito dinheiro
E meios com que gastar.

Deus lhe pague a sua jóia
Que vós destes aos Santos Reis
Já pagou por este ano
Pro ano paga outra vez.

Se a esmola ficava para ser paga no dia seguinte:

"Deus lhe pague a sua esmola
Que amanhã vai me pagar
Deus lhe dê contos de réis
Que vós não saiba contar.

Quando nada recebiam:

"Aqui estou na vossa porta
Como ouro na balança
Senhora dona da casa
Me perdoe a confiança.

Às vezes o dono da casa abria a porta e oferecia alguma cousa para comer ou beber. Outros diziam: venham buscar amanhã...

Hoje apenas algumas ruas da cidade têm o privilégio de receber a visita do Reisado. Manoel Jovina e Josino Ferreira conservam a tradição que vai "morrendo e resistindo"...

SÃO GONÇALO

Na porta da casa escolhida para as danças de São Gonçalo é armado um arco enfeitado com frutas, flores e outras jóias que fazem parte do leilão. No meio do arco coloca-se uma jóia especial, propriedade exclusiva do gritador do leilão. O Santo deve ser entronizado no altar improvisado e sempre com a frente para a casa destinada à festa. As danças são compostas de jornadas num total de nove e marcadas com caroços de milho, usando-se um caroço para cada jornada.

Personagens:
Um violeiro
Um guia e
Um contra-guia que devem ser homens. O restante pode ser mulheres à vontade.

Os pares vão e voltam sempre dançando e cantando:

"Meu Senhor São Gonçalo
As danças vão começar
Vós nos dê um bom inverno
Fartura neste lugar.

Vamos, vamos, minha gente,
Vamos todos no cordão
Vamos dançar São Gonçalo
Todos de bom coração.

Meu Senhor São Gonçalo
Meu santo casamenteiro
Casai as moças primeiro
E as velhas por derradeiro.

São Gonçalo de Batalha
Santo Antonio da Parnaíba
Quem não dança São Gonçalo
Tem a cara de guariba.

Meu senhor São Gonçalo
Aqui tem duas meninas
Levai elas para o céu
Enquanto são pequeninas.

Meu senhor São Gonçalo
Todo enfeitado de fitas
Em vossos pés se ajoelham
Duas morenas bonitas.

Meu senhor São Gonçalo
Aqui tem duas donzelas
Uma delas tá solteira
E a outra já falam dela.

Quando há namorados em colóquios:

"Meu senhor São Gonçalo
Feito do pau da cajá
Dê sapiranga nos olhos
Quem veio pra namorar.

Quando aparecem mulheres que não cantam e apenas beijam os pés do Santo:

" Meu Senhor São Gonçalo
Feito do pau da arruda
Dizei-me meu belo Santo
De onde vieram estas mudas.

Meu senhor São Gonçalo
Feito do pau da faveia
As mudas que aqui estão
Vieram da casa delas."

Assim durante as jornadas vai o povo cantando, beijando os pés do Santo e dançando. O leilão é gritado nos intervalos das jornadas. O gritador vai pilheriando com as pessoas presentes, muitas vezes com alusões picantes. Faz parte do programa. Ninguém censura. O sagrado e o profano andam de braços dados com o mesmo espírito de fé. O dono da promessa é responsável pelas despesas. Tudo é feito em louvor de São Gonçalo, o Santo do povo simples que ainda acredita nos milagres do Santinho quando se lhe prometo uma festa bem animada...

SÃO JOÃO E SÃO PEDRO

Em Piripiri, quando ainda não havia luz elétrica e mais tarde nas ruas menos iluminadas, a gente apreciava melhor o espetáculo oferecido pelas fogueiras e fogos de artifícios. Aquele mundo quase irreal era o mundo alegre e festivo das crianças. Os fogos eram perigosos. Mas os pais estavam atentos, ajudando. Em muitas casas havia o tradicional aluá e o saboroso pé-de-moleque (o bolo de puba feito com rapadura). Abóboras e carne assadas na fogueira, outra delicia. Para as crianças o melhor eram os fogos de artifícios e os balões. Os velhos eram convidados pelos jovens para "passar fogo", arranjando sempre um grande número de afilhados e compadres. Os interessados davam três voltas em torno da fogueira dizendo:

"João batizou Cristo
Cristo batizou João
Nas águas do Jordão
Na noite de São João".

Fala o padrinho:

— Assim como você tem de ser meu afilhado

Responde o afilhado:

— O senhor tem de ser meu padrinho

E concluem:

— Viva meu afilhado
— Viva meu padrinho

Para as moças, mormente aquelas que sonhavam com um "Príncipe Encantado", a atração eram as advinhações:

Duas agulhas sem uso deviam ser colocadas em uma bacia com água-benta na fogueira. Se as agulhas se juntassem o casório sairia na certa.

Meter uma faca nova na bananeira e no dia seguinte verificar os nomes ou letras mais visíveis. A faca devia ser lavada sem sabão.

Uma vela benta na fogueira. Deixar os pingos caírem na água de uma bacia. A cera formaria as iniciais dos nomes dos pretendentes.

Uma clara de ovo em um copo dágua mostrava o futuro:

Navio — viagem
Torre — casamento
Cruz ou cemitério — morte, ou convento.

Olhar na água de uma bacia previamente "batizada" ao redor da fogueira e não ver refletido o semblante era sinal de que não veria o São João do ano seguinte.

Procurar pimenta em local escuro:

Pimenta verde — jovem e solteiro
Pimenta madura — viúvo ou solteirão

Quando São Pedro chegava fazia-se o mesmo. Fogueiras, fogos de artifícios, comestiveis e advinhações. As viúvas obrigavam-se a fazer fogueiras às portas de suas casas em homenagem a São Pedro, protetor da classe.

Para "passar fogo" bastava dizer:

"São João disse
São Pedro confirmou
Que você tem de ser... (padrinho ou afilhado)
Que Jesus Cristo mandou."

Esses costumes vão desaparecendo com o avanço do progresso. Apenas nos subúrbios e ruas mais simples de algumas cidades vê-se alguma reminiscência daquela espontaneidade de outrora. O São João hoje é diferente. Faz parte dos clubes elegantes, vai às estações de rádios, às emissoras de televisão e não quer mais apresentar-se com os trajes tipicos, aquelas vestes simples dos velhos tempos: o vestidinho de chita todo enfeitado de fitas...

ESPARSOS

A ARTE DE VENDER CHOCALHOS

Dizem que "de poeta e louco todo mundo tem um pouco". Mas convém lembrar que existem outras faculdades comuns a todos. Médico, por exemplo. Você, meu caro leitor, alguma vez já se queixou de doente para alguém que não lhe desse imediatamente um diagnóstico indicando também o "remédio eficaz" para a sua moléstia? E sobre negócios? Não vivem os habitantes deste planeta sempre à espera de um ensejo para fazer um negócio qualquer visando a um bom lucro? No cérebro de qualquer cidadão há sempre um anúncio de "vende-se ou compra-se alguma cousa". E Aristeu Tupinambá não era excessão da regra. Também esperava a sua vez.

Desgostoso com a política de Piripiri da qual fora membro ativo, decidiu fazer algumas viagens num caminhão velho que comprara. O motorista, Milton Vieira da Silva, conduzia o "Guriatã" que transportava mercadorias, gêneros e passageiros desses que fazem o comércio ambulante no município. Contava as vantagens ao "patrão". Aristeu resolve participar de uma dessas viagens levando como companheiro Clodoaldo Melo. Vão os três a Ubajara, no Ceará. Mas ali a única mercadoria disponivel era chocalhos. Voltar com o caminhão vazio seria prejuizo total. O jeito era arriscar. Negócio feito. Mas as primeiras praças visitadas, Piripiri e Campo Maior, não se interessam pelo artigo. Vão a Barras. Aristeu, em sua terra natal, procura Horácio e oferece a mercadoria. Horácio não está disposto a perder dinheiro. E o "novo" comerciante tenta aplicar um golpe no conterrâneo. Vai à Pensão da Chiquinha e ali reune alguns amigos para o bate-papo de uma cerveja. Chama dez caboclos conhecidos e de sua inteira confiança e ordena que vão procurar chocalhos na casa comercial de Horácio. Cada um que entrava queria saber porque não se encontrava no comércio um artigo de tanta utilidade para os criadores. E Horácio, que recusara fazer negócio com Aristeu, vai procurá-lo. Compra o estoque todo. Dinheiro no bolso... e boa viagem para Aristeu.

Na cidade de Barras ficou o pobre Horácio sem saber porque ninguém mais procurou chocalhos. Ninguém mesmo.

A BRIGA DOS SANTOS

Por motivos que não foram ventilados, o Padre Raul Formiga, vigário de Piripiri, deixou a Igreja de portas cerradas numa de suas ausências. Os paroquianos revoltaram-se. Aquilo não estava certo. Mas aconteceu. Piedosas devotas iam rezar as suas orações na Capela de São Benedito, lá no Morro da Saudade.

O fato foi ao conhecimento de Lolô Freitas, adversário político do vigário. Lolô criou uma lenda em que os Santos da Igreja teriam discutido resultando numa briga. A discussão, segundo inventara, teria sido mais ou menos assim:

Personagens:

São Vicente de Paulo
São João Batista
São Sebastião
Santo Antonio

Cena:

São João reclamando:

— Não entra mais uma pessoa nesta Igreja. Nem aquelas mocinhas que estudam, nem as velhas beatas, ninguém mesmo. Quem sabe o Vicente disse alguma cousa de que elas não gostaram!...

São Vicente, o santo dos pobres e dos humildes, protesta:

— Quem? Eu? O que é isso, João. Você sabe muito bem que eu sou o Santo dos Pobres, vivo no meio deles participando de seus problemas e não tenho contato nenhum com os meios sociais. Talvez o culpado de tudo isso seja o Sebastião...

São Sebastião fala com amargura:

— O que é que eu tenho com isso, gente? Vocês sabem que vivo preso, amarrado, não recebo visitas. O povo só se lembra de mim quando falta chuva ou aparece alguma peste. Aí até que me procuram. Vocês se esquecem do Antônio. Esse, sim, é muito visitado.

As moças estão sempre a lhe falar de sonhos coloridos, de cousas lindas que existem no mundo da juventude!... As solicitações de noivos são feitas até por algumas de mais de 30... Ele deve saber o que está acontecendo. Deve ter culpa no cartório...

E chega a vez de Santo Antonio, que tudo ouvira:

— Vocês estão enganados, colegas. Aqui não entrou mais ninguém. Eu soube que o Padre Raul viajou e deixou a Igreja fechada mas não sei o motivo. Ninguém mais fala comigo. As vezes escuto uma voz distante perguntando se posso ajudá-la a encontrar algum objeto perdido. Parece voz de gente idosa. Pede com tanta piedade que eu escuto através das paredes. As jovens passam por longe. Agora quem está na moda, em evidência mesmo, é o Benedito, o negrinho lá do Morro da Saudade!...

As piedosas beatas ouviam Lolô contar essa prosa e continuavam a sua peregrinação vespertina rumo à Capela de São Benedito.

A DÚVIDA DO VICENTE

Lolô Freitas convidara um amigo — o tenente Dirceu — para um passeio em sua fazenda denominada Duvidosa. Ali chegados, após uma cansativa viagem a cavalo, foram recebidos pelo vaqueiro, Vicente Preto. Apearam-se dos animais e Lolô apresenta o amigo ao morador.

Vicente não tomou conhecimento da apresentação. Chamou um garoto para cuidar do animal do patrão dizendo:

— Ô menino, pega o cavalinho do "cumpai-Lolô" e vai pear.

E voltando-se para o visitante:

— Soldado, se tu quiser acompanhar o menino pra mode pear o teu cavalo, o peador é bem ali — disse, mostrando os beiços à maneira do sertanejo ensinar caminho.

Lolô então explica:

— Vicente, esse homem é o tenente Dirceu, delegado de Piripiri.

Vicente não entendia de patentes. Viu o homem fardado e falou:

— Mas ô tenente parecido com soldado!

O tenente Dirceu, diga-se de passagem, era conhecido pelas ações enérgicas quase como um delegado carrasco, mas fez de conta que nada ouvira. Afinal estava em terreno de um amigo. Além do mais considerava a ignorância do morador.

Mas não ficou nisso. Vicente arranja um tamborete, o único que havia na casa e oferece ao patrão dizendo:

— Pegue esse "banquim" e se assente, "cumpai-Lolô". O soldado pode se assentar mesmo naquele caixão de querosene.

Imaginem a cara do tenente! O nó do pescoço subia e descia. O rosto vermelho revelava a raiva contida.

Lolô mais uma vez tenta explicar ao morador que o amigo não era um simples soldado. Era tenente.

Adiantava alguma cousa? Se o Vicente não entendia de patentes e achava o homem parecido com soldado!

Após um cafezinho em xícaras de ágata, relíquias que a Antônia guardava exclusivamente para as visitas importantes (no caso o patrão do Vicente), foram olhar o gado no curral. Antes de saírem o vaqueiro pega um copo de alumínio areado caprichosamente e diz:

— Taqui, "cumpai-Lolô", este copo é pro senhor beber leite mugido lá no curral. O leite quentinho é que é bom!

E voltando-se para o companheiro do patrão:

— Soldado, se tu quiser caça um caneco ai na cozinha e leva pra mode tu beber leite até te fartar.

A essa altura Lolô quase nem podia falar. Jamais pensara passar tamanho vexame. Ainda uma vez procura convencer o morador explicando que o tenente Dirceu não era soldado, mas um tenente, delegado na cidade, uma autoridade que merecia respeito.

Vicente balançou a cabeça manifestando a sua incredulidade.

Chega a hora do almoço. Da cozinha vinha um cheiro bom de comida apetitosa. A Antônia, esposa de Vicente, era perita na arte de preparar uma leitoa assada. A galinha ao molho pardo, que na certa sairia, provocava água na boca. Mas quem saiu foi o Vicente com uma das suas. Vinha consultar o patrão:

— "Cumpai-Lolô", o soldado (apontava o tenente Dirceu). Ele vai se assentar na mesa com o senhor ou eu mando uma pratada pra ele comer mesmo aqui no alpendre?

Era demais. Lolô perdendo a paciência, diz:

— Vicente, eu não já lhe disse que esse homem não é soldado? É o tenente Dirceu, delegado de Piripiri e é meu amigo.

Mas Vicente, com a sua fala brejeira, expõe mais uma vez a sua dúvida:

— Esse homem pode ser tenente, mas é muito parecido com soldado de polícia!

Lolô não encontrou jeito de convencer o morador e, após o almoço, resolveu regressar a Piripiri mesmo antes de sua costumeira sesta!...

A PASSAGEM DO "SEU" NATALÍCIO

A paróquia de Piripiri, no período de 1941 a 1953 esteve sob a responsabilidade do Pe. Raul Formiga, sacerdote dinâmico, de iniciativas surpreendentes. Comprar uma amplificadora para divulgar as realizações da Igreja foi idéia pensada e executada. O alto-falante foi colocado em uma das torres do velho templo. O som era ouvido à distância de uns seis quilômetros. A principio foi aquele sucesso! Depois a politica de oposição empolgou o vigário em suas palestras das nove horas da noite. As principais figuras do municipio eram feridas na sua sensibilidade. Mas à hora das mensagens sociais sempre se aguardava com ansiedade. Após o jantar ficava o povo atento. Discoteca maravilha. Novidades musicais atendiam ao bom gosto dos ouvintes. Não faltavam as músicas da velha guarda, as valsas dolentes e saudosas para deleite dos menos jovens. Moacir Mota, então gerente do Banco do Brasil, escrevia crônicas, servindo-se da amplificadora para divulgação. Luciano Cabral Rola e Alvacir Raposo, também bancários, juntaram-se ao dr. José de Andrade Rezende, formando uma trindade muito simpática, adepta das ofertas de músicas. Arranjavam gravações do arco-da-velha. Até a "Baratinha" foi arrancada de alguma gaveta para brindar Adérson Ferreira. As letras das músicas deviam ser ajustadas às circunstâncias. "Um homem sem mulher não vale nada" servia para os solteiros e nessa onda entrava Dr. José Medeiros e Antonio Alves. "Pão Duro" merecia aquele que não gostasse de fazer despesas. "Pisa o milho", música em foco na época, por determinação do vigário que também fazia suas ofertas, passou a ser a "Valsinha do Zé Motor". Quem não gostava dessa gravação era o Sr. Francisco Vieira de Melo, um dos chefes politicos do município. Mensagens de amor e carinho eram trocadas entre namorados. Despedidas. Cortesia entre amigos. Mas o ponto alto estava nas felicitações de aniversários. Sempre havia alguém completando anos e recebendo votos de felicidades através da amplificadora da Paróquia. "Pela passagem do seu natalício receba o meu cordial abraço e esta gravação", assim era a maioria das ofertas.

José Alves, guarda do campo de aviação, ouvia sempre as mensagens dirigidas aos aniversariantes da cidade. Todo dia saiam gravações pela passagem do seu natalício.

Mas, quem era este homem que diariamente passava em Piripiri e recebia homenagens? Devia ser gente importante. Melhor seria perguntar a alguém. E perguntou. Só então soube que natalício era o mesmo que aniversário!

AS PROESAS DE CHICO MELO

Francisco das Chagas Melo, o conhecido Chico Melo, foi comerciário, fotógrafo e por fim resolveu empreender viagens por este mundo afora, uma delas em companhia de seu cunhado Doca do Rego. Sonhavam com pedras preciosas e outras riquezas idealizadas pelos espíritos aventureiros deste século. Foram até Mato Grosso. Ali esperavam encontrar um amigo, o Fonte, que estivera como Fiscal do Consumo no Piauí com residência em Piripiri. Não foi dificil localizá-lo. Nem entrar em contato com o pessoal do garimpo Gatinho. Doca começa a comprar diamante. Qualquer um servia. Se ele não entendia do assunto! Mas o jeito foi acabar com o negócio. Não havia dinheiro que chegasse. Regressam à terra natal. Doca continuou pesquisas de minérios. E Chico resolve fazer um curso de auxiliar de laboratório em Recife. Munido de certificado, volta ao Piauí e assume emprego na FSESP, unidade de Piripiri.

As proezas de Chico Melo são conhecidas. Criado na religião católica com o exemplo edificante de sua veneranda mãe, acostumara-se a assistir às bençõe do Santissimo Sacramento. Logo aprendeu a responder as invocações pronunciadas pelo sacerdote após a cerimônia. Um dia entra na Casa Marc Jacob, da qual era funcionário, indagando porque o comércio não fechara suas portas naquele dia santo. O dia era 19 de março. Leopoldo Sérvio diz que o dia não é santificado. Chico diz que é e é mesmo. Teima. Por fim resolvem perguntar quem estava certo. Leopoldo ganha a parada. Chico não se conforma. E qual é o Santo deste dia, pergunta Leopoldo. Chico Melo talvez estivesse pensando na oração que rezava após a benção do Santissimo Sacramento e responde:

— Hoje é dia de São José, seu Castissimo Esposo.

Entre um expediente e outro o bate-papo na Sorveteria Colombo contava sempre com a presença de Chico Melo. Era aquele o horário do programa da amplificadora da Paróquia. Uma criança está cantando. Chico não gostou da voz e reclamou:

— Quem é este menino que está cantando assim tão desafinado?

.E um ouvinte, ali perto, informa:

— É o Fabiano, teu irmão.

Mas isso não desconserta Chico. Põe as mãos no bolso, gesto que lhe era peculiar quando fingia seriedade e diz:

— Ora, essa não. Eu sai de lá de casa agora mesmo e deixei esse menino bonzinho!...

O amor lhe entrou na vida como entra a ilusão na vida de qualquer rapaz: em forma de uma jovem bonita, de olhos feiticeiros e sonhadores. Luiza era o seu nome. Ocupava o pensamento de Chico com a fantasia irreal das cousas impossíveis. Porque não havia meio de realizar o sonho. Um dia, em confidências com um amigo, o jornalista Osires Melo, Chico revela:

— Ora, sr. Osires, eu gosto da menina e ela gosta de mim. Mas eu não tenho condições de me casar com ela, agora. Tem um cearense apaixonado por ela, é rico e pode casar logo. Mas eu não queria que ela se casasse.

O que Chico não esperava é que Osires, zombando dos seus sentimentos, dissesse:

— É um dilema, Chico, duas e duas.

E no dia seguinte contasse o segredo do amigo à autora destas notas.

ESTER E JUDITH, AS "PUPILAS" DO PADRE RAUL

Na casa Paroquial de Piripiri, quando vigário o Padre Raul Formiga, havia um viveiro de passarinhos e, ao lado, entre grades uma cobra e uma onça que foram logo "batizadas" pelo vigário com os nomes de Judith e Ester. Ester, dizia o Padre, em homenagem ao Padre José Carvalho, de Parnaíba que tinha uma irmã com esse nome. Judith, a cobra, valente como ela só, não podia ouvir a voz do Padre sem manifestar a sua ira. Ficava mesmo furiosa. Saiu um dia da jaula e foi encontrada no telhado da casa na altura do quarto do vigário. Felizmente conseguiram pegá-la. Continuava recebendo farta alimentação, tratamento fidalgo, tanto quanto podia ser proporcionado à sua espécie.

Certo domingo à noite, no programa social, a amplificadora divulgou uma oferta musical endereçada a Judith e no dia seguinte a irônica mensagem era interpretada como indireta à autora destes rabiscos.

Mas, por que?

Teria sido alguma represália ao tempo em que o aludido vigário fora destituído do cargo de Presidente da Sociedade de Proteção à Maternidade e à Infância de Piripiri (em seu lugar nomeado Moacir Mota) e a pessoa em questão investida das funções de Secretária da entidade, recebendo valiosas adesões e apoio decidido das autoridades responsáveis pelos problemas que atingem à maternidade e à infância?

Mas isso não era caso para brigas.

— O nome devia ser conservado — dizia a pretensa ofendida mas acrescido de um sobrenome para evitar confusões. E não havia outro melhor do que Formiga.

O Vigário gostou da sugestão. A partir de então as mensagens quando divulgadas saiam com endereço certo. Se eram dirigidas a Judith Formiga, já se sabia: era a cobra.

Padre Raul, hoje ex-padre, tinha, realmente, espírito esportivo.

F'ALANDO DE CAÇADAS

Dr. João Fortes desfruta de um grande círculo de amizades em Piripiri. Raramente sai de casa para visitas. Mas é muito visitado. Seu "hobby" é caçar. Nos fins-de-semana não é difícil encontrá-lo em uniforme de caçadas acompanhado de outros caçadores. Seus primeiros companheiros foram: Antonio Alves Ferreira Sobrinho (ex-secretário da Prefeitura Municipal), José Alves de Sena (José Cosme), comerciante e João Evangelista de Melo. As caçadas muitas vezes se transformam em episódios humorísticos.

Certa vez um deles abateu uma onça a 30 quilômetros de Piripiri. O cavalo que conduziria a fera até a cidade era tão arisco que foi necessário torcer-se-lhe os beiços para que pudessem amarrar a "preciosa" carga. Às cinco horas da manhã de um domingo, quando o Padre subia o altar para o Santo Sacrifício da Missa, entra na Praça da Bandeira um mateiro conduzindo a onça no meio de uma cangalha. Ouviu-se um grito na porta do templo:

— UMA ONÇA!...

Nada foi mais precipitado. Os fiéis saíram da Igreja correndo pelas ruas, alarmando. Alguns menos medrosos aproximaram-se da Praça para ver o que havia acontecido. A onça estava exposta na Praça pendurada em uma árvore. Foi grande a afluência de curiosos. Acabaram com a grama do jardim...

Conclusão: Não houve missa naquele domingo.

Outra aventura de João Fortes e seus companheiros aconteceu na Fazenda Poço, hoje propriedade do farmacêutico Joaquim Assunção. Iam caçar onça. O vaqueiro arranjou uma cabra e uma novilha para iscas. A 200 metros de distância, em mata fechada, João Fortes e José Cosme preparam a armadilha. Alojaram-se nas extremidades. Eram mais ou menos três e meia da manhã quando os animais berraram ao ataque da fera. A isca de João Fortes foi logo estraçalhada. E veio o silêncio. Aquele silêncio que perturba pela incerteza dos acontecimentos. E veio a inquietação... o nervosismo inevitável nessas situações... E um detonar de armas para os lados de José Cosme. A onça caiu entre os dois caçadores. Imaginem o susto! Instantes depois, já refeito, dr. João Fortes pergunta ao companheiro:

— Por que você não atirou logo, rapaz? Deixou a onça atacar primeiro!...

José Cosme, sorrindo, responde com a voz ainda um pouco trêmula:

— Você não viu o cangaço? Minha emoção foi tão grande que não me deixou encontrar a chave da bereta. Só agora consegui encontrá-la e atirei... taí a fera!

Com Evangelista a parada era mais série. Seu temperamento impetuoso nem sempre aceitava as derrotas com disposição de espírito. Um dia experimentavam uma caçada em bebidas a 150 metros. Lá vem a onça. João Fortes atira. A onça cai. E o caçador vitorioso fala:

— Você viu o que é atirar bem?

— Já vi! — responde Evangelista em tom de enfado.

Partiram para outra caçada. Evangelista mata um gato maracajá. João Fortes fotografa o animal e sai mostrando aos amigos dizendo que a pontaria certa fora a sua. Evangelista protestava, zangado. Mas a turma "teimava" em aceitar a declaração de João Fortes.

Já Antonio Alves era cordato em tudo. Fumando o seu cigarrinho, com a calma que lhe era peculiar, dizia:

— Nada matei. Mas, o que vale é que matei o fado de caçar...

As caçadas continuaram com outros caçadores. Houve também um que marcou época. Dalton Benvindo Bozzon, funcionário do Banco do Brasil. Saíram para uma caçada de marrecas. Felícia, esposa de Bozzon, acreditava no sucesso daquele dia. E lá se foram os dois, João Fortes e Bozzon. Mas aquele era o dia da caça. Nada mataram. Outro caçador deu de presente a João Fortes duas marrecas dizendo:

— Dr. Amarre estas marrecas no cinto de "seu Bozzon" para que pensem que ele é um grande caçador.

Na volta João Fortes diz a Felícia:

— D. Felícia, aqui estão as duas marrecas. Bozzon foi o único que teve sorte.

Dias depois, em casa de João Fortes, voltam a falar no assunto. O casal está presente. Felícia soube a verdade...

MIGUEL MORAES E A SEXTA-FEIRA DE 1907

Houve uma época difícil para as donas-de-casas de Piripiri. No Mercado quase não se encontrava o que comprar para comer. Carne de primeira era artigo para privilegiados. Contava a cidade com uma população de mais ou menos quinze mil habitantes e apenas uma rês era abatida para consumo diário. Para determinadas pessoas as reservas eram feitas. O resto que se arranjasse. À tarde funcionava o Mercado apenas para venda de fígado. Nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, mais difícil ainda se tornava a aquisição de carne. E muitos diziam: — "Noutro tempo não era assim." Ora falta de carne sempre foi assunto de preocupação para as donas-de-casas de todos os tempos. Quem viu 1907 em Piripiri sabe disso. Não havia mercado: a carne era adquirida nos açougues. Faltou carne. O povo andava pelas ruas da Vila atrás de alguma cousa para "quebrar o jejum" naquela sexta-feira que não era de penitência obrigatória. E o poeta da Rua do Cabresto, Miguel Moraes, assistia a tudo sentado na calçada de sua casa. Inspirou-se. Do seu estro saiu publicada em "Coletânea", folheto de sua autoria (editado nas oficinas de "A Jornada", de Baurélio Mangabeira), a "SEXTA-FEIRA DE PIRIPIRI EM 1907". Vejamos um trecho em homenagem ao poeta:

"Inda não tinha amanhecido o dia
Nem mesmo a dura condição havia
O povo inteiro procurando a carne,
Que no estômago penetrar devia
Matando em si — aliviando o farne
Mas não havia no mercado a carne..."

NONATO DO CANTO

Raimundo Nonato da Silva é o seu nome. Mas prefere ser simplesmente Nonato do Canto. Soa melhor. É mais conhecido. Quem não conhece em Piripiri o Nonato do Canto, da Marc Jacob? Nonato sabe preparar um churrasco capaz de fazer Padre largar missa. Por isso é requisitado nas ocasiões de festas importantes. Mas houve um tempo em que Nonato não era ainda conhecido como "gente bem", nos meios populares. Foi no início da década 50. Casara-se. O primeiro filho teve poucos momentos de vida. Devia batizá-lo com o nome de José para ser conhecido como Zezé Leão, nome de sua preferência. O segundo filho também durou poucos instantes. Novas ilusões destruidas. Mas em compensação nascem os trigêmeos que deviam receber os nomes de Aristeu, Raimundo Holanda e Aurora, nomes de pessoas que sabiam negociar e ganhar dinheiro, na opinião de Nonato. Os dois primeiros faleceram logo. Mas Aurora resistiu mais tempo. Os colegas da firma, avisados, vão ao enterro. Enquanto aguardavam a saída do féretro, observaram a inquietação de Nonato. Entrava e saía. Até que enfim resolve falar:

— Vocês demorem um pouco porque nós estamos esperando que a menina morra para enterrar os três na mesma cova. Eu mandei cavar a sepultura para todos. Tenham paciência que não vai demorar...

Imaginem o susto dos presentes.

Nonato sempre teve um ideal: figurar na História de Piripiri como "gente importante".

Certa vez comentava na porta de um bar:

— Vejam vocês, esse Nonato Melo, do Banco do Brasil, vive folgado, trabalha aqui na terra. Quando morrer vai trabalhar no Banco de Deus, no Céu. Eu, simples empregado da Marc Jacob, do Armazém, certamente vou trabalhar no Inferno, no Armazém do Diabo. Porque está escrito no Pai Nosso: "Assim na terra como no céu".

Outra das suas foi ainda quando gerente da firma em Piripiri Nilo Angeline da Silva, hoje alto funcionário do Banco do Estado do Piauí. Nilo mandou que Nonato e Paulino, empregados do Armazém, tirassem o carnaubal da Vista Alegre, propriedade adquirida pelo titular da firma, Sr. Roland Jacob, de saudosa memória. Deu mais ou menos um quilo de cera. O dinheiro foi dividido entre os dois encarregados. Dois anos depois são chamados à presença do gerente e interrogados sobre o carnaubal. E Nonato, passando a mão no queixo, gesto que lhe é peculiar quando finge estar encabulado, diz:

— Seu Nilo, naquele ano o senhor mandou a gente apurar a cera e ficar com o Dinheiro. Nos anos seguintes fizemos a mesma cousa porque quando o senhor diz que é pra fazer de um jeito nós obedecemos.

O gerente suspendeu a concessão.

O SONHO DO JOÃO CIRIACA

Se houve sonho não sabemos. Mas João Ciriaca andou espalhando que sonhara com um tesouro enterrado no quintal da casa onde funcionava o bar do Sr. Gonçalinho. Sonhara três dias e três noites. A alma aconselhara-o a ir sozinho, à meia noite, levando um cavador de pau, velas e um rosário. Não devia falar com ninguém. O tesouro seria seu.

Onde trocaria João os patacões de ouro escondidos na panela de barro? E se alguém desconfiasse?...

Não. Não aconteceu assim. A cousa foi diferente. Existia mesmo o bar. Funcionava dia e noite na rua Major Antonio Albino. Pertencia a Gonçalo Pinto Magalhães, o conhecido Gonçalinho, sacristão da Paróquia. João Ciriaca e Alfredo serviam como empregados. João era mais atento ao movimento noturno. Estava sempre atualizado com as novidades. Vez por outra saia da sala de jogos, ia até à cozinha e entrava no quintal. Sua atenção voltou-se um dia para determinado lugar. Voltou várias vezes, desconfiado. O patrão notou o seu interesse e procurou desviá-lo. Isso aguçou a curiosidade de João, que logo resolveu pesquisar "in loco". Que fazer para não despertar suspeitas? Inventar um sonho? Sim, ísso mesmo, um sonho. E João conta a Alfredo que sonhara com dinheiro enterrado no quintal. Calhou. E vão juntos, a desora, iniciar a tarefa. Alfredo teria a sua participação no lucro. Valia a pena. Começaram a cavar. Mas a surpresa foi deveras impressionante. Ali estava não um caixão de moedas de ouro ou prata. O que viram foi uma Imagem de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos desaparecida da Igreja de N. S. dos Remédios. Se foi grande a surpresa maior foi a carreira de Alfredo. Àquela hora a cidade dormia. Havia apenas uma luzinha no Bar Avenida de Domingos de Freitas, na esquina da casa que pertencera ao fundador da cidade. Era ali o ponto preferido da época por ter sido o primeiro a adquirir um balcão para o preparo de sorvetes e picolés. Mas àquela hora estava deserto. Uns dois ou três fregueses discutiam os últimos assuntos da noite. Estavam de saída. Alfredo quase sem poder falar conta a reportagem. Domingos e Capitão Freitas acorrem ao local. Presenciaram tudo. Viram a imagem do Senhor dos Passos com os braços e pernas quebrados, desgastados pelo tempo. Cristo, naquele símbolo de sofrimento, continuava a sua "via crucis"...

Há alguns anos passados o então vigário de Piripiri — Pe. Joaquim Nonato Gomes — tomara a decisão de enterrar aquela imagem e o fizera com a cumplicidade do sacristão da Paróquia. O motivo teria sido a feiúra do Santo? A verdade jamais foi conhecida. Os comentários passaram a fazer parte das conversas de todas as camadas sociais. Estiagem prolongada começava a inquietar o povo. O santo apareceu e com ele o milagre! As chuvas chegaram. Feliz coincidência!

A imagem do Bom Jesus depois de recuperada foi colocada na Capela de N. S. do Rosário. Hoje pertence ao Museu de Arte Carneiro da Silva, de Teresina. Foi adquirida pelo Dr. Josias Carneiro da Silva, quando Diretor daquela casa de cultura. Um emissário recebeu a imagem e, em troca, entregou ao então vigário — Frei Ivo — a importância de cem cruzeiros.

Desta vez Cristo foi vendido por mais de trinta dinheiros!

NÃO VÁ ATRAPALHAR A CARLOTA!

Quantas vezes ouvimos dizer: "Não vá atrapalhar a Carlota!"

A origem dessa expressão em Piripiri tem o seu aspecto pitoresco. Aconteceu em tempos idos quando a cidade ainda era uma pequena Vila de poucos habitantes.

D. Carlota Lina de Castro, respeitável cidadã piripiriense, viúva do Prof. Nélson Francisco de Carvalho, queria arranjar um meio de ganhar dinheiro para ajudar nas despesas de casa. Ficara com os filhos órfãos e mais alguns netos que necessitavam estudar. Decidiu abrir uma quitanda. Seria o ideal. Naquele tempo quem pretendesse instalar um negócio qualquer teria de habilitar-se antes, pedindo licença ao Cel. Tomaz Rebelo, então Intendente Municipal. O Cel. Tomaz desfrutava de muito prestigio. Era respeitado e acatado em todas as camadas sociais, bastando uma palavra sua para garantia de qualquer conterrâneo. E d. Carlota era sua prima. Requereu a licença. A concessão foi autorizada. Inaugurou-se a quitanda. O negócio prosperou. Ia dando para a manutenção da família da proprietária.

Mas nunca havia de faltar invejosos. Um, mais afoito, decidiu também solicitar permissão para abrir uma quitandinha destinada a vender os mesmos artigos do estabelecimento de d. Carlota.

O Cel. Tomaz, experiente como poucos, notou a intenção do sujeito e respondeu com uma frase que marcou época:

— "Você quer é atrapalhar a Carlota!"

E indeferiu o pedido.

Ainda hoje existe gente que conhece a origem da frase e emprega-a quando percebe algum interessado em prejudicar um conterrâneo...

PIRIPIRI — MÚSICA DE PAULO DINIZ

PIRIPIRI — berço do jovem compositor Jorge Mello, conta com um embaixador musical: Paulo Diniz.

Paulo Diniz, compositor e um dos melhores intérpretes da música popular brasileira, fez notáveis sucessos. Depois de "Eu quero voltar pra Bahia" aparece com "PIRIPIRI", inspirada na cidade que ele um dia conhecera em uma de suas viagens pelo Nordeste brasileiro há alguns anos, quando esteve nela como hóspede de d. Tetê, nas imediações do Mercado Público. (Tetê, diga-se de passagem, é uma criatura simples e boa, casada com José Helena. Seu meio de vida consiste em vender comida aos passageiros de caminhões que transportam mercadorias e estacionam para que os viajantes possam tratar de assuntos rápidos com os comerciantes da praça). Anos depois conhece Jorge Mello em Fortaleza. Fez a música e resolve homenagear aquela cidadezinha esquecida no Norte do Piauí: Piripiri. Sua música, alvo de comentários, de elogios, sensibilizou o povo piripiriense. Fez sucesso. Vale por uma mensagem e faz jus a acolhida de todos.

Ei-la:

"Cana de canavial
Dá licença de chegar
Eu vim de Piripiri
Eu vim de Piripiri
Vim pra ver como é que é
O amor que existe aqui
Será que é como é
O amor de Piripiri.

Lá não há distinção de cor
Lá cada amigo é um irmão
Lá galo canta é madrugada
Caminhante faz parada
Se apaixona pelo ar
Lá vagalume enfeita as noites de amor
Lá violeiro faz cantiga ao luar
Lá lenço branco pela estrada
Ficou minha namorada
Uma lágrima a rolar.

Eu vim de Piripiri
Eu vim de Piripiri
Eu vim de Piripiri
De Piripiri
De Piripiri."

HINO A PIRIPIRI

José de Arimathéa Tito

"Salve terra querida e formosa,
Berço caro de tanta magia
Tudo em ti é de cor majestosa
E produz a mais doce alegria!
Piripiri, terra querida querida
(estribilho)
Por ti daremos nossa vida!

No teu seio de mãe sedutora,
Ideal, afetivo e fulgente,
Há vestígios de paz duradoura
E belezas que nutrem a mente.

Imprevistos e áureos fulgores
Apresentas aos olhos do mundo
Desde a mais delicada das flores
Ao tesouro mais rico e profundo.

O teu nome sonoro e amado
Concretiza a grandeza e o amor,
Pois recorda do índio inflamado
As ações de sublime valor!

O teu céu de mistérios tão lindos
Faz a alma sonhar nas alturas,
E de lá, nos espaços infindos,
Então sente as delícias mais puras!

Os teus campos floridos e belos
Dão à vista um cenário brilhante
Reacendem os nossos anelos
E nos tornam o ser palpitantes!

No triunfo imortal da riqueza,
A natura banhou-te de luz,
Dando a ti um fulgor de Princesa
Sob o amparo celeste da Cruz!

Que o progresso te doire o futuro
Eis a crença que nos fortalece
Em prol desse alvo tão puro
Nós erguemos a Deus uma prece!"

"CORRIGENDA"

Páginas		Leia-se
28	sublima	sublime
64	serviços	serviçais
105	vender	vencer
109	deleito	deleite
135	cela	sela
136	nada também	nada. Também
136	mesma	mesmo
139	escrevi	escrevia
215	bençõe̊s	bençãos
220	série	séria

INDICE

Histórico 13
Administradores de Piripiri 51
Professores 61
Vigários da Paróquia 67
Titulares da Comarca 71
Piripirienses 75
Piripirienses Honorários 121
Artistas Natos 131
Tipos Populares 143
Povoado Brasileira 151
Fatos, Lendas e Costumes 155
Festas de Outubro 157
A Festa das Cabacinhas 163
Outros Festejos 167
O Santo Antonio de d. Ritinha 169
Lendas 171
A Seca 173
O Inverno 179
Como se brincava o Boi em Piripiri 181
Prendas 195
Quadrilha 197
Reisado 199
São Gonçalo 201
São João e São Pedro 203
Esparsos 205
A Arte de Vender Chocalhos 207
A Briga dos Santos 209
A Dúvida do Vicente 211
A Passagem do "Seu" Natalício 213
As Proesas de Chico Melo 215
Ester e Judith, as "Pupilas" do Padre Raul 217
Falando de Caçadas 219
Miguel Moraes e a Sexta-Feira de 1907 221
Nonato do Canto 223
O Sonho do João Ciriaca 225
Não vá atrapalhar a Carlota! 227
Piripiri — Música de Paulo Diniz 229
Hino a Piripiri 231